



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

TALITA VIDIGAL TERCIOTTI

**NACIONALISMO E IDENTIDADE NACIONAL NAS COPAS
DO MUNDO DE 1970 E 1994 NA REVISTA *VEJA***

TALITA VIDIGAL TERCIOTTI

**NACIONALISMO E IDENTIDADE NACIONAL NAS COPAS
DO MUNDO DE 1970 E 1994 NA REVISTA *VEJA***

Dissertação apresentado como requisito para obtenção do grau de mestre em História Social, na área de Territórios do Político, pelo Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Humanas.

Orientador: Professora Doutora Sylvia E. Lenz

Londrina
2013

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

T315n Terciotti, Talita Vidigal.
Nacionalismo e identidade nacional nas copas do mundo de 1970 e 1994 na revista Veja / Talita Vidigal Terciotti. -Londrina, 2013.
197 f. : il.

Orientador: Sylvia Ewel Lenz.

Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2013..

Inclui bibliografia.

1. Nacionalismo - Brasil - Teses. 2 Copa do mundo (Futebol) - Teses. 3. Periódicos brasileiros - Teses. 4. Comunicação de massa e esportes - Teses. I. Lenz, Sylvia Ewel. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

CDU 930.1:796.33

TALITA VIDIGAL TERCIOTTI

**NACIONALISMO E IDENTIDADE NACIONAL NAS COPAS DO
MUNDO DE 1970 E 1994 NA REVISTA VEJA**

Dissertação apresentado como requisito para obtenção do grau de mestre em História Social, na área de Territórios do Político, pelo Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Humanas.

Orientador: Professora Doutora Sylvia E. Lenz

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sylvia EwellLenz
UEL – Londrina -PR

Prof. Dr. Hernán Ramiro Ramirez
UEL – Londrina -PR

Prof. Dr. Francisco Cesar Alves Ferraz
UEL – Londrina -PR

Londrina, 29 de abril de 2013.

Para Chiara "Luce" Badano.

AGRADECIMENTOS

É muito difícil redigir os agradecimentos e conseguir reunir e nomear todas as pessoas que foram importantes e me ajudaram a escrever esse trabalho. Porém, é necessário, mesmo que eu esqueça alguém, pois é importante que o leitor saiba que um trabalho acadêmico nunca é feito sozinho, muito pelo contrário.

Primeiramente, devo agradecer a quem foi o grande responsável por estar aqui. Gostaria de agradecer a Deus, por me dar o dom da vida e a sabedoria e perseverança para conseguir chegar até aqui. Por estar presente sempre em momentos difíceis e de alegria, por Seu amor incondicional.

Além de Deus, tenho minha família como os grandes responsáveis por conseguir realizar este trabalho. Obrigada pelo apoio e pelo amor que recebi sempre de todos vocês. E principalmente, obrigada à minha mãe por ser um exemplo de perseverança, fé e amor. Obrigada por tudo, pelo apoio espiritual, emocional e financeiro. Obrigada por me passar o amor pelos estudos.

Gostaria de agradecer também a todos os membros do Movimento dos Focolares, ao qual eu faço parte. Principalmente às Focolarinas de Londrina e todas as gen2. Sua unidade foi essencial para perseverar a fé em minha vida pessoal, no trabalho e nos estudos.

Uma pessoa foi muito importante nesses dois anos: meu namorado Lucas Trazzide Arruda Mendes. Obrigada pelas conversas e discussões teóricas intermináveis. Obrigada por me acalmar nos momentos de ansiedade, por me mostrar que as inseguranças que sentia faziam parte de todo o processo e todos os nossos colegas estavam também sentido. Obrigada pelo amor e por ter vindo para Londrina estudar, para que pudéssemos começar a nossa história de longa duração.

Obrigada também a todos os professores com quem tive contato da Universidade Estadual de Londrina pela ajuda. O professor Dr. Francisco César Alves Ferraz, como sempre, se mostrou como sempre muito solícito e contribuiu muito com as discussões acerca do futebol nesta dissertação.

Obrigada ao professor Dr. Hernán Ramírez pela orientação desde a época da graduação e da especialização. Aprendi muito com você no período que fui sua orientanda e aluna. E por mais que não entendesse na época sua saída da UEL, vejo agora que foi também benéfica porque me ajudou a crescer e caminhar com minhas próprias pernas em minha pesquisa.

Com a saída de Hernán, encontrei uma orientadora que foi muito importante para que tomasse novos rumos e amadurecesse meu trabalho. Obrigada à professora Dra. Sylvia Lenz, por ter me acolhido quando me encontrava sem orientador e por ter aceitado o desafio de me auxiliar em um tema que não tinha tanta familiaridade, sei que não é qualquer um que aceita esses termos. Obrigada pelo auxílio, pelas ideias e questionamentos sempre tão pertinentes.

Obrigada também aos meus alunos e as escolas nas quais trabalhei, por me proporcionarem a exercer o ofício que escolhi e pelo qual tenho tanto amor. E também a todas as pessoas com as quais convivi nos últimos dois anos e que me inspiraram ou ajudaram de alguma forma a realizar esse trabalho. Sou eternamente grata a todos.

“Noventa milhões em ação/ Pra frente Brasil/ Salve a seleção!/ De repente é aquela corrente pra frente/ Parece que todo o Brasil deu as mãos/ Todos ligados na mesma emoção/ Tudo é só um coração!/ Todos juntos, vamos!/ Pra frente Brasil, Brasil/ Salve a seleção!”

Miguel Gustavo, 1970.

TERCIOTTI, Talita Vidigal. **Nacionalismo e identidade nacional nas Copas do Mundo de 1970 e 1994 através da revista *Veja***. 197 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RESUMO

Essa dissertação é resultado da pesquisa realizada no programa de mestrado em História Social com ênfase em Territórios do Político da Universidade Estadual de Londrina. Ela tem como objetivo analisar as edições da revista *Veja* que cobriram as Copas do Mundo de 1970 e 1994, procurando mostrar quais as semelhanças e diferenças existentes entre os campeonatos que trouxeram o tricampeonato e o tetracampeonato mundial de futebol. No primeiro capítulo discutiremos questões envolvendo a Nação e o nacionalismo, baseado nos conceitos apresentados por Benedict Anderson e Marilena Chauí. Durante nossa história procuramos encontrar seja na literatura ou na escrita da história aquilo que seria nacional e defendemos que o futebol seja o que melhor define nossa identidade nacional. No capítulo seguinte, trabalharemos a história do futebol no mundo e no Brasil, analisando sua importância social, cultural e política. As conquistas da Copa do Mundo de 1958 e 1962 serão abordadas, juntamente com seus significados políticos. No terceiro capítulo abordaremos a história da revista *Veja*, seu início, dificuldades e também o período posterior, da década de 1990, quando a revista assume um papel de protagonismo na política brasileira. O último capítulo aborda os acontecimentos envoltos a conquista do tricampeonato em 1970 e o tetracampeonato em 1994. Analisamos também as reportagens da revista que abordavam os jogos realizados pela seleção brasileira, mostrando que a questão do nacionalismo esteve sempre presente, pois nos imaginávamos como uma nação quando o time vestindo verde e amarelo entrava em campo. Concluímos que os períodos analisados trazem muitas diferenças, seja na figura do “herói” da Copa, seja na associação do futebol ao governo vigente, mas percebemos que em ambas está presente a ideia de que o brasileiro se identifica com o “futebol-arte”, por conter elementos relacionados à identidade brasileira como a ginga, dribles e a alegria.

Palavras-chave: Nacionalismo. Identidade nacional. Futebol. Seleção brasileira. Revista *Veja*.

TERCIOTTI, Talita Vidigal. **Nationalism and national identity in 1970 and 1994 World Cups through *Veja* magazine**. 2013. 197 p. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

ABSTRACT

This dissertation results from a research made in the master program of Social History, with emphasis in Politics of the State University of Londrina. Its objective is to analyze the editions of *Veja* magazine that talked about the 1970 and 1994 World Cups, seeking to show which are the similarities and differences between the championships that brought us the third and the fourth title of the soccer World Cup. On the first chapter, we are going to talk about the issues related the nation and the nationalism, based on the concepts presented by Benedict Anderson and Marilena Chauí. During our history we tried to find in our literature and in the way our history was written the one thing that was national, and we defend that soccer is what best defines our national identity. On the next chapter, we talk about the history of soccer in the world and in Brazil, analyzing its social, cultural and politics matter. The accomplishments of the 1958 and 1962 World Cups are discussed, as also its politics means. On the third chapter, we are going to approach the history of *Veja* magazine, its beginning, difficulties and also the posterior period, the 1990 decade, when the magazine assumes a political leading role in our country. The last chapter deals with the events around the contest of the third the fourth World Cup in 1970 and 1994. We also analyze the magazine articles that talked about the games played by the Brazilian national team, showing that the matter of nationalism was present, because we thought ourselves as a nation when the team, wearing yellow and green, entered the field. We conclude that the periods analyzed have many differences, whereas in the figure of the Cups “hero”, or in the association of soccer to the government, but we realize that it is present, in both of them, the idea that the Brazilian people identifies to the artistic way of playing soccer, because it contains element related to our identity as swing, dribbling and joy.

Keywords: Nationalism. National identity. Soccer. Brazilian soccer team. *Veja* magazine.

LISTA DE FIGURAS

Ilustração 1	– Revista Veja. Ed. 1. 11/09/1968.	107
Ilustração 2	– Revista Veja. Capa. Ed. 15. 18/12/1968.	109
Ilustração 3	– Revista Veja. Capa. Ed. 65. 13/12/1969.	110
Ilustração 4	– Revista Veja. Capa. Ed. 66. 20/12/1969.	110
Ilustração 5	– Revista Veja. Capa. 12/08/1987.....	115
Ilustração 6	– Revista Veja. Capa. 20/10/1989.....	116
Ilustração 7	– Revista Veja. Capa. 6/4/1994.....	120
Ilustração 8	– Revista Veja. Capa. 20/10/1993. P. 31.....	121
Ilustração 9	– Revista Veja. Capa. 10/06/1970.....	140
Ilustração 10	– Revista Veja. Capa. 17/06/1970. Ed. 63.	143
Ilustração 11	– Revista Veja. Capa. 24/06/1970.....	147
Ilustração 12	– Revista Veja. Capa. 01/07/1970. Ed. 95.	151
Ilustração 13	– Revista Veja. 01/07/1970. Ed. 95. P. 18-19.....	151
Ilustração 14	– Revista Veja. Capa. 18/05/1994.....	159
Ilustração 15	– Revista Veja. Capa. Edição Especial de Junho 1994.	165
Ilustração 16	– Revista Veja. Capa. 22/06/1994.....	167
Ilustração 17	– Revista Veja. Capa. 20/07/1994.....	170
Ilustração 18	– Revista Veja. Capa. Edição especial de Julho.	174
Ilustração 19	– Revista Veja. Capa. 27/07/1994.....	187

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CAPÍTULO 1 - NACIONALISMOS: DEFINIÇÕES E MANIFESTAÇÕES	17
1.1 TEORIAS NACIONALISTAS	17
1.2 INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO: DEFINIÇÃO DA ESCRITA NACIONAL.	24
1.3 O NACIONALISMO BRASILEIRO	29
1.3.1 O Verdeamarelismo	35
1.4 NACIONALISMO NA LITERATURA	41
1.5 O CARÁTER NACIONAL E O SEU DESPERTAR	45
1.6 O NACIONALISMO E A QUESTÃO ÉTNICA A PARTIR DE 1920	49
1.7 COM O BRASILEIRO, NÃO HÁ QUEM POSSA.	52
2 CAPÍTULO 2 - ESPORTE DA ELITE BRITÂNICA, FUTEBOL DO POVO BRASILEIRO.	58
2.1 FUTEBOL: CONSIDERAÇÕES E HISTÓRICO	58
2.2 FUTEBOL ABRASILEIRADO.....	65
2.3 O FUTEBOL NA NOSSA HISTÓRIA	71
2.4 O FUTEBOL A PARTIR DE 1930.....	77
2.5 O SIGNIFICADO SIMBÓLICO DAS COPAS.....	88
3 CAPÍTULO 3 - VEJA: O CONTEXTO PELA NOVA REVISTA DA EDITORA ABRIL	93
3.1 A IDEOLOGIA PRESENTE EM VEJA	93
3.2 OS ANOS INICIAIS	99
3.3 A CENSURA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	103
3.3.1 A Censura em Veja	107
3.4 O PROTAGONISMO DAS REDAÇÕES.....	114

4	CAPÍTULO 4 – PRA FRENTE BRASIL! RELAÇÕES ENTRE FUTEBOL, POLÍTICA, NACIONALISMO E IDENTIDADE NACIONAL NA COPA DE 1994 E 1970 ATRAVÉS DA REVISTA VEJA.	123
4.1	O NACIONALISMO A SERVIÇO DO ESTADO	123
4.2	AS COPAS DO TRI E TETRACAMPEONATOS	127
4.3	AS COPAS DE 1970 E 1994 SEGUNDO VEJA.....	139
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	190
	FONTES	193
	BIBLIOGRAFIA	194

INTRODUÇÃO

O tema dessa dissertação já começou na graduação, uma ideia surgida no projeto de pesquisa *Grupos Dominantes e Ditaduras no Cone Sul Da América Latina*. Visava a analisar e compreender a participação dos grupos dominantes, como elites empresariais, políticas, intelectuais e burocráticas, na gestão dos golpes de Estado ocorridos a partir da década de sessenta e na legitimação e consolidação de ditaduras instauradas no Brasil e na Argentina. Dessa forma, o interesse era estudar como a ditadura civil-militar utilizou a Copa do Mundo de 1970 para seu governo. A fonte de análise era um meio de comunicação e após um pouco de pesquisa foi escolhida: a revista *Veja*.

Essa foi uma temática muito prazerosa de se trabalhar, apesar de seus percalços. Na época não tinha noção de que estaria lidando com conceitos complicados, como nacionalismo, nação e estudando uma importante manifestação popular sob o ponto de vista da história política. Os trabalhos feitos anteriormente, tanto na graduação quanto na especialização, pesquisavam a abordagem de *Veja* da Copa de 1970, enfatizando as relações entre o governo cívico-militar e a população, entre o futebol e o nacionalismo. Então, escolhemos continuar o estudo, com leve mudança de abordagem e objetivos.

Por que, ainda na graduação, a escolha tinha sido estudar a *Veja* e o futebol, mais especificamente a Copa do Mundo em que o Brasil se tornara tricampeão? A *Veja*, por ser uma das revistas mais lidas e influentes no Brasil; compreendê-la ajuda-nos também a entender melhor o país onde é produzida. O futebol foi escolhido pela importância que é dado a ele em nosso país. Entender a relação existente entre a identidade brasileira e o futebol passou a ser um dos objetos de análise que um trabalho de conclusão de curso não comportaria.

Mas o leitor pode questionar: a *Veja* não é uma revista sobre futebol, por que não analisar uma revista especializada no assunto? Exatamente por isso, por não se dedicar exclusivamente ao futebol, gostaríamos de entender qual foi o espaço dado ao esporte em meio a tantas notícias mais importantes no Brasil daquela época. Será que tratou muito pouco? Muito? O que foi publicado? Houve exaltação ao nacionalismo? E retratou propaganda governamental em relação à Copa de 1970? Essas são alguns dos questionamentos que permearam a pesquisa.

Quando o projeto dessa dissertação foi escrito, resolvemos mudar o tema de estudo. Ela começou com um orientador e um tema bem diferente do atual. O orientador era o Professor Hernán Ramírez e o tema, história oral. A ideia inicial era entender como as pessoas se lembravam da Copa do Mundo de 1970 no norte do Paraná, se elas perceberam a manipulação exercida pelo governo diante da vitória, quais as repercussões disso em cidades de médio porte da região e como essas memórias se alteraram com o tempo.

Porém, ao entrarmos em programa de Mestrado sabemos que o caminho será difícil, mas não imaginamos o quanto, pois há reveses no percurso, o que altera bastante o projeto e a própria pesquisa em si. Esse foi o caso dessa dissertação. Hernán resolveu se desligar da UEL e deixou uma órfã que desde a graduação estava acostumada a ser orientada por ele e precisava de um norte para continuar o árduo caminho. Então, a mudança do orientador resultou em algumas alterações na pesquisa.

Com a saída de Hernán foi designado outro orientador, mas pouco familiarizado com o tema. Foi então que uma historiadora prontificou-se para ajudar mesmo não sendo da área de história do Brasil, a professora Sylvia Ewel Lenz se mostrou perspicaz em suas colocações, com ideias do que fazer ou não. A sugestão mais interessante foi sobre o que não fazer.

Lenz viu que seria mais fácil e produtivo trabalhar com tema já pesquisado, e não iniciar com história oral e memória e, então, a proposta dessa dissertação ganhou vida. Resolvemos retornar à análise de *Veja*, mas de uma forma diferente do que havia sido feito. É claro que a temática não se esgotou e muito ainda poderia ser feito nesse sentido, mas necessário um prazo maior, posto que trabalho. Como a orientação era dar continuidade ao tema, a revista *Veja* continuou sendo a fonte, o futebol o objeto de análise, mas, então, como inovar? Foi então que surgiu a ideia de comparar a conquista do tri a do tetracampeonato. Vinte quatro anos separaram as duas vitórias e nesse período muita coisa mudou tanto no Brasil e como no futebol.

Em 1994, o governo ditatorial havia saído de cena, já tínhamos passado por uma eleição democrática, por sérios problemas econômicos e pelo *impeachment* de Fernando Collor de Mello. Era o governo de Itamar Franco e o ano eleitoral que elegeu como presidente Fernando Henrique Cardoso e implantou o real como moeda no país.

No futebol, era passado o tempo em que jogadores da seleção atuavam em times brasileiros. Havíamos perdido uma Copa certa em 1982 e não havia mais o “rei” Pelé e craques como Rivelino, Tostão e companhia. Ao contrário, tínhamos Dunga, Romário e Bebeto, além de Parreira, como técnico, portanto, contávamos com jogadores muito bons. Entretanto, eles se destacavam mais pelo esforço dentro do campo do que pelo jogo bonito como eram conhecidos os campeões de 1970.

A *Veja* também foi modificada, não estava mais em seus anos iniciais como em 1970, sofrendo com vendas fracas e sob censura. A revista já se tornara uma das mais lidas do país e já havia tomado um posicionamento claro dentro da política brasileira.

Como essas alterações influenciaram como a revista retratou a Copa de 1994? Houve mudanças ou permanências? E afinal, porque damos tanta importância ao futebol? Qual a relação dele com a política? E qual o papel dos meios de comunicação em relação à exaltação da paixão nacional?

Dessa forma no primeiro capítulo, pretendemos discutir teorias sobre o tema nacionalismo muito utilizado quando se trata de competições esportivas não só nas Copas do Mundo como nas Olimpíadas. Até hoje nacionalismo é mal empregado com erros conceituais e nosso objetivo não é apresentar uma definição acabada, mas sim refletir sobre este movimento. Assim, buscamos relacionar as matérias da *Veja* publicadas em 1970 e 1994 ao tema, procurando indícios nacionalistas dentro da revista.

No capítulo seguinte, abordamos o tema futebol, inicialmente um esporte da elite britânica, e a sua popularização no Brasil. Seu significado para os brasileiros mediante as principais vitórias e derrotas, e como o esporte britânico contém elementos que contribuíram para criar o mito da identidade brasileira. E retratar como os políticos brasileiros buscaram associar as vitórias à política e ao projeto que eles tinham para o país em cada período.

De acordo com Francisco Carlos Teixeira da Silva, desde o seu início o futebol representou valores, fossem eles raciais ou sociais, políticos ou de lazer. Quaisquer que fossem esses valores sempre ultrapassavam as quatro linhas dos

campos. Conforme se transformava em esporte de massa, se manifestavam no futebol as mesmas crises e enfrentamentos existentes na sociedade¹.

As disputas que, inicialmente só ocorrem no âmbito das instituições desportivas, com o tempo assumem, principalmente a partir da década de 1930, importância de assunto do Estado. O modelo de futebol inglês excludente e elitista se deparava com o novo, popular e agregador modelo brasileiro, em que todos desejavam e teriam direito à prática do esporte.

No terceiro capítulo história da fonte, suas modificações, melhoramentos e sua relação com a política brasileira. De acordo com Carla Luciana Silva, a mídia brasileira seria formada por verdadeiros latifúndios, alguns deles consolidados durante o período da ditadura cívico-militar; muitas vezes, com a ajuda dela. A Editora Abril não foi exceção, pois a revista *Veja* passou, após breve período inicial no qual tinha um perfil menos autocrático, a desempenhar papel primordial como agência aglutinadora de diferentes setores das classes dominantes em torno de necessidades de setores específicos.

No último capítulo, além de abordar sobre os períodos seguintes do futebol, e principalmente da seleção brasileira, analisamos mais os textos das reportagens das revistas dos anos da conquista do tri e do tetracampeonato. Procuraremos semelhanças e diferenças entre as seleções e também entre o modo que a revista lida com as conquistas em tempos históricos diferentes.

Nesse trabalho, não defendemos uma visão radical e mesmo militante em relação à revista. Entendemos que todos os meios de comunicação têm sim, uma orientação política e ideológica e seria ingênuo esperar que isso não ocorra. *Veja* tem a sua, pois, encontra público leitor que se identifica com ela. Então entender como a sua forma de pensar funciona, procurando evitar juízos de valores. Ao analisar as reportagens, percebemos também que, no seu início a revista não tinha um discurso ideológico tão forte e claro para os leitores, talvez nem mesmo para os jornalistas e editores, e por isso o desafio se torna maior ainda. Conforme a revista foi se firmando no cenário nacional, esse posicionamento foi se tornando mais claro.

Em relação ao futebol, partimos do pressuposto de que, desde o final do século XIX, o esporte tem sido vinculado à identidade nacional e alcançou seu

¹ SILVA, Francisco Teixeira da. Apresentação. SANTOS, Ricardo Pinto dos; SILVA, Francisco Teixeira da. Memória Social dos esportes – futebol e política: a construção de uma identidade nacional. – Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006.

apogeu ao longo do século XX. Um exemplo disso é, durante as Olimpíadas, a separação dos atletas em equipes nacionais que competem no quadro de medalhas. A entrada em cena de outro fenômeno, os meios de comunicação de massa, potencializou o caráter ritual e simbólico destas competições entre equipes que representam nações e as elevou a uma escala planetária: os jogos da Copa do Mundo.

Eles estão entre os eventos de maior concentração de audiência global em todos os tempos e reúnem mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo em torno de um retângulo gramado em que atletas uniformizados perseguem uma bola. Consideramos assim, a Copa do Mundo como fenômeno econômico-midiático, com poucos paralelos no mundo moderno, mas também buscamos entender as dimensões culturais criadas para que as representações coletivas sobre um evento esportivo extrapolassem limites dos campos de futebol.

Procuramos, também, entender a reificação das nações mediante as seleções de futebol, fundamento simbólico das Copas do Mundo. Uma das questões analisadas por ÉdisonLuisGastaldo e Simoni Lahud Guedes, também abordada aqui, é o porquê a metonímia de tomar o time de futebol pela nação que representa é tão bem aceita. “Essa metonímia, como sabemos, muitas vezes serviu como arma ideológica a serviço de outra metonímia mais perversa – aquela em que um governo se apresenta como a nação”². Quando isso acontece, diferentes símbolos nacionais se fundem: bandeiras, hinos, cores, generais, bolas e discursos se tornam uma metáfora da nação, cada elemento tornado ideologia de superioridade nacional sobre o “resto” do mundo. O resultado estampado no placar de um jogo é a prova numérica, quantitativa, irrefutável da superioridade da Pátria sobre o restante da humanidade.

A transformação do futebol em paixão coletiva, sua popularização como é conhecido este fenômeno, não apenas antecede à apropriação política e econômica como é condição fundamental para que continue sendo atraente para empresas que patrocinam os campeonatos e os governantes.

Dessa forma, acreditamos que as Copas do Mundo talvez sejam um dos últimos redutos do nacionalismo no mundo moderno e por isso um dos mais importantes espaços para a produção simultânea das identidades nacionais.

² GASTALDO, ÉdisonLuis; GUEDES, Simoni Lahud (orgs.). Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. – Niterói: Intertexto, 2006. p. 8.

1 CAPÍTULO 1

NACIONALISMOS: DEFINIÇÕES E MANIFESTAÇÕES

“Não é um conceito estático, não é um letreiro de rodovia, marcando o número de quilômetros percorridos ou a percorrer. É, antes, um conceito dinâmico, a soma ou o conhecimento de todos os letreiros, uma doutrina, uma experiência e uma política”³.

1.1 TEORIAS NACIONALISTAS

Neste trabalho temos o objetivo de discutir sobre o nacionalismo e como ele está ligado ao futebol como um fator definidor da nacionalidade brasileira. A escolha entre os termos nacionalismo e ufanismo para melhor definir o sentimento exaltado pelo futebol foi muito difícil. Por que essa escolha foi feita?

Ufanismo é um termo difícil de ser definido, pois nem consta em dicionários de Língua Portuguesa Aurélio, nem de Política de Norberto Bobbio, nem de Sociologia. Porém, encontramos definições, como no Dicionário Brasileiro Globo em queufanar é: “tornar ufano; envaidecer; alegrar; regozijar-se; orgulhar-se; jactar-se; vangloriar-se”⁴. No dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos ufanar-se significa gabar-se, vangloriar-se, jactar-se, como exemplo “ufanar-se da vitória fácil”; já ufanismo significa “civilismo, nacionalismo, patriotismo”⁵. Fontes não muito confiáveis, como a Wikipédia, afirmam que

O adjetivo *ufano* provém da língua espanhola e significa a vanglória de um grupo arrogando a si méritos extraordinários. Portanto, no caso do Brasil, pode-se afirmar que o ufanismo é a atitude ou posição tomada por determinados grupos que enaltecem o potencial brasileiro, suas belezas naturais, riquezas e potenciais⁶.

Dessa forma, o ufanismo estaria ligado à exaltação das qualidades de um país, no caso, brasileiras. As competições esportivas, principalmente o futebol, muitas vezes suscitam o ufanismo, porém a utilização de somente esse

³ SOBRINHO, Barbosa Lima. Desde quando somos nacionalistas? – Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 11.

⁴ Dicionário Brasileiro Globo. 35 ed. 1993.

⁵ Dicionário Houaiss - Sinônimos e antônimos, Rio de Janeiro. Ed. Objetiva, p. 678.

⁶ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ufanismo>> Acessado em 03 de fevereiro de 2013.

termo deixa outros aspectos de lado quando tentamos explicar o significado do futebol no Brasil. O uso de símbolos cívicos nas comemorações e disputas, como o hino nacional e a bandeira, indicam que existe associação entre esporte, Nação e também Estado. Ao relacionar esses símbolos ao ufanismo, consideramos necessário um novo termo para explicar tal fenômeno. A identificação do povo brasileiro com o futebol, como possuidor de um estilo de jogo próprio, além da crença de que nossas características como povo se expressam na forma como jogamos⁷ nos faz caminhar no sentido de entender o nacionalismo e as questões relacionadas à nação brasileira.

Enquanto no ufanismo só se exalta as potencialidades de um país, no nacionalismo se identifica com algum fator que possibilite as pessoas se imaginar como uma nação. Nesse trabalho, tentaremos demonstrar que, juntamente com essas definições da nacionalidade brasileira, está também o futebol. Imaginamo-nos como nação quando vemos onze jogadores entrarem em campo vestindo as cores de nossa bandeira e se proclamando, a seleção brasileira. Por isso, iniciaremos abordando as questões relacionadas à concepção de nação.

Como embasamento teórico, as obras de Benedict Anderson “*Nação e consciência nacional*” e “*Comunidades Imaginadas*” e também “*Mito fundador e sociedade autoritária*” de Marilena Chauí. Eles trabalham questões relacionadas à formação as nações, Chauí mais especificamente com o Brasil, e o sentimento de nacionalismo.

O período trabalhado pede esse embasamento, pois, com a conquista da Copa do Mundo de 1970, o governo difundiu seus objetivos e sua ideologia para os cidadãos brasileiros, principalmente o nacionalismo, enfatizado durante a ditadura cívico-militar (1964–1985). Anderson afirma que o nacionalismo tem estado “por aí” no mínimo há dois séculos obastante para supor que já fosse entendido de forma clara. Porém, é difícil pensar em algum fenômeno que continue tão difuso quanto este e sobre o qual haja menos consenso analítico. Ninguém ainda teria sido capaz de definir de maneira conclusiva sua modernidade ou antiguidade, discordando-se de suas origens e de seu futuro.

⁷ Falaremos mais sobre isso no próximo capítulo.

Segundo Francesco Rossolillo⁸ a nação é normalmente concebida como um grupo de pessoas unidas por laços naturais e, portanto eternos, e que, por causa destes laços, se torna a base necessária para a organização do poder sob a forma do Estado nacional. E por causa disso, com a ideia de "laços naturais" sugere, de imediato, a ideia de raça. Afinal, segundo Lenz, a identificação entre Nação e raça surgiu no imperialismo oitocentista francês e britânico, justificada pelo expansionismo nazista e intensificada nos Estados Unidos até a década de 1960. O governo branco da África do Sul intensificou a segregação racial após a Segunda Guerra Mundial, legalmente extinta somente na década de 1990. Mas de fato, ainda permanece principalmente nas antigas colônias escravagistas e em algumas de suas antigas metrópoles como a França. Mas, de acordo com o autor, "o termo 'raça' não possibilita a identificação de grupos que possuem limites definidos e que, de qualquer forma, as classificações 'raciais' tentadas pelos antropólogos de maneira alguma coincidem com as Nações modernas"⁹. Assim como a ênfase dada à língua e aos costumes atrapalha, ao invés de esclarecer, a ideia vigente de Nação.

Por isso que procuramos um autor que vai além dessas definições comumente encontradas: a de que uma nação é definida pela língua, costumes, ou então a "raça" de seus habitantes. A ideia de Benedict Anderson sobre qual fundamento a pesquisa é a de que tanto nacionalidade quanto nacionalismo são artefatos culturais de um tipo peculiar e que para compreendê-los é preciso considerar como se tornaram entidades históricas, como seus significados se alteraram no correr do tempo, e também porque hoje inspiram uma legitimidade emocional tão profunda. Anderson propõe a seguinte definição para nação: "ela é uma comunidade política limitada e soberana".

Ela seria imaginada porque nenhum membro de nenhuma nação conhecerá a maioria de seus compatriotas, não se encontrarão e nem ouvirá falar deles, apesar de na mente de cada um desses membros esteja presente uma imagem de sua comunhão.

⁸ ROSSOLILLO, Francesco. In: BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. Dicionário de Política – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1 ed., 1998.

⁹ ROSSOLILLO, 1998.

A nação é imaginada como limitada, porque até mesmo a maior delas, que abarca talvez um bilhão de seres humanos, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais se encontram outras nações. Nenhuma nação se imagina co-extensiva com a humanidade¹⁰.

É também imaginada como soberana, porque o conceito nasceu na época em que o Iluminismo e a Revolução Francesa destruíam a legitimidade das monarquias dinásticas. O símbolo da liberdade desejada pelas nações é o Estado soberano. A nação é também imaginada como comunidade porque é concebida como companheirismo profundo e horizontal. É essa fraternidade, segundo Anderson, que torna possível que nos últimos dois séculos, milhões de pessoas matem e morram voluntariamente por imaginações limitadas, ou seja, as próprias nações.

Os termos nação, nacionalidade, nacionalismo têm-se demonstrado difíceis de definir e também de analisar. Hugh Seton-Watson afirma que “Desse modo, sou levado à conclusão de que não se pode estabelecer nenhuma ‘definição científica’ de nação: contudo o fenômeno tem existido e continua a existir”¹¹. E. Bradford Burns também concorda com Anderson ao afirmar que

Autoridades do nacionalismo concordam em dois pontos: primeiro, o nacionalismo como uma força é potente, e segundo, o nacionalismo como um conceito é difícil de definir. Entretanto, o nacionalismo tem sido um estímulo para a guerra, conquista e destruição. Por outro lado, tem sido uma inspiração para arte, poesia e desenvolvimento econômico¹².

Todas as comunidades maiores do que as primitivas aldeias de contato face a face são imaginadas. Dessa forma, as comunidades não devem ser distinguidas por sua falsidade ou autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas. Para Burns, o nacionalismo seria um profundo amor por um país associado a um sentimento oposto em relação aos outros países. Seria um nacionalismo baseado no conflito de “nós” contra “eles”. Uma

¹⁰ ANDERSON, Benedict. Nação e Consciência Nacional. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora Ática, 1989. p. 15.

¹¹ ANDERSON, 1989. p.11.

¹² Tradução feita pela autora. Original: Authorities on nationalism agree on two points: first, the nationalism as a force is potent, and second, that nationalism as a concept is difficult to define. On the one hand, nationalism has been the impetus for war, conquest and destruction. On the other, it has been the inspiration for art, poetry, and economic development. In: BURNS, E. Bradford. Nationalism in Brazil: a historical survey. New York, NY: Frederick A. Prager Publishers, 1968. p. 3.

definição mais sofisticada, seria “um grupo consciente que atributos valorizam muito uma Nação-Estado, para qual devoção sem igual é dedicada”¹³.

No século XX, o nacionalismo tem sido geralmente considerado como acordo entre os habitantes de uma determinada área para manter unidade e independência. Assim, para Barbosa Lima Sobrinho, o nacionalismo pode ter origens dessemelhantes e tender para objetivos nem sempre harmônicos. Ele defende a caracterização do nacionalismo num país determinado, mediante sua história, suas lutas econômicas e sociais para ter uma ideia mais precisa dessa diversidade de conceitos. Ao fazer isso, perceberemos que o nacionalismo responde a perguntas precisas, não é uma tese vaga ou uma aspiração indefinida.

Para Sobrinho o que caracteriza nacionalismo não é a presença de uma nação ou de uma consciência nacional, pois ele que anuncia e prepara a formação dessa nação e consciência. O que mais que tudo caracteriza o nacionalismo é a presença de um antagonismo, de uma diversificação de interesses entre grupos humanos, vinculados a territórios diferentes. Claro que, para que essa diversificação possa merecer o rótulo de nacionalismo, há que imaginar uma nação existente ou em formação. Desse modo, ele afirma que o nacionalismo pressupõe a presença de uma nação, já constituída ou em andamento. A substância do nacionalismo para Sobrinho seria então um antagonismo de interesses ou de ideais. As manifestações claro que não são idênticas, de um lugar para outro, de um século para outro. Assim, o nacionalismo

Não é um conceito estático, não é um letreiro de rodovia, marcando o número de quilômetros percorridos ou a percorrer. É, antes, um conceito dinâmico, a soma ou o conhecimento de todos os letreiros, uma doutrina, uma experiência e uma política¹⁴.

Essas teorias contribuem para a discussão referente ao termo “nacionalismo”, mas são parte da historiografia que Anderson vai contra em seu estudo. Ele propõe que o nacionalismo deve ser compreendido comparando-o não com ideologias políticas abraçadas conscientemente, mas com os sistemas culturais amplos que o precederam, a partir dos quais passaram a existir.

¹³ Tradução feita pela autora. Original: a group consciousness that attributes great value to the nation-state, to which unswerving devotion is tendered¹³. BURNS, 1968.

¹⁴ SOBRINHO, 1995. p. 11.

O termo nacionalismo tem a sua origem, de acordo com o autor, na Europa Ocidental do século XVIII, período do crepúsculo do pensamento religioso, importante para o surgimento das nações modernas e do próprio nacionalismo. As comunidades imaginadas religiosamente tinham grande poder e magnitude, mas sua coesão foi diminuindo durante a Época Moderna. Anderson destaca dois motivos para esse declínio. O primeiro motivo seria resultado das explorações do mundo não europeu, as quais ampliaram o horizonte cultural-geográfico e os conceitos sobre as possíveis formas de vida humana. O segundo seria o rebaixamento gradual da própria língua sagrada. O declínio do latim ilustrava um processo mais amplo, em que as comunidades sagradas amalgamadas por antigas línguas sacras vinham se fragmentando.

Anderson afirma que pensar que as comunidades imaginadas das nações simplesmente tenham brotado das comunidades religiosas e dos reinos dinásticos e tomado seu lugar seria um tanto quanto ingênuo. Dessa forma, foi devido o declínio das comunidades, línguas e linhagens sagradas, que uma transformação nos modos de apreender o mundo foi possível, o que por sua vez, possibilitou pensar a nação, deflagradas como surgimento da Imprensa e a Reforma Protestante.

De acordo com Anderson, o romance e o jornal, proporcionaram meios técnicos para “representar” o tipo de comunidade imaginada correspondente à nação. O livro foi a primeira mercadoria industrial com produção em série e ao estilo moderno. A leitura dele e dos jornais criou um sentimento entre os leitores que sabem que o mesmo ato está sendo repetido por milhares de pessoas que ele não conhece. Para Anderson, a possibilidade de imaginar a nação só surgiu quando três concepções culturais fundamentais perderam o domínio sobre a mentalidade dos homens.

A primeira delas é a ideia de que uma determinada língua oferecia um acesso privilegiado à verdade, por ser uma parte dessa verdade. A segunda é a crença de que a sociedade se organizava naturalmente em torno de centros elevados. Os monarcas estariam a par dos outros seres humanos, que governavam por uma graça divina. A terceira é a concepção da temporalidade em que a cosmologia e a história se confundem, sendo as origens do mundo e dos homens as mesmas. Essas ideias enraizavam a vida humana na própria natureza das coisas, conferindo sentido às fatalidades da vida (morte, perda, servidão).

O declínio dessas convicções, principalmente da fé católica, sob o impacto da transformação econômica, das descobertas (sociais e científicas) e do desenvolvimento de meios de comunicação mais rápidos, levou a separação entre cosmologia e história. Assim, passou-se a buscar uma nova maneira de unir a fraternidade, o tempo e o poder. O elemento que conseguiu isso foi o “capitalismo editorial”, que permitiu as pessoas pensarem si mesmas e relacionarem com outras de forma nova. A interação entre o modo de produção e de relações de produção (o capitalismo), a tecnologia de comunicação (a imprensa) e a diversidade linguística humanatornou possível imaginar as novas comunidades num sentido positivo e montar o cenário para a nação moderna.

Em meados do século XVIII, os eruditos alemães, franceses e ingleses, tornaram acessíveis os clássicos gregos para a população, traduzindo-os para as línguas vernáculas. Esse fenômeno foi fundamental para a consolidação da burguesia como tal, pois uma burguesia iletrada era inconcebível. A partir da leitura, eles puderam enxergar a existência de milhares de outros parecidos com eles. Assim, a burguesia foi a primeira classe a construir uma solidariedade a partir de uma base essencialmente imaginada. Dessa forma, o crescimento geral da alfabetização, do comércio, da indústria, das comunicações e dos aparelhos de Estado, que marcou o século XIX, gerou um vigoroso impulso em busca de uma unificação linguística vernácula dentro de cada reino.

As “naturalizações” das dinastias europeias acabaram levando ao que o autor Seton-Watson chama de “nacionalismos oficiais”, uma tentativa de combinar a naturalização e a manutenção do poder dinástico. A chave para situar o “nacionalismo oficial” seria lembrar que ele se desenvolveu depois, e em reação aos movimentos nacionais populares que proliferavam na Europa. Uma característica dos Estados que adotavam o “nacionalismo oficial” era o caráter imperialista, pois a maior parte das nações tinha a pretensão de se tornarem grandes potências. Ele também poderia ser adotado por Estados sem grandes pretensões, desde que seus dirigentes sentissem ameaçados pela difusão mundial da comunidade nacionalmente imaginada.

Os nacionalismos oficiais eram historicamente impossíveis antes do surgimento de nacionalismos linguísticos populares, pois, no fundo, foram reações dos grupos de poder ameaçados de exclusão ou marginalização nas comunidades imaginadas populares. Assim, “tais nacionalismos oficiais eram políticas

conservadoras, para não dizer reacionárias, adaptadas do modelo dos nacionalismos populares, em larga medida espontâneos, que os precederam”¹⁵.

Dessa forma, desde o fim do século XVIII o nacionalismo sofreu um processo de modulação e adaptação, que variava de acordo com as diferentes épocas, regimes políticos, economias e estruturas sociais. Em consequência, a “comunidade imaginada” disseminou-se por todas as sociedades contemporâneas. E como percebemos, o nacionalismo contemporâneo seria herdeiro de dois séculos de mudança histórica. Assim sendo, Anderson afirma

O modelo do nacionalismo oficial adquire relevância, acima de tudo, no momento em que os revolucionários são bem-sucedidos em assumir o controle do Estado e, pela primeira vez, encontram-se em condições de utilizar o poder do Estado na busca de suas visões¹⁶.

De acordo com Rossolillo, após a emergência do fenômeno nacionalfoi invertida a ordem das lealdades no continente europeu. Assim, o sentimento de pertença à Nação adquiriu uma posição preponderância sobre qualquer outro sentimento de pertença territorial, religiosa ou ideológica. Assim, por um lado, as lealdades e as identificações regionais e locais foram praticamente eliminadas em função da superior referência à Nação e, por outro lado, asmesmas filiações ideológicas ou religiosas, que se apresentam como universais pela sua própria essência foram subordinadas à filiação nacional.

1.2 INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO: DEFINIÇÃO DA ESCRITA NACIONAL

Podemos considerar que as tentativas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em pensar numa história nacional foram a primeira vez que se buscava definir academicamente a identidade brasileira. De acordo com Temístocles Cezar, a fundação do IHGB representou o nascimento da pesquisa histórica no Brasil. Ao menos um tipo de história mais definida, refletida e nacional. Essa nova perspectiva tinha como meta estabelecer um projeto histórico capaz de organizar os recursos e os procedimentos para se escrever a história da nação. O problema é que assim como a nação estava sendo construída, a identidade da história brasileira não era clara.

¹⁵ ANDERSON, 1989. p. 161.

¹⁶ Idem. p.174.

Criado em 1838, o Instituto trabalha com o “princípio da nacionalidade” definida pelo território e pela demografia, e tem como objetivo instaurar o semióforo “Brasil”, oferecendo ao país independente um passado glorioso e um futuro promissor, com o que legitimaria o poder do imperador. Como instituto histórico: “cabia-lhe imortalizar os feitos memoráveis de seus grandes homens, coletar e publicar documentos relevantes, incentivar os estudos históricos nacionais e manter relações com seus congêneres internacionais”¹⁷.

Apesar do cuidado dos brasileiros por sua pátria, eles tinham até aquele momento, esquecido os fatos notáveis, que o IHGB viria então ressuscitar. Esse processo implicava em uma unificação da nação, pois esses acontecimentos não ocorreram em apenas um lugar, mas sim em todas as províncias do país. Para Cezar

É outra lógica que se coloca em movimento: começar por um princípio, encontrar os traços da origem nacional, discernir os autores. Em suma, instituir uma periodização e um encadeamento dos acontecimentos à brasileira, significa, no campo histórico, narrar ou explicar a fundação do Brasil a partir do ponto de vista dos brasileiros¹⁸.

Nesse propósito, Francisco Adolpho de Varnhagen, foi responsável pela realização dessa história luso-brasileira e imperial, conhecido pelo fundador da historiografia brasileira com a História Geral do Brasil, publicada entre 1854 e 1857. O historiador brasileiro deveria redigir uma história que incorporasse as três raças, dando maior importância ao português, conquistador e senhor que assegurou o território e imprimiu suas marcas morais ao Brasil.

Definir os pressupostos da escrita da história nacional, de acordo com Nicolazzi, significa determinar os meios através dos quais é possível conceber e conhecer os elementos constituintes da nação brasileira, identificar aqueles que singularizam sua cultura e apontar aqueles que permitem inseri-la no movimento geral da civilização ocidental. Para o autor,

¹⁷CHAUI, Marilena. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Adamo, 2000. p. 50.

¹⁸CEZAR, Temístocles. Lição sobre a escrita da História – Historiografia e nação no Brasil do séc. XIX. In: Diálogos – Universidade Estadual de Maringá. Departamento de História. – vol. 01 n.01 – Maringá: UEM/ DHI, 1997. p. 19.

Se neste caso o escopo da história produzida no IHGB está diretamente ligado ao anseio pela centralização política de um vasto e heterogêneo território, em um período marcado por insurreições e movimentos de caráter regionalista, produzir um conhecimento geral sobre a nação também equivale a estabelecer maneiras do Estado se impor, isto é, conceber estratégias políticas de governo¹⁹.

Essa reflexão sobre as relações entre o conhecimento histórico e a constituição da nação, conduz à elaboração de identidades coletivas. No século XIX, a situação política dos países latino-americanos, de instabilidade e transição, faz com que o pensamento identitário fosse fundamental para a superação das dificuldades. Como afirma Claudia Wasserman, “a busca do caráter nacional e sobre as origens da nação estão muito relacionadas às dificuldades de construção de elementos políticos estáveis”²⁰. Nesse momento a mestiçagem surge como uma solução positiva para a questão da identidade cultural, fato que terá seu momento oportuno devido a publicação da obra de Gilberto Freyre.

Simultaneamente também foram produzidas duas outras histórias paralelas à elaborada pelo Instituto: uma inspirada em Ferdinand Denis e no romantismo, que fez da América, da natureza tropical e do índio a sua referência fundamental; e outra que conta a história a partir do negro escravizado, surgida no período da abolição. Porém, ambas contêm o mesmo traço que a historiografia oficial: o português é o desbravador, corajoso e aventureiro que vai criando o solo nacional, o índio é o símbolo do Brasil audaz, guerreiro e puro, enquanto o negro não aparece substituído pela escravidão como instituição bárbara que é preciso destruir. Nas duas histórias não se acredita que o negro ou o índio possam ser a base de uma nação civilizada, missão que os historiadores atribuíam aos portugueses e os abolicionistas atribuirão aos imigrantes europeus.

São essas as referências de Afonso Censo em sua obra *Porque me ufano de meu país*. Seu livro é “o pressuposto tácito de tudo quanto se fez em matéria de civismo neste país”²¹. O autor dedica o livro aos que desejam ser úteis à família e à nação, sendo que seu principal ensinamento será o patriotismo. Porém, o patriotismo não deve ser cego ou irrefletido, pois não se deve amar a pátria somente por ser a pátria, mas também pelos motivos reais que ela nos dá para amá-la e para

¹⁹ NICOLAZZI, Fernando. História, nação e identidade: alguns comentários. In: Diálogos – Universidade Estadual de Maringá. Departamento de História. – vol. 01 n.01 – Maringá: UEM/ DHI, 1997. p. 71.

²⁰ WASSERMAN, Claudia. Apud: NICOLAZZI, 1997. p.74.

²¹ CHAUI, 2000. p. 51

que dela nos orgulhemos. “Pode haver países mais prósperos, mais poderosos e mais brilhantes do que o Brasil, mas ‘nenhum mais digno, mais rico de fundadas promessas, mais invejável’”²².

A obra de Afonso Celso teria se tornado rapidamente um clássico escolar, com sete reimpressões até 1915. Assim, Celso apresentará 11 motivos para a superioridade do Brasil, distribuídos entre a natureza, o povo e a história. O primeiro seria a grandeza territorial, que seria simplesmente motivo de orgulho. Porém, o fato de que seja o primeiro motivo, de onde derivarão muitos outros, devemos nos perguntar sobre a razão dessa escolha. O liberalismo e a escola histórica alemã, presente no IHGB com Von Martius, estabeleceram que o princípio da nacionalidade fosse definido pela extensão territorial. Ao estabelecer da grandeza do território o primeiro motivo de ufanismo, Celso afirma que preenchemos o requisito da nacionalidade e somos de fato uma nação.

Em relação à natureza, devemos nos orgulhar pela beleza incomparável do país, atestada por viajantes e poetas que cantam e descrevem sua fauna e flora, além das riquezas naturais. Outro motivo é a variedade e amenidade do clima, graças ao qual “nenhuma moléstia lhe é peculiar ou exclusiva”, “nenhum problema sanitário se apresenta insolúvel”²³, as feridas e amputações cicatrizam mais depressa aqui do que em hospitais europeus. Comentado também pelo autor, é a ausência de calamidades, como sendo um privilegiado da Providência, pois o Brasil não registra flagelos, catástrofes como ciclones, terremotos, vulcões ou furacões. Resumidamente, o brasileiro poderia confiar na natureza, pois ela não o trai, não o surpreende, não o amedronta e nem o aflige; tal não podemos mais afirmar com as últimas enchentes, secas e ciclones...

Quanto à população, ou do “tipo nacional”, a superioridade do Brasil seria devido a excelência dos três elementos que participaram da formação do tipo: “beleza, força e coragem dos índios; afetividade, estoicismo, coragem e labor do negro; bravura, brio, tenacidade, união, filantropia, amor ao trabalho, patriotismo do português”²⁴ e por isso o mestiço brasileiro não denota inferioridade física ou intelectual alguma.

²² CELSO, Afonso. Porque me ufano do meu país. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1997. Apud: CHAUÍ, 2000, p. 51.

²³ CELSO, Afonso. Porque me ufano do meu país. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1997. Apud: CHAUÍ, 2000, p. 52.

²⁴ CHAUÍ, 2000, p. 52.

Do lado da história, haveria três motivos para atestar nossa superioridade: o Brasil nunca teria passado por humilhações, pois não tinha sido derrotado em guerras e batalhas, quando isso ocorreu não foi definitiva e logo respondeu a desafronta. Teria tido procedimento digno com outros povos, pois não desafiou nenhum à guerra e só entrou quando provocado ou chamado a auxiliar país amigo. E mesmo que não haja feito extraordinários em nossa história, ao menos não há acontecimentos deprimentes ou vergonhosos. Mas Celso enfatiza que tivemos alguns feitos épicos, como a obra dos jesuítas, a marcha dos bandeirantes, a guerra contra os holandeses, a República dos Palmares e a retirada de Laguna.

Essa é uma abordagem que supervaloriza muito os “feitos” e a história brasileira, porém alguns dos eventos que podemos considerar vergonhosos ou então não tão dignos ainda não tinham ocorrido: Guerra do Paraguai, Guerra de Canudos, perseguição, tortura e assassinato de inimigos do governo durante a ditadura civil-militar.

Sua história é narrada sob a perspectiva dos feitos militares, o que não surpreende, pois a história nasceu para narrar grandes guerras e imortalizar os feitos dos grandes homens. Porém, mesmo que o autor se inspire nos modelos antigos, o ufanismo despertado pelas missões jesuíticas, pelas bandeiras e pelos feitos militares não é simplesmente um recurso literário. De acordo com Chauí, “Ele corresponde à exigência do ‘princípio da nacionalidade’, que define a nação somente por seu território presente, mas por sua capacidade de expansão, conquista e unificação de territórios novos”²⁵. O livro mais uma vez assegura que o Brasil é realmente uma nação. Mas será?

O ufanismo apresentado pelo autor não seria infundado, pois corresponde a um princípio de nacionalidade, o qual diz que só é uma nação o agrupamento humano que possuir uma elite cultural solidamente estabelecida. Em termos desse princípio deveríamos ser considerados uma supernação, pois devido à sua vastidão, poderíamos conter toda a população da terra. Por suas belezas e riquezas, está em progresso contínuo, pelo cruzamento de três “raças” constitui um povo bom, pacífico, ordeiro, serviçal, sensível, sem preconceitos. Por sua notável história, teria sido o primeiro país autônomo da América sem derramar sangue. Claro que ele afirma isso sem considerar as questões internas que provocaram a Sabinada, Cabanagem, Farroupilha, entre outras do período.

²⁵ CHAUI, 2000. p. 54.

Segundo Fernando Nicolazzi, a construção da ideia de nação formulada pelo IHGB seguiu convergindo com a formação do Estado Nacional e suas amarras portuguesas. A alteridade a partir da qual se constitui a identidade brasileira traz a característica importante que não diz respeito tanto ao colonizador, mas ao caminho seguido pelo descolonizado. Dessa forma, para Manoel Salgado Guimarães “na medida em que o Estado, monarquia e nação configuram uma totalidade para a discussão do problema nacional brasileiro, externamente define-se o ‘outro’ dessa nação a partir do critério político das diferenças quanto às formas de organização do Estado”²⁶.

Assim, os inimigos externos do Brasil seriam as repúblicas latino-americanas, corporificando a formação republicana de governo, ao mesmo tempo, a representação da barbárie.

1.3 O NACIONALISMO BRASILEIRO

Entendemos como questão da nação e do nacionalismo foi tratada nos países europeus mediante análises de Anderson, Burns e Rossolillo com dificuldades para encontrar teóricos que abordem ao tema do nacionalismo no Brasil. Apesar de serem muito válidas, as análises de autores europeus não tratam de questões específicas da história brasileira. Marilena Chauí é uma das autoras que se dedica a atender a formação da identidade do povo brasileiro, dedicando-se também ao nacionalismo.

Entendemos que, quando um povo se imagina participante da nação é porque acredita ter características em comum. Até hoje procuramos entender quais são as características que nos fazem ser brasileiros. Estudos foram feitos para tentar traçar as características de povo brasileiro e encontrar algo que nos identificássemos como povo. Vamos tentar traçar esse percurso dentro da história brasileira.

De acordo com pesquisas realizadas em 1995 e citadas pela autora, feitas pelo Instituto Vox Populi e pelo Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas, 60% dos entrevistados afirmavam que sentiam orgulho de serem brasileiros, enquanto somente 4% afirmavam sentir vergonha. Os motivos do

²⁶ NICOLAZZI, 1997. p. 70.

orgulho seriam: a natureza, o caráter do povo, as características do país, esportes, músicas, carnaval.

Dos 60% que se orgulhavam de serem brasileiros, 50% afirmou que o brasileiro apresenta as seguintes características: trabalhador, lutador, alegre, divertido, conformado, solidário e sofredor. Diante disso, Chauí afirma que mesmo sem essa pesquisa, podemos perceber em nosso dia a dia a forte representação homogênea que os brasileiros possuem do país e de si mesmos.

Essa representação permite, em certos momentos, crer na unidade, na identidade e na indivisibilidade da nação e do povo brasileiro, e, em outros momentos, conceber a divisão social e divisão política sob a forma dos amigos da nação e dos inimigos a combater, combate que engendrará ou conservará a unidade, a identidade e a indivisibilidade nacionais²⁷.

Dessa forma, Chauí afirma que existe a crença generalizada de que o Brasil é um dom de Deus e da natureza, tem um povo ordeiro, pacífico, generoso, sensual, alegre, mesmo que seja sofredor. Além de ser sem preconceitos, desconhecendo a discriminação racial e de credo, vendo a mestiçagem como padrão fortificador da raça. É também um país acolhedor para todas as pessoas que nele desejarem trabalhar, sendo um país de contrastes regionais devido à sua diversidade econômica e cultural.

A análise que a autora faz dessa imagem que os brasileiros têm de si mesmos, é a de que “essa representação permite que uma sociedade que tolera a existência de milhões de crianças sem infância e que, desde seu surgimento, pratica o *apartheid* social possa ter de si mesma a imagem positiva de sua unidade fraterna”²⁸. Essa representação teria vindo do que ela chama de mito fundador do Brasil, cujas raízes remontam a 1500.

Chauí emprega mito no sentido antropológico, no qual essa narrativa é a solução imaginária para conflitos, tensões e contradições que não conseguem ser resolvidas no nível da realidade. E ao usar a expressão mito fundador, significa um vínculo interno com o passado como origem, como passado, presente e que por isso impede trabalho da diferença temporal e da compreensão da realidade atual. Chauí também fala de mito na acepção psicanalítica, como impulso à repetição de

²⁷ CHAUÍ, 2000. p. 8.

²⁸ CHAUÍ, 2000. p. 8

algo imaginário que bloqueia a percepção da realidade e impede de lidar com ela. “Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo”²⁹.

Existiria uma diferença entre fundação e formação e por isso a autora insiste na expressão “mito fundador”. Isso porque quando os historiadores falam em formação, referem-se às determinações econômicas, sociais e políticas que produzem um acontecimento histórico, mas também nas transformações, na continuidade ou não dos acontecimentos. Ou seja, o registro da formação é a história propriamente dita.

A fundação se diferente da formação, pois se refere a um momento passado imaginário, tido como instante originário vivo e presente no curso do tempo, isto é, “a fundação visa a algo tido como perene (quase eterno) que traveja e sustenta o curso temporal e lhe dá sentido”³⁰. Assim, “a formação aparece como emanado da sociedade (em nosso caso, da nação) e, simultaneamente, como engendrando essa própria sociedade (ou nação) da qual emana. É por isso que estamos nos referindo à fundação como mito”³¹.

Em relação à nação, Chauí afirma que é uma invenção histórica muito recente. Ela data o seu nascimento por volta de 1830. A palavra “nação” viria de um verbo latino, *nascor*, e de um substantivo derivado desse verbo, *natio* ou nação, que significa o parto de uma ninhada, de um animal. Dessa forma, a palavra *natio* passou a significar os indivíduos nascidos ao mesmo tempo de uma mesma mãe, e depois, os nascidos em um mesmo lugar.

Ao final da Antiguidade, a Igreja Romana fixou seu vocabulário latino e passou a usar o plural *nationes* (nações) para se referir aos pagãos e distingui-los do *populus Dei*, o “povo de Deus”. A palavra “nação” significa então um grupo de descendência comum e era usado para se referir aos pagãos e estrangeiros. Portanto, povo era um conceito jurídico-político, quando nação era um conceito biológico.

Antes da invenção histórica de nação como algo político, antes dos Estados-nações, os termos empregados eram “povo” e “pátria”. Esta palavra também deriva do latim e significa *pater*, pai. Não seria, entretanto, uma ideia de pai

²⁹ Idem. p. 9

³⁰ Idem. p. 9.

³¹ Idem. p. 10.

como genitor de seus filhos, mas de uma figura definida pelo direito romano, portanto, jurídica. Para Chauí, “Pater é o senhor, o chefe, que tem a propriedade privada absoluta e incondicional da terra e de tudo o que nela existe [...] e os que estão sob seu domínio formam a família (mulher, filhos, parentes e escravos)”³². Assim, “Pai” se refere ao poder patriarcal e pátria é o que pertence ao pai e está sob o seu poder.

Ao estudar quando o termo “pátria” passou a ser usado da forma atual, Chauí afirma que foi a partir do século XVIII. “Pátria” passou a significar o território cujo senhor é o povo organizado sob a forma de Estado independente. Durante as revoltas de independência, ocorridos no Brasil nos finais do século XVIII e inícios do século XIX, os revoltosos falavam em “pátria mineira”, “pátria pernambucana”, “pátria americana” e somente com o *Patriarca* da Independência, José Bonifácio, passou-se a falar em “pátria brasileira”.

Segundo Hobsbawn, o termo “nação” aparece primeiramente em 1830 e se modifica, e nessa mudança podemos identificar três etapas. A primeira é de 1830 a 1880, em que se fala sobre o “princípio da nacionalidade”; a segunda de 1880 a 1918, a época da “ideia nacional” e a terceira enfatiza a consciência nacional, definida por um conjunto de lealdades políticas.

Na primeira etapa, o discurso da nacionalidade provém da economia política liberal; na segunda, dos intelectuais pequeno-burgueses, particularmente alemães e italianos, e, na terceira, emanam principalmente dos partidos políticos e do Estado.

O ponto de partida dessas elaborações foi o Estado moderno da “Era das Revoluções”, como Hobsbawn denominou o período e que precisava enfrentar dois problemas principais: o primeiro, incluir todos os habitantes do território na esfera da administração estatal; o segundo, obter a lealdade dos habitantes ao sistema dirigente, pois, a luta de classes, as tendências políticas antagônicas e as crenças religiosas disputavam essa lealdade. Foi então que se passou a perguntar: como dar à divisão econômica, social e política a forma da unidade indivisa? Com o tempo então surgiu a ideia de nação como solução dos problemas.

De acordo com Chauí, “O Estado precisava de algo mais do que a passividade de seus cidadãos: precisava mobilizá-los e influenciá-los ao seu favor.

³² CHAUI, 2000. p. 15

Precisava de uma “religião cívica”, o patriotismo “³³”.

Foi durante o período de 1880-1918, que o patriotismo se tornou estatal, reforçado com sentimentos e símbolos de uma comunidade imaginária cuja tradição começava a ser inventada. Isso ocorreu no momento em que a divisão social e econômica das classes apareceu e ameaçou o capitalismo, que procurou na “ideia nacional” um instrumento unificador da sociedade.

Os governos, então, passaram a utilizar meios de comunicação de massa, inicialmente o rádio e o cinema, para transformar os símbolos nacionais em elemento da vida cotidiana de todas as pessoas, acabando com as divisões entre a esfera privada e local e entre a esfera pública e nacional. Percebemos isso principalmente nos esportes, transformados em espetáculos de massa, nos quais não competem equipes e sim nações. Segundo Chauí,

Passou-se a ensinar às crianças que a lealdade ao time é lealdade à nação. Passeatas embandeiradas, ginástica coletiva em grandes estádios, programas estatais pelo rádio, uniformes políticos com cores distintas, grandes comícios marcam esse período como época do “nacionalismo militante” ³⁴.

Para Hobsbawn, uma nação então seria inventada historicamente e ele auxilia a compreender um fenômeno significativo no Brasil, que seria a passagem da ideia de “caráter nacional” para a de “identidade nacional”. O primeiro corresponde aproximadamente aos períodos de vigência do “princípio da nacionalidade” (1830-1880) e da “ideia nacional” (1880-1918), enquanto a terceira aparece no período da “questão nacional” (1918-1960).

De acordo com Chauí, o território, as fronteiras, a densidade demográfica, língua, usos e costumes, crenças religiosas, foram os elementos principais do “caráter nacional”, entendido como disposição natural de um povo e sua expressão cultural. Perry Anderson afirma que

O conceito de caráter é em princípio compreensivo, cobrindo todos os traços de um indivíduo ou grupo; ele é autossuficiente, não necessitando de referência externa para sua definição; e é mutável, permitindo modificações parciais ou gerais³⁵.

³³ CHAUÍ, 2000.

³⁴ Idem. p. 20.

³⁵ ANDERSON, Zona de compromisso. São Paulo, Edunesp, 1996, p.51. Apud: CHAUÍ, 2000. p. 21.

Já para Dante Moreira Leite, as formulações brasileiras sobre o “caráter nacional”, tomado como ideologias, foram obstáculos para o conhecimento da sociedade brasileira e não apresentam aspectos reais de nossa sociedade. Para Chauí, “o ‘caráter nacional’ é uma totalidade de traços coerente, fechada e sem lacunas porque constitui uma ‘natureza humana’ determinada”³⁶.

Por sua vez, a ideologia da “identidade nacional” define um núcleo essencial tomando como critério algumas determinações internas da nação que são percebidas pela referência ao que lhe são externas, não sendo possível a construção de uma identidade sem a diferença.

Na ideologia do “caráter nacional brasileiro”, a nação seria formada pela mistura de três “raças” – índios, negros e brancos – que por ser mestiça, não conhece o preconceito racial. Dessa forma, o negro é visto pelo olhar do paternalismo branco, que veem a relação entre brancos e negros como um trânsito contínuo entre a casa-grande e a senzala. Já na ideologia da “identidade nacional”, o negro é visto como pertencente a uma classe social, a dos escravos, e a escravidão como uma instituição violenta que coisifica o negro e o coloca com uma consciência alienada.

Na primeira, a formação do caráter brasileiro viria pelas relações entre o branco bom e o negro bom, ou entre o branco ignorante e o negro indolente. Já na segunda, a identidade nacional aparece como violência branca e alienação negra, ou seja, como formas de consciência definidas pela escravidão. Para Chauí, a ideologia do “caráter nacional” vê a nação como totalizada, enquanto a da “identidade nacional” a concebe como totalidade incompleta e lacunar. Assim sendo,

A primeira opera com o pleno ou o completo, enquanto a segunda opera com a falta, a privação, o desvio. E não poderia ser de outra maneira. A “identidade nacional” pressupõe a relação com o diferente. No caso brasileiro, o diferente ou o outro, com relação ao qual a identidade é definida, são os países capitalistas desenvolvidos, tomados como se fossem uma unidade e uma totalidade completamente realizadas. É pela imagem do subdesenvolvimento completo do outro que a nossa “identidade”, definida como subdesenvolvida, surge lacunar e feita de faltas e privações³⁷.

Entre os anos 1950-1970, segundo a autora, a elaboração da “identidade nacional” apresenta a sociedade brasileira como destituída de uma

³⁶ CHAUÍ, 2000. p. 21.

³⁷ CHAUÍ, 2000. p. 27.

burguesia nacional, não tendo, portanto, condições de se apresentar como classe dirigente, existindo assim um vázio no alto. Também inexistia uma classe operária madura, autônoma e organizada, capaz de propor um programa político capaz de destruir o da classe dominante além de uma classe média de difícil definição sociológica, heterogênea, que oscila entre unir-se à classe dominante ou à classe operária.

Dessa forma, as duas primeiras ausências e a inoperância da classe média criariam um vázio político preenchido pelo Estado (que, a partir de 1964, passou a ser cívico-militar, e ditatorial), que seria o único sujeito político e o único agente histórico. Assim, a identidade do Brasil foi construída na perspectiva do atraso, do subdesenvolvimento, em função do que lhe falta, pela privação de características que o tornariam desenvolvido.

Chauí afirma que a ideologia do caráter nacional e também da identidade nacional pertencem a um passado remoto, nada podendo dizer sobre a situação atual do país. Atualmente, ela afirma que o “princípio da nacionalidade”, ou a “ideia nacional” e a “questão nacional” parecem ter perdido sentido. Não concordamos com essa afirmação, pois a “questão nacional” ainda está presente em nosso cotidiano. E continuamos a olhar a Copa do Mundo de 1970 e o “milagre econômico” com o mesmo sentimento ufanista dos que viveram esse período. Dessa forma, consideramos relevante analisá-lo, pois o “princípio de nacionalidade” não deixou simplesmente de existir em nosso país, ele continua, nem mais forte e nem mais fraco, mas transformado.

1.3.1 O Verdeamarelismo

Em 1958, quando a seleção brasileira de futebol ganhou a Copa do Mundo, músicas populares afirmavam que “a copa do mundo é nossa” porque “com brasileiro não há quem possa”, e o brasileiro era descrito como “bom no couro” e “bom no samba”. A celebração consagrava o tripé da imagem da excelência brasileira: café, carnaval e futebol. Em contrapartida, quando a seleção agora chamada de “Canarinha”, venceu o torneio mundial de 1970, surgiu um verdadeiro hino celebratório, cujo início dizia “Noventa milhões em ação/ Pra frente Brasil, do meu coração”. A mudança do ritmo – do samba para a marcha –, a mudança do sujeito – do brasileiro bom no couro aos 90 milhões em ação – e a mudança do significado da vitória – de “a copa do mundo é nossa” ao “pra frente, Brasil” não foram alterações pequenas³⁸.

³⁸ CHAUI, 2000.p. 31.

Os momentos históricos eram bem diferentes. Em 1958, sob o governo de Juscelino Kubitschek, vivia-se sob a ideologia do desenvolvimentismo, ou seja, num país que se industrializada voltado para o seu mercado interno e que incentivava a vinda de capital internacional como condição inicial para, conseguido o desenvolvimento, competir em grau de igualdade. Já em 1970, vivia-se sob a ditadura cívico-militar, após o Ato Institucional número 5, sob a repressão do Estado e sob a ideologia do “Brasil Grande”, que procurava interligar o país, com rodovias nacionais e cidades monumentais, com o objetivo de atrair o capital internacional.

Nas comemorações das duas conquistas da Copa do Mundo, a população saiu às ruas para comemorar vestida de verde-amarelo, ou então carregando objetos dessas cores. Apesar disso, mesmo que em 1958, soubéssemos que se tratava das cores do Brasil, os que participaram levavam as cores nacionais, mais não levavam a bandeira. De acordo com Chauí, a bandeira fez sua primeira aparição hegemônica nas festividades de 1970, quando a vitória foi identificada com a ação do Estado e se transformou em festa cívica. As diferenças não são pequenas, mas identificamos o mesmo fundo: o do verdeamarelismo.

De acordo com a autora, o verdeamarelismo foi construído no período em que o “princípio de nacionalidade” era definido pela extensão do território e pela densidade demográfica, e teria sido elaborado pela classe dominante como imagem celebrativa do “país essencialmente agrário”. Essa imagem buscava legitimar o que restara do sistema colonial e a hegemonia dos proprietários de terra durante o Império e o início da República. O Brasil, essencialmente agrário, seria na verdade o país historicamente articulado ao sistema colonial do capitalismo mercantil e determinado a ser colônia de exploração pelo modo de produção capitalista, ao invés de uma colônia de povoamento.

Nessa época, quando a classe dominante falava em “progresso” ou então em “melhoramento”, pensava no avanço das atividades agrícolas extrativas, acreditando que o país melhoraria com a expansão dos ramos determinados pela geografia, que levavam a uma especialização racional em que todas as atividades econômicas eram geradoras de lucro, utilidade e bem-estar. Por isso, a expressão ideológica dessa classe aparecer na exaltação da Natureza e do “tipo nacional” ordeiro e pacífico.

O interessante é perceber o fato de que o verdeamarelismo tenha se conservado quando aparentemente não existia mais base material para sustentá-lo,

pois, comoque e foi a ideologia dos senhores de terra do sistema colonial, do Império e da Primeira República, deveríamos supor que desaparecesse devido à industrialização e urbanização, mas que, de acordo com a autora, não ocorreu. Existiram, porém, tentativas para abandonar o verdeamarelismo.

Entre as décadas de 1920 e 1930, o Modernismo se empenha em processar o primeiro momento de industrialização em São Paulo e se prepara para reestruturar a composição de forças das classes dominantes através da entrada da burguesia industrial em cena. Entretanto, Chauí chama a atenção para o fato de que também um grupo modernista criará o verdeamarelismo como movimento cultural e político e dele sairá tanto o apoio do nacionalismo da ditadura Vargas, através da obra de Cassiano Ricardo, como a versão brasileira do fascismo, a Ação Integralista Brasileira, apoiada por Plínio Salgado.

Outra tentativa foi a de afastar o nacionalismo do “país essencialmente agrário” com a elaboração de uma nova ideologia, o nacionalismo desenvolvimentista, elaborado pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) nos anos 1950, durante a industrialização promovida pelo governo Juscelino Kubitschek. De acordo com a periodização de Chauí, esse período é o momento de passagem da ideologia do “caráter nacional” para a da “identidade nacional”.

Ainda, no final dos anos 1950 e início dos anos 1960, a ação cultural das esquerdas tentou desmontar o imaginário verde-amarelo. Na perspectiva da “identidade nacional” focalizavam a luta de classes e enfatizavam o nacional-popular nos Centros Populares de Cultura (CPCs), no novo teatro e no Cinema Novo. Importantes na recusa do verdeamarelismo também foram o Tropicalismo, no final dos anos de 1960 e início dos anos 1970, e a poesia e música de protesto, a nova MPB, dos anos de 1970 e 1980. Porém, Chauí afirma que

Nem o ISEB, nem os CPCs, nem o Cinema-Novo, nem o Tropicalismo, nem a MPB de protesto conseguiram aniquilar a imagem verde-amarela, que se consolidou e brilha incólume naquela outra imagem, doravante apropriada pela contemporânea indústria do turismo: café, futebol e carnaval, *made in Brazil*³⁹.

Essa permanência não seria casual, pois a industrialização nunca se tornou o carro-chefe da economia brasileira. O verdeamarelismo antes correspondia

³⁹ CHAUI, 2000. p. 36.

à autoimagem celebrativa dos dominantes e agora ele opera como compensação para a condição subordinada e periférica do país.

Já durante o Estado Novo (1937-45), a luta contra a dispersão e a fragmentação do poder ocasionada pelas oligarquias estaduais e a afirmação da unidade entre Estado e nação, corporificados no chefe de governo, levaram à queima simbólica das bandeiras estaduais e à obrigatoriedade do culto à bandeira e ao hino nacional nas escolas de todo o país. O Estado passou então a usar os meios de comunicação, com a compra de rádios e jornais, além da transmissão da “Hora do Brasil”. A sua finalidade de acordo com Chauí era informativa, cultural e cívica. Ela divulgava discursos oficiais e atos do governo, estimulava o gosto pelas artes populares e exaltava o patriotismo, rememorando os feitos gloriosos do passado. Os programas também deveriam

Decantar as belezas naturais do país, descrever as características pitorescas das regiões e cidades, irradiar cultura, enaltecer as conquistas do homem em todas as atividades, [...] e, voltando-se para o homem do interior, contribuir para seu desenvolvimento e sua integração na coletividade nacional⁴⁰.

Esses elementos são indicadores da presença do verdeamarelismo, apesar de sua função ter-se deslocado. Se compararmos o movimento desse período com outras expressões anteriores como o nativismo romântico do século XIX, antes, a ênfase recaía sobre a Natureza; agora se tratava de introduzir na cena política uma nova personagem: o povo brasileiro. Afirmava-se que o verdadeiro Brasil não estava em modelos europeus ou norte-americanos, mas no nacionalismo erguido sobre tradições nacionais e sobre o nosso povo. Dessas tradições, duas eram mais importantes: a unidade nacional, conquistada no período imperial e a ação civilizatória dos portugueses, que introduziram a unidade religiosa e de idioma, a mestiçagem, de acordo com a interpretação de Gilberto Freyre.

No entanto, na década de 1950 o país viu surgir como imagem emblemática a cidade de São Paulo, comemorando-se em seu IV Centenário a “cidade que mais cresce no mundo”, de maneira que a força do capital industrial deveria levar a uma transformação ideológica na qual o desenvolvimento econômico apareceria como obra dos homens e deixaria para trás o país como dádiva de Deus

⁴⁰ Idem. p. 37.

e da natureza. O suicídio de Vargas em 1954 faria supor que o verdeamarelismo estava enterrado para sempre.

Porém, a imagem verde-amarela permaneceu, apesar de sofrer um forte abalo. Agora ele comparecia sob duas roupagens antagônicas: ele exprimia, em uma delas, o nacionalismo natural e espontâneo das massas, as quais reconhecem as potencialidades do país para passar da pobreza e do atraso ao desenvolvimento e à modernidade. Na outra, ele era o signo da alienação social, produzida pela classe dominante do período colonial e imperial, difundida por uma classe média parasitária, que imitava e prosseguia com a imagem que os imperialistas ou a metrópole inventaram.

Durante os anos 50 e início dos 60 o verdeamarelismo foi um pano de fundo difuso e ambíguo, em contrapartida aos anos da ditadura (1964-1985), revitalizado e reforçado. Anterior a isso, a derrubada do governo de João Goulart preparada nas ruas com o movimento “Tradição, família e propriedade” para significar que as esquerdas eram responsáveis pela desagregação da nacionalidade cujos valores deveriam ser defendidos a ferro e fogo. Porém, essa não é a razão mais forte para a manutenção do verdeamarelismo, mas sim a ideologia geopolítica do Brasil Potência 2000, que teve como expositor principal general Golbery do Couto e Silva. De acordo com Chauí,

Se, como no IV Centenário de São Paulo, a exibição das grandes cidades coalhadas de arranha-céus e vias expressas [...] interligadas por autoestradas nacionais, deveria oferecer a imagem do Brasil Grande, apto a receber os investimentos internacionais e a acolher as empresas multinacionais, agora, porém, essa imagem encontrava seu fundamento na ideologia geopolítica do Brasil Potência 2000, que tem na vastidão do território, nas riquezas naturais e nas qualidades pacíficas, empreendedoras e ordeiras do povo os elementos para cumprir sua destinação⁴¹.

Desde o golpe de Estado em 1964, a ditadura teria dado a si mesma três tarefas: a integração nacional como consolidação na nação sobre a fragmentação e dispersão em interesses regionais, a segurança nacional contra o inimigo interno e externo, e o desenvolvimento nacional nos moldes das nações capitalistas. A difusão dessas ideias foi feita nas escolas com a disciplina de educação moral e cívica, na televisão, na rádio mediante da “Hora do Brasil” e do

⁴¹ CHAUI, 2000.p. 41.

Movimento Brasileiro de Alfabetização (Moblin), encarregado de assegurar mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho e também destruir o Método Paulo Freire de alfabetização.

Dessa forma, da Copa do Mundo de 1958, quando o Brasil conquistou seu primeiro título, até a de 1970, na qual foi tricampeão, o verdeamarelismo manteve-se intacto em seus aspectos como representação interiorizada da população brasileira que, sem distinção de classe, credo e etnia, conserva-omesmo quando as condições reais são contrárias. O Brasil do verdeamarelismo também é dado, pois é um dom de Deus e da natureza, e algo por fazer - o Brasil desenvolvido, dos anos 50, o Brasil grande dos anos 70. Assim, nessa perspectiva o sujeito da ação é triplo: Deus e a natureza são os dois primeiros e o Estado, o agente do desenvolvimento do desenvolvimento, da grandeza ou da modernização. Assim, o Brasil resultaria da ação de três agentes externos à sociedade brasileira:

Os dois primeiros são não só exteriores, mas também anteriores a ela; o terceiro, o Estado, tenderá por isso a ser percebido com a mesma exterioridade e anterioridade que os outros dois percepção que, aliás, não é descabida quando se leva em conta que essa imagem do Estado foi construída no período colonial e que a colônia teve sua existência legal determinada por ordenações do Estado metropolitano, exterior e anterior a ela⁴².

Segundo Chauí, o “princípio da nacionalidade”, a “ideia nacional” e a “questão nacional” com o poder político constroem o semióforo “nação” na disputa com outros poderes como partidos políticos, a religião e o mercado. Assim, as ações do Estado brasileiro pouco a pouco se orientam no sentido de dar consistência ao semióforo “nação brasileira”. O campo de construção do semióforo é mítico, então não devemos nos espantar que os agentes fundadores da “nação brasileira” sejam Deus e a natureza, considerados os criadores da terra e do povo brasileiro. Portanto, ideologicamente o Estado institui a nação sobre a base da ação criadora de Deus e da natureza.

⁴² CHAUI, 2000.p. 42.

1.4 NACIONALISMO NA LITERATURA

Anderson destaca a leitura como um fator importante na formação do sentimento comum de nacionalidade. Entendemos que no caso do Brasil, cuja população foi mantida analfabeta durante séculos, seria um bem complicado. Porém, percebemos que na literatura encontramos os primeiros esforços de se refletir sobre a nação, mesmo que isso viesse da elite brasileira e não do povo.

A tradição intelectual e literária que dominava o Brasil em meados do século XIX tinha como título de “romântica”. Originou-se de um pequeno número de escritores surgidos no fim do século XVIII. Suas ideias eram muito influenciadas pelo que acontecia na Europa, como se podia perceber no culto à natureza característica do romantismo europeu. Segundo Thomas Skidmore “quando o Brasil se tornou independente de Portugal em 1822, esses escritores acreditaram que, ao glorificar as belezas naturais brasileiras, estavam articulando uma consciência nacional independente”⁴³. Essas belezas eram descritas em hipérbolos exuberantes, e dessa forma, essas invocações românticas serviam como um manto literário para as campanhas anti-lusitanas dos políticos. Nos anos seguintes à Independência do Brasil, o indianismo teria se tornado moda social e intelectual na elite. Segundo Skidmore,

Nomes próprios portugueses foram deixados de lado em favor de nomes indígenas. Aspirantes à alta sociedade tentavam até provar que tinham sangue índio nobre. Embora quase não existissem dicionários de tupi, a língua indígena mais falada [...], chegou-se a propor seriamente que o tupi se tornasse a nova língua oficial do país, substituindo o português⁴⁴.

O índio tornara-se, então, símbolo das aspirações nacionais, transformado em um protótipo literário, com pouca conexão com seu papel real na história brasileira. Como o índio de James Fenimore Cooper, o do romantismo brasileiro era um símbolo sentimental que não oferecia nenhuma ameaça ao sono tranquilo de seus leitores. Já o negro em geral figurava na literatura romântica como o “escravo heroico”, o “escravo sofrido” ou a “bela mulata”. O

⁴³ SKIDMORE, Thomas E. Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930). 1 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 41.

⁴⁴ Idem. p. 41

homem negro livre, que existia em todos os níveis da sociedade brasileira, era absolutamente ignorado pelos escritores românticos.

Nesse período, percebemos o que Barbosa Lima Sobrinho defende em *Desde quando somos nacionalistas*. De acordo com o autor, um verdadeiro nacionalista é anti alguma coisa. Por isso ele faz uma análise das primeiras manifestações nacionalistas no Brasil a partir da oposição de “nós” contra outras nacionalidades como portugueses, norte-americanos, etc. Para Lima Sobrinho, “A substância do nacionalismo, pois, é uma atitude contra algum objetivo definido. Não por ser oposição sistemática, mas por entender que, no objetivo visado, está um obstáculo do amplo e completo desenvolvimento nacional”⁴⁵.

O sentimento anti-lusitano está muito presente nos primeiros anos de independência brasileira, o que nos ajudou a definir a própria nacionalidade. Um exemplo é a fundação do jornal *O Jacobino*, que serviria de propaganda antiportuguês. O motivo do título seria

‘há mais de um século em França, o jacobinismo conseguiu firmar a República contra as facções reacionárias que a dilaceravam internamente e repelir no solo da pátria os exércitos invasores coligados para o restabelecimento da realeza e o predomínio clerical’. Ora, só ‘meios violentos’ e ‘medidas enérgicas’, como os dos jacobinos franceses, poderiam salvar o Brasil ‘do torpor em que faz [...] desde seu descobrimento pela lusa gente’⁴⁶.

Em sua primeira edição, escreveram que combatiam e odiavam o elemento português, que corrompia e ceifava a existência brasileira, monopolizando tudo e sacrificando nossa população.

Outros jornais também tinham o mesmo posicionamento, como por exemplo, *O Nacional*. Eles combatiam a “grande naturalização” incluída na Constituição de 1891, que concedia cidadania brasileira automática a todos os estrangeiros residentes no Brasil, ao menos que abrissem mão desse direito.

O romancista e poeta Raul Pompéia foi o mais famoso jacobino. Em 1893, escreveu uma introdução ao livro escolar de Rodrigo Otávio sobre os feriados nacionais. De acordo com Skidmore, o livro procurava formar uma consciência cívica por meio da observância de datas nacionais. Na introdução, minimizava o papel de d. Pedro II, obcecado em ficar bem em relação à Europa e que havia virado as costas

⁴⁵ SOBRINHO, 1995. p. 17.

⁴⁶ SKIDMORE, 2012. p. 137.

ao Brasil, além de ser contra o capital estrangeiro. Ele investia principalmente contra a comunidade comercial portuguesa, embora não a nomeasse, mas insinuava “quem” era. Para ele, os portugueses eram culpados pela “enfermidade do civismo brasileiro”.

O principal critério para se aferir o desenvolvimento de um país nesse período era o grau alcançado por uma cultura nacional própria, medido pela literatura. Para a maioria dos intelectuais brasileiros, não se dava à dança, à música, à pintura, à escultura ou à arte popular o mesmo peso. O que se perguntava no período então era: onde está a nossa literatura nacional?

Machado de Assis, a principal figura literária de sua geração, explicitou o desafio de criar uma literatura nacional. Julgava que a independência literária levaria ainda muito tempo, embora fosse provável que considerasse que o processo já estivesse em curso. Também denunciava os excessos da escola romântica que via no índio o brasileiro autêntico e os costumes do interior como a verdadeira tradição nacional. É importante percebermos que Machado não tenha proposto nenhuma definição positiva do que poderia ser uma literatura nacional. Para Skidmore, ele não fez referência à cultura popular e nem propôs que os brasileiros investigassem o Brasil por si próprios.

Somente nos primeiros anos da República que se fundou a primeira instituição literária oficial do Brasil, a Academia Brasileira de Letras em 1897. A composição da academia refletia o caráter institucional na *belle époque* brasileira e os membros fundadores eram descendentes do liberalismo imperial tardio. De acordo com Skidmore “eles se viam como uma minoria criativa que sustentava e defendia a cultura num posto avançado da civilização europeia na América do Sul”⁴⁷. Joaquim Nabuco teria proferido um discurso na fundação da Academia no qual afirmava que

A formação da Academia de Letras é a afirmação de que, literária como politicamente, somos uma nação que tem o seu destino, seu caráter, e só pode ser dirigida por si mesma, desenvolvendo sua originalidade com os seus recursos próprios, só querendo, só aspirando à glória que possa vir de seu gênio⁴⁸.

⁴⁷ SKIDMORE, 2012. p. 143.

⁴⁸ Academia Brasileira de Letras, Discursos acadêmicos: 1897-1906 – Rio de Janeiro, 1934. p. 20-1. Apud: SKIDMORE, 2012. p.144.

Percebemos a importância da fundação da Academia para que o Brasil pudesse ter uma “literatura nacional”. Porém, os autores da época ainda chamavam a atenção para o fato de que estávamos muito ligados à França, à sua história, arte e literatura. A maioria dos intelectuais brasileiros tinha nítida consciência do quão imitativa era a cultura nacional. E como já observamos se fazia uma estreita relação entre a cultura e a nacionalidade. Um dos autores de maiores vendas na época, Coelho Neto, se pergunta “O que temos de original” e a resposta à que chegou foi “Nada”. De acordo com o autor “O caráter brasileiro refugiou-se nos sertões. As cidades desnacionalizam-se, a pretexto de se civilizarem. Compramos tudo ao estrangeiro – desde o pão até o couraçado, a roupa e o livro. As nossas próprias opiniões vêm de fora”⁴⁹.

A questão da mistura de raças foi muito discutida pelos intelectuais do início do século XX. Alguns deles, preocupados, citavam Darwin, Spencer e Comte como autoridades para suas interpretações na linha do darwinismo social. Autores que defendiam essa linha também apoiavam a imigração europeia branca, enfatizando que “o estrangeiro inteligente pode construir poderoso elemento étnico para a feição por vir e próxima que assumiremos”⁵⁰. Palavras essas que resumem o ideal de branqueamento.

Euclides da Cunha, por exemplo, pressupunha que a mistura de raças só alcançaria um equilíbrio, a integração étnica, após um número não especificado de gerações. Ele acreditava que o sangue índio era um fator positivo e o africano não, o que o levou a apoiar a mistura do índio e do branco, mas não o mulato. O autor afirma:

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. O indo-europeu, o negro, o brasílio-guarani ou o tapuia, exprimem estágios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço – traço de união entre as raças, breve existência individual, em que se comprimem esforços seculares – é, quase sempre, um desequilibrado [...]. E o mestiço – mulato mameluco ou cafuz – menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a atitude intelectual dos ascendentes superiores⁵¹.

⁴⁹ COELHO NETO, Cenas e perfis. p. 215. Apud: SKIDMORE, 2012. p. 151.

⁵⁰ SKIDMORE, 2012. p. 162.

⁵¹ CUNHA, Euclides da. Rebellion in the Blacklands. p. 84-85. Apud: SKIDMORE, 2012. p. 164.

Percebemos uma hierarquia das raças presente no discurso de Euclides. A população brasileira se formara a partir de três linhas principais: o branco, o índio e o negro. Presumia que cada raça poderia sozinha construir uma sociedade estável, com níveis diferentes de civilização. O perigo nascia quando as raças se misturavam, pois essa mistura trazia instabilidade pessoal e social.

Já Graça Aranha considerava que as raças se civilizavam pela fusão e no encontro das raças adiantadas com as raças selvagens estaria o milagre do rejuvenescimento da civilização. O personagem de sua obra *Chanaan*, chamado Milkau, considerava a miscigenação como processo social positivo que engrandeceria a capacidade física e cultural do Brasil. Ele expressava assim o ideal de branqueamento, se fundamentando no pressuposto de que a raça superior poderia assimilar as inferiores. Dessa forma, ele articulava a contemporização brasileira com a teoria racista científica.

Porém, outro personagem de Aranha, o imigrante Lentz, era pessimista, pois dizia não acreditar que a fusão com espécies incapazes pudesse resultar uma raça sobre a qual possa se desenvolver uma civilização. O negro era uma influência degradante, devido a sua “bestialidade e servilismo inatos”. O progresso só seria possível com a substituição da “raça” dos mulatos pela dos europeus.

De acordo com Skidmore, a ambiguidade do retrato tratado por Graça Aranha era indicador da incerteza sentida na alma por muitos daqueles que refletiam sobre o brasileiro do futuro. O sucesso de seu livro e o de Euclides da Cunha revela a preocupação com o papel do brasileiro em sua terra.

1.5 O CARÁTER NACIONAL E O SEU DESPERTAR

O médico e ensaísta Manuel Bonfim teria sido o pioneiro em rejeitar o quadro nacional determinista. Ele acreditava que o caráter nacional demonstrava o caráter dos ibéricos no início da colonização, meramente predatória, ao contrário da conduta dos ingleses na América do Norte. Ele rejeitava o estereótipo da América Latina que percorria a Europa: países povoados por “alguns milhões de preguiçosos, mestiços degenerados, bulhentos e bárbaros”, que se veem como “senhores de

imensos e ricos territórios, dando-se ao rastaquerismo de considerarem-se nações”⁵².

De acordo com Bonfim, a teoria de raças inferiores não passava de um sofisma do egoísmo humano, mascarado de forma hipócrita de ciência barata, aplicados covardemente à exploração dos fracos pelos fortes. Os argumentos biológicos não se sustentavam, pois não havia nenhuma prova da suposta inferioridade dos mestiços. Sendo, dessa forma, “um corolário racista de extrema importância, já que sua validade era necessária para provar o caráter absoluto das diferenças sociais”⁵³.

A grande inovação de Bonfim teria sido transformar o antirracismo em uma posição nacionalista, anti-imperialista. Os latino-americanos deveriam rejeitar o racismo não só por ser cientificamente falso, mas porque seria um instrumento utilizado pelos estrangeiros para desmoralizá-los. Os latino-americanos internalizavam teorias racistas que afirmariam sua inadequação, desdenhando suas próprias populações como intrinsecamente inferiores, por causa do sangue índio e negro, procurando assim cegamente imigrantes europeus supostamente inferiores. Ele também os criticava por quererem imitar as instituições europeias, principalmente no campo político. Pensavam que, bastaria a transposição das estruturas legais para criar os processos constitucionais que levaram séculos para se desenvolverem na Europa e na América do Norte. Sua retórica tinha o objetivo de despertar os latino-americanos para o perigo da perda do mínimo de nacionalidade que haviam desenvolvido, e para a absorção progressiva da soberania dos Estados Unidos.

Após o início da primeira grande guerra, Miguel Calmon, engenheiro e ex-ministro da Agricultura e Transportes e de Obras Públicas, chegou ao Brasil fazendo um discurso que defendia o despertar dos brasileiros diante dos problemas sociais e econômicos. Calmon teria até recebido um telegrama de uma revista militar chamado *A Defesa Nacional* após uma palestra dada na Bahia.

Logo após, Olavo Bilac também passou a criticar a indiferença do cidadão brasileiro, tendo uma ênfase muito mais militar do que Calmon no seu chamado às armas. Bilac teria lançado em todo o país um ciclo de palestras para promover o novo patriotismo⁵⁴. De acordo com Skidmore, os jovens advogados da época levaram a sério o desafio de Bilac e fundaram, com a ajuda dos militares, a

⁵² BONFIM, Manuel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro, 1903. Apud: Skidmore, 2012. p. 332.

⁵³ Idem.

⁵⁴ COELHO NETO, Falando. Rio de Janeiro, 1919. Pp. 115-128. Apud: SKIDMORE, 2012.

Liga da Defesa Nacional. Dessa forma, o debate sobre a guerra, que se iniciara com a questão da neutralidade brasileira, despertou o nacionalismo de outras figuras literárias.

Em 1915, por exemplo, Afonso Arinos de Mello Franco deu uma palestra sobre “A unidade nacional”. Para ele, o Brasil era um território, mas não uma nação. Já João do Rio via a guerra como uma ocasião para que os brasileiros pensassem sua identidade nacional, pois “certo nenhum outro povo, afastado da ação beligerante, sentiu tanto como o Brasil a guerra”⁵⁵. Quando a guerra começou, o Brasil estava desnacionalizado pela leitura e estrangeirizado pelos costumes alheios. E isso era culpa da educação, no oceano de analfabetismo que vivíamos. O autor teria repetido suas acusações e chamado à ação em artigos e discursos durante todo o período da guerra.

João do Rio, para Skidmore, é um literato raffiné incursionado pelo território virgem do nacionalismo brasileiro. Sua disposição para discutir os problemas mais difíceis teria feito dele um exemplo de formador de opinião em plena atividade. Mesmo recebendo forte apoio do Exército, a Liga conservou seu caráter semioficial. É importante observar que ela era uma organização respeitada, apesar de financiada por cofres públicos. Apesar de se autoproclamar “nacionalista”, ela refletia o status quo político e econômico. De acordo com Skidmore, “representava a tentativa de tirar proveito do despertar nacionalista para seus próprios fins. Desde o início, a Liga entendeu o patriotismo no sentido tacanho e tradicional de dever cívico”⁵⁶.

A decisão final de declarar guerra foi tomada depois de mudança generalizada da opinião pública, principalmente após acusações contra o ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller durante 1917. Então o ministro sofreu acusações em função de sua ancestralidade alemã que o tornava potencialmente desleal, acusado até de “comprometer os interesses do Brasil”⁵⁷. Houve explosões de multidões destruindo lojas no Recife e Porto Alegre, e hostilidades contra descendentes de alemães em todo o país. Então o Brasil declarou guerra, apesar de não ter combatido...

Outra questão que se considerava um entrave à definição da identidade brasileira era da educação. Apesar do interesse maior pela ciência e pela tecnologia que marcou o Segundo Reinado, o Brasil continuava a formar muito mais advogados do que cientistas ou engenheiros. Segundo Skidmore,

⁵⁵ João do Rio, *Adiante!*. Lisboa, 1919. p. 79. Apud: SKIDMORE, 2012. p. 222.

⁵⁶ SKIDMORE, 2012. P. 224.

⁵⁷ Medeiros e Albuquerque. *A Noite*, 10 de março de 1917. Apud: SKIDMORE, 2012.

A descentralização política implantada pela República teria facilitado a posição privilegiada desfrutada pelas profissões liberais, porque os estados, agora com autonomia educativa, simplesmente seguiram o exemplo do Império estabelecendo mais faculdades de direito do que instituições científicas ou escolas técnicas⁵⁸.

Tobias Monteiro, jornalista e historiador, afirmava que “Não haverá transformação possível do caráter nacional se a nação continuar a ser uma nação de doutores e empregados públicos”, continuando assim “pelo mesmo caminho de fatalismo e resignação que a tornou uma nação de dependentes ao lado de colônias estrangeiras, prósperas e dominadoras”⁵⁹.

A partir da nova oratória de movimentação, os brasileiros viram aumentar a preocupação com a identidade nacional conforme questionavam a doutrina racista que tinham herdado. Calmon, por exemplo, não somente incitava a mobilização dos brasileiros, mas também falava especificamente de raça, como ao ver soldados negros das colônias lutando no Exército da França. De acordo com ele, era reconfortante ouvir da boca dos franceses a narrativa dos feitos heroicos dos negros e mestiços. Felizmente, a guerra não teria sido necessária para abolir o preconceito em nosso país, o que era totalmente infundado. Ele estaria somente procurando uma explicação para a origem do sistema multirracial no Brasil.

Para demais intelectuais, como Basílio de Magalhães, somente a educação, tanto sensorial como cívica, faria com que o país fosse valorizado, pois deveria transformar os brasileiros em seres bem orientados. A preocupação cada vez maior com a questão da nacionalidade encontrou um veículo importante em 1916. Em janeiro desse ano foi fundada, em São Paulo, a *Revista do Brasil*, ponto de encontro de escritores que pretendiam reexaminar a identidade nacional conformeseu primeiro editorial:

O que já por trás do título dessa revista e dos nomes que a patrocinam é uma coisa simples e imensa: o desejo, a deliberação, a vontade firme de constituir um núcleo de propaganda nacionalista. Ainda não somos uma nação que se conheça, que se estime, que se baste, ou, com mais acerto, somos uma nação que ainda não teve o ânimo de romper sozinha para frente, numa projeção vigorosa e fulgurante da sua personalidade⁶⁰.

⁵⁸ SKIDMORE, 2012. P. 231.

⁵⁹ Anais da Câmara dos Deputados, 1917, vol. I, pp. 686-7. Apud: SKIDMORE, 2012. P. 232.

⁶⁰ Revista do Brasil, n°1 (1916), pp. 1-5. Apud: SKIDMORE, 2012. P. 237.

Afirmavam também que procuravam não uma forma de hostilidade ao estrangeiro, mas sim reunir em uma só bandeira, “os filhos de uma mesma terra nascidos sob a luz de um céu comum”⁶¹. Após o fim da I Guerra Mundial, os eventuais críticos do nacionalismo afirmavam que ele se tornara obsoleto na era do internacionalismo. Porém, a II Guerra Mundial, foi um lembrete brutal de que o nacionalismo estava longe da obsolescência.

Por ter sido o único país da América Latina a declarar guerra às Potências Centrais, devido o à sua aliança com os Estados Unidos, a elite brasileira começou a entender que deveriam assumir maiores responsabilidades internacionais. Os políticos brasileiros passaram a considerar seu país como o principal integrante do bloco latino-americano. Restava, entretanto, um problema: qual seria a identidade nacional desse aspirante a protagonista internacional?

1.6 O NACIONALISMO E A QUESTÃO ÉTNICA A PARTIR DE 1920

Nas décadas de 1920 e 1930 o Brasil assistiu à consolidação do ideal de branqueamento e sua aceitação pelos formadores de opinião e críticos sociais. Nessa época, alguns cientistas vinham aderindo à tese do culturalismo puro. Enquanto certos escritores brasileiros eram favoráveis à herança africana, Gilberto Freyre inovou com interpretações otimistas do caráter nacional baseadas em interpretação positiva da miscigenação no país. Ao mesmo tempo, o nazismo, no lado oposto do espectro, ressuscitava argumentos étnicos e hereditários para degradar judeus, negros e eslavos. A elite brasileira se colocava entre ambas as posições. E apesar da democracia liberal americana e britânica, o racismo permaneceu nos EUA e nas colônias do Reino Unido.

O primeiro nordestino a se eleger presidente, Epitácio Pessoa, assistiu ao ressurgimento do sentimento nacionalista. Os críticos da década de 1920 sentiam-se livres para formular uma crítica nacionalista direta do sistema político republicano. Eles acreditavam que o Brasil não deveria mais copiar modelos estrangeiros de governo e isso implicava na fé em sua própria capacidade de propor um sistema político viável que refletisse as características singulares de nosso país.

Um novo senso de confiança também se refletia no sentimento brasileiro em relação à identidade literária, com influência no pensamento sobre a

⁶¹ Idem.

questão racial. Esse novo sentimento expressou-se mediante da revolução cultural conhecida - a modernista. De acordo com Skidmore, ironicamente, o movimento começou por iniciativa de jovens poetas para introduzir as últimas modas literárias europeias na cultura brasileira. Na tentativa de aplicar modas artísticas europeias, eles acabaram à procura de uma temática brasileira original à qual aplicar suas renovadas técnicas literárias. Para Skidmore, como no caso da reação política, importava era o sentimento de confiança na capacidade de articular sua própria visão da identidade e do futuro do Brasil.

Gilberto Freyre, por sua vez, deu uma contribuição relevante ao estudo da cultura afro-brasileira se tornou uma das figuras principais na redefinição racial brasileira. Sua obra mais impactante foi *Casa-grande & Senzala*, publicada em 1933. De acordo com Skidmore, essa obra virou de pernas para o ar a velha crença de que várias gerações de miscigenação haviam causado um dano irreparável ao país.

Os leitores de sua obra recebiam a primeira análise acadêmica positiva do caráter nacional brasileiro, a qual afirmava que os brasileiros podiam se orgulhar de sua civilização tropical única e etnicamente misturada. Seus vícios sociais, ao contrário do que se dizia até então, deveriam ser atribuídos, sobretudo ao ambiente monocultor escravista que dominou o país até o final do século XIX. De acordo com Skidmore:

A obra de Gilberto Freyre também contribuiu para chamar a atenção para o valor intrínseco do africano como representante de uma alta civilização criada por seus próprios méritos. Assim, proporcionou aos brasileiros que a desejassem uma explicação racional para a sociedade multirracial em que as “raças” que a constituíam – europeia, africana, indígena – poderiam ser tidas como de igual valor⁶².

Porém, o efeito prático desse trabalho não foi o de promover a igualdade racial. Pelo contrário, reforçou o ideal do branqueamento, pois mostrava que a elite, basicamente branca, ganhava valiosos traços culturais decorrentes do contato íntimo com o africano, e em menor escala com o índio. Mas a década de 1930 mostrou que o pensamento racista e fora recuperado por regimes

⁶² SKIDMORE, 2012.P. 268.

nazifascistasque mostravam aos brasileiros que as ideias racistas estavam mais presentes do que supunhamos intelectuais do país.

Em 1935 um grupo de intelectuais, incluindo Gilberto Freyre, lançou o “Manifesto contra o preconceito racial”, convocando os intelectuais brasileiros a resistir “à ação corrosiva dessas correntes que tendem a dissolver a unidade da família brasileira”⁶³ e afirmandoque o Brasil tivera sucesso no campo das relações sociais:

O Brasil é uma nação formada dos elementos étnicos mais heterogêneos. Aqui se misturam povos de procedências étnicas indígena, europeia e africana, num tal ambiente de liberalismo e ausência de restrições legais à miscigenação que o Brasil se tornou a terra ideal para a vida em comum dos povos das procedências étnicas mais diversas. Esse grande “laboratório de civilização”, como já foi chamada a nossa terra, apresentou a solução mais científica e mais humana para o problema, tão agudo entre outros povos, da mistura de raças e de culturas. [...] Essa filosofia brasileira no tratamento de raças é a melhor arma que podemos oferecer contra a monstruosa filosofia nazista que, em nome da raça, trucidada e saqueia⁶⁴.

A partir de 1930 e durante aproximadamente duas décadas, o descrédito do racismo científico levou à afirmação de que a suposta ausência de discriminação entre os brasileiros fazia deles cidadãos moralmente superiores aos de países mais desenvolvidos onde ainda se praticava repressão sistemática contra minorias raciais. Os Estados Unidos eram o exemplo por excelência; a Alemanha nazista tornou-se outro, os Portugal, Reino Unido e França impunham discriminação racial em suas colônias.

Somente após 1945, os movimentos a independência política da Ásia e da África e a revolução nos direitos civis nos Estados Unidosdemonstraram perda de prestígio da arcaica cultura eurocêntrica, cujas premissas racistas fundamentaram as concepções de branqueamento dos intelectuais brasileiros. Assim, discussões explícitas sobre o futuro étnico como explicação para as perspectivas de desenvolvimento de uma nação já tinham caído em desuso desde 1950.

Onde no passado a raça fora um fator essencial na discussão sobre o futuro nacional, principalmente entre 1870 e 1920, essa questão foi substituída por

⁶³ RAMOS, Artur. Guerra e relações de raça. Rio de Janeiro, 1943. Pp. 171-4. Apud: SKIDMORE, 2012. P. 284.

⁶⁴ RAMOS, Artur. Guerra e relações de raça. Rio de Janeiro, 1943. Pp. 171-4. Apud: SKIDMORE, 2012. P. 284.

explicações que davam ênfase a fatores econômicos, especialmente o determinismo dos marxistas. “Para os que ainda desejavam privilegiar o fator humano, o caráter nacional tornou-se o alvo preferido – uma decorrência natural da preocupação anterior com a raça”⁶⁵. Apesar disso, o método de análise do futuro que enfatizava o caráter nacional também teria caído em desgraça no fim da década de 1950.

As novas conclusões dos intelectuais brasileiros levaram-nos a atacar a “mitologia” que predominava na elite brasileira a respeito das relações raciais em nossa sociedade. Florestan Fernandes, por exemplo, acusava seus compatriotas de “ter o preconceito de ter preconceito” e de se aferrar ao “mito da democracia racial”. Dessa forma, o ataque ao “mito da democracia racial” no Brasil moderno foi acompanhado de um ataque à antiga crença de que as relações raciais mais humanas recorriam de um sistema escravista mais humano.

A partir do início da década de 1950, havia uma tendência a acreditar, por parte dos brasileiros, que não existia nenhum problema relacionado à identidade étnica em nosso país. No censo de 1970, por exemplo, não foram colhidos dados sobre raça. De acordo com Skidmore, “a principal razão que deu para isso foi a notória confiabilidade dos dados coligidos anteriormente, já que a definição de categoria racial (e ainda mais sua aplicação a casos individuais) não era uniforme”⁶⁶.

1.7 COM O BRASILEIRO, NÃO HÁ QUEM POSSA

Entendemos que durante muito tempo o povo brasileiro se preocupou com o caráter nacional, na literatura, na música, na história. No período analisado nesse trabalho, percebemos que, um dos elementos que se tornou um dos maiores definidores da identidade brasileira possuía intrínsecos a si elementos étnicos que nos remetem ao início do século XX. No próximo capítulo analisamos o processo pelo qual o futebol passou ao chegar ao Brasil até se tornar uma característica brasileira; tendo como ápice a realização das Copas do Mundo ganhas pelo Brasil como de 1970 e 1994.

Teixeira da Silva afirma que, o questionamento de uma ideia de identidade nacional, presente em diversas questões das ciências sociais, foi

⁶⁵ SKIDMORE, 2012. P. 294.

⁶⁶ SKIDMORE, 2012. P. 298.

fundamental na estrutura da formação do futebol no Brasil. A consciência de fazer parte de um grupo, raça, nação e até mesmo de uma simples torcida permeou a história do futebol brasileiro. “Podemos dizer que a constituição de um selecionado nacional ou mesmo de um clube de bairro emergia com a projeção de um imaginário de nação, bem como de pertencimento de um grupo específico e muito bem definido”⁶⁷.

Portanto, assim como o futebol pode ser um elemento de definição da nação, ao mesmo tempo, esse sentimento de pertencimento a uma comunidade imaginada é importante para compreendermos a filiação a uma torcida, seja ela o porte que for.

Para Hobsbwan o que fez do esporte um meio único, para inculcar sentimentos nacionalistas foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos podiam se identificar com a nação. Principalmente, simbolizada por jovens que se destacavam no que todos querem, ao menos uma vez na vida, que é ser bom naquilo que faz. Segundo o autor, “a imaginária comunidade de milhões parece real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação”⁶⁸.

Para Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes costuma-se avaliar a sociedade brasileira e suas instituições pelo desempenho da seleção de futebol, principalmente durante a Copa do Mundo. Se a seleção joga bem, há mais otimismo e tende-se a valorizar o potencial do povo brasileiro, sintetizando na imagem do herói os atributos que se convencionou reconhecer como tipicamente nacionais. Se ao contrário, a seleção perde, os valores que antes foram exaltados são interpretados como contendo os germes do insucesso. Por isso que,

O clima que antecede e cerca a realização de uma Copa do Mundo é de grande nacionalismo. Invariavelmente, há uma música-tema que evoca a ideia da unidade nacional, mostrando que a nação se une do Oiapoque ao Chuí, atenta a cada jogada da seleção em frente à tela da televisão. O país para, literalmente estrangeiros, como se a própria soberania nacional estivesse em jogo⁶⁹.

⁶⁷ SILVA, 2006.P. 11.

⁶⁸ HOBBSAWN, Eric. Apud: AGOSTINO, Gilberto. Nós e Ellos, Nosotros y Eles. Brasil X Argentina: os inimigos fraternos. In: SANTOS, Ricardo Pinto dos; SILVA, Francisco Teixeira da. Memória Social dos esportes – futebol e política: a construção de uma identidade nacional. – Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006. P. 55.

⁶⁹ ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. “Com o brasileiro não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. – São Paulo: Editora UNESP, 2004. P. 278.

Essa associação existente entre a seleção brasileira de futebol e a unidade nacional possui raízes antigas e profundas, que remetem a um discurso nacionalista e a ideia de brasilidade. De acordo com a autora, as crônicas de José Lins de Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues sobre o esporte contribuíram em parte para que a associação futebol-brasilidade se firmasse definitivamente.

Essas crônicas ainda são lembradas em inúmeros artigos, livros, programas jornalísticos e filmes sempre que se quer falar da relação entre futebol e identidade nacional brasileira. Isso ocorre porque elas continuam plenas de sentido, porque os problemas que abordam ainda são bastante atuais e também porque não terminaram de dizer aquilo que tinham pra dizer⁷⁰.

Percebemos assim, que, ao tratar de futebol, nacionalismo e identidade brasileira temos de citar esses três grandes cronistas. Começamos falando da década de 1950, quando o nacionalismo se inseria num processo de construção do capitalismo no país. A industrialização havia ganhado força após a Segunda Guerra Mundial, as cidades se modernizavam e José Lins do Rego se preocupava com o nascimento da nação. Para ele, segundo Antunes, a Copa de 1950 seria como uma cerimônia de batismo, em que a nação brasileira seria apresentada à comunidade internacional. “Nação uma, cuja soberania seria como um prolongamento da liberdade individual de cidadania”⁷¹. Por isso se preocupava com a unidade nacional e a superação das divergências regionais entre cariocas e paulistas, divergências essas que iremos abordar no próximo capítulo.

José Lins enfatizava as características do brasileiro, observando suas reações durante uma partida de futebol. Através desse esporte, acreditava ser possível compor um retrato psicológico do povo brasileiro. Inspirou-se no ensaio Retrato do Brasil de Paulo Prado (1928) e nos muitos outros retratos que se produziram sobre o Brasil durante as décadas de 1930 e 1940. Antunes afirma que José Lins encontrava no brasileiro a virilidade sem beirar a violência, acrescida de grande dose de civilidade, expressa nas boas maneiras e espírito esportivo que acreditava o brasileiro possuir -que julgava necessário em uma comunidade moderna, urbana e industrializada que o Brasil almejava ser. A definição de traços comuns aos brasileiros, àquilo que o fazia único de norte a sul do país, seria fundamental na formação de nossa nacionalidade e esta seria um requisito básico

⁷⁰ Idem.

⁷¹ SALIBA, 1991. P. 54. Apud: ANTUNES, 2004. P. 279.

para conquistarmos a tão sonhada civilidade. Porém, essa civilidade implica a existência de uma cidadania madura, baseada em um regime democrático, que para o autor, era racial, de cunho cultural e não político.

Alguns anos apenas após a Copa do Mundo de 1950, o contexto histórico no Brasil já era completamente outro. A prosperidade do pós-guerra gerava um sentimento otimista universal. No Brasil, estávamos passando por um processo de desenvolvimento acelerado, baseado na promessa de realização de “50 anos em 5”, de JK. O Brasil procurava encontrar sua verdadeira identidade para então se posicionar no mundo polarizado.

Nesse cenário, Mário Filho e Nelson Rodrigues enfatizavam a insegurança do brasileiro, que interferia ou dificultava o seu sucesso. Haveria um complexo de inferioridade que Mário chamava de *complexo de ser brasileiro* e Nelson, de *complexo de vira-latas*. Para Mário, o brasileiro seria sinônimo de mestiço e, portanto, inferior. Dessa postura decorriam muitas outras como a tremedeira ou covardia, ou então a humildade e o ufanismo às avessas para Nelson. Seu conceito remetia à ideia de que a inferioridade sentida pelos brasileiros seria relativa a um tipo racial indefinido, em referência às teorias raciais em voga em meados do século anterior. Nos dois casos, eles queriam chamar atenção para a insegurança e a instabilidade emocional do brasileiro.

Antunes afirma que Mário Filho mostrava que o brasileiro adotava posturas ambíguas em épocas e momentos diferentes. Ele não seria completamente covarde, pois já demonstrara valentia nem somente humilde, pois quando tomado por orgulho e vaidade era capaz de tripudiar sobre o adversário. Mário sublinha a fragilidade psicológica do brasileiro, como falta de confiança e sentimento derrotista, comparando-os a momentos do passado em que demonstrou exatamente o oposto, superando todas as previsões pessimistas e a falta de perspectivas. Para ele, o resgate do brasileiro viria quando ele deixasse de dar ouvidos aos prognósticos sombrios, olhasse para o seu passado e adotasse uma postura positiva em relação a seus problemas. O resultado desse processo seria o nascimento do povo e de uma nação amadurecidos.

Já Nelson Rodrigues saiu em busca das raízes da excessiva humildade que acreditava existir no brasileiro, e concluiu que ele vivia um dilema permanente e insolúvel: o brasileiro reconhecia sua origem multirracial, mas oscilava entre a sua valorização positiva, o *moleque-genial*, ou a negativa, o *vira-latas*

subdesenvolvido. Nelson viu em Garrincha o jogador ideal brasileiro: mestiço, ágil e feio. O que era depreciativo no passado, Nelson tornara motivo de orgulho e de elevado amor próprio. Após o bicampeonato então, o brasileiro, que sempre se considerara feio, teria assumido sua feiura, sua miséria e mulatisee nesses atributos reconhecia valores únicos.

Contra a tese da tristeza brasileira de Paulo Prado, os cronistas retratavam um brasileiro alegre. Antunes afirma que provavelmente a vibração e alegria contagiantes e frequentes nos estádios de futebol tenha-os ajudado a chegar a essa formulação. As crônicas de futebol, além de conter reflexões sobre a identidade nacional, eram portadoras de projeto para a nação brasileira que se imaginava grande e vitoriosa. Vitorioso e imbatível no futebol, o brasileiro também se definia por meio dele. Porém, os autores esqueceram que, tais associações eram resultado de um longo processo de construção, “pelo qual eram naturalizadas as características culturais empregadas na formulação da imagem ideal do brasileiro e da nação”⁷².

José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues contribuíram na difusão de ideologias sobre o caráter e a identidade brasileiras, originalmente elaboradas por um grupo de ensaístas. As influências das obras de Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Paulo Prado são muito fortes nos escritos desses cronistas. Eles mesmos se colocavam na posição de especuladores sobre o caráter nacional. Mas, para Antunes, ao escrever em veículos de comunicação de grande circulação e sobre futebol, retraduziam divulgando ideias e conceitos sobre a identidade nacional que o grande público não teria acesso de outra forma.

O desejo e o projeto dos cronistas foram confirmados pela conquista da Copa de 1958. Entre o final dos anos 60 e o começo dos anos 70, nova onda de ufanismo era vendida pelos governos civil-militares que queriam passar à população a ideia de que o milagre econômico seria a redenção nacional. As conquistas do futebol brasileiro, de 1958 e 1962, geradas num período de democracia populista, renderam créditos ao regime civil-militar e foram aplicadas a uma determinada visão de identidade nacional.

Porém, independente do regime político, o futebol era reconhecido como um paradigma da identidade nacional. A conquista do tricampeonato mundial, nesse contexto, viria selar a emergência do Homem Brasileiro que não seria páreo

⁷² ANTUNES, 2004. P. 284.

para ninguém. Com ela, os ideais de brasilidade partilhados por Nelson, Lins do Rego e Mário Filho eram coroados e, de acordo com Antunes, fizeram brilhar os olhos dos militares que estavam no comando do país.

Afinal, eles tentavam, de qualquer maneira, consolidar a imagem da unidade nacional e de um país pujante e promissor, que caminhava rumo ao futuro com rapidez e pressa, escondendo debaixo do tapete questões como a liberdade de expressão e a prática da tortura. Toda a humildade e insegurança, apontadas anteriormente, transformaram-se com a trajetória de sucessos do futebol brasileiro em motivo de orgulho de vaidade, sentimentos esses que nem mesmo 24 anos sem conquistas outra Copa conseguiu apagar. Porém, vamos entender melhor esses acontecimentos no próximo capítulo.

2 CAPÍTULO 2

ESPORTE DA ELITE BRITÂNICA, FUTEBOL DO POVO BRASILEIRO

*“O brasileiro arredondou e adoçou o jogo inventado pelos ingleses”
Gilberto Freyre*

No princípio, era a bola. Desde a mais remota antiguidade, os mais diferentes povos já corriam atrás dela: chineses, japoneses, egípcios, gregos, romanos, italianos, normandos, bretões, astecas, guaranis e sabe-se lá quantos outros. Todos eles, ainda que cada qual a sua maneira, fizeram-na peça de rituais, de confrontos ou, simplesmente, de diversão. Depois, muito, muito depois, veio o futebol⁷³.

2.1 FUTEBOL: CONSIDERAÇÕES E HISTÓRICO

De acordo com Roberto DaMatta, muitas vezes o futebol é considerado um divertimento cuja função seria a de desviar a sociedade de suas tarefas mais nobres e urgentes. A elite, intelectuaise ao menos um *brazilianist*, já decretaram que o futebol é o ópio do povo brasileiro, espécie de suor azedo de um sistema social sem salvação.

Porém o autor afirma que nesse esporte, também existe “arte, dignidade, genialidade, sorte e azar, deuses e demônios, liberdade e predestinação, bandeiras, hinos e lágrimas”⁷⁴. Acima de tudo que, embora o Brasil seja ruim em “um montão de coisas”, é muito bom de bola. Somos campeões de futebol e isso já é o suficiente, afinal é melhor ser campeão de samba, carnaval e futebol, do que de guerras e vendas de armas e foguetes. Para DaMatta, se o discurso “sério” diz que sofremos de analfabetismo, má distribuição de renda e inflação, o futebol anuncia um contraste. É por ser um “prazer vazio” que o futebol permite o resgate da sociedade.

Mario Vargas Llosa afirma que um livro e uma peça de teatro transcenderiam essa emoção instantânea promovida pelo futebol e DaMatta é contra essa concepção, pois entende que nada seria mais preenchido que uma atividade humana vazia. Todas as atividades humanas, inclusive o futebol, não

⁷³ FRANZINI, Fábio. A futura paixão nacional: chega o futebol. Apud: MELO, Victor Andrade de Melo; PIORE, Mary Del (orgs.). História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais. – São Paulo: Editora UNESP, 2009. P. 108.

⁷⁴ DAMATTA, Roberto. Explorações: ensaios de sociologia interpretativa. 2 ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2011. P. 88.

teriam uma essência que seria cheia ou vazia de consequências, mas dependeria da relação que estabelece com seus receptores num dado momento e numa dada sociedade.

Dessa forma, o primeiro milagre do futebol é que seja aquilo que desejamosque ele seja. No Brasil e nos países subdesenvolvidos, o futebol é um registro vivo das potencialidades da sociedade. O futebol, para DaMatta, é também uma área onde se pode ter a experiência da igualdade e do respeito às leis, o que não existe no mundo real e se coloca contra a ideia de futebol como “ópio do povo”.

Porque se continuamos a insistir que futebol é um instrumento de mistificação das massas ignaras que deveriam estar indo ao teatro, lendo romances ou discutindo política, estaremos apenas repetindo uma fórmula elitista e deixando de lado a possibilidade de estudar as implicações do futebol na sociedade brasileira⁷⁵.

Por isso que, se decidimos saber o que faz do futebol ser importante, tudo pode mudar. Se, tradicionalmente livros, teatro e aulas foram os instrumentos básicos de reflexão crítica, nada impede que a eles se junte o esporte britânico, que não tem nenhuma virtude em si mesmo, mas tem o potencial de ser um espelho nobre ou mesquinho do sistema social. Para DaMatta, se podemos falar do futebol como ópio, “temos que dele falar como um instrumento de resgate da cidadania e de uma confiança em nós mesmos que nenhuma outra instituição chegou a dar ao país na mesma proporção”⁷⁶. Em nosso país, nem a Igreja, nem o Estado, nem as ciências sociais, nem a literatura, nem a Universidade, nem o sistema financeiro, nem a burguesia promoveram a confiança requerida na construção de uma identidade nacional realmente aberta. Assim, foi o futebolque permitiu uma visão mais positiva e generosa de nós mesmos, num plano nacional e popular.

O segundo milagre do futebol seria então, esse resgate de nossa própria alma por meio de uma atividade que nos traz confiança e permite que entremos no saboroso universo da vitória. E isso é extremamente importante para o povo brasileiro que sofre diariamente, estando muitas vezes sem esperanças de melhora. Mediante essa experiência futebolística que conseguimos tirar a pesada capa de uma confusão trágica fortemente presente entre nós: a de pensar que criticar é também destruir e liquidar com qualquer assunto.

⁷⁵ DAMATTA, 2011. P. 89.

⁷⁶ Idem. P. 90.

No Brasil, o poder é marcado pela linguagem jurídica pomposa e ininteligível para a massa, os símbolos nacionais são propriedade exclusiva do Estado, raramente transferidos para o povo, tudo está separado e dividido entre a casa, onde se têm direitos, e a rua, onde só se tem deveres. Assim, o futebol permitiria juntar tudo isso, demonstrando que é possível rimar de verdade cidadania com alegria.

De acordo com o autor, o milagre promovido pelo futebol é algo que tem uma relação profunda com três fatores básicos. O primeiro, é que há uma interação fundamental entre jogo, jogadores e espectadores, que chamamos de torcida. Dessa forma, o público sabe ser atento e sabe que, no universo do futebol, a sua participação pode ser decisiva para o desenrolar de uma partida.

Assim há uma profunda integração entre os jogadores, o público e também as regras universais que fazem com que o futebol promova espetáculos importantes de justiça social. Pois, “se a União Soviética tem poderio militar, nós temos o Éder; e se a Inglaterra tem o porta-aviões Hércules, nós temos o Zico”⁷⁷. Nenhum dos dois países pode mudar as regras do jogo utilizando seu poderio político-militar. Então, quando uma atividade realiza esse milagre, podemos viver a democracia no seu sentido mais profundo.

Veja também evidencia esse caráter ao afirmar que “um povo ainda jovem, de glórias esporádicas”, que é o Brasil, “se exaltaria ao ficar claro que é uma potência mundialmente, respeitada pelo menos em uma atividade”⁷⁸. Isso explicaria as bandeiras ondulantes enroladas no corpo, o verde-amarelo que surge dentro dos carros, nas mãos das pessoas, nas janelas e nas sacadas.

A possibilidade de viver num mundo civilizadamente governado por regras que todos respeitam (caso contrário são devidamente punidos) e que são soberanas seria a grande experiência do futebol. Da Matta afirma que

O futebol me mostra que a derrota e a vitória são estados passageiros e não fatos substantivos. Posso também perceber nesta troca de símbolos um gesto básico de conforto pela igualdade de todos perante suas camisas e regras do jogo⁷⁹.

⁷⁷ DAMATTA, 2004. P. 91.

⁷⁸ Revista *Veja*. O drama nas ruas. 17 de junho de 1970. Edição 93. P. 54.

⁷⁹ DAMATTA, 2004. P. 93.

De acordo com Fábio Franzini, no decorrer do século XIX os ingleses começaram a normatizar sua velha prática das disputas por um objeto redondo, disputas cujas raízes remontavam ao medievo e, àquela altura, eram muito difundidas em escolas e universidades. Foi nesse século que começaram a transformar o que era jogo em esporte, submetido a regras universais e bem definidas, além de contar uma estrutura organizacional responsável pelo seu cumprimento e por administrar as competições entre as equipes.

Dois esportes distintos nasceram nessa época: o rúgbi com o estabelecimento de suas regras e em 1871 a criação da *Rugby Football Association*; e em 1963 com o *Association Football* que, após acordo entre doze clubes, passaram a se submeter a regras comuns e a uma entidade maior, a *Football Association (FA)*.

Ambos os esportes crescessem em popularidade entre os britânicos. No caso do rúgbi, entre as camadas sociais superiores, e no do futebol entre o meio operário que muitas vezes contava com a participação decisiva da religião, como percebemos nos times surgidos na segunda metade dos Oitocentos, como de fábrica – no caso do Arsenal – ou de igrejas – como o Aston Villa. Ao tratardos motivos que levaram o futebol a se popularizar tão rapidamente, Nicolau Shevchenko afirma

por ser um esporte de equipe, por não requerer de seus jogadores nenhum atributo físico especial, por poder ser jogado em qualquer condição, por admitir o acaso e o imponderável, por ser, enfim, bastante acessível, compreensível e emocionante, 'o futebol se presta maravilhosamente para consolidar vínculos de identidades plenos de carga afetiva'⁸⁰.

Hobsbawn também comentou sobre o acontecimento, dizendo que o *association* subverteu sua origem, que assim como o rúgbi refinado, para transformar-se na religião da classe operária⁸¹. E da Inglaterra, essa “religião leiga”, nas palavras de Franzini, ganharia o mundo ao acompanhar a difusão global de outro credo nativo, o capitalismo.

O escritor uruguaio Eduardo Galeano chegou a afirmar que o futebol teria se transformado em “um produto de exportação tão tipicamente britânico como os tecidos de Manchester, as estradas de ferro, os empréstimos do banco *Barings*

⁸⁰ SEVCENKO, 1994, p. 35-36. Apud: FRANZINI, 2009. P. 109.

⁸¹ HOBBSAWN, 1987. P. 262. Apud: FRANZINI, 2009. P. 109.

ou da doutrina do livre comércio”⁸². Por trem ou navio, a bola transpassava fronteiras e o Brasil, evidentemente, não escapou desse movimento. Niall Ferguson também segue a mesma análise, afirmando que a exportação de um modo de viver o tempo livre fazia parte de uma estratégia de hegemonia mundial da Grã-Bretanha no século XIX e início do século XX. Dessa forma, em suas origens, o futebol fez parte da era da supremacia britânica⁸³.

Os primeiros chutes vistos por aqui teriam sido dados pelos pés dos marinheiros britânicos, frequentadores habituais da costa do país, do Pará ao Rio Grande do Sul. Nos anos de 1880, no Colégio São Luís em Itu, professores e alunos congregavam-se em torno da bola e no final da década, passaram a praticar efetivamente o futebol. Esse contato dentro da escola fez com que muitos estudantes, depois de formados, procurassem criar condições para continuar a jogá-lo. O paulista Charles William Miller foi um deles em 1894; o carioca Oscar Cox um em 1897; em Salvador em 1901 com Zuza Ferreira; em 1903 com Guilherme Aquino Fonseca no Recife, dentre entre outros.

No ano de 1895, Charles Miller promovera o primeiro jogo entre funcionários da Companhia de Gás e funcionários da São Paulo Railway, sendo que já existiam cinco clubes intensamente dedicados à sua prática: São Paulo Athletic, Associação Athletica Mackenzie College, Sport Club Germania, Sport Club Internacional e Club Athletico Paulista. Somente o primeiro destes existia antes de 1890, pois fora criado em 1888 por ingleses que desejavam um espaço para eventos sociais e para a prática de esportes, especialmente o críquete; os demais surgiram na segunda metade da década voltamos primordialmente ao futebol. Em 1901, nasceria a primeira Liga de clubes do país, que no ano seguinte começaria a promover o Campeonato Paulista de *Football*.

Ainda em 1901, outro acontecimento esportivo uniria o eixo político-econômico do Brasil. São Paulo e Rio de Janeiro se enfrentaram durante dois dias no campo do Velódromo, o principal estádio da cidade, com jogos que terminaram em empate. Esses encontros no Velódromo serviriam para fortalecer o futebol em São Paulo e para dar-lhe nova dinâmica no Rio, onde começaram a despontar, a partir de então, clubes dedicados especificamente ao esporte. De acordo com Franzini,

⁸² GALEANO, 1995. P. 31. Apud: FRANZINI, 2009. P. 111.

⁸³ FERGURSON, N. Empire. Londres: Basic Books, 2002. Apud: SILVA, 2006.

Ao cair nas graças da juventude carioca bem-nascida, o futebol ganhou legitimidade social e, a partir daí, pouco a pouco começou a suplantando o prestígio dos esportes mais difundidos na cidade como o turfe, o ciclismo e o remo. Esse processo culminaria, anos mais tarde, na sua hegemonia dentro dos próprios clubes originalmente dedicados às regatas, como o Clube de Regatas do Flamengo e o Clube de Regatas Vasco da Gama. Antes que isso acontecesse, porém, deu-se que a bola caiu nos pés de outras camadas sociais, que não gozavam do privilégio de fazer parte de um seleto *club* ou estudar em colégios não menos exclusivos, como o Alfredo Gomes ou o Abílio, onde o futebol passara a fazer parte da formação dos corpos e mentes dos alunos, com vistas à promoção daquele mesmo “desenvolvimento físico da raça” saudado na ocasião do primeiro jogo entre paulistas e cariocas⁸⁴.

Esses torcedores, que estavam tão encantados pelo jogo quanto aqueles que possuíam “colarinhos, gravatas de posses”, logo começaram a formar suas próprias equipes e a fundar seus próprios clubes, em um “movimento que faria com que, ao fim de 1906, já houvessem sido fundados na cidade mais de trinta clubes”⁸⁵. O futebol caía nas graças da população do Rio de Janeiro e o mesmo ocorria em São Paulo. Com esses clubes, nasceria também a várzea, sinônimo do futebol humilde. Os terrenos baldios da capital passaram a acolher os numerosos novos clubes que despontavam por todos os cantos, conferindo impulso à difusão do association entre os paulistanos.

Essa expansão para além das fronteiras geográficas e sociais que separavam a elite do povo nas duas principais cidades brasileiras devia incomodar bastante aqueles que se julgavam os donos da bola. Numa sociedade muito marcada pelo pensamento escravocrata, a entrada em campo de pobres, negros e trabalhadores braçais significava a vulgarização dos nobres ideais que o esporte trazia e que deveriam ser preservados. Criaram, então, ligas que reuniam os principais times da cidade, mas que impediam o acesso de jogadores e equipes aos campeonatos disputados pelos quadros da elite.

Apesar disso, em meados da década de 1910, o futebol, institucionalizado ou não, fazia-se presente no país. Faltava-lhe, entretanto, um ponto de convergência, algo que unisse as diversas regiões e lhe conferisse um significado efetivamente nacional. Foi então que em 1915, se deu o primeiro

⁸⁴ FRANZINI, 2009. P. 119.

⁸⁵ PEREIRA, 2000, p. 57. Apud: FRANZINI, 2009. P. 119.

movimento nesse sentido com a fundação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), com o propósito de

congregar os interesses das diversas ligas e federações esportivas estaduais e, assim, representar oficialmente o Brasil junto à Federação Internacional de Football Association, a FIFA, entidade máxima do futebol mundial, fundada em 1904. Mas foi somente no final da década, em 1919, que se produziria o grande amálgama entre o sentimento nacional e a bola, graças ao terceiro Campeonato Sul-Americano de Futebol realizado no Rio de Janeiro ⁸⁶.

O desempenho nos dois campeonatos anteriores havia sido muito ruim, mas a terceira edição estava sendo realizada no Brasil e nossa equipe realizava uma campanha excepcional, sendo a campeã daquele ano. Com o título, o futebol, que tinha pouco mais de duas décadas, lançou raízes entre nós, unindo o povo e proporcionando uma vívida manifestação popular nas ruas de orgulho patriótico. Na expressão de Shevchenko, era a “descoberta de uma vocação” ⁸⁷. O jornalista Americo R. Netto retomaria essa ideia para anunciar o surgimento de uma “escola brasileira de futebol”, cuja originalidade se basearia no talento individual de nossos atletas.

Deste modo, aos brasileiros cabem a honra e a glória de terem criado para seu uso próprio um sistema novo de jogar o “Association”, e pelo qual já conquistamos o título de campeões sul-americanos e podemos, sem vaidade, pretender o de campeões mundiais ⁸⁸.

O campeonato mundial referido pelo jornalista seria o torneio de futebol das Olimpíadas, o maior e mais importante da época. O inédito título continental, de acordo com Franzini, transformara as chuteiras em “expoentes de um traço nativo, a habilidade individual, que distinguiria e colocaria o Brasil em posição de superioridade diante de outras nações, ao menos dentro das quatro linhas” ⁸⁹. Demarcava assim, novo referencial para a identidade nacional, fazendo com que a comunidade imaginária, de acordo com Hobsbawn pareça “mais real na forma de um

⁸⁶ Idem. P. 125-126.

⁸⁷ SEVCENKO, 1992. p. 63. Apud: FRANZINI, 2009. P. 129.

⁸⁸ NETTO, 1919. P. 8. Apud: FRANZINI, 2009. P. 129.

⁸⁹ FRANZINI, 2009. P. 130.

time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação”⁹⁰.

2.2 FUTEBOL ABRASILEIRADO

Ao estudarmos a história do futebol brasileiro podemos perceber duas coisas: a primeira é que ao acompanharmos o desenvolvimento desse esporte no Brasil, podemos também acompanhar a história de nosso próprio país. De acordo com Marcos Guterman: “o futebol [...] não é um mundo à parte, não é uma espécie de ‘Brasil paralelo’. É uma construção história, gerada como parte indissociável dos desdobramentos da vida política e econômica do Brasil. O futebol, se lido corretamente, consegue explicar o Brasil”⁹¹.

A segunda constatação é de como o futebol está ligado ao nacionalismo o que justificaremos nesse capítulo. Mas precisamos primeiro entender a historiografia brasileira sobre o futebol e o seu papel na sociedade. De acordo com José Carlos Sebe Bom Meihy e José Sebastião Witter, “O futebol como veículo da permanência de valores sociais é a mais importante e contínua manifestação de massas no Brasil”⁹².

Para a antropóloga Simoni Lahud Guedes, no país, o futebol tem cumprido um papel preponderante, produzindo experiências emocionais coletivas que, inclusive, propiciam a convivência numa comunidade dos brasileiros. Os valores da torcida são colocados em busca da vitória: apenas o triunfo interessa e a festa se faz sobre o fracasso do adversário. O tudo ou o nada são os elementos extremados da paixão e, tão prazeroso e efêmero quanto qualquer paixão humana, o instante do triunfo pelo futebol exige reafirmações constantes, expressas por constantes campeonatos.

No futebol, todos os jogadores seriam iguais dentro de campo, por isso, a seleção nacional viria para acabar com as diferenças sociais, regionais e étnicas; como ao colocar pessoas completamente diferentes para jogarem em nível igualitário. O Brasil, tido como um país “pacífico” e “livre de preconceitos” tem grandes diferenças sociais e seu povo, sofrido, identificou-se com esse tipo de

⁹⁰ HOBBSAWN, 1990. p. 171. Apud: FRANZINI, 2009. P. 130.

⁹¹ GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil. Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo, SP: Ed. Contexto. P.9.

⁹² MEIHY, José Carlos Sebe e WITTER, José Sebastião. Futebol e Cultura: Coletânea de Estudos. São Paulo: Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982. P. 12.

esporte. Governos ditatoriais, por sua vez, que empregaram o futebol para fins políticos que julgavam essa prática esportiva o “ópio” do povo, da massa que desejavam calar.

Segundo Teixeira da Silva, desde cedo, os brasileiros aprendem que o futebol, a caipirinha, o samba, o carnaval e as mulheres sensuais são dons exclusivamente nacionais. E existem argumentos que sustentam o fato do Brasil ser considerado o país do futebol. De acordo com o autor, desde Mário Filho, a chamada “jinga” do brasileiro, herança africana, surge como explicação sociológica e mítica. Nela estaria a alma do “futebol-arte”. Em comparação com outras seleções, como a Alemã, também vitoriosa nos campeonatos mundiais, destacam-se a disciplina, o preparo físico e a capacidade tática de desenvolver atividades em grupo de cooperação. É o chamado “futebol-força”. “Mais do que alternativas, mais do que estratégias em busca da vitória, seriam expressões da própria condição nacional de cada povo, da história de cada sociedade”⁹³.

Dessa forma, a nossa identidade nacional é a do futebol brasileiro, pois é uma narrativa que louva o encontro e a mistura de povos e “raças”, segundo Marco Antônio Santoro e Antônio Jorge Gonçalves Soares. Nesse diálogo de identificações, o povo é representado e se representa como miscigenado, criativo, imprevisível e possuidor de uma genuína ginga de corpo, presente em manifestações populares como o samba, a capoeira e o futebol⁹⁴. Essa ginga é explicada como fruto de lutas e resistências dos negros na sociedade escravocrata. A miscigenação racial e cultural teria possibilitado a rica diversidade de experiências que se refletem em manifestações populares no Brasil, nas quais habilidades corporais são fundamentais. Essa teoria se baseia nas ideias de Gilberto Freyre, que comentou a relação entre o brasileiro e o futebol:

⁹³ SILVA, 2006. P. 15.

⁹⁴ SALVADOR, Marco Antônio Santoro e SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. A memória da copa de 1970: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional. – Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual [...]. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogador de futebol, que arredonda e, às vezes, adoça o jogo inventado pelos ingleses e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parecia exprimir de modo interessantíssimo para os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que até hoje, em tudo, é a afirmação verdadeira do Brasil⁹⁵.

Dessa forma, para Freyre temos características que afirma serem brasileiras, como a interação de etnias diferentes e malandragem no futebol; como se a forma que o brasileiro joga, refletisse a sua essência. A ideia de que o Brasil seria um povo cordial, originado da mistura pacífica entre três diferentes “raças”: o branco, o índio e o negro, estão presentes em Freyre e, talvez, no imaginário da população brasileira formada a partir dessa ideia encontrada até em estudos de brasilianistas como Burns:

O caráter nacional brasileiro é mais difícil de definir. Gilberto Freyre enfatizou, em seu trabalho clássico “Os senhores e os escravos” que combinação de três raças, Europeia, Africana e Indígena, resultou na formação de uma civilização única⁹⁶.

Burns cita o psicólogo americano John F. Santos que teria descrito o “*Brazilian way of life*” com: relações familiares próximas, respeito pelas liberdades individuais e uma grande tolerância às pessoas e suas ideias. No plano popular, uma fanática devoção ao futebol e ao carnaval, em nível bem maior do que na América hispânica. Ele ainda cita Sérgio Buarque de Holanda, para quem a maior contribuição brasileira para o mundo teria sido o “homem cordial”.

É claro que essas ideias devem ser analisadas à luz de sua época, mas atualmente não dá para sermos ingênuos e concordar com essa definição. Uma sociedade escravista até o final do século XIX pouco respeita liberdades individuais e muito menos tolera ideias diversas e pessoas diferentes. O interessante é notar

⁹⁵ FREYRE, Gilberto. Apud: AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002. P.139.

⁹⁶ Traduzido pela autora. Original: The Brazilian national character is more difficult to define. Gilberto Freyre has emphasized, in his classes study *The Masters and the Slaves* that the combination of three races, European, African and Indian, resulted in the formation of a unique civilization. BURNS, 1968. P. 06.

como esse tipo de mentalidade está presente em nossa própria definição nacional e também no futebol.

Veja, em 1994 aponta os motivos pelos quais o futebol teria se popularizado tão rápida e intensamente no Brasil, pois, além de ser um esporte simples, dispensava tanto equipamentos complexos como porte físico específico para ser praticado. Enquanto nos demais esportes, como basquete e vôlei, é preciso ser alto, no futebol pode-se ser pequeno e franzino. E por isso o brasileiro se beneficiaria, pois todos, não importando seu porte físico, poderiam participar. O futebol também seria aberto a todas as classes sociais. Não seria, por exemplo, como o automobilismo, pois “entre o farto elenco de pilotos já produzido pelo Brasil, não haja nenhum de pele escura”. O exato oposto com o futebol, a maioria dos grandes jogadores eram pobres e o melhor da história é negro.

Celso Branco chama atenção para o fato de que, a forma “abrasileirada” de jogar futebol mantém fortes ligações com outros usos sociais do corpo definidores dos brasileiros, como a dança, especialmente o samba e dos rituais afro-brasileiros, compondo um vasto conjunto e característico do futebol. Inclusive Gilberto Freyre afirma que “o jogo brasileiro de ‘football’ é como se fosse dança”⁹⁷. De acordo com Branco, a concepção de futebol como dança está na literatura esportiva, com preocupação para o “ritmo” da partida e para a ginga do jogador. Dessa forma, “a dança, a música, o carnaval, ‘três coisas que o brasileiro sabe fazer’, se entrelaçam com a quarta, o futebol, para fundamentar o discurso do futebol ‘alegre’ do brasileiro”⁹⁸.

Heloisa Helena Baldy dos Reis e Thiago de Aragão Escher ressaltam o interesse dos brasileiros pelo futebol, crescente desde a década de 1910 e foi muito incentivado com o advento do rádio a partir de 1930. Mas, principalmente, com as transmissões televisivas, mesmo em preto-e-branco, em 1950, e se popularizou com a transmissão ao vivo dos jogos a partir de 1970. Esse fenômeno foi intenso durante a Copa desse ano, muito importante e não só para o futebol, mas para a sociedade brasileira. Para entendermos o impacto desse acontecimento, precisamos primeiramente compreender o lugar que o futebol ocupa na vida dos cidadãos brasileiros.

⁹⁷ FREYRE, Gilberto. *Novo mundo nos trópicos*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional e USP, 1ª edição em língua portuguesa, 1971, p. 97. Apud: BRANCO, Celso. *Os papéis sociais do futebol: brasileiro revelados pela música popular*. In: SILVA, 2006. P. 190.

⁹⁸ BRANCO, Celso. *Os papéis sociais do futebol: brasileiro revelado pela música popular*. In: SILVA, 2006. P. 190.

O futebol pode ser considerado o maior fenômeno social do Brasil, representa a identidade nacional e dá sentido aos desejos da maioria dos brasileiros de se potencializar -seja melhorar de vida ou de simplesmente se sentir melhor diante dos problemas cotidianos. De acordo com Guterman, essa relação é muito forte, está presente na própria natureza do país.

Apesar de ser o esporte dominante em muitos países, apenas o Brasil carrega a distinção de ser o “País do Futebol” e conta com o rei Pelé, reconhecido internacionalmente. Salvador e Soares afirmam que temos de reconhecer que, na verdade, a definição “quem não gosta de samba, brasileiro não é” teria maior abrangência e seria mais verdadeira se substituirmos “samba” por “futebol”. Afinal, cantores como Roberto Carlos e duplas caipiras e/ou sertanejas vendem muito mais que os sambistas de renome, ou seja, o samba já não é maiso preferido. Enquanto as preferências musicais se tornaram diversificadas, a preferência esportiva é uma só.

Podemos afirmar “não sei se gosto mais de Elis ou Gal”, mas “dizer ‘eu não sei se torcer por Flamengo ou Vasco’, certamente nos colocará fora do jogo da normalidade que ordena torcer desde criança por um time e, não esqueçamos sempre o mesmo; e, todos juntos pelo englobador time ‘canarinho’⁹⁹”. Para Salvador e Soares, em nosso país, o futebol país funciona como instituição que reforça os elos de pertencimento, afirmando virtudes e valores masculinos expressos no corpo dos jogadores, quando jogado por homens, é claro. Diante da vitória, as virtudes masculinas ou da raça são enaltecidas, enquanto que na derrota, a falta de fibra ou raça são acionadas como justificativas. Assim,

O futebol é visto dessa forma pelas lentes nacionais e lido como um fenômeno cultural popular que representa um Brasil imenso, generoso e tropical, fruto da miscigenação pacífica das diferentes etnias, produzindo um povo criativo, genial e artístico [...]. Se a Copa de 1970 lembra as virtudes desse povo, a derrota de 1950 lembra as fraquezas ¹⁰⁰.

Dessa forma, Guterman afirma que “Ter o ‘melhor futebol do mundo’ virou uma obsessão brasileira, perseguida como um projeto de afirmação nacional” ¹⁰¹. Isto demonstra que o futebol também passou a ser campo de disputas

⁹⁹ SALVADOR e SOARES, 2009. P. X.

¹⁰⁰ SALVADOR e SOARES, 2009. P. 14.

¹⁰¹ GUTERMAN, 2009. P. 10.

hegemônicas entre países diferentes; por isso a derrota na Copa de 1950 doeu tanto no imaginário popular. A realização no Brasil teria sido a oportunidade para que isso acontecesse, mas foi a Copa de 1970 que assumiu essa tarefa, principalmente quando a Ditadura Civil-Militar promoveu a vitória brasileira como viável ao povo brasileiro.

Como já afirmado, Lima Sobrinho defende que uma pessoa nacionalista é anti alguma coisa, tendo como manifestações a oposição de “nós” contra outra nacionalidade. Isso ocorre com o futebol quando consideramos a seleção como representante de um nação em “guerra” contra outra, relacionando futebol a nacionalismo. Podemos perceber essa associação Monteiro Lobato em 1921 no jornal “O 22 da ‘Marajó’”:

Não é mais esporte, é guerra. Não se batem duas equipes, mas dois povos, duas nações, duas raças inimigas. Durante todo o tempo da luta, da quarentena a cinquenta mil pessoas deliram em transe, extáticas, na ponta dos pés, coração aos pulos e nervos tensos como cordas de viola. Conforme corre o jogo, há pausas de silêncio absoluto na multidão suspensa, ou deflagrações violentíssimas de entusiasmo, que só a palavra delírio classifica. E gente pacífica, bondosa, incapaz de sentimentos exaltados, sai fora de si, torna-se capaz de cometer os mais horrorosos desatinos. A luta de vinte e duas feras no campo transforma em feras os cinquenta mil espectadores, possibilitando um enfraquecimento mútuo, num conflito horrendo, caso um incidente qualquer funda em corisco as eletricidades psíquicas acumuladas a cada indivíduo¹⁰².

Assim o futebol anda junto com nacionalismo, mas não o contrário, é claro. Quando isso ocorre, os sentimentos patrióticos são exaltados. Essa eletricidade relatada por Lobato traduz o momento em que o futebol começa a ser aceito e interiorizado pela população brasileira, o início do século XX. Assim, o esporte de massa se tornou a referência do conflito controlado diante da confusão de referenciais da modernidade.

É no campo de jogo que os indivíduos descarregam suas tensões sem que isso implique crime ou violência real. Esse teria sido um dos motivos que fizeram com que o futebol, no Brasil, conseguisse rapidamente “aclimatar-se, como o café”, segundo Lobato, e transformar-se em um dos símbolos da modernidade brasileira. De acordo com Guterman, “O potencial social e político do futebol é,

¹⁰² Idem. P. 60.

dessa maneira, inegável. O próprio Lobato atribuiu ao futebol ‘a honra de despertar o nosso povo do marasmo de nervos em que vivia’¹⁰³.

2.3 O FUTEBOL NA NOSSA HISTÓRIA

Introduzido no Brasil nos primeiros anos da República, o futebol fez parte do movimento modernizador, pois, de acordo com Ricardo Pinto dos Santos, “o futebol teve a capacidade de mobilizar múltiplas dimensões simbólicas e reais que, ao fim e ao cabo, transformaram o cenário esportivo e, de alguma forma, a própria sociedade”¹⁰⁴. Para o autor o futebol foi o grande diferencial do período e serve como ótimolaboratório para compreendermos melhor a virada d século XIX para o XX. Há de se lembrar da influência britânica nos primórdios do futebol brasileiro, comocom na trajetória do time fundado por trabalhadores ingleses, como o Bangu, ou do Corinthians, fundado em 1910, pouco depois que o clube inglês homônimo visitouSão Paulo.

É notória a capacidade aglutinadora e catalisadora que o esporte, principalmente o futebol, detém sobre coletividades como bairros, cidades e, países - uma prova disso é o rápido desenvolvimento do futebol no Brasil. O esporte mais popular no país foi trazido por estrangeiros e para diversão de uma elite branca, de classe média alta e urbana. De acordo com Teixeira da Silva, o futebol era apenas um entretenimento dos finais de semana ou campeonatos restritos a amadores;além disso, nunca demonstrou, em seu início, caráter socialmente inclusivo. Muito pelo contrário, jogadores de camadas mais pobres não eram aceitos nos times que começaram a se formar no início do século XX e menos ainda, pessoas negras. Assim, “a bela eheroica história do futebol [...] é, claramente, um episódio da história social, da inclusão social e étnica, da consolidação da cidadania”.

Apesar das questões e diferenças sociais presentes no futebol, foi nele quebarreiras começaram a ser superadas quandocamadas populares,marcadas por negros, passaram a ser o contraponto da modernidade. A partir do momento de que o futebol foi entendido que só deveria ser praticado por aqueles que compartilhassem do etos da modernidade, gerou-se importante foco de tensão.

¹⁰³ GUTERMAN, 2009. P. 62.

¹⁰⁴ SANTOS, Ricardo Pinto dos. Tensões na consolidação do futebol nacional. In: MELO e PRIORE. História do esporte no Brasil. 2009. P. 179.

Um dos pontos de tensão foi em relação a uma ideia de moral compatível com o cenário esportivo. O conceito de “*sportman*” é construído a partir de um grupo bem definido da sociedade e da moralidade esportiva, além de se referir à questão social – ponto importante no debate social na virada do século. De acordo com a análise de Santos, ser jogador de futebol era chique na passagem do século. “Se tornar um ‘*sportman*’ resultaria em agregar bons valores que serviriam como um passaporte à moderna sociedade que emergia”¹⁰⁵.

Frederico Oliveira Coelho chama a atenção para o fato de que, como diversos outros hábitos europeus que passaram a fazer parte do cotidiano das elites locais, o futebol era frio e uma ideia de civilização moderna que dava aos praticantes uma distinção simbólica clara sobre seu lugar privilegiado na sociedade. Em maio de 1913, por exemplo, a revista carioca *Fon-Fon* trazia artigo parodiando os jovens da cidade que pleiteavam tal distinção social através do futebol, os *sportmen*. A intenção do artigo era registrar uma prática comum desses rapazes: fingirem que praticavam algum esporte, com a intenção de serem bem-vistos, principalmente pelas moças da época. Ao ser perguntado se o jovem entrevistado entrou para outra equipe, sua resposta nos mostra um dos aspectos da relação entre os jovens da elite e o futebol nesse período:

Não vale a pena. Posso apanhar um “*shoot*” mais forte e isto é o diabo. Arrisco-me a ficar capenga, a vasar o olho, a perder dois dentes. E lá se vai a linha. Não sou homem para estas violências [...]. Tu sabes que hoje praticar o *sport*, é extremamente *chic*. Ao menos finjo, faço supor que o pratico¹⁰⁶.

Dessa forma, a questão moral se tornou ponto-chave para a inserção no cenário esportivo, com a associação direta entre moralidade e os esportistas, reafirmada pela imprensa. O nível moral também se associava a outros aspectos como a cor da pele e a condição econômica para a inclusão de novos atletas. Apesar do esforço em barrar as camadas populares do futebol, desde os primeiros anos, essas medidas foram contestadas e algumas vezes surtiram efeitos contrários.

¹⁰⁵ SANTOS, 2009. P. 184.

¹⁰⁶ Artigo s/ título, Revista Fon-Fon, 24 de maio de 1913. Apud: COELHO, Frederico Oliveira. Futebol e produção cultural no Brasil: a construção de um espaço popular. In: SANTOS, Ricardo Pinto dos; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. – Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006.

As tensões relativas às questões sociais se exacerbavam no futebol. Primeiro, porque era um esporte que, na prática, poderia ser praticado por todos. Segundo, porque, por meio deles, as camadas populares poderiam mudar suas vidas, em menor ou maior escala. Terceiro, porque a alta sociedade não dava mais conta nos desafios esportivos, e com isso precisavam de membros de outros grupos sociais que viabilizassem a vitória em partidos e torneios. Assim, apesar dos esforços contrários aos movimentos das camadas populares, em pouco tempo esse grupo descobriu brechas que movimentaram o cenário esportivo e social.

O distanciamento entre a população mais pobre e o futebol institucionalizado fica claro a partir da criação de suas primeiras instituições reguladoras. No primeiro estatuto da Liga Metropolitana de Football (dois anos mais tarde, em 1907, tornou-se a Liga Metropolitana de *Sports Athletics*), a Liga condiciona a entrada dos clubes a um esquema rigoroso, já que a burocracia para a filiação era grande e diretamente ligada a quantias de dinheiro, afastando clubes pequenos. Nos anos 1920, este fato fica mais evidente no Estatuto da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA) em que o processo de discriminação social se tornava ainda mais explícito. Ricardo Pinto dos Santos ressalta pontos fundamentais do estatuto para o processo seletivo de clubes e atletas.

Capítulo III – Da admissão de membros da AMEA.

Art. 5º Item 10 – Indicar de seus atletas o número e o nome por extenso; a residência actual e anterior; a profissão que actualmente exercem e a que exerciam precedentemente [...].

Capítulo IX – Da inscrição dos amadores, suas formalidades e requisitos.

Art. 65 – Não poderão ser incriptos:

Item 2 – os que tirem os seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, considerando-se como tal a em que predomine o esforço physico;

Item 7 – os que não saibam ler ou escrever corretamente;

Item 9 – os que habitualmente não tenham profissão ou empregos certos¹⁰⁷.

Apesar dos estatutos da entidade não abordarem explicitamente questões raciais, os itens citados acima deixam claro que as barreiras sociais serviram como bloqueadores da participação, não só dos pobres, mas também dos negros da sociedade, no caso, carioca quando os negros e pobres ocupavam as

¹⁰⁷ Trechos do Estatuto da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos – AMEA, Rio de Janeiro, 1924. Apud: SANTOS, 2006. P. 38.

funções braçais. Nesse criterioso processo de seleção dos jogadores, era selecionado também o público espectador que, de acordo com Santos, tinha um grande papel na construção do cenário esportivo. Percebemos isso nas reportagens sobre os esportes que enfatizavam torcidas representadas quase sempre em cenário elegante e representativo do que era mais belo e moderno naquela sociedade. Aqueles que estavam fora destas condições de beleza e riqueza, não encontrariam lugar em suas arquibancadas. Mário Filho, em *O Negro no Futebol Brasileiro*, representa o futebol como uma rigorosa sociedade de castas:

Para alguém entrar no Fluminense tinha de ser, sem sombra de dúvidas, de boa família. Se não ficava de fora, feito os moleques do Retiro da Guanabara, célebre reduto de malandros e desordeiros¹⁰⁸. [...] Até como torcedor ele conhecia o seu lugar. Na geral, olhando de longe a arquibancada, cheia de moças, um corbeille segundo a comparação de um cronista mundano¹⁰⁹.

No futebol, as distinções são bastante visíveis quando verificamos que, ao lado das luxuosas, seletas e elegantes arquibancadas, os mais pobres costumavam assistir aos jogos em cima dos muros, telhados ou qualquer outra forma que os permitisse apreciar o esporte. Os pequenos times, mesmo que aos poucos, iam ganhando espaço e relativa importância no debate social e racial do esporte. Coube ao Bangu Football Club, uma equipe constituída de jogadores ingleses, membros do corpo de funcionários da tecelagem, colocar em campo o primeiro jogador negro da história brasileira. Em 1923, o Vasco da Gama enfrentou a Associação Metropolitana do Rio de Janeiro escalando um time com negros e trabalhadores.

É dessa maneira que a oposição ao elitismo e ao racismo no futebol começa a se expressar de maneira mais efetiva, mesmo que partindo de clubes futebolísticos pequenos, ela começa a ganhar forma e espaço no mundo do desporto. A popularização do futebol ajudou a modificar esse cenário. Essa mudança gradual é detectada no período da década de 1910 e 1920 através da

¹⁰⁸ RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no Futebol Brasileiro*, 4ª edição, Rio de Janeiro: Mauad, 2003. P. 36. Apud: SANTOS, Ricardo Pinto, 2006.

¹⁰⁹ Idem. P. 41.

construção de estádios de futebol com grande capacidade de público, do aumento numérico dos campos de várzea nos subúrbios das cidades, da incrível quantidade de times espalhados pelos bairros cariocas e paulistas e, culminando esse processo, da incorporação quase forçada nos times da cidade de jogadores oriundos das populações pobres em geral. Times como Corinthians [...], Bangu e o Vasco da Gama [...] já se destacavam na democratização do esporte¹¹⁰.

Apesar disso, o preconceito ainda imperava. Em 1925, Oscar Costa, presidente da CBD, impediu que jogadores negros ou mestiços fossem escalados para a seleção brasileira que jogaria o Campeonato Sul-Americano em Buenos Aires. Costa afirmou que era necessário preservar a “boa imagem” do país. Essas iniciativas caminhavam junto a outras questões do país que envolviam o desejo de democratização e aceitação positiva do que viria ser o período estado novista de Getúlio Vargas como *Nação Brasileira*. De acordo com Teixeira da Silva,

os movimentos com propostas revolucionárias que surgiam em diferentes campos do país – como o tenentismo, na política [...] e a Semana de Arte Moderna, em 1922, por exemplo – levavam o país e sua população a encarar nos anos 20 novas propostas em relação a sua “tradição”, ainda impregnada de um ethos monarquista e naturalmente elitista das primeiras décadas republicanas¹¹¹.

Nesse período, no qual a questão da identidade nacional ganhava cada vez mais relevância para a formação da autoimagem sul-americana, as origens do futebol moderno passaram a ser alvo de inúmeras reações. Isso porque, de acordo com Agostino, sempre que podiam, os britânicos faziam questão de lembrar que eram os inventores do jogo. Com frequência, apresentavam o esporte no mesmo nível que o próprio idioma inglês, o Meridiano de Greenwich e a “Origem das Espécies” de Charles Darwin. Por isso, já em 1912 os argentinos, começaram a utilizar nomes em castelhano na nomenclatura das Associações de Futebol, substituindo aos poucos as terminologias inglesas, concluindo o processo em 1934 com a apresentação da Asociación de Fútbol Argentino. O mesmo ocorreu no Uruguai, enquanto no Brasil a discussão também passou pela questão do vocabulário futebolístico.

¹¹⁰ SILVA, 2006. P. 29.

¹¹¹ Idem. P. 29.

Nas primeiras décadas do século XX, as confluências entre um esporte que cresce com força entre a população e as intenções políticas de modernizar diversas instituições no país, tornaram perceptíveis que o futebol e tudo o que está em volta (estádios, torcidas, federações e imprensa) como o epicentro do sentimento nacionalista. Em 1930 que se inicia a Copa do Mundo, quando seleções com os melhores representantes de cada país passam a duelar para decidirem qual seria a melhor. No mesmo período, o esporte foi profissionalizado no Brasil indicando, de acordo com Teixeira da Silva, que não seria apenas uma questão de clubes ou chuteiras.

Neste sentido, por ser capaz de ser apropriado por diferentes motivações, o futebol, de acordo com Agostino, foi transformado em um dos elementos formadores de um conjunto de autoimagens - regionais profissionais ou religiosas - mas, principalmente, como elemento catalisador da identidade nacional. Esta, por ser muito mais poderosa que as demais, precisava ser mediada, pois não era vivida cotidianamente, mas sentida de forma mais intensa só em alguns momentos. Neste sentido, a mediação só poderia ser feita através do “outro”, como um contraponto a ser superado, já que a derrota tornava-se a vitória da coletividade nacional. Por isso que,

Ainda que nas primeiras décadas do século XX, à medida que os clubes ingleses excursionavam pela América do Sul, invariavelmente angariando bons resultados, tornava-se cada vez mais evidente que o contraponto da identidade nacional através do futebol não poderia atingir sua maior expressão através de eventuais vitórias no gramado contra ‘os inventores do jogo’. O caminho, portanto, apontava para os vizinhos regionais, estes sim uma referência concreta da afirmação nacional, uma vez que se viam disputando o mesmo espaço como a nação sul-americana mais identificada com os valores europeus¹¹².

É bem compreensível então que, para o futebol brasileiro, os vizinhos do Prata fossem o primeiro horizonte futebolístico a ser superado. Assim, as disputas políticas e identitárias existentes fora de campo foram incorporadas ao jogo entre as seleções. Já para os círculos dirigentes da República Velha, tornava-se cada vez mais claro que o futebol podia ser tomado como um elemento representativo da nacionalidade e da capacidade empreendedora do país.

¹¹² AGOSTINO, 2006. P. 58.

2.3.1 O FUTEBOLA PARTIR DE 1930

Nos jogos olímpicos de Amsterdam em 1928, o futebol brasileiro vivia mais um de seus impasses devido às rivalidades entre as federações do Rio de Janeiro e de São Paulo. Naquele momento, a CBD, controlada por dirigentes cariocas, era responsável pela seleção brasileira e estava com relações abaladas com a Associação Paulista de Esportes (APEA), que pleiteava esta posição. A situação ficou pior quando os cariocas anunciaram que não aceitariam nenhum paulista na comissão técnica que embarcaria para Montevidéu. Em resposta, a APEA proibiu que os jogadores que atuassem em São Paulo vestissem a camisa da seleção brasileira. E estes, que já haviam sido convocados, formavam mais da metade do elenco. Assim, grandes craques da época como Friendenreich e Feitiço, entre outros, não participaram da seleção brasileira.

O resultado do conflito teria sido participação considerada pífia pelo autor. Podemos perceber aqui que os conflitos regionais apareciam até no campo esportivo, não se percebia ainda a existência nacional, com jogadores que estariam representando a nação.

Agostino afirma que, com as notícias do jogo chegando ao Brasil pelo rádio, a derrota da seleção não passaria impune pela rivalidade Rio-São Paulo. Os torcedores paulistas até comemoraram o resultado negativo, pois simbolizava o fracasso da organização carioca. Assim, as tensões entre paulistas e cariocas se acentuavam ainda mais. Ambos culpavam-se pelo fracasso, um grupo acusando o outro por ter traído a nação em momento crucial de afirmação do futebol brasileiro no cenário internacional.

Caberia então ao governo Vargas contornar a rivalidade futebolística entre Rio e São Paulo, ao promover a integração entre os dois principais núcleos esportivos do país. Foi em 1930 que Getúlio sobe ao cargo de presidente, e quando teve início no Brasil uma série de mudanças que reestruturaram a vida política, econômica, social e cultural no país. Em relação à cultura, esse período marcou a promoção do samba e do futebol como elementos fundamentais para uma nova definição de identidade nacional. De acordo com Maurício Drummond Costa

O samba, nascido junto às camadas populares, conquistava as elites; o futebol, que havia sido um esporte aristocrático em sua chegada ao país, tornara-se uma das maiores paixões das camadas populares. Ambos, no entanto, foram elevados símbolos do que era ser brasileiro¹¹³.

No novo governo, a construção na nação e da nacionalidade era prioritária e sempre presente, que estimulava a justificava das realizações do Estado. Para Vargas, a formação da grande nação brasileira era um dever patriótico de todos. Esta proximidade do povo e a sua identificação com a nação aproximou o esporte ao projeto do governo Vargas. A construção da pátria e de um novo ideal de nacionalidade era o cerne do plano do novo governo para a cultura nacional. O sentimento nacionalista era considerado um fator intrínseco ao esporte e o novo governo via neste fator um poderoso aliado. Seu governo, nas palavras do próprio Presidente, já percebia que

os desportos, sobretudo o futebol, exercem uma função social importante. A paixão desportiva tem poder miraculoso para conciliar até o ânimo dos integralistas com o dos comunistas ou, pelo menos, para amortecer transitoriamente suas incompatibilidades ideológicas. [...] É preciso coordenar a disciplinas essas forças, que avigoram a unidade da consciência nacional¹¹⁴.

A difusão do espírito nacionalista proposta pelo Estado também tinha como veio fundamental a formação da juventude brasileira. Termos como “pátria”, “civismo”, “patriotismo”, “nação” e “nacionalismo” são usados frequentemente nos discursos oficiais do período. É por essa associação entre esporte e Estado que o futebol vira peça fundamental na propaganda do governo getulista. Não foi à toa, por exemplo, que o chefe do governo provisório assistiu de uma sacada do Palácio do Catete, ao desfile em carro aberto da delegação brasileira que voltava de Montevideu, após a conquista da Taça Rio Branco. A vitória da seleção era considerada uma vitória do Brasil e era fundamental que, em momento de furor nacionalista tão grande como esse, a interação entre o líder da nação e o esporte campeão.

¹¹³ COSTA, Maurício da Silva Drumond. O esporte como política de Estado: Vargas. In: MELO e PRIORE. História do esporte no Brasil. 2009. P. 214.

¹¹⁴ LYRA FILHO, João. Introdução à psicologia dos desportos. Rio de Janeiro: Record, 1983. P. 128. Apud: COSTA, Maurício da Silva Drumond. In: SANTOS, 2006.

A participação de negros e mulatos no selecionado brasileiro em competições internacionais foi usada como símbolo de harmonia social e democracia racial brasileira. Essas ideias ganhavam ainda mais força a partir das teses de Gilberto Freyre e das obras de Di Cavalcanti e Cândido Portinari, que ganhavam cada vez mais espaço junto à ideologia do governo. José Lins do Rego destacou a miscigenação da equipe brasileira que disputou a Copa Rio Branco:

Os rapazes que nos representaram, triunfalmente, em Montevideú, eram no fundo um retrato da nossa democracia social, onde Paulinho, filho de uma família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Gradim, ao branco Martim. Tudo feito à boa moda brasileira¹¹⁵.

Nesse contexto que a primeira Copa do Mundo foi realizada em 1930 no Uruguai, tendo como vencedor o país sede após divergências com o Comitê Olímpico Internacional sobre as competições que envolviam o futebol. Em 1928, a FIFA, presidida por Jules Rimet, decidiu criar seu próprio torneio mundial. Nesse momento, de acordo com Guterman, a sensação era que fronteiras históricas foram superadas, pois o mundo despertava para o futebol como disputa entre identidades. Assim, o sentido de que a pátria vestia chuteiras e entrava em campo ganharia formidável impulso a partir dali, da realização dessa primeira Copa.

A imprensa esportiva no Brasil desempenhou um papel central na popularização do futebol no país. De acordo com Teixeira da Silva, “a construção da imagem dos primeiros heróis coletivos, os craques, sendo vistos como figuras de importância nacional, transforma o futebol na ‘grande coqueluche’ [...] dos anos 30”¹¹⁶.

A entrada do esporte nas “entranhas” do país e de sua população é confirmada nas representações que surgem nesse período em áreas como a arte, a crítica literária, as academias e as canções populares, nas quais são divulgadas glórias e mistérios. Dessa forma, o futebol torna-se o assunto que prendia e despertava a atenção de todos. Com o passar dos anos, o sucesso alcançado pelos times brasileiros em competições internacionais e o desenvolvimento de um estilo de jogo exclusivo do brasileiro, consolida o esporte como a maior metáfora das agruras e maravilhas do país.

¹¹⁵ LYRA FILHO, João. 1983. p. 10. Apud: COSTA, 2006. P. 109.

¹¹⁶ SILVA, 2006. P. 30.

Para Marcos e Soares, na década de 1930 o futebol passou a ocupar as preocupações dos governantes brasileiros, no caso, de Getúlio Vargas. Seu governo não mediu esforços para transformar o esporte em um instrumento para a consolidação das ideias de um Brasil democrático, que era unido por todas as “raças”, que deveria cumprir o papel de diminuir as tensões e os conflitos sociais e étnicos em nosso país.

Já para Costa, existia grande ambiguidade nas relações entre Estado e esporte nesse período, em especial no que se refere à inserção do profissionalismo no Brasil. Um olhar superficial sobre a relação de Getúlio e o esporte poderia apontar para um esforço do Estado na consolidação do regime profissional no esporte brasileiro. Entretanto, não foi o caso, como podemos perceber com o processo de profissionalização do futebol brasileiro.

Desde a sua adoção pelas elites brasileiras no início do século, o futebol era amador, mas assim como a sociedade se modernizava o que fazia com que os clubes tentassem burlar as barreiras limitadoras do amadorismo. Como não podiam receber salários dos clubes, os jogadores, por serem amadores, recebiam prêmios por cada jogo disputado, os chamados “bichos”.Essa prática era conhecida como amadorismo marrom.

No final dos anos de 1920 e na década de trinta, o futebol se profissionalizava na Argentina e no Uruguai, o que fez com que os clubes brasileiros perdessem jogadores brasileiros para o exterior. Diante desse cenário, o êxodo e o baixo poder aquisitivo dos clubes, o profissionalismo passou a ser visto como o único caminho rumo à modernização do futebol brasileiro. Considerar jogadores de futebol como verdadeiros trabalhadores ainda enfrentava grandes barreiras, mas não era mais inconcebível.

Alguns clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro passaram a pleitear a introdução do regime profissional junto à CBD, que recusou a iniciativa. Assim, Fluminense, Vasco, Bangu e América tomam a iniciativa de romper com a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (Amea) e criam a Liga Carioca de Futebol (LCF), que contou também com a adesão do Flamengo. A LCF então adota o profissionalismo e é rejeitada pela CBD, que só aceitava entidades amadoras.

A Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea) também adota o profissionalismo e se desliga da CBD. As duas entidades recebem apoio da Federação Fluminense de Esportes, da Associação Mineira de Esportes e a

Federação Paranaense de Desportos, formando assim a Federação Brasileira de Futebol (FBF), que vem para representar o futebol profissional em todo o país e contava com a maior parte dos grandes clubes de seus respectivos estados.

A Copa do Mundo de 1934, de acordo com Costa, oferece nova perspectiva da relação entre CBD e amadorismo no futebol brasileiro. Isso porque a Confederação Brasileira de Desportos era a entidade nacional filiada à FIFA, responsável por organizar a seleção brasileira que disputaria a competição. Apesar disso, os melhores jogadores pertenciam a times filiados à FBF, e a CBD não tinha como montar uma seleção capaz de disputar uma Copa. Como decorrência, “Álvaro Catão, teve como única opção contratar grandes craques destes times de peso de ouro, com o dinheiro da própria CBD. Era o fim do amadorismo como regime exclusivo na CBD”¹¹⁷.

Uma demonstração de que o governo já olhava de forma mais atenta para os esportes foi o fato da delegação brasileira dessa Copa ter sido chefiada por Lourival Fontes, jornalista e escritor sergipano que ocupava a direção do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DIP). De acordo com Drummond,

meses antes da ida da delegação brasileira para a Itália, Fontes havia intervindo publicamente na querela entre as duas entidades que disputavam o controle do futebol nacional, fazendo com que cessassem as acusações mútuas e passassem a exaltar a seleção nacional, que representaria a pátria no certame internacional. O esporte, em especial o futebol, já despontava como um importante elemento da propaganda nacionalista¹¹⁸.

Com a pior campanha de uma seleção brasileira em todas as Copas do Mundo, o Brasil saiu da Copa mais cedo do que esperado. Quando retornou, a CBD consegue se reerguer e passou a contar com alguns clubes que anteriormente eram da FBF. Mas por essas aquisições passou um preço: o fim do amadorismo. A CBD adota então o “regime livre”, concentrando em um mesmo campeonato equipes amadoras e profissionais.

A rixa que havia entre os dois regimes transformou-se em uma luta entre duas facções pela hegemonia do controle do futebol brasileiro, uma luta entre as entidades especializadas e as entidades ecléticas. Em outubro de 1935 essas entidades decidem se unir e formam o Conselho Nacional de Esportes (CNE). Com

¹¹⁷ COSTA, 2009. P. 221.

¹¹⁸ COSTA, 2009. P. 221 – P. 222.

o CNE, as especializadas mantem sua autonomia, mas unificam seus esforços para o duelo travado contra a CBD. O Conselho Nacional de Esportes optou por “abrasileirar” o termo *sport* para desporto, vindo de Portugal, isso numa época na qual ainda eram usuais os termos *football*, *forward*, *sportsman*, *player* e etc.

No início de 1935, a Censura Theatral, um órgão de vistoria policial, passa a regular o futebol, aplicando ao jogo da bola regras definidas e utilizadas no controle de outras diversões públicas. O governo se estabelece como o mediador do dissídio esportivo. Apenas os jogadores registrados na Censura poderiam jogar pelo clube e para registrá-los, os clubes deveriam obedecer a normas impostas pelo órgão do governo. Os contratos entre os jogadores e clubes eram feitos de acordo com o modelo imposto pelo governo, que verificava seu cumprimento por parte do time e dos jogadores. A adoção do regime misto fez com que o amadorismo marrom chegasse ao fim. As novas entidades realizavam dois campeonatos diferentes, um profissional e outro amador. Assim, os times tiveram que adotar publicamente o profissionalismo, o que não gerou muita polêmica, porque a maioria dos clubes “amadores” já era profissional na prática.

Um dos efeitos mais importantes da profissionalização do esporte foi a participação brasileira no Campeonato Mundial da França em 1938. A CBD convocou os melhores jogadores do Brasil, o que não acontecera até então. Como consequência, o Brasil encantou o mundo pela primeira vez com a beleza do seu futebol. Leônidas da Silva, o Diamante Negro, pode finalmente brilhar nos gramados europeus, sendo consagrado o artilheiro da competição. Dessa forma, os brasileiros se perceberiam como grandes mestres da bola, vivenciando o jogo como elemento de coesão e congraçamento. Dessa forma, o futebol passaria a ser elemento de pertencimento e a traduzir a essência do ser brasileiro nas narrativas oficiais¹¹⁹.

Com o sucesso popular da Copa do Mundo, o governo percebeu a importância de controlar mais de perto o futebol brasileiro. Alguns anos mais tarde, Getúlio assinou o decreto-lei que corporativizaria os esportes e colocaria a seleção, ligada à CBD, de volta ao comando do esporte nacional.

A década de 1930 é importante, pois presencia o nascimento do esporte no Brasil em uma empresa, que comporta um grande público e por isso passou a ter grande máquina propagandística à disposição. A repetição de alguns slogans seria fundamental no processo de difusão da relação entre esporte e

¹¹⁹ SALVADOR E SOARES, 2009. P. 22.

nacionalismo. Meihy trabalha com essa relação quando afirma que “Os argumentos ufanistas nacionais constituem temas de um proselitismo que transforma, intencionalmente, o futebol numa espécie de cartão de visita do nacionalismo”¹²⁰.

Nesse período Guterman afirma que estava claro para a sociedade que o esporte seria uma forma de afirmação da superioridade nacional. Sabendo disso, o governo estava disposto a financiar a seleção e esperar dela uma resposta que estivesse à altura das expectativas do governo e sua intenção de formar um “novo homem” brasileiro¹²¹. Durante a realização da Copa o Brasil se consolidou como o país do futebol, não tanto mais como do café e do samba, como anteriormente, apesar de quem estava de fora ainda não conseguir perceber essa modificação. O futebol já havia tomado conta do Brasil de forma irrefreável, já estava produzindo craques que eram capazes de decidir a favor da seleção em jogos contra fortes equipes. As características atuais da seleção brasileira como improvisado, dribles, “futebol bonito”, passou a se definir em contraste com o futebol técnico e mecânico; exemplo de nacionalidade e orgulho patriótico brasileiro, o que influenciou gerações futuras. O Brasil então passou a ver, no futebol, uma característica diferenciadora em relação aos outros países, como algo que nos definia.

A Copa de 1938 marcaria a aproximação do “Pai dos pobres” com o esporte mais popular do país. Além de conceder alto subsídio para a delegação brasileira, Getúlio também relacionou seu nome à equipe brasileira pela filha, Alzira Vargas, madrinha da seleção nacional. Antes de embarcar para a França, o selecionado foi recebido pelo Presidente, que fez questão de cumprimentar os jogadores e deixar clara a importância que o título teria para o futuro da nação. A euforia dos torcedores foi alimentada por uma novidade: a transmissão das partidas pelo rádio. Pela primeira vez, também, o Brasil contava com força máxima na Copa do Mundo. De acordo com Costa:

A miscigenação racial da equipe brasileira era vista no Brasil como o verdadeiro retrato de nossa democracia racial, o que servia de forma perfeita aos ideais de ufanismo nacional e harmonia propagandeadas pelo Estado Novo¹²².

¹²⁰ MEIHY e WITTER, 1982. P. 19.

¹²¹ Idem. P. 81.

¹²² COSTA, 2009. P. 230.

Os interesses de Vargas pelo esporte cresciam à medida que seu projeto de nação se estruturava e se percebia o poder que o esporte tinha junto às massas e à juventude. Desde cedo, o presidente demonstrava preocupação com a formação da identidade nacional e também com a formação da juventude do país. O esporte foi uma das ferramentas utilizadas pelo governo na consolidação de uma nova imagem do homem brasileiro e da chamada “raça” brasileira e seu aperfeiçoamento dela prática esportiva.

O projeto de oficialização dos esportes aparece pela primeira vez no governo Vargas em 1935, pois o governo queria obter maior controle sobre os esportes. em 1938 publica o decreto-lei nº526 que cria o Conselho Nacional de Cultura e, no ano seguinte, o Decreto-lei n. 1056. Esse decreto-lei instituiu a Comissão Nacional de Desportos, composta de cinco membros indicados pelo Presidente da República, encarregada de averiguar problemas dos esportes do país e de elaborar um plano geral para a sua regulamentação. Esta comissão plantou as sementes que deram frutos em 1941, com a criação do Conselho Nacional de Desportos, realizando o sonho da oficialização dos esportes. O Conselho tinha como função “orientar, fiscalizar e incentivar a prática de desportos em todo o país”¹²³. Assim como os sindicatos estavam sujeitos a alvará, modelos de estatuto e intervenções diretas do ministério do Trabalho e da Justiça do trabalho, os clubes e federações esportivas estavam sujeitas ao CND¹²⁴. A Criação do CND¹²⁵ marcou o retorno da CBD ao comando do futebol brasileiro.

Durante a década de 1940, não houve a realização das Copas previstas, pois a Segunda Guerra Mundial mobilizou o mundo para o esforço de guerra e impediu a realização dos certames. A FIFA, entretanto, permaneceu mobilizada e tão logo foi possível tratou de marcar a disputa da IV Copa fora do continente europeu, ainda em reconstrução. O Brasil foi então o país escolhido. Para a ocasião, foram construídos estádios, dentre eles o Maracanã, na época, o maior do mundo. A pressão nessa Copa do Mundo foi a maior vista até então.

Diante da derrota, a identidade brasileira entrou em questionamento e marcou fortemente a história do futebol brasileiro, quase como um “fantasma” que de tempos em tempos voltava para assombrar os jogadores e a sociedade como um

¹²³ Brasil. Decreto-lei n. 3199, de 14 de abril de 1941. DOU: 16 abr. 1941. Apud: COSTA, 2009. P. 236.

¹²⁴ COSTA, 2009. P. 236.

¹²⁵ Somente com a Constituição de 1988 que o CND é extinto, dando fim a uma importante era da organização do futebol brasileiro.

todo. Nelson Rodrigues, que além de dramaturgo escrevia crônicas esportivas, mostra a grandeza dessa derrota ao dizer que “Cada povo tem a sua irremediável catástrofe nacional, algo assim como uma Hiroshima. A nossa catástrofe, a nossa Hiroshima, foi a derrota frente ao Uruguai em 1950”¹²⁶.

De nosso ponto de vista é um exagero, pois uma bomba atômica não se compara a uma derrota em Copa do Mundo, por mais importante que seja o futebol para uma nação, entendemos que Nelson Rodrigues queria causar, impacto. Suas crônicas se aproximavam muito das suas peças de teatro, como se ele tivesse “licença poética” para fazer uma comparação dessas. Seu irmão, Mario Filho também escreveu sobre a “tragédia” brasileira, dizendo quando o juiz apitou o final da partida, “o Maracanã transformou-se no maior velório da face da Terra. Todo mundo queria ir embora, desaparecer. Muitos não tinham mais forças para um passo, para um gesto. Ouviam-se gritos de viúvas sicilianas”¹²⁷.

O Museu do Futebol, localizado em São Paulo, tem uma sala somente para retratar o gol do Uruguai, afirmando que o silêncio que se observou no estádio do Maracanã ao final do jogo foi o maior visto na história do futebol. O centromédio Danilo comentou o ocorrido, expressando o desconsolo dos torcedores, técnicos e jogadores: “Foi uma desgraça. Por Deus que ainda não compreendi como isso nos sucedeu. Quisera que a terra se abrisse e me tragasse de uma vez”¹²⁸.

Essa derrota também fez com que as tensões raciais se evidenciassem, pois, na tentativa de encontrar responsáveis pelo acontecido, a torcida elegeu como vilões os jogadores Barbosa e Bigode, negros. Daí voltou-se a tese de o que estragava o futebol brasileiro eram os negros. Para o autor Branco, o campeonato disputado no Brasil em 1950, em que o amargor da derrota transformou o país num grande velório, é um marco fundamental porque se transformou em um “divisor de águas”, fornecendo à população uma nova relação afetiva com o esporte e um salto na noção de profissionalismo.

Para Carlos Leonardo, em 16 de julho de 1950, a atmosfera tensa que recobre toda final de Copa do Mundo incitou os jogadores a procurar os responsáveis pela derrota. Ainda no campo, eles começaram culpando o técnico Flávio Costa. Porém, a maior parte dos torcedores se voltara contra os negros que

¹²⁶ RODRIGUES, 1966. Apud: SALVADOR E SOARES, 2009. P.16.

¹²⁷ RODRIGUES FILHO, Mario, 1994. P. 315. Apud: SILVA, Carlos Leonardo Bahiense da, 2006. P. 292. In: SANTOS, 2006.

¹²⁸ NEGREIROS, O Brasil no cenário internacional: Jogos Olímpicos e Copa do Mundo. In: MELO e PRIORE. 2009. P. 307.

compunham o selecionado nacional. Três teriam sido os escolhidos como bode-expiatórios: Barbosa, Juvenal e Bigode. Mário Filho afirmou que “era o que dava, segundo os racistas que apareciam aos montes, botar mais mulatos e pretos do que brancos num escrete brasileiro”¹²⁹. Percebemos aqui que o racismo ainda estava presente no futebol brasileiro, pois, ainda era presente na sociedade.

De acordo com Mario Filho, o recrudescimento do racismo decorrente da derrota na final de 1950 só seria superado com a vitória da seleção na Copa do Mundo de 1958, na Suécia. Superação que passou pelos pés de um mulato e de um negro: Garrincha e Pelé. Esta fora a primeira e única vez que um time sul-americano levantou a taça em solo europeu. A seleção de Didi, Garrincha e Pelé tinham várias tarefas, como a de provar que o brasileiro não era uma raça “frágil”, incapaz de enfrentar momentos decisivos. A dor e a tragédia de 1950 começaram a se dissipar, superando-se assim o “complexo de vira-latas”. A vitória em 1958 mexeu de maneira muito forte com o orgulho nacional, como se o sucesso no esporte representasse a confirmação da superioridade antes apenas almejada, e ainda relacionada a velhos preconceitos enraizados como a noção de raça.

Segundo Branco, o aparecimento de Pelé como ídolo nessa Copa coincidiu com as ambições internacionais do futebol brasileiro e com a aceitação da elite em celebrar atletas negros como orgulho nacional. Com muitas biografias publicadas, Pelé foi consagrado como “rei do futebol”, construindo-se nesse momento a “figura Pelé” para o consumo de massas. Diferente dos craques negros do passado, Pelé não teria vergonha de sua cor, sentia orgulho de ser negro. Segundo Mário Filho, gostava até de ser chamado de “o Crioulo”, “o Preto”.

Essa postura do jogador servia de exemplo para outros atletas que ainda se sentiam inferiorizados por sua cor. Por isso o jornalista teria concluído que faltava alguém assim como Pelé para completar a obra da Princesa Isabel. O negro seria livre, mas ainda sentia a maldição, a escravidão da cor. Interessante essa passagem de Mário Filho, pois para ele o jogador teria o poder de acabar com séculos de preconceito em relação aos negros com a vitória do campeonato mundial. Ele fala como se dali pra frente não existisse mais racismo. E também, por outro lado, o negro que teria feito isso era um personagem que não era contestador e não questionava o lugar de seus iguais na sociedade brasileira, como veremos mais a frente.

¹²⁹ RODRIGUES FILHO, 1994. P. 414. Apud: SILVA, 2006. P. 293.

A música “A Taça do Mundo é Nossa”, de Wagner Maugeri, Lauro Müller, Maugeri Sobrinho e Victor Dagô, deu o tom das comemorações do primeiro título da seleção na Suécia, e permanece no imaginário brasileiro até hoje. Pela primeira vez, um presidente brasileiro teve a chance de explorar o poder mobilizador e transformador que uma conquista como a do Brasil. Juscelino Kubitschek, no cargo na época, chegou a afirmar para João Havelange, presidente da Comissão Brasileira de Desportos (CBD):

Durante a Copa do Mundo na Suécia, substituí vários ministros e não houve uma única palavra a respeito nos jornais. Estou pensando em fazer novas mudanças num futuro próximo. Qual é a data da próxima Copa do Mundo?¹³⁰.

Outro Presidente com oportunidade para se aproveitar dos resultados da Copa do Mundo foi João Goulart, no mundial de 1962, devido à necessidade de sobrevivência política. O *Correio Braziliense* registrou o clima de euforia: “Vocês cumpriram a promessa de trazer a Copa”, festejou Jango para Nilton Santos e Didi, que responderam: “Fizemos pelo senhor”¹³¹. Apesar disso, Jango foi obrigado a sair do governo após o golpe cívico-militar em 1º de Abril de 1964. Esse acontecimento passou pela ausência de participação popular, a sociedade brasileira assistiu apática seu presidente sair do poder enquanto militares tomavam seu lugar, isso quando não os apoiou. Guterman a comenta em comparação às manifestações que ocorriam em relação ao futebol:

Apesar de toda a importância do momento, nada disso, no entanto, era capaz de mobilizar a massa geral de brasileiro mais do que o futebol – menos por culpa do futebol, e mais por causa da apatia de uma sociedade cujo controle de seu destino estava crescentemente fora de suas mãos [...]. A defesa dos ideais democráticos, como possível elemento catalisador dos brasileiros, tinha no futebol um concorrente praticamente imbatível, sobretudo numa época mágica desse esporte no Brasil – fazia muito mais sentido sair às ruas para festejar uma vitória da seleção brasileira do que para defender as liberdades¹³².

Durante algum tempo, o futebol continuaria sendo encarado pelo governo brasileiro como uma das prioridades nacionais. Isso é percebido quando,

¹³⁰ YALLOP, David. 1998. P.47. Apud: AGOSTINO, 2002. P. 152.

¹³¹ *Correio Braziliense*, 19 jun. 1962. Apud: GUTERMAN, 2009. P.145.

¹³² GUTERMAN, 2009.P.136.

para a surpresa de todo o Brasil perdeu a Copa da Inglaterra em 1966 e o governo quis d instaurar umaComissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar as causas da derrota.

2.4 O SIGNIFICADO SIMBÓLICO DAS COPAS

Além de toda a questão política envolvendo uma Copa do Mundo, devemos considerar também o fato de que elas são altamente lucrativas para as agências que as promovem. A conquista de um campeonato mundial de futebol implica uma série de honrarias, mas para os jogadores, não menos importante são os prêmios em espécie. Dessa forma, é fácil compreender o raciocínio dos dirigentes, da crônica esportiva e de outras categorias de agentes, de como eles articulam discursivamente os capitais econômico, social e simbólico. Porém, é difícil entender como o expectadores, ouvintes, leitores, enfim, torcedores que não tem retorno utilitário empenham tempo, dinheiro e emoção nas Copas do Mundo. ArleiSander Damo afirma que

Assim como a ética protestante contribui para impulsionar o capitalismo moderno, na clássica formulação weberiana, o *ethos* capitalista e o espírito das copas andam de mãos dadas, ainda que por vezes o par provoque um mal-estar, havendo necessidade de encobrir a lógica utilitarista do capital com um simbolismo romântico tomado de empréstimo do clubismo e do nacionalismo¹³³.

Assim, para ele, a Copa pode ser vista como um bem cultural que não difere de outros bens associados ao campo do lazer e do entretenimento, como o cinema, teatro e as performances musicais. É evidente que as Copas existem porque geram dividendos aos capitalistas. O que é menos claro, e que Damo procura entender, é como os interesses econômicos podem ser englobados pela lógica simbólica, responsável pela adesão do público ávido por emoções. Fazer ver e crer que os esportistas movem-se por razões que não econômicas é uma das tarefas dosque promovem o espetáculo. Para entender como e porque o futebol é tão apreciado, precisamos compreender as diferenças entre o gosto pela sua prática e o gosto pelos espetáculos, pois as copas são, fundamentalmente, espetáculos.

¹³³ DAMO, Arlei Sander. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (orgs.). Nações em campo: Copa do mundo e identidade nacional. – Niterói: Intertexto, 2006. P. 40.

Então, o que está em jogo quando se passa de praticante a torcedor. Segundo Damo, “a resposta sugere um percurso pelo clubismo, sistema complexo caracterizado pela adesão afetiva de torcedores aos clubes de futebol, tendo como desdobramento a constituição de comunidades de sentimento”¹³⁴. Essas comunidades são responsáveis por desenvolverem, nos indivíduos, certa percepção estética de jogo, caracterizada pelo engajamento. Ou seja, quem frequenta estádios não o faz como se fosse ao cinema ou ao teatro, pois não se vai ao estádio somente para assistir ao jogo, mas sim para torcer pelo time que representa o clube de coração.

As copas incorporam a lógica do clubismo, reelaborando alguns sentidos, porém, o gosto pelo futebol por si só não explica o sucesso das copas. Elas operam com um sistema “de referências simbólicas híbrido, entre o interesse estético não motivado, voltados para as técnicas corporais (também presente no clubismo), e o interesse motivado, centrado na equipe que representa a nação (e não mais o clube)”¹³⁵. A segunda ordem de interesse se sobrepõe sobre a primeira, englobando-a de tal modo que a adesão do público às copas é acompanhada pelas representações nacionalistas.

Como não basta uma equipe de onze vestir-se com as cores da nação para simbolizá-la, é preciso aparato engenhoso para encaixar a nação no time de tal maneira que pareça natural. A magia da seleção é então construída de forma que a equipe de onze seja reconhecida como símbolo laico do Estado-nação, espécie de variação em relação ao clube pelo qual se torce.

Segundo Damo, o futebol de espetáculo deve ser compreendido como espaço social relativamente bem estruturado e que pressupõe a interação de ao menos quatro categorias de agentes a partir das quais traçamos um panorama, destacando o que está em jogo em relação a crenças, valores, normas, atitudes, interesses, etc. e que são: a) os profissionais: atletas que competem; b) os torcedores; c) os dirigentes, d) os mediadores especializados, que promovem o espetáculo.

Assim, o estágio que encontramos de espetacularização do futebol deve ser entendido a partir da relação com outros espetáculos esportivos (como as

¹³⁴ DAMO, 2006. P. 41.

¹³⁵ Idem. P. 41-42.

Olimpíadas) e esses com a proliferação de eventos de grande porte, principalmente aqueles voltados ao consumo simbólico a ao entretenimento.

O clubismo é muito importante para que compreendamos o sistema simbólico responsável pela produção e circulação de emoções que estão presentes também nos selecionados nacionais. Para Damo, o clubismo é um sistema que dá suporte à produção e circulação de emoções a partir da adesão do indivíduo a uma determinada agremiação, no caso um clube de futebol. Esse vínculo clubístico é uma identidade social, razão pela qual o autor vem denominando-o de pertencimento, e é tratado como a força motriz do futebol voltado ao espetáculo. Segundo o autor, o pertencimento é, na maioria das vezes, herdado da parentela masculina consanguínea ou de amigos muito próximos. Discordamos somente de um aspecto nessa afirmação: não necessariamente os membros masculinos da família influenciarão a escolha de um time. Essa afirmação provém da suposição de que mulher não gosta de futebol e isso em um país como o Brasil, não pode ser considerado como verdade.

Dessa forma, um clube seria um símbolo que condensa os sentimentos de uma extensa comunidade de pertença, assim como os totens, que representam certas divisões sociais para muitos povos considerados primitivos. A forma como eles pensam é como a nossa devido à forma como pensamos a nação. Émile Durkheim¹³⁶ afirma que o modo como os franceses cultuavam os símbolos da Revolução Francesa, não difere do tratamento dado aos animais totêmicos pelos nativos australianos. Então, de acordo com Damo, os *worimis*, franceses e, por exemplo, os colorados convergem no que concerne à sacralidade dos símbolos que representam suas comunidades, com glórias e desapontamentos.

A ideia de nação vem sendo empregada no futebol faz certo tempo, no sentido ético e êmico. No primeiro caso, a definição de Anderson foi incorporada: nação como comunidade de sentimento imaginada, o que seria uma atualização da definição weberiana, “nação como comunidade de sentimento que tende a construir um Estado”¹³⁷. No segundo sentido, é mais difícil precisar como que os torcedores passaram a se pensar como nação – nação corinthiana, colorada, flamenguista, etc. A nação seria um termo mais apropriado do que a noção de família, usada nos primórdios do clubismo, quando somente os associados frequentavam os clubes.

¹³⁶ DURKHEIM, 2003. Apud: DAMO, 2006. P. 46.

¹³⁷ WEBER, 1974. Apud: DAMO, 2006. P. 47.

Como sabermos que nenhum termo que define algo é escolhido por acaso, principalmente quando se referem à autoclassificações, devemos pensar nas homologias entre a nação-Estado e a nação-Clube de futebol, sejam elas reais ou imaginárias.

É claro para nós que foram os clubes esportivos que se espelharam no aparato logístico e simbólico dos estados. No Brasil e em quase todos os países ocidentais, a organização esportiva é um poder delegado pelo Estado, motivo pelo qual as agências como a FIFA e a CBF confundem-se com as agências governamentais. Isso sem contar certos períodos, como o da ditadura cívico-militar no Brasil, em que os militares tomaram conta da então CBD, hoje CBF.

Essa associação entre o Estado e as seleções nacionais é facilmente feita, poisas copas do mundo são representadas por equipes que representam comunidadesnacionais, associadas a Estados modernos e não a clubes. As regras do jogo são as mesmas, a forma de organização das disputas também e os profissionais envolvidos são conhecidos dos torcedores. Porém, no lugar do clubismo, temos o nacionalismo e ao invés de adesão por sedução, temos uma adesão por nascimento, que é uma marca arbitrária e indissolúvel. Damo afirma que a “intensidade das hostilidades diminui, pois os adversários estão distantes e, quase sempre, falam outro idioma”, isso pode até ser verdade se os adversários forem, por exemplo, Japão e Camarões, mas esse não é o caso de alguns clássicos sul-americanos como, por exemplo, Brasil e Argentina. Damo também afirma que em um lugar de um público majoritariamente masculino e seu vocabulário agressivo, prevalece a harmonia e a descontração. Como nas copas é a nação-Estado que está em campo, mulheres e crianças são incorporadas às festividades, aos ritos e às discussões. Discordamos da relação de gênero apresentada pelo autor, talvez fosse mais correto afirmar que as pessoas que não acompanham o futebol cotidianamente passam a se integrar à discussão sim, sejam elas mulheres ou homens.

Hobsbawn inclusive afirma que a nação “esta imaginária comunidade de milhões, parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome”¹³⁸. Ganhar ou perder equivale a matar ou morrer simbolicamente, de forma que os times com as cores da nação simulam uma guerra. Por exemplo, o Brasil pode ser deficitário em quase tudo, quando comparado aos Estados Unidos, mas se o time de futebol que representa os brasileiros perder para os norte-americanos, será motivo para os brasileiros cobrarem os jogadores e o técnico. Assim, Damo afirma que

¹³⁸ HOBBSAWN, 1990. P. 171. Apud: DAMO, 2006. P. 52.

Um time de futebol não se diferencia, enquanto entidade significativa, de outros tantos elementos que podem ser tomados para tal fim de modo mais ou menos arbitrário, como é o caso de um cântico que se transforma em hino, de um pano colorido que se faz bandeira, de um animal que se torna totem e assim por diante¹³⁹.

Existe todo um trabalho de mediação entre os brasileiros e “a seleção”, os jogadores, comissão técnica, dirigentes, etc. Isso devido ao fato de que é preciso fazer crer à comunidade de sentimento que aquele time representa-a, bem ou mal, e isso implica um jogo de sedução. Nesse trabalho de mediação, ou sedução, concorre a mídia especializada, as agências de publicidade em parceria com grifes locais ou transnacionais, e também a própria FIFA.

Damo afirma que muito do sucesso das copas deve-se aos investimentos simbólicos realizados no período entre guerras, no qual o futebol de espetáculo foi estrategicamente usado como meio de propaganda autoritária. No caso do Brasil, a imbricação entre a seleção e a nação brasileira é algo que já está naturalizado, de tão convincente que foram os mediadores do passado e são os do presente.

Além de possibilitar à nação uma autoimagem positiva, quando há tantos motivos para lembrarmos do Brasil em perspectiva inversa, a imaginária pátria em chuteiras concretiza um país idealizado. A performance do time verde e amarelo não espelha, dessa forma, o Brasil, mas o deforma para melhor. De acordo com Damo, “como o futebol brasileiro é identificado, não por acaso e sim porque é investido, com os segmentos dominados, seu poder simbólico de rendição é potencializado, seduzindo desde os excluídos até parte da intelectualidade”¹⁴⁰.

O time de futebol nacional realiza então uma espécie de unidade nacional por meio da superação das diferenças clubísticas em prol do bem comum, o desempenho do “Brasil” diante dos outros “países”. Boa parte dessa legitimação provém da imprensa esportiva, principalmente nos períodos de copa do mundo. Assim, é frequente que no discurso da crônica esportiva a “seleção brasileira” venha a “representar” o “povo brasileiro”. E esse é um dos aspectos que queremos analisar aqui em relação às Copas de 1970 e 1994.

¹³⁹ DAMO, 2006. P. 52.

¹⁴⁰ DAMO, 2006. P. 55.

3 CAPÍTULO 3

VEJA: O CONTEXTO PELA NOVA REVISTA DA EDITORA ABRIL

“A tarefa de Veja, cumprida à risca por seus editores, é a de disseminar e difundir os projetos e perspectivas desses setores, apresentados como se traduzissem os anseios e as necessidades do conjunto do país”¹⁴¹.

3.1 A IDEOLOGIA PRESENTE EM VEJA

Antes de começarmos nossa análise histórica de um meio de comunicação, precisamos pensar essa relação entre a história e o jornalismo, pois de acordo com Rioux, o historiador que pratica o diálogo entre essas duas áreas pode correr alguns riscos. Isso ocorre porque esse encontro pode ser visto como perturbador ou ilegítimo, pois as profissões de jornalista e historiador cresceram separadamente há cerca de um século e meio, e com o tempo, delimitaram-se seus respectivos territórios, em que se ignorava um ao outro.

Foi somente em 1962, quando Jean Lacouture lançou nas *Editions du Seuil* a sua coleção denominada “História Imediata” que foi dado o passo para acabar com tal distância. Desde então, os jornalistas começaram a defender que não se contentariam em registrar o eco da atualidade, pois ele saberia produzir material elaborado e exercer seu olhar crítico. De acordo com Rioux, desde então que “se percebeu mais claramente [...] o papel decisivo dos meios de comunicação na transição, na representação e até na produção do acontecimento e, portanto, na respiração da História”¹⁴².

Quando a história lançou-se ao estudo do presente, ela não cultivou encontros frequentes com a história “imediata”, feita pelos jornalistas e por isso aprendeu muito pouco com ela, enquanto privilegiava o diálogo com os sociólogos ou economistas. Ela preferiu se ater à observação ativa das questões de memória ou à participação em comemoração, ao invés de encarar as novas dimensões dos acontecimentos.

¹⁴¹ SILVA, Carla Luciana. O indispensável partido neoliberal (1989/2002) – Cascavel: Edunioeste, 2009. Coleção Tempos Históricos, vol. 7.

¹⁴² RIOUX, Jean-Pierre. Entre História e Jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTART, Philippe. Questões para a História do Presente. Bauru, SP: EDUSC, 1999. P. 122.

Apesar disso, a história acabou emprestando e interiorizando algumas boas dicas da imprensa, seja na escolha de seus temas, nas práticas de pesquisas de campo e no uso do gravador, ou então no estilo mais consensual de sua escrita. Em geral, “em seu contato permanente com a exigência dos vivos e a impetuosidade do atual”¹⁴³. Esse trabalho procura ser uma contribuição na busca de diminuir essa distância, tentar aproximar essas duas áreas que tem tanto para contribuir uma com a outra.

Para analisarmos a *Veja*, recorreremos a alguns trabalhos sobre o ato de exercer o jornalismo, principalmente a influência da mídia no poder. Alzira Alves de Abreu ao trabalhar o papel da mídia como ator privilegiado do sistema político afirma que os pesquisadores ainda resistem a trabalhar essa temática. Ela afirma que: “Embora a participação da mídia em todos os acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais seja incontestável, parece evidente a dificuldade de integrá-la nas análises do sistema de poder e nos estudos de práticas profissionais”¹⁴⁴.

De acordo com a autora, essa dificuldade se deve parcialmente porque os próprios conceitos e modelos de interpretação das ciências sociais foram formulados antes que os meios de comunicação de massa adquirissem a importância que se tem hoje na vida política. Os temas presentes nos debates teóricos atuais foram quase todos formulados no século XIX e no início do século XX pelos pais fundadores das ciências sociais: Marx, Weber, Durkheim, Simmel, entre outros.

Max Weber afirma que não basta examinar o produto final, é preciso se interessar por seus produtores, pelo destino e pela sorte reservada aos jornalistas. É preciso se perguntar sobre a origem e a formação do jornalista moderno, o que se espera dele. Weber saliente ainda que ‘a situação do jornalista, assim como outros aspectos, varia bastante de acordo com o partido ou a natureza de seu jornal’.¹⁴⁵

O universo em que vive o jornalista influencia muito sua produção. Por isso que Alves de Abreu afirma que a liberdade de expressão é um dos

¹⁴³ RIOUX, 1999. P. 125.

¹⁴⁴ ABREU, Alzira Alves de. Jornalistas e jornalismo econômico na transição democrática. In: _____; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Mídia e política no Brasil: jornalismo e ficção. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003. P. 13.

¹⁴⁵ Idem. P. 14.

requisitos necessários à democracia, e ela está sujeita a vários fatores, como poder dos anunciantes ou dosacionistas das empresas que financiam os órgãos de comunicação, o poder político, o poder dos seus proprietários e o poder dos leitores. De acordo ela, existe outra dependência que também precisa ser analisada, que é a adesão dos jornalistas de determinados valores, crenças e ideologias que interferem na seleção e no tratamento dado à informação. Não é porque existiram muitos jornalistas engajados contra a repressão do governo, que devemos pressupor que todos eles foram assim. Existiram jornalistas e até jornais e revistas que simpatizavam com a ideologia do governo e não se preocupavam em denunciá-lo, pelo contrário, procuravam legitimá-lo e exaltá-lo.

Devemos assim pensar que o jornalista possui uma responsabilidade muito grande socialmente e que a maneira com ele escreve sobre uma notícia, dá sentido aos acontecimentos e ao mundo em que vivemos. Ao exercer o jornalismo, o jornalista é um ator social que “tem responsabilidade pela seleção e pela construção da informação é ele que seleciona, hierarquiza e dá sentido ao acontecimento que se torna conhecido e inteligível”¹⁴⁶.

Ao estudar a revista, Carla Silva afirma que *Veja* tem como objetivo construir um senso comum baseado em certos interesses e que não se esgotam na propriedade da editora ou na redação dessa revista em São Paulo. A publicação encontraria respaldo quase uníssono em diferentes associações empresariais, que formulam intelectualmente o que seria divulgado para a população.

A ação de *Veja* seria múltipla: formula um programa, organiza e gerencia, agindo pedagogicamente em torno dele. Essas ações seriam partidárias, de acordo com os moldes propostos por Gramsci que entende jornais e revistas como partes ativas do processo histórico. Ele afirma que revistas e jornais são um eficiente meio de “organizar e difundir determinados tipos de cultura”¹⁴⁷.

A cultura não seria algo contemplativo ou fruto da experiência individual e isolada, mas algo complexo, parte do processo histórico, fruto de uma ação coletiva. Por isso, não podemos desvinculá-la do seu contexto político e econômico. Essa visão dá um papel muito mais importante para os meios de comunicação no mundo contemporâneo, pois podemos vê-los como um espaço de disputas e conflitos presentes na sociedade em que estão inseridos.

¹⁴⁶ ABREU, 2003. P. 16

¹⁴⁷ GRAMSCI, 2001. P. 32. APUD: SILVA, 2009. P. 19.

Para Silva, a linha editorial de *Veja* permite situá-la no campo da imprensa liberal, embora ela não esclareça aos seus leitores regras explícitas sobre a sua ação jornalística. A expressão por ela utilizada de “liberalismo”, consistindo em responsabilidade social e opinião pública, é colocada como a própria natureza e razão de ser da imprensa. Para a autora: “Nos parece que essa definição permite a ela se construir a si mesma como um sujeito, ocultando ser portadora dos interesses do capital monopolista internacional e dos grupos brasileiros a ele subordinados”¹⁴⁸.

Por isso, a revista busca definir suas “funções” e sua “missão” como a de um jornalismo sério, objetivo e confiável. Ao fazer isso, se daria o direito de apresentar a realidade comolhe convém, buscando apagar discursivamente suas contradições e, fundamentalmente, os sujeitos e interesses reais defendidos. Ao mesmo tempo, se utiliza de mecanismos que lhe permitem se colocar como defensores dos “interesses supremos do Brasil”. De acordo com Silva, a criação do “sujeito *Veja*” é a forma de ocultar o “partido *Veja*”.

Os espaços editoriais de *Veja* seriam utilizados para defender projetos e programas permanentemente. É esse o sentido dado à revista para a cobertura dos fatos políticos, pois através deles, abrem-se e fecham-se espaços para os diferentes interesses industriais, comerciais e financeiros. Assim, a cobertura política não aconteceria porque a revista esteja interessada em pormenores do Congresso Nacional ou do Poder Executivo, mas porque nesses embates estão em jogo decisões importantes, que interessam aos setores dominantes da sociedade. Para Silva, a revista agiu muitas vezes, em sua história, nesses debates da grande política comoum partido:

Os interesses defendidos em *Veja* tem relação direta com o controle dos trabalhadores, embora ela não se dirija diretamente a eles. Isso se dá inicialmente por dar a conhecer as novas formas de organização do trabalho e as formas com que os trabalhadores devem se adaptar. E também há uma intervenção na luta concreta, em que a revista tem uma ação ideológica muito presente, utilizando velhos métodos discursivos anticomunistas: desconstruindo o pensamento divergente, se colocando no lugar de apontar caminhos para a ‘esquerda’, buscando impor limites à ação de contestação, apoiando a ação repressiva policial¹⁴⁹.

¹⁴⁸ SILVA, 2009. P. 23.

¹⁴⁹ Idem. P. 25.

Bernardo Kucinski afirma que as revistas semanais surgiram como principais usinas ideológicas dos conceitos e preconceitos da classe média, sendo a *Veja* uma delas por ser uma das maiores revistas semanais do mundo. No processo de imposição do consenso, essas revistas estariam exercendo um papel fundamentalmente ideológico, “captando, reprocessando e realimentando os temores das classes médias”¹⁵⁰. A história de *Veja*, já refletiria todo um exercício de compactação do que a classe média pensa, ou ao menos do que seus editores julgam que é o pensamento convencional da classe média. Porém, de acordo com o autor, por ser uma empresa multinacional, sem raízes nas tradições oligárquicas dos proprietários de jornais, seria uma das grandes empresas jornalísticas brasileiras que mais confere autonomia às redações e ao seu corpo de jornalismo. Porém, vamos entender como tudo começou.

Veja é uma publicação da Editora Abril, fundada por Victor Civita. Ele havia chegado ao Brasil no verão de 1949 e fundado a Editora em Abril de 1950, aos 42 anos. O fundador da revista foi Roberto Civita, seu filho mais velho. Após ter retornado dos Estados Unidos, onde se formara em Economia e Jornalismo na *Wharton School* na Pensilvânia, e trabalhado como *trainee* no grupo *Time-Life*, Roberto ajudou a construir a Editora Abril. Ele foi diretor da revista *Quatro Rodas* e também diretor de publicidade da revista *Realidade*. Seu sonho, porém, sempre fora o lançamento de uma revista semanal de informação.

Finalmente em 1967, Roberto Civita começou a transformar seu sonho em realidade. O projeto da revista levou quase um ano de preparação e elaborado pelo diretor de planejamento Raymond Cohen. Seu estudo especificava que o preço de capa seria de um cruzeiro, com tiragem média de 250 mil exemplares e 25 páginas de publicidade por edição. Dados esses que estavam todos organizados em uma pasta intitulada “Projeto Falcão”.

Com o projeto feito, o próximo passo seria selecionar os profissionais que trabalhariam na revista. O jornalista genovês Mino Carta, foi convidado a ser o diretor de redação. Em 1960 ele já havia trabalhado na Abril dirigindo a *Quatro Rodas*, onde ficou até 1964, quando trocou a editora pelo grupo *Estado*. Lá, elaborou o caderno de Esportes, que ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo Esportivo. Lançou também o *Jornal da Tarde* (JT), em janeiro de 1966. Em

¹⁵⁰ KUCINSKI, Bernardo. A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

dezembro de 1967, Victor Civita o procurou novamente e em janeiro de 1968, Carta retornou para Abril com a tarefa de lançar *Veja*.

Ele e Roberto foram para a Europa e os Estados Unidos para visitar as principais redações de revistas semanais de informações, como a do *L'Express* em Paris, *Der Spiegel* em Hamburgo, *Newsweek* e *Time* nos Estados Unidos. Durante essas visitas, foi firmado um contrato de aproveitamento do material editorial com a *Newsweek*, a italiana *Epoca*, a francesa *Paris-Match* e a alemã *Der Spiegel*. Foi o primeiro passo para então formar no Brasil uma escola de aprendizado rápido de jornalismo, com o objetivo de descobrir novos talentos. A primeira turma do Curso Abril de Jornalismo foi a de 1968, ano de lançamento da revista¹⁵¹.

Após três meses de curso, começou a ser realizada a triagem do pessoal. Foram aprovados 50 participantes dos 100 iniciais. Dessa parte, alguns foram para a redação de *Veja*, em São Paulo e nas sucursais. Outros foram trabalhar no Departamento de Documentação da Abril, que estava nascendo naquele momento. E os demais foram distribuídos para outras redações.

Apesar desses novos talentos descobertos, *Veja* também contou com bastante gente experiente. Como por exemplo, o crítico de cinema Geraldo Mayrink, que trabalhava na revista *Manchete*. Dorrit Harazin, que havia emigrado da Iugoslávia para o Brasil, trabalhava na *L'Express* e havia conhecido Mino Carta e Roberto Civita durante sua visita a revista.

Outros exemplos: Carmo Chagas que havia trabalhado com Mino Carta em *JT* na parte da redação, do fechamento do texto e da pauta. O jornalista José Roberto Guzzo que também fazia parte da equipe do *JT*. Almyr Gajardoni foi convidado para ser o chefe da sucursal de Brasília e já estava há algum tempo na *Folha de São Paulo*. Paulo Totti foi o primeiro chefe da sucursal de Porto Alegre, havia trabalhado nos jornais *Última Hora* e *Correio do Povo*.

Já na fotografia, um dos pioneiros Cristiano Mascaro, havia sido apresentado por Mino Carta pela jurada de um concurso universitário de fotografia que ganhara. Ficou até 1969 quando foi para a Itália para estudar, quando voltou em 1971, foi para *Veja* onde permaneceu até 1973. Em 1973, Sérgio Sade foi contratado como fotógrafo da sucursal de Curitiba e durante a Copa do Mundo na Alemanha foi credenciado e enviado para fotografar para os editoriais de Comportamento, Gente,

¹⁵¹ ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. *Veja sob censura: 1968 – 1976*. São Paulo, SP: Ed. Jaboticaba. 2009.

Cidades e Esportes. Antes disso, era *freelance* da revista desde 1968 e de *Placar* a partir de 1970.

Veja ainda tinha outros jornalistas com vasta experiência, como Tão Gomes, Pedro Oliveira, Sérgio Pompeu, Renato Pompeu, Ulysses Alves de Souza, Armando Salém, Hamilton de Almeida Filho, Tim Teixeira, José Maria Mayrink e Luiz Adolfo Pinheiro. Em 2000, A Editora Abril lançou o livro *A Revista no Brasil*, volume comemorativo do aniversário de cinquenta anos do grupo e ao se referir a *Veja*, afirma

Veja, criada em 1968 nos moldes da americana *Time*, chegou com a disposição de ir além da mera resenha da semana, servindo ao leitor coberturas exclusivas e, sobretudo, interpretações: o contexto em que o fato se deu seus possíveis desdobramentos e consequências. Outra novidade, naqueles começos, era o texto impessoal, capaz de dar a impressão de que a publicação fora escrita, de ponta a ponta, por um mesmo redator¹⁵².

De acordo com a publicação da Abril, *Veja* chegou ao século XXI como a quarta maior revista semanal de notícias do mundo, atingindo picos de triagem de 1,7 milhão de exemplares semanais, atrás apenas das americanas *Time*, *Newsweek* e *U. S. News*. Ela foi precursora do estilo no Brasil, o que excitou o mercado e resultou no aparecimento de outras publicações com fórmula semelhante, como *Isto É* (1976) e *Época* (1998), que também se tornaram importantes publicações brasileiras. *A Revista na História* afirma que “Cada uma a seu modo, as revistas de informação exerciam notável influência na vida do cidadão, no final do século XX”¹⁵³.

3.2 OS ANOS INICIAIS

Antes de ser lançada, foram produzidos 13 números zeros da nova revista. Pelos bonecos das capas, só se sabia que o nome da publicação teria quatro letras, mas Mino Carta não havia chegado ainda a um consenso sobre qual seria o nome. Victor Civita insistia em chamá-la de *Veja*, mas ele considerava que “*Veja* seria um bom título para uma revista concorrente da *Manchete*, mas não era

¹⁵² Editora Abril, 2000. P. 60.

¹⁵³ Idem. P. 62.

um bom título para uma revista semanal de informação, que era mais para ler do que para ver”¹⁵⁴.

Roberto Civita também não concordava com o nome, mas mesmo assim Victor apostou nele para a sua revista semanal de informação. Por exigência jurídica uma palavra de uso comum não poderia ser registrada sozinha, *Veja* era acompanhada por “*Leia*”, mas saía bem pequeno, quase imperceptível. Seu lançamento teve uma das maiores campanhas publicitárias da história da imprensa brasileira. Na edição comemorativa do quarto aniversário, Raimundo Rodrigues escreveu que

durante 12 minutos, às 22h, quase todas as emissoras de TV do País, numa rede só formada anteriormente para graves declarações de chefes de Estado brasileiros, transmitiram imagens da produção da revista e do trabalho experimental de seus repórteres. Desfilaram pelo vídeo, sendo entrevistados para ajudar a lançar a imagem de *Veja*, personagens variados que iam de Agnaldo Rayol ao presidente do Conselho de Segurança das Nações Unidas¹⁵⁵.

Segundo Almeida, o slogan publicitário “O mundo está explodindo à sua volta e você não sabe o porquê” também ajudou a reforçar a imagem de uma revista que trazia as informações mais quentes do momento e que as pessoas não podiam deixar de ler. Apesar disso, a campanha de lançamento deu a entender que *Veja* seria uma revista semanal ilustrada concorrente da *Manchete* e não uma semanal de informações. As revistas ilustradas tinham como prioridade a fotografia, já as de informações investiam no texto. Era um novo tipo de revista, com novos padrões e o qual o público não estava preparado. De acordo com Almeida,

Veja foi lançada no dia 11 de setembro de 1968. No total, 700 mil exemplares, no formato 27 x 21 cm, foram distribuídos para as bancas de todo o País. O preço de capa era de um cruzeiro; tinha 144 páginas, em cores e em preto-e-branco, trazia as notícias da semana, e em 63 delas, publicidade. A revista foi a primeira semanal de informações a trazer o modelo da *Time* ao Brasil¹⁵⁶.

A primeira edição, por exemplo, teve uma tiragem de 700 mil exemplares, a segunda 500 mil, a terceira de 300 mil, a quarta de 150 mil e a quinta cerca de 100 mil exemplares. Mino Carta reconheceu que foi uma revista que

¹⁵⁴ CHAGAS, Carmo, 1992. P.273. Apud: ALMEIDA, 2009. P. 36.

¹⁵⁵ *Veja*, edição comemorativa do quarto aniversário, 1972, PP.9-10.

¹⁵⁶ ALMEIDA, 2009. P. 39.

decepcionou o público, que esperava uma coisa e veio outra, pois esperavam uma concorrente de *Manchete*. Segundo ele “era uma revista muito nova para o Brasil, muito diferente, uma revista que pretendia dar o resumo de todos os acontecimentos da semana. Enfim, ela não caiu no gosto”¹⁵⁷.

Durante cerca de 20 edições, a revista não vendeu mais do que 16 mil exemplares. De 1968 e a parte de 1969 a quantidade de anúncios era contada número a número pelo pessoal da redação, e geralmente não ultrapassava os dedos das mãos e neste ano a situação financeira de *Veja* era péssima. Corriam boatos pelos corredores que a revista estava com os dias contados, mas isso não passava de rumor, pois a ideia de fechá-la não passava pela cabeça de Victor e Roberto Civita. Afinal, acreditavam na fórmula da revista, pois nos países onde uma semanal de informação fora lançada, as editoras se fortaleciam e adquiriram mais prestígio.

A Editora Abril, nos primeiros anos, teria tido um rombo cerca de seis vezes o investimento previsto no projeto “Falcão”. Quem bancou a aventura foram as demais revistas e histórias em quadrinhos, e por isso, muitas vezes o lucro das demais publicações era perdido diante do prejuízo da semanal. Foram necessários seis anos para que a revista começasse a fazer sucesso, durante esse período, os jornalistas encontraram dificuldade em saber como fazer o tipo de jornalismo que o editorexigia. Diariamente, redatores e editores se debruçavam sobre as revistas, liam e reliam *Times* e *Newsweek*. Tentavam repetir a fórmula da revista, mas não conseguiam. Algo sempre saía errado ou diferente: o título, a legenda, a capa, etc. Isso porque quase todos vieram de jornais e estavam acostumados a escrever notícia local e diária. Até Mino Carta se angustiou com a demora de se encontrar o tom certo do texto:

Quando o primeiro número começou a sair das máquinas e quando eu comecei a ver o primeiro caderno, fui tomado de uma profunda sensação de pânico. Porque ali ficou claro que estava tudo errado [...]. Com *Veja*, eu disse, não é isto. Não tem nada haver com aquilo que é a coisa. E eu devo também confessar que naveguei na mais total escuridão por muito tempo¹⁵⁸.

Veja só começou a dar lucro e a vender mais após uma série de mudanças. Uma delas foi a introdução da entrevista das “Páginas Amarelas”, logo

¹⁵⁷ Idem. P. 39.

¹⁵⁸ *Veja*, edição comemorativa do quarto aniversário, 1972, p.12.

nas páginas iniciais, trazendo um assunto importante, de preferência com alguma personalidade conhecida. De acordo com Almeida, “Elas se tornaram amarelas porque a editora tinha um estoque de papel, de gramatura diferente, dessa cor. A ideia inicial era de que fossem na cor bege ou ocre, mas depois de consagradas, não puderam mais ser mudadas”¹⁵⁹.

Outra medida que teria se tornado um sucesso, seria a produção de um caderno de investimentos no final de cada número, também da cor amarela. Receber as revistas em casa também ajudou muito nas vendas. Até então não existiam assinaturas de revistas, pois os jornaleiros do Rio de Janeiro e de São Paulo não permitiam. Eles escondiam as revistas com anúncio de assinaturas e não vendiam nenhuma. Para mudar isso, Roberto Civita teve duas reuniões com os donos das bancas, conhecidos como capatazes. Perguntou se a editora Abril não era uma empresa que rendia lucros a eles e todos concordaram. Então, Roberto Civita pediu a

autorização deles para vender assinaturas de *Veja*, a única maneira de salva-la. Se a venda de assinaturas não a salvasse, fecharia a revista. Em troca da permissão, prometeu aos ‘capatazes’ que nos dez anos seguintes não venderia assinaturas de nenhuma outra publicação da Abril. Os capatazes concordaram¹⁶⁰.

Dessa forma, sem assinar nenhum contrato, o acordo foi fechado, e durante dez anos, Roberto Civita não vendeu assinaturas de nenhuma outra revista da Abril. E o resultado não poderia ter sido mais certo: de outubro de 1971 a julho de 1972, *Veja* vendeu 46 mil assinaturas. Apesar de serem mudanças grandes, a maior delas na verdade foi a descoberta do eixo da revista e da maneira de escrever as matérias. Foi nesse período que ocorreu a reforma editorial, na qual a cobertura política passou a ter mais destaque. Foi nessa época também que *Veja* lançou os fascículos sobre a conquista da Lua, que foi um imenso sucesso.

De acordo com Almeida, foi na cobertura política que *Veja* descobriu seu caráter nacional. Ao buscar o furo, teria que ser corajosa e independente, assim, dava sentido aos acontecimentos e encontrava a fórmula da revista semanal de informações brasileira. Após encontrarem a fórmula correta, a revista passou a vender mais, a publicidade aumentou e o prejuízo começou a baixar. A partir do

¹⁵⁹ ALMEIDA, 2009. P.49.

¹⁶⁰ ALMEIDA, 2009. P. 50.

terceiro ano, ela não dava mais prejuízo, mas mesmo assim precisava cobrir o vermelho dos anos anteriores. A partir do sexto ano, tornou-se uma publicação lucrativa.

A maneira de escrever a revista, a sua fórmula, foi aprendida na prática, no dia-a-dia do fazer jornalismo: o uso de muitos adjetivos, a apuração minuciosa dos fatos e o cuidado com o texto, segundo Almeida passaram a ser a marca de *Veja*. Isso claro é a mensagem que a revista e a editora querem passar, não necessariamente sendo a forma como todas as pessoas a veem, afinal atualmente *Veja* sofre muitas críticas de pessoas de orientação política de esquerda pela forma como faz o jornalismo.

3.3 A CENSURA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Durante a primeira fase da ditadura, quando na prática ainda havia liberdade de expressão, a imprensa não manifestava desaprovação consistente do governo. Mas, na realidade a história da censura à imprensa já tinha começado a ser escrita. O AI-2 já começara a apertar o cerco ao aumentar para dois anos a prescrição da ação penal relativa a delitos de imprensa. Em 1967, a Lei de Imprensa deu poder ao ministro da Justiça para apreender qualquer impresso que veiculasse incitamento à subversão da ordem política e social.

Mas com o Ato Institucional número 5 em 1968, as restrições seriam cada vez maiores. O AI-5 tinha como principais características a perda do *habeas corpus*, a institucionalização da censura prévia e a tortura. Assim, o governo assumiu definitivamente sua face ditatorial. O ato vigorou até o dia 31 de dezembro de 1978, dias antes da conclusão do mandato do presidente Ernest Geisel, que já havia acabado com a censura à imprensa anteriormente. Nesse período, entre 1969 e 1978, a imprensa brasileira recebeu mais de 500 proibições.

A censura deixou muitas sequelas na imprensa brasileira. Segundo levantamento do projeto “Brasil: Nunca Mais”¹⁶¹, quinze processos que tramitaram no Superior Tribunal Militar (STM) incidiram sobre jornalistas. Cada profissional lidou com a censura de uma maneira. Para alguns, apesar da época de insegurança e

¹⁶¹ O Projeto “Brasil Nunca Mais” (BNM) foi uma pesquisa desenvolvida entre 1979 e 1985, envolvendo leigos e religiosos. Foram reunidos, duplicados e microfilmados 707 processos que atingiram o âmbito do Superior Tribunal Militar (STM). Uma síntese dessa pesquisa foi publicada no livro *Brasil: Nunca Mais*, Petrópolis (RJ): Vozes, 1985. Consta como autoria a Arquidiocese de São Paulo, com prefácio de D. Paulo Evaristo Arns.

terror, foi também um período de muita solidariedade e coragem. Para AlmyrGajardoni, considerado o jornalista mais censurado de *Veja* (sua editoria era a de Brasil, a mais visada), o momento exigia “luta e ânimo para manter as coisas funcionando” ¹⁶².

Para DorritHarazim, o convívio com a censura prévia e o aprendizado necessário para burlá-la, faziam parte de um quadro maior, que era o de resistir ao regime ditatorial de todas as formas necessárias. E para Roberto Civita, foi uma época de reforço das convicções democráticas. A maioria dos jornais de expressão nacional, entretanto, teria apoiado o golpe, como *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e o *Estado de São Paulo*.

De acordo com Almeida, nessa época havia uma imprensa engajada politicamente e cada jornal defendia claramente suas pretensões políticas de acordo com o grupo ao qual fazia parte. O *Última Hora* de Samuel Wainer teria sido o único grande órgão de imprensa da época que combateu o golpe. Já de acordo com Oscar Pilagallo, da grande imprensa paulista, só *O Estado*, o *Jornal da Tarde* e a *Veja* não aceitaram a imposição e foram submetidos à censura prévia, além de atingir os tabloides alternativos. Para o autor, a publicação da grande imprensa que fora submetida à censura com mais rigor e por mais tempo teria sido também a *Veja*.

De acordo com Beatriz Kushnir, dentro dos jornais muitos dos censores eram jornalistas, e havia jornalistas que eram policiais em parte da grande imprensa no período pós-1968. Neste sentido, teria existido um colaboracionismo entre parte da imprensa com os órgãos de repressão após o AI-5. A autora pesquisa as relações de alguns setores das comunicações com a ditadura civil-militar do pós-64, pois, segundo ela, “além de não fazer frente ao regime e às suas formas violentas de ação, parte da imprensa também apoiou a barbárie” ¹⁶³.

Claudio Abramo afirma que a censura muitas vezes vinha primeiro dos donos do jornal, antes mesmo de chegar pelo governo. “Como havia censura prévia durante o regime cívico-militar, para muitos jornalistas ingênuos ficou a impressão de que eles e o patrão tinham o mesmo interesse em combater a censura” ¹⁶⁴. Dessa forma, assim como defende Kushnir, o autor afirma que poderia existir um encontro de interesses entre os donos de meios de comunicação e os

¹⁶² ALMEIDA, 2009. P. 77.

¹⁶³ KUSHNIR, Beatriz. Cães de guarda: entre jornalistas e censores. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Org.). O golpe e a ditadura militar quarenta anos depois (1964-2004). Bauru: EDUSC, 2004. P.250.

¹⁶⁴ ABRAMO, 1998. Apud: KUSHNIR, 2004. P.250.

militares no Brasil. Até porque um meio de comunicação defende os interesses de seu dono, com pouco espaço para a real expressão dos jornalistas. Segundo Nelson Werneck Sodré,

Assim como aos camponeses não pertence a terra, nem aos operários as fábricas, nem aos assalariados em geral os meios de produção – lavram os homens de imprensa em seara alheia. Deles não são os veículos informativos: o jornal, o rádio, as agências telegráficas, a televisão e o cinema”¹⁶⁵. Outro jornalista escreveria, com absoluta franqueza: “Eu resolvi me emancipar porque cheguei à seguinte conclusão: no Brasil, nunca houve, na realidade, liberdade de imprensa. O que existe e sempre existiu é a opinião do dono do jornal”¹⁶⁶.

Temos que pensar que, além da censura do governo, existiu, e possivelmente ainda existe, a censura por parte dos donos dos meios de comunicação. Assim, para se adaptarem então aos “novos tempos” muitos proprietários de meios de comunicação, após o decreto do AI-5, demitiram os jornalistas mais ativos politicamente e que iam contra a ditadura, com medo da perseguição por parte do governo.

Pilagallo afirma que a maioria da imprensa paulista, ao acatar as ordens dos censores enviadas por telefone ou telex, deixava de abordar os temas proibidos, sofrendo uma “censura branca” como era chamada a autocensura. A *Folha de S. Paulo* fora uma delas. Cláudio Abramo, diretor editorial, comenta que o jornal seguia as ordens dadas por pelo telefone e que acatar a censura foi uma opção da empresa. Ele mesmo fazia a autocensura, salvaguardando os colegas. Ele comenta que “O jornal não tinha condições de resistir a pressões do governo, e por isso não provocava. Foi uma política muito sábia”¹⁶⁷.

Outra possibilidade é a de que a chamada censura interna ocorreu porque os donos de jornais e revistas visavam o lucro e não queriam que suas publicações fossem apreendidas pela censura, por isso já impunham certo posicionamento de suas matérias, que não fossem contra os interesses militares.

¹⁶⁵ SEGISMUNDO, 1962. P. 10. Apud: SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Martins Fontes, 1983. P. 479.

¹⁶⁶ SODRÉ, 1983. P. 479.

¹⁶⁷ Entrevista de Cláudio Abramo ao “Folhetim”, Folha de S. Paulo, 18/6/1978. Apud: PILAGALLO, Oscar. 2012. P. 179

Existiam também os jornalistas que, para se manterem no emprego, e até vivos, se autocensuravam¹⁶⁸.

Quem contestava o regime, era considerado um inimigo e deveria ser combatido. Dessa forma, os meios de comunicação e os próprios jornalistas que não concordavam com o regime eram considerados espiões ou agentes de grupos comunistas, que queriam tomar o poder. Podemos perceber então que o papel da imprensa se torna supervalorizado, evidenciando-se na criação de órgãos de segurança que passaram a limitar o exercício profissional dos jornalistas, editores, fotógrafos, etc. Dessa forma, havia duas instâncias de censura.

Uma se aplicava à diversão: teatro, cinema, novela, músicas, programação de rádio e TV, que tinha o objetivo que preservar a “moral e os bons costumes”. E a outra era a realizada na imprensa, que tinha um caráter mais político. A censura da imprensa ocorreu de duas formas: primeiro iniciou-se com bilhetinhos e telefonemas que determinavam os assuntos que não deveriam ser abordados. Com o tempo ela ganhou força com agentes da Polícia Federal visitando as redações com papéis timbrados e assinados por alguma autoridade contendo os assuntos que não deveriam ser abordados nas reportagens.

A segunda maneira era a censura prévia, na qual os censores revisavam todo o material antes dele ser divulgado. Geralmente era uma punição àqueles meios de comunicação que não obedeciam às determinações dos bilhetinhos e telefonemas. Esses dois tipos de censura podiam coexistir dentro de uma redação ou então alternadamente, quando os censores se retiravam e voltavam a operar somente por telefonemas e bilhetes. Em relação à prática da censura prévia, Almeida afirma que

De cara, a censura prévia, feriu a liberdade de expressão, suprimiu o material jornalístico, impediu a mobilização política da sociedade e a autonomia dos donos de jornais. E foi eficaz. Diferentemente da visão de que a censura era aleatória, [...] ela foi objetiva, e o censor sabia o que iria cortar¹⁶⁹.

Dessa forma, para a autora a censura não visava a criar uma imprensa pró-governo, mas sim de não deixar publicar temas que incomodassem ou prejudicariam o projeto governamental. A equipe de *Veja* sentiu a censura prévia, de

¹⁶⁸ TERCIOTTI, 2009. P. 26.

¹⁶⁹ ALMEIDA, 2009. P.91.

acordo com Almeida, de maneira ininterrupta por mais de dois anos, entre 1974 e 1976. E para o então diretor da Editora Abril, Edgard de Silvio Faria, ceder não era opção, assim buscavam enganá-la com emprego de metáforas, alegorias e entrelinhas, mas não o ponto da revista ser apreendida. Isso porque, além dos prejuízos financeiros, eles poderiam sofrer retaliações ao publicar matérias polêmicas demais e a Censura Federal não daria novas chances. Apesar da censura prévia, a revista teve algumas edições apreendidas, mas cedeu muitas vezes para conseguir publicar suas matérias.

3.3.1 A Censura em *Veja*

A capa da primeira edição de *Veja* chegou causando desconfiança nos setores militares, pois trazia a imagem de uma foice e um martelo. A matéria falava sobre a crise do mundo comunista após a invasão da Tchecoslováquia pelas tropas do Pacto de Varsóvia. Algumas pessoas e até militares chegaram a achar que era propaganda comunista, mas a revista nada sofreu com isso.

Ilustração 1 - Revista *Veja*. Capa. Ed. 1. 11/09/1968. Acervo Digital.



E realmente não haveria motivos para críticas ou sanções. Primeiro, porque a censura ainda não havia sido instaurada, e segundo porque a matéria não fazia nenhum tipo de elogio ao regime comunista. De acordo com a matéria, Moscou deixara de ser o centro do mundo comunista com revoluções na Iugoslávia em 1948, China em 1950 e Romênia em 1966. O motivo para a escolha dessa capa provavelmente teria sido por questões mercadológicas, para chamar a atenção de seus compradores.

Já a capa da edição número 15, de 18 de dezembro de 1968, a primeira edição a sair depois da promulgação do AI-5. Roberto Civita relata que o censor chegou à sua sala pouco antes do meio-dia, anunciando que iria analisar a revista. Aproveitando o horário, Roberto Civita convidou-o para almoçar, comeram macarrão e tomaram fartos copos de vinho, e recorda: “Ele saiu alegre e contente depois do almoço. Nós tínhamos mudado a capa de *Veja* naquela semana pela quarta vez e, neste dia, chegou de Brasília uma foto do Costa e Silva sozinho sentado na Câmara dos Deputados”¹⁷⁰. Claro que foi a capa escolhida para aquela semana. Os dois então teriam tido o seguinte diálogo:

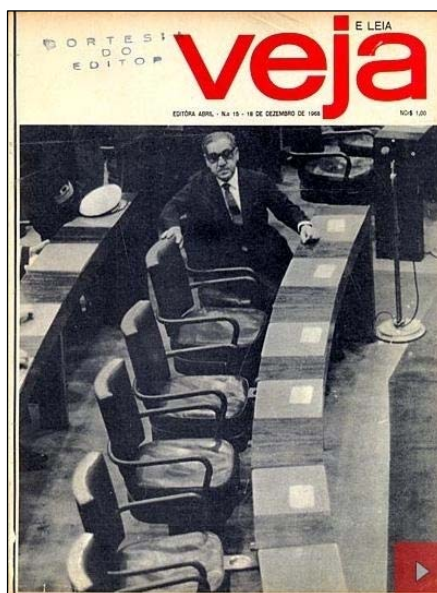
- Estou pensando em colocar o presidente na capa – disse Roberto Civita ao censor.
- O que o senhor vai escrever na capa?
- Roberto Civita pensou por um momento e respondeu seriamente:
- Nada¹⁷¹.

Civita afirmou que, qualquer coisa que fossem escrever, seria tirada, então ele achou que seria melhor deixar a capa falar por si mesma. E o censor, sem pensar muito a aprovou e ela foi utilizada. Não é de se surpreender que a capa não fora bem aceita pelos militares, a revista apreendida e o censor trocado na semana seguinte por outro.

¹⁷⁰ CONTI, 1999. Apud: ALMEIDA, 2009. P. 101.

¹⁷¹ ALMEIDA, 2009. P. 101.

Ilustração 2 - Revista Veja. Capa. Ed. 15. 18/12/1968. Acervo Digital



Depois da apreensão, a censura esteve presente durante todo o ano de 1969, ela se instalava por um tempo e depois ia embora. Nesse período é que se iniciou a censura por telefone, além de comunicados enviados por telex e timbrados pelo Ministério da Justiça. A censura ocorreu de maneira mais enfática no início dos anos 1970, após a apreensão nas bancas da edição número 66, de 10 de dezembro de 1969, que trazia uma reportagem sobre tortura. De acordo com Almeida, o motivo para a publicação da reportagem foi que:

A sucursal de Brasília descobriu que o então presidente Emílio Garrastazu Médici não admitiria a prática da tortura e os torturadores em seu governo. O repórter Dirceu Brizola obteve uma entrevista com o ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, na qual este declarou que, caso fossem confirmadas as denúncias por autoridades policiais, o Ministério iria intervir dentro os limites para preservar a ordem jurídica interna e a Segurança Nacional¹⁷².

Assim, Mino Carta colocou na capa a estátua da Justiça na Praça do Planalto com a chamada: “O presidente não admite torturas” num fundo vermelho.

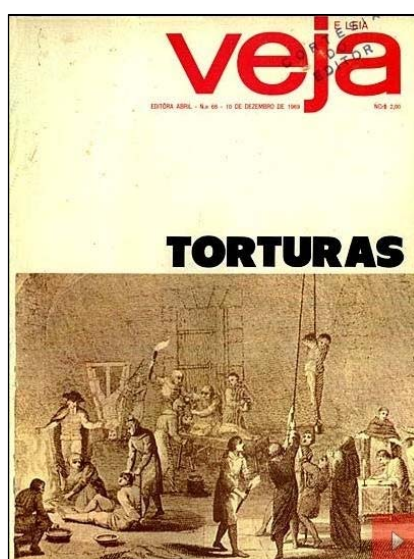
¹⁷² ALMEIDA, 2009. P. 108.

Ilustração 3 - Revista Veja. Capa. Ed. 65. 13/12/1969. Acervo Digital.



Na reportagem, *Veja* falou sobre os principais tipos de tortura, exigindo o controle de sua prática. Analisando essa prática que estava se tornando tão comum em nosso país, *Veja* mostrou que as torturas eram defendidas como parte da teoria de guerra, e reforçou que, por causa do clima de terror criado entre a população, elas até poderiam prejudicar o ritmo de crescimento do país. Essa reportagem dominou a imprensa e mais apuração foi feita sobre o assunto. Resultado: mais uma edição.

Ilustração 4 - Revista Veja. Ed. 66. 20/12/1969. Acervo Digital.



Ela foi apreendida nas bancas porque o Presidente teria ficado irritado com a matéria, pois indispunha *Veja* contra seu governo. E foi a partir daí que surgiu a censura na revista. Antes disso, o censor não permanecia muito tempo na redação, ele ia e voltava, mudando muitas vezes a pessoa que analisava as publicações. A partir da edição 1966, o censor passou a frequentar diariamente a redação da revista. O tema trabalhado gerou duas capas, mas foi a segunda que foi a gota d'água para o governo.

A prática da censura primeiro foi realizada pelo Segundo Exército na própria redação e durou cerca de um ano. Os oficiais são descritos por Mino Carta como educados, não agressivos e também nunca arrogantes. Já a censura feita pela Polícia Federal, realizada a partir de 1971, é descrita por ele como lamentável e de baixo nível, devido principalmente à falta de preparação intelectual dos censores. Outras edições de *Veja* foram apreendidas (mesmo com a censura prévia da revista), o que gerou algumas visitas de Mino Carta e da família Civita à Polícia Federal para depor, o que era muito comum acontecer com donos de veículos de comunicação. Victor e Roberto tiveram de viajar por diversas vezes à Brasília, convocados pelo ministro-chefe da Casa Militar ou pelo ministro da Justiça.

Já em 1972, o censor foi à redação até o dia 16 de setembro. Dali em diante, estava-se dando um voto de confiança, de que a própria revista conseguiria distinguir o que poderia ou não ser publicado. Em 1973 a censura por bilhetinhos e telefonemas voltou, e em 1974, a censura prévia. *Veja* possuía uma lista de proibições, algumas específicas, como nenhuma informação ou declaração de D. Pedro Casaldáliga, D. Helder Câmara ou qualquer outro manifesto dos bispos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) quando contrários ao governo. E também, lista abrangente como informações sobre sequestros, torturas, greves, bombas e até notícias pejorativas relacionadas à polícia.

Diante dessa realidade, *Veja* teve a ideia de utilizar estratégias para denunciar a existência da censura em suas páginas: durante seis edições, publicou imagens de anjinhos e diabinhos no lugar das reportagens censuradas. As reações naturalmente vieram por parte dos censores, que não gostaram da atitude e proibiram a publicação de qualquer coisa que desse a entender a existência de censura na revista. Mas, de acordo com Almeida, *Veja* continuou procurando novas formas de denunciar a censura, publicando poemas, por exemplo. Até que em 1974, a revista passou a utilizar as arvorezinhas, símbolo da editora. Juntamente com os

desenhos das árvores, estava um texto que citava a história e o compromisso da Abril com o futuro do País e com seu público leitor.

Almyr Gajardoni conta que a redação, mesmo diante da censura, nunca deixou de propor uma matéria que seria polêmica ou proibida. Ele afirmou que “Se a gente achava que tinha que fazer, tinha que fazer e paciência. Não pensávamos: Não vamos fazer porque isso a gente tem certeza de que vai ser vetado”¹⁷³. Mas, outro jornalista, Carmo Chagas já afirma o contrário, que algumas matérias não saíam do papel devido à censura: “Às vezes, tinha essa ou aquela ideia de matéria, e pensamos: nem adianta fazer porque a censura não vai deixar mesmo”¹⁷⁴.

Talvez essa discordância acontecesse porque os jornalistas em geral não sentiam tão de perto a censura e sim os editores. A redação planejava todas as matérias como se não houvesse censura, enquanto Mino Carta que deveria dizer o que poderia ser publicado ou não, para evitar desgastes desnecessários. Tanto que o jornalista Hermano Henning afirmou que “Eu nunca saí à rua com a visão de que aquilo era um assunto proibido e não seria publicado nada. Nossa relação com a censura era distante”. Sérgio Sade também relata que sua relação com a censura não foi direta:

Talvez as pautas já viessem com uma autocensura. Mas nunca deixei de fazer fotos de caráter social, fora das pautas, e nenhuma delas deixou de ser publicada por censura interna ou externa, mas por não estar dentro dos assuntos da semana, que talvez já estivessem submetidos a algum tipo de controle, mas sem meu conhecimento¹⁷⁵.

Essas declarações nos soam estranho atualmente, pois como os jornalistas não sentiam a censura em seu trabalho? Talvez isso se explique pelo fato de realmente a direção da revista tomar a responsabilidade por aquilo que estava sendo publicado, e também pelas reportagens não serem assinadas, o que já era uma estratégia de proteção, o que fez com que nenhum jornalista de *Veja* tivesse sido preso durante todo o período ditatorial. Mas afirmar que nenhuma reportagem fora censurada interna e nem externamente faz com que o jornalista pareça ingênuo ou, no mínimo, desinformado sobre a situação da imprensa naquele período.

¹⁷³ ALMEIDA, 2009. P. 160.

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ ALMEIDA, 2009. P. 161

Diferentemente do texto, em que os repórteres conseguiam publicar ao menos partes de suas reportagens, os fotógrafos muitas vezes eram impedidos na origem. Mascaro afirma que: “Muitas vezes não conseguíamos fotografar, nem tínhamos acesso aos lugares, porque a gente era muito mais vulnerável e observável. O que dava para ser feito e fizemos muitas vezes era caricatura fotográfica de políticos ou militares”¹⁷⁶.

Já em 1975, a censura continuava forte na revista e o relacionamento entre Mino Carta e a Editora Abril começava a dar sinais de desgaste, o que gerou uma crise. No final de janeiro de 1976, a editora recebeu a notícia do fim da censura a *Veja*, pois o governo mostrava sinais de abrandamento que mesclava com medidas mais duras. Até que no dia 20, Victor e Roberto Civita teriam recebido comunicado interno *off the record*, de que teria sido insinuado na Polícia Federal, que “uma gestão da Abril no Ministério da Justiça para abolir a censura a *Veja*, que a essa altura já não se justificava, seria recebida favoravelmente”¹⁷⁷.

Apesar disso, o editor editorial que ficara sabendo dessa possibilidade, aconselhou que a editora não fizesse nenhum comentário nesse sentido. No início daquele mês, a censura já havia saído do jornal o *Estado de São Paulo*, em comemoração ao seu centenário. No final de fevereiro de 1976, Mino Carta saiu da revista. Após sua saída, *Veja* conviveu com as proibições do governo por mais quatro meses, até junho de 1976. No dia 3 de junho, ela se encerrou.

O coronel Felix, da Polícia Federal, telefonou às 10h50 e informou a um assessor que não seria mais necessário o envio da revista impressa para a casa do censor. Nos demais meios de comunicação, a censura só chegou ao fim dois anos mais tarde. Na primeira edição sem censura, a “Carta ao leitor” fez um balanço do período: “só nessa última fase foram eliminadas mais de 10 mil linhas de texto. Sessenta reportagens desapareceram, foram cortadas na íntegra, bem como 64 ilustrações”¹⁷⁸. Almeida afirma que

De qualquer maneira, a redação de *Veja* foi incômoda para o governo. Sempre conseguia passar alguma coisa. Mas havia também a autocensura. A responsabilidade aumentava conforme a posição do profissional dentro da hierarquia da redação. Quanto mais se subia na hierarquia, mais diminuía a ousadia do jornalista¹⁷⁹.

¹⁷⁶ Idem. P. 163.

¹⁷⁷ Idem. P. 140.

¹⁷⁸ “Carta ao leitor”, *Veja*, 9/6/1976. Apud: PILAGALLO, 2012. P. 186

¹⁷⁹ ALMEIDA, 2009. P. 165.

Realmente, a revista deu a entender que incomodava o regime, caso contrário não teria sido censurada algumas vezes, mas, analisando as reportagens vetadas, seu conteúdo não era muito polêmico. O que acontecia era que *Veja* publicava sim matérias que não agradavam ao governo, mas não fazia uma oposição direta a ele. Ela somente se incomodava por ter seus interesses contrariados. Em muitos momentos também, a revista cedeu e em outros publicou reportagens que davam a entender que apoiava a ditadura, principalmente quando se tratava de futebol, como veremos adiante.

3.4 O PROTAGONISMO DAS REDAÇÕES

A partir dos anos 1980 *Veja* se consolidaria como a principal do país. No início da década também o regime militar começaria a entrar em declínio irreversível. Novos partidos começavam a se estruturar, enquanto os exilados voltavam ao Brasil depois da anistia. A direita tentou reverter a abertura, depois do atentado frustrado do Rio Centro em 1981 a ditadura finalmente começava a ficar para trás.

Pilagallo afirma que o movimento Diretas Já, visto em retrospecto, passa a impressão de ter recebido desde o início cobertura entusiasmada da imprensa. De acordo com o autor, essa é uma impressão errada. Com exceção da *Folha*, desde cedo engajada na defesa da emenda constitucional proposta por Dante de Oliveira que previa eleição direta para presidente da República, “os veículos de comunicação demoraram a abrir espaço editorial condizente com a importância daquela que seria a mais vigorosa campanha cívica da história brasileira contemporânea”¹⁸⁰.

A *Veja*, por exemplo, só abordou a campanha de fato em novembro de 1983, com um texto opinativo de Mario Sergio Conti, editor de Política e favorável à tese. Mas somente depois do comício em 25 de janeiro, na praça da Sé, em São Paulo, que colocou a campanha nas ruas, que a revista passou a acompanhar o movimento. Já a *Isto É*, deu uma capa ao movimento logo em seguida ao artigo de *Veja*. A revista, inclusive, teria se mostrado mais engajada que a concorrente e, de acordo com Pilagallo, chegou a publicar foto de seus jornalistas afirmando que eles defendiam a campanha.

¹⁸⁰Pilagallo, 2012. P. 229.

Entendemos que essa ausência da revista demonstra um posicionamento político que começou a se delinear com o fim da ditadura. Por exemplo, *Veja* teria sido o veículo paulista que talvez mais tenha favorecido a candidatura de Collor. A revista de maior circulação do paísthina uma caixa de ressonância mais poderosa que os jornais diários, colocou Collor na capa em março de 1988, quando a disputa eleitoral ainda nem havia começado. O enunciado dizia “Collor de Mello, o caçador de Marajás”, lançando a imagem que mais tarde seria explicada na campanha. Isso que a revista já havia dado destaque ao tema em agosto do ano anterior com a capa “A praga dos marajás”, na qual Collor afirmava que o caso dos altos salários de alguns funcionários públicos havia se transformado numa “tragédia nacional”¹⁸¹.

Ilustração 5 - Revista *Veja*. Capa. 12/08/1987. Acervo digital.



Veja continuava a se engajar politicamente a favor de Collor, ao mesmo tempo em que se colocava contra Lula, quando, a duas semanas das eleições, colocou o líder do PT numa capa com o ar pesado e grave edo personagem e as cores sombrias da foto.

¹⁸¹ *Veja*, 12/8/1987.

Ilustração 6 - Revista Veja. Capa. 20/10/1989. Acervo digital.



Eleito com mais da metade dos votos, Collor assustou a população brasileira com o anúncio do plano anti-inflacionário, que embutia o congelamento de preços e salários, o confisco da poupança da população e o bloqueio por dezoito meses, das contas com saldo superior ao equivalente a 1250 dólares. Jornais e revistas registraram a estupefação geral, mas não condenaram o pacote do governo. *Veja*, por exemplo, opinou que as medidas eram injustas, mas entendia que: “Se o plano der certo, conseguindo estabilizar a moeda e fazendo a economia crescer novamente em médio prazo o sacrifício terá valido a pena”¹⁸².

Para piorar a imagem de Collor, a *Isto É* passou a denunciar e todo o esquema de corrupção envolvendo o presidente, PC Farias e Renan Calheiros, o que foi ignorado pela imprensa. Emiliano José apresenta duas hipóteses para esse comportamento: “há de considerar [...] que Collor estava no início do governo e isso, em tese, diminuía o impacto das denúncias” e a de que “as correntes hegemônicas da política brasileira [...] não estavam dispostas a reverberar as denúncias”¹⁸³.

Isso porque a imprensa investira editorialmente na eleição de Collor e apesar de saber dos casos de corrupção, não o abandonaria tão cedo. Criticava-o, mas não viraria as costas. A *Veja*, por exemplo, fez uma capa em meados de 1991

¹⁸² Carta ao leitor, 21/3/1990.

¹⁸³ José, Emiliano. *Imprensa e poder: ligações perigosas – a CP do PC, do Collor e do orçamento numa análise inédita*. P. 51. Apud: PILAGALLO, 2012. P. 266.

recriminando o que chamou de “A República de Alagoas”, porém voltaria a elogiar o governo no início do ano seguinte, depois que uma reforma ministerial abriu espaço para o Partido da Frente Liberal (PFL), do governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães.

A situação só mudaria quando *Veja* publicou uma entrevista com o irmão caçula do presidente, Pedro Collor, que associou o esquema PC ao presidente. “As declarações, que davam peso redobrado a uma realidade já conhecida, tiveram o efeito de uma bomba”¹⁸⁴. A capa vinha com a manchete “Pedro Collor conta tudo” e ele realmente contou o que sabia, disse que PC agia como testa de ferro do presidente.

Dias depois de publicada a entrevista, foi instalada no Congresso uma CPI para aprofundar as denúncias, o que deu início ao que ficaria conhecido como *Collorgate*, referência ao caso Watergate, que em 1974 levava à renúncia o presidente americano Richard Nixon, ameaçado de impeachment. O que podemos perceber é que ao contrário dos outros momentos decisivos históricos da história contemporânea brasileira, sobre os quais a imprensa somente opinou, o *Collorgate* não teria acontecido sem a participação crucial das revistas, dos jornais e até da televisão. De acordo com Pilagallo,

a história entrou no radar da sociedade por mérito da *Isto É*, ganhou peso e dramaticidade com a entrevista obtida pela *Veja* e tornou-se incontornável depois do depoimento colhido pela própria *Isto É*. Os jornais, cuja importância na revelação das informações determinantes foi menor que a das revistas, também tiveram seu papel. A *Folha* e O *Estado* não apenas reverberaram os acontecimentos, como jogaram o peso institucional de seus editoriais no pedido de renúncia do presidente. E até a TV Globo, que só deixou de apoiar Collor quando a situação era irreversível, contribuiu indireta e involuntariamente para o processo de impeachment, ao incendiar a imaginação dos jovens com a minissérie sobre a rebeldia estudantil¹⁸⁵.

Dessa forma, de testemunhas privilegiadas da história, os jornalistas haviam se transformado em seus protagonistas. Os meios de comunicação passaram também a tomar uma postura mais política, defendendo ideologias, muitas vezes agindo de acordo com os seus interesses próprios.

¹⁸⁴ PILAGALLO, 2012. P. 266.

¹⁸⁵ Idem. P. 272.

Depois do escândalo e da renúncia de Collor, Itamar Franco assumiu a Presidência da República com o apoio dos meios de comunicação, que não se identificavam com as ideias do político, mas que concordavam que o país precisava de tranquilidade para enfrentar os problemas depois de meses de muita turbulência. De acordo com Silva, “diante de uma situação de descontrole econômico e político gerado pelo impeachment, que desorganizou as relações de poder, a revista priorizou a retomada de controle dessas relações pelos políticos”¹⁸⁶.

A atuação da revista não teria sido de “espectadora” e nem de “transmissora”, ao contrário, ela se autoproclamou neutra e vigilante, agindo de forma organizativa e dirigente. A ideologia da “vigilância” queria supor que *Veja* era um “espelho” da realidade, como se fosse um sujeito neutro, o que escondia a sua ação partidária. Na edição especial sobre o impeachment a revista cobrava de Itamar o seu atrelamento ao programa neoliberal:

Cabe a Itamar cumprir o programa com base no qual foi eleito. Um programa que visa por fim aos cartórios e ao protecionismo. Que prega o desmonte do corporativismo e a privatização de empresas estatais que a iniciativa [privada?] pode gerir de forma a aumentar a produtividade da economia brasileira. Sem a modernização do Brasil não haverá como sairmos da miséria¹⁸⁷.

Dessa forma, durante o governo de Itamar *Veja* permaneceu levando a diante o embasamento ideológico da construção de um “projeto nacional”, que defendia desde o governo de Collor, exercendo assim as funções de cobrar, denunciar e exigir atitudes políticas. Silva afirma que desde o início se percebe a pouca proximidade de *Veja* com o novo presidente e progressivamente, a discordância aberta em relação a suas práticas. O apoio inicial oferecido é claramente delimitado pela cobrança, o que se mostrava como uma visão do relacionamento futuro com a imprensa que era comprometida com um projeto político nacional.

A capa da primeira edição sob seu governo é, de acordo com Silva, taxativa: “Início pífilo: Itamar monta um ministério de compadres”. No editorial, confirma essa ideia ao afirmar que o presidente tem como dever apontar caminhos.

¹⁸⁶ SILVA, 2009. P. 82.

¹⁸⁷ Lição de democracia. Carta ao leitor. *Veja*. 30/9/1992, p. 5. Apud: SILVA, 2009. P. 82.

“Ele deve afirmar o que pretende fazer, argumentar em favor de suas ideias, convencer a nação”¹⁸⁸.

Dentre as acusações contra o governo estaria o “complô da mineirice”, assunto que rendera três páginas de uma reportagem, com citações de cientistas políticos como Cândido Mendes que conclui que o presidente “possui a excelência da mediocridade para fazer um bom governo”¹⁸⁹. Após apresentar o presidente como um “caipira”, na reportagem seguinte, *Veja* produziu uma matéria especial para definir o que deveria ser feito pelo governo em relação aos “ajustes que faltam”, de ordem fiscal e reformas administrativas.

Em outra reportagem a revista o chamou de populista, pois estaria interessado apenas em medidas que agradassem à população, como a queda de juros. Cita até uma pesquisa do Ibope que dizia que sua popularidade teria aumentado o que aconteceria com todos os populistas. De acordo com *Veja*, líderes como Itamar “Recebem aplausos na arrancada, como aconteceu com Salvador Allende, no Chile, e Alan García, no Peru. Um ano depois, a inflação explode, o PIB desaba, o abastecimento se deteriora e a insatisfação começa a se instalar”¹⁹⁰.

No início de 1993, porém, a revista foi obrigada a recuar, pois outra pesquisa mostrava uma alta credibilidade em relação ao presidente, e por isso resolveu lhe dar uma “nova chance”. Considerariam como um “ensaio” o período anterior, um treino para a administração efetiva. Em vários momentos, a revista aponta os caminhos do que considera que deveria ser feito pelo presidente. Inclusive *Civita*, enunciava uma série de medidas que deveriam ser tomadas pela imprensa e pela população, que deveriam continuar a fiscalizar e cobrar, especialmente em respeito aos caras-pintada que tanto contribuíram pela deposição do presidente que os havia traído.

Um dos maiores problemas era a altíssima inflação e para isto Itamar convocou Fernando Henrique Cardoso para assumir o Ministério da Fazenda. *Veja* publicou na ocasião “Grande tacada” na capa que estampava a o rosto do novo ministro¹⁹¹. Ao apresentar os contornos do plano Real no final de 1993, a imprensa reagiu bem.

¹⁸⁸ O Presidente deve apontar caminhos. Carta ao leitor. *Veja*. 25/11/1992, p. 17. Apud: SILVA, 2009. P. 83.

¹⁸⁹ Complô da mineirice, p. 62. *Veja*, 7/10/1992.

¹⁹⁰ Conta fechada. *Veja*. 23/12/1992.

¹⁹¹ VEJA, 26/5/1993.

Ao contrário do que ocorrera nos planos anteriores – em que o elemento surpresa era fundamental por causa do congelamento –, o real começava sem sobressaltos, com a sociedade informada sobre as etapas que o programa teria. Em editorial publicado em 8 de dezembro, dia seguinte ao anúncio, a Folha viu três méritos no plano: era gradual, transparente e voluntário. “Gradual, pois descarta qualquer tipo de paulada ou violação de regras contratuais estabelecidas. Transparente, pois estabelece uma sequência de etapas cuja implementação poderá ser a qualquer momento avaliada pelos agentes econômicos. E a adesão à URV, sendo voluntária, reforça o caráter gradual e transparente da proposta”¹⁹².

Outros veículos de informação teriam seguido a mesma linha com o Cardoso a lembrar: “o *Estado* e o *Jornal da Tarde* apoiaram os esforços estabilizadores desde o início”; “as revistas *Veja* e *Exame*, sobretudo essa última, eram favoráveis ao programa”¹⁹³. De acordo com *Veja*, FHC era “a melhor notícia que o país já recebeu desde o *impeachment* de Collor”¹⁹⁴. E, “somente ele seria capaz de fazer as reformas estruturais de que o Brasil tanto precisa”¹⁹⁵. Naquela mesma semana, a imprensa saudou sua candidatura, Cardoso estampou a capa “de olho no Planalto” de *Veja*:

Ilustração 7– *Veja*. Capa. 6/4/1994. Acervo digital



¹⁹² PILAGALLO, 2012. P. 278.

¹⁹³ CARDOSO, Fernando Henrique. A arte da política: a história que vivi. P. 206. Apud: PILAGALLO, 2012. P. 278.

¹⁹⁴ O anjo da guarda do Planalto. Expedito Filho. *Veja*. 26/5/1993.

¹⁹⁵ Apoio e ajuda para melhorar o país. Carta ao leitor. *Veja*. 26/5/1993, p. 17.

Logo que apresentou o Real, *Veja* expressou seu otimismo e buscou afirmar que plano era bom, a revista faz um levantamento com pessoas do ramo. Dentre os entrevistados, seis ex-ministros demonstraram otimismo total, de Simonsen à Delfim Neto. A ideia que prevalecera era de que “o plano é bom”, “melhor do que todos os planos que já experimentamos”. Dessa forma, ele passou a ser, de acordo com a revista, o “Plano Fernando Henrique Cardoso”, o que, de acordo com Silva, consolidou a associação entre a revista e FHC, diminuindo a figura do presidente.

Um sinal disso foi que somente no final de 1993 a revista entrevistou o presidente Itamar Franco. Entrevista esta marcada pela hostilidade. Uma das questões feitas era o ele achava do “plano do ministro”, e o presidente respondeu que o plano era do governo. Outras perguntas hostis são feitas, como por exemplo, “o senhor está cansado, com vontade de tirar umas férias?”, e ainda “existe mesmo a chamada República de Juiz de Fora?”.

De acordo com Silva, chama a atenção o fato de que é muito raro que a revista seja tão hostil ao entrevistado, ainda mais sendo o Presidente da República. Nas edições anteriores, a revista já havia sugerido vários desfechos ao governo, incluindo a possibilidade de golpe ou renúncias do presidente, embora se assentassem em boatos sem fundamentação. O seu objetivo era “alijar Itamar Franco e seu grupo mais próximo, tentando mostrar uma incapacidade e até mesmo infantilidade”, como mostra a charge publicada na época do lançamento do Plano Real, onde o presidente aparece como um bebê chorão sendo “cuidado” pelo seu ministro, FHC.

Ilustração 8 - *Veja*. 20/10/1993. P. 31. Acervo digital.



Mesmo nesse contexto, no início de sua campanha, FHC estava em um distante segundo lugar, com 16% das intenções de voto de acordo com o Datafolha, enquanto Lula estava na liderança, com mais de 40%. Porém, no dia 1 de Julho a nova moeda estreou com avaliação positiva de 59% dos paulistanos, segundo o Datafolha. E a aprovação do plano logo seria transferida para o candidato. A inflação estancou com o real nas ruas, já em julho o índice mensal caiu de mais de 50% para 7%. O resultado eleitoral teria sido imediato: no início de agosto Lula caiu para 29% e Fernando Henrique subiu para 36%, superando o candidato petista pela primeira vez.

De acordo com Pilagallo, desde o momento de sua candidatura foi lançada, Fernando Henrique Cardoso tornou-se o candidato preferido da imprensa. Não houvera jogo pesado contra Lula, como em 1989 e, além disso, Fernando Henrique, ao contrário de Collor, não era um candidato que precisasse ser construído pelos meios de comunicação. O próprio Plano Real o projetara. A maior parte da imprensa limitou-se somente a apoiá-lo, alguns abertamente como *O Estado*, que seguiu a tradição de se posicionar editorialmente a favor de um candidato. Fernando Henrique se elegeria no primeiro turno com 54,3% dos votos, contra 27% de Lula.

Segundo Pilagallo, quando Itamar deixou o poder contava com aprovação de mais de 80% dos brasileiros. No Natal de 1994, a “Revista da Folha” comentou: “Os livros de história vão dizer que um presidente fez o sucessor. Mas há quem diga que este é o caso de um sucessor que fez o presidente”.

Nesse contexto analisamos as Copas do Mundo de 1970 e 1994. A primeira durante a ditadura civil-militar e a segunda no governo de Itamar Franco, em ano eleitoral. Podemos perceber como posicionamento político de *Veja* se modificou com o tempo, se colocando cada vez mais a “direita”, mas queremos entender como que isso se demonstrou nas matérias relacionadas ao futebol.

4 CAPÍTULO 4

PRA FRENTE BRASIL!RELAÇÕES ENTRE FUTEBOL, POLÍTICA, NACIONALISMO E IDENTIDADE NACIONAL NA COPA DE 1994 E 1970 ATRAVÉS DA REVISTA VEJA.

4.1 O NACIONALISMO A SERVIÇO DO ESTADO

O Brasil se encontrava nos primeiros anos do governo cívico-militar com governo eficaz devido às leis do pós-64 e na mentalidade, dominante entre os militares, baseadas na Doutrina de Segurança Nacional. Rizzo de Oliveira considera a eficácia do governo em formar a mentalidade entre os militares, mas, segundo Maria José de Rezende, entre a população isso não ocorreu. Segundo a autora, o governo lidou com dois desafios. O primeiro, logo após 64, quando foi necessário construir elementos para legitimar o movimento. O segundo esforço, feito pelo grupo dominante para “dar continuidade ao processo de construção da legitimidade no transcorrer dos governos ditatoriais”¹⁹⁶.

Mesmo não havendo qualquer traço de legitimidade democrática no regime civil-militar, ele se empenhava em encontrar meios de ser aceito pela sociedade brasileira. Dessa forma, percebemos no projeto da DSN que o poder estatal e as ações do governo dependem da aceitação da população para a sua permanência, ou seja, de um fundamento legitimador. Para Oliveira: “à medida que um processo político-militar se desenvolveu na sequência do golpe de 1964 [...] a legitimidade torna-se cada vez mais problemática”¹⁹⁷.

Com o passar dos anos os militares perdiam a popularidade e legitimidade. Quando foram derrotados nas primeiras eleições após o golpe, em 1965, recorreram à força bruta, utilizando o mecanismo dos atos institucionais. Em 1968, ocorreu o “golpe dentro do golpe”, o Ato Institucional nº5. Segundo Daniel Aarão Reis Filho: “Embora se referindo as ameaças de subversão da ordem, o que de fato os preocupava era a questão das dissidências no próprio interior das elites,

¹⁹⁶ REZENDE, Maria José de. A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade 1964-1984. – Londrina: Ed. UEL, 2001. P.32.

¹⁹⁷ OLIVEIRA, Eliézer Rizzo de. A Doutrina de Segurança Nacional: Pensamento Político e Projeto Estratégico. In: _____. Militares: pensamentos e ação política. Campinas, SP: Papyrus, 1987. P. 75.

que ameaçavam fugir do controle [...]. Fechou-se a cortina, começaram os anos de chumbo”¹⁹⁸.

A busca dessa legitimidade deu-se mediante intensa propaganda política feita pelo governo. A partir do terço final dos anos 1960, a propaganda veiculava o projeto montado pelo regime, segundo a qual a sociedade brasileira finalmente realizava todas as suas potencialidades, como era a vontade dos militares desde o início do golpe. Nesse sentido, Habert¹⁹⁹ afirma que promover o Brasil a “Grande Potência” fazia parte das metas da Doutrina de Segurança Nacional e tinha como lemas o “Desenvolvimento com segurança” e a “Integração Nacional”. Já Reis Filho afirma que o regime voltava a legitimar-se, reagrupando a ampla frente de forças de direita e de centro que sustentou a intervenção militar, concentrado na eficiência e na modernidade.

O principal foco da propaganda militar era o nacionalismo usado para unir a população brasileira e legitimar o governo. No final dos anos 1960, o governo patrocinou intensa propaganda política, que, para Kushnir, pode ser lida como outra face da censura. Ela afirma que, ao invés de ocultar a verdade, como era feito na censura, os militares passaram a utilizar a propaganda para veicular a farsa montada por eles, na qual a sociedade brasileira finalmente realizada todas as suas potencialidades.

Dessa forma, transmitia-se a mensagem de que o Brasil se transformava rapidamente em potência mundial, graças aos 10% anuais de crescimento econômico²⁰⁰ no governo de Médici e também à intensa vigilância existente contranegativistas e terroristas. Skidmore afirma que seria natural para muitos brasileiros concluírem que o aumento do poder nacional, junto com o rápido crescimento da economia, era resultado do autoritarismo vigente²⁰¹, como queria o governo.

Para que isso fosse possível, foi montada uma ofensiva de relações públicas do Planalto sob a responsabilidade da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP). Comandada pelo coronel Octavio Costa, fundada em 1968 com o

¹⁹⁸ REIS FILHO, Daniel Aarão. Ditadura e sociedade: As reconstruções da memória. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; RIDENTI, Marcelo; _____. (Org.). O golpe e a ditadura militar - 40 anos depois (1964-2004). 1. Ed. Bauru: EDUSC, 2004. P. 41.

¹⁹⁹ HABERT, Nadine. A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

²⁰⁰ Além de Skidmore, outros autores confirmam a taxa de crescimento perto dos 10% ao ano, como por exemplo, Carlos Geraldo Langoni (LANGONI, 2005), que afirma que o ano 1970 teve um crescimento de 9,5%, a maior taxa do período do governo civil-militar.

²⁰¹ SKIDMORE, Thomas. Brasil de Castelo a Tancredo. – São Paulo: Editora Paz e Terra, 1988. P.221.

objetivo de criar um único centro de propaganda do governo, pois antes dessa data, cada órgão governamental tinha o seu próprio setor publicitário.

Na AERP, uma equipe formada por jornalistas, sociólogos e psicólogos decidia sobre os temas e recortes mais gerais que seriam trabalhados. A seguir, contratava uma agência de publicidade para produzir documentários para TV e cinema, além de matérias para jornais. Algumas frases de efeito mostram bem a filosofia que embasava a AERP: “Você constrói o Brasil!”, “Ninguém Segura Este País!”, “Brasil, Conte Comigo!”. Essas frases eram direcionadas à população, e para o coronel Octavio Costa, destinavam-se “a fortalecer ‘uma saudável mentalidade de segurança nacional’ que é ‘indispensável para a defesa da democracia e para a garantia do esforço coletivo com vistas ao desenvolvimento’”²⁰².

Segundo Skidmore, uma das técnicas mais eficientes da AERP foi associar futebol, música popular, progresso brasileiro e o presidente Médici. Este era excelente material para esta campanha, pois adorava posar de pai, além de ser fanático pelo esporte. Essas características foram bem exploradas pela agência de relações públicas. Um exemplo de sua influência foi quando Médici se queixou à comissão nacional supervisora de futebol sobre o treinador que preparava a seleção brasileira, João Saldanha, para o Campeonato Mundial de Futebol de 1970, porque não gostava do que vianos jogos. Então, a comissão demitiu imediatamente o técnico.

Como o presidente previu, o Brasil alcançou a vitória e foi o primeiro país a conquistar três vezes a taça Jules Rimet com o direito de ficar com ela para sempre (até ser roubada e derretida). A equipe de Relações Públicas do governo não perdeu tempo em colher os frutos da conquista do tricampeonato mundial. Oficializou a marchinha “Pra Frente Brasil”, composta para a seleção brasileira e que passou a ser tocada nos eventos públicos. Espalhados pelas cidades, cartazes mostravam Pelé em um salto espetacular após fazer um gol e ao seu lado o slogan do governo “Ninguém segura Este País”. Estratégias que funcionaram brilhantemente, pois explorava algo com o que a maioria da população se identificava: o futebol.

Gaspari comenta sobre essa conquista e diz nunca se vira algo igual. De acordo com ele “Fora a primeira Copa transmitida ao vivo e as multidões vitoriosas iam às ruas com os versinhos patrióticos que empanturravam as transmissões de jogos”²⁰³. Ele fala também que foi muito comentado na época a

²⁰² SKIDMORE, 1988. P.221.

²⁰³ GASPARI, 2002. P.207.

ideia de um “Brasil Grande”, “Brasil Potência”. Nessa linha, foram também distribuídos adesivos com a inscrição “Brasil, ame-o ou deixe-o”. Segundo esse autor, “País, futebol, Copa, seleção e governo misturavam-se num grande Carnaval de junho²⁰⁴”. Também afirma que o controle da imprensa desempenhou um papel essencial na cantata desse “Brasil Grande” e na supressão dos conflitos que abrigava. Assim, quando os jogadores brasileiros conquistaram o tricampeonato mundial, esse processo de controle já estava concluído.

Já para Skidmore, a campanha de relações públicas contribuiu muito na identificação do brasileiro com o que se passava e, também, o extraordinário crescimento econômico da época. Skidmore até se questiona: Qual o presidente eleito não gostaria de lançar a seu crédito um crescimento de 10 % ao ano? É preciso lembrar que a conquista do campeonato mundial de futebol, em que o presidente empenhara o seu prestígio, não foi menos importante. Uma prova da popularidade de Médici era o fato de ele comparecer regularmente aos estádios, onde a vaia é sempre um perigo para políticos imprudentes. Concordamos com Skidmore, quando ele afirma que “seu governo explorou essa popularidade para desviar a atenção da repressão e da distribuição cruelmente desigual dos benefícios do crescimento”.

Não podemos, porém reduzir a conquista da Copa do Mundo pela seleção brasileira a uma estratégia política, pois ela aconteceu independente do governo brasileiro, apesar de suas pressões. A população, antes de qualquer estratégia da AERP, ficou muito feliz com a conquista porque, além de gostar de futebol, passava por um momento político difícil no país. Em nossa opinião, os brasileiros mereciam essa boa notícia, algo que os fizessem sorrir novamente. O problema foi a utilização pelo governo de algo que trazia tanto orgulho para os brasileiros para desviar a atenção dos problemas e associar o governo a essa conquista.

Vamos entender como que a conquista do Tricampeonato Mundial de Futebol conseguiu unir os brasileiros em um sentimento nacional, analisando a revista *Veja* que dedicou vários de seus números à campanha brasileira na Copa. Durante muito tempo o brasileiro se preocupou com o caráter nacional, na literatura, na música, na história. Com a chegada do futebol em terras brasileiras, esse esporte passou a ser um dos definidores da identidade brasileira.

²⁰⁴ Idem. P.208.

4.2 AS COPAS DO TRI E TETRACAMPEONATOS

Finalmente, a campanha da seleção para a Copa iniciou-se em abril de 1969, quando João Saldanha assumiu como técnico. Saldanha era comentarista esportivo de prestígio, chamado de “João Sem Medo” por não ter receio de defender seus pontos de vista. Tinha pouca experiência como técnico, treinara o Botafogo em 1957. Fora ativo militante comunista e guardava forte relação com o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o que deixava a ditadura em alerta. Saldanha teve uma campanha muito boa nas eliminatórias da Copa, mas seu sucesso à frente da seleção não escondia os diversos problemas de relacionamento entre os vários integrantes da comissão técnica formada pela CDB, além de rugas com jogadores, imprensa e outros treinadores. Essa tensão cresceu até quando não tinha mais retorno.

O governo teria interferido no futebol, pois Saldanha foi demitido em 17 de março de 1969. Ele deu entrevistas afirmando que Médici teria lhe imposto a convocação do atacante Dário e ele teria respondido “O senhor escala o seu ministério e eu escalo o meu time”. Esse diálogo imaginário é até hoje usado como “prova” da disposição de Saldanha de não fazer o jogo da ditadura, mas alguns autores, como Guterman, desconfiam que ele tenha acontecido. Para ele, Saldanha pode ter sido demitido porque se temia que, no México, ele apresentasse uma lista de presos políticos no bolso e fizesse um discurso contra o regime para a imprensa internacional. Mas é difícil isso ter acontecido, pois, se fosse verdade, a ditadura não teria permitido nem que Saldanha assumisse o cargo de técnico da seleção. O fato é que, com ou sem pressão de Médici para a convocação de Dario, a demissão de Saldanha foi tratada claramente como uma “intervenção branca do governo federal no escrete”²⁰⁵. Após sua saída, foi designado um novo técnico: o ex-jogador bicampeão do mundo Mário Zagalo.

Após as transformações realizadas na Comissão Técnica, João Havelange estava livre para militarizar a delegação que conduziria o Brasil ao México. A comissão era chefiada pelo major-brigadeiro Jerônimo Bastos, o major Ipiranga dos Guarany's era responsável pela segurança, além militares antigos na Comissão Seleccionadora Nacional (COSENA)²⁰⁶. Para tentar controlar a crise pela

²⁰⁵ *Placar*, 20/03/1970, número 1, p.8. Apud: GUTERMAN, 2009. P. 166.

qual a seleção passava após a derrota da Copa de 1966, Havelange impôs várias mudanças na estrutura da seleção, principalmente com a criação da COSENA, uma estrutura esportiva inspirada no modelo militar, tal como no regime de governo. Para a frustração de Havelange, o órgão não conseguiu o resultado que esperava dele, afinal a cobrança era muito grande.

A seleção virara um paradigma -cortes de cabelos ao estilo caserna, preparação física coordenada por militares ao mesmo tempo em que contava com jogadores como Pelé, Rivelino e Jairzinho, símbolos do futebol-arte. O objetivo era se armar dos meios mais modernos existentes na época para aumentar o potencial dos jogadores, colocando-os em nível de igualdade técnica com os europeus. Antes do início da Copa foi elaborado um Regulamento do Atleta Convocado que proibia os cabelos grandes e declarações políticas.

Notamos que a população e a mídia se preocupavam com a vitória nessa Copa do Mundo além da obsessão em ter o melhor futebol. Em entrevista à revista *Veja* Roberto Alfredo Perfumo, jogador da seleção argentina, quando perguntado sobre os erros da seleção brasileira, diz:

Vocês brasileiros parece que tem a mania de perfeição, em matéria de futebol. Eu senti, depois da nossa vitória em Porto Alegre, uma preocupação descabida de vocês em relação à sua seleção. Uma coisa é certa: o Brasil tem excepcionais jogadores e ainda o melhor futebol do mundo. É apenas uma questão de acerto. Afinal o time começou a treinar a apenas três semanas²⁰⁷.

Essa entrevista foi publicada em março de 1970 e mostra que o time mal tinha começado a treinar e a população já estava preocupada com os possíveis problemas. Perfumo pode ter afirmado isto, pois estava em solo brasileiro e queria ser educado; ou então ele estava elogiando para se sentir superior, pois a Argentina havia ganhado o jogo. De qualquer forma, ele afirmou ao final da entrevista: “O Brasil é meu favorito”.

Até que a equipe começou a disputar a Copa em três de junho, em Guadalajara, contra a Tchecoslováquia. Políticos e a imprensa estavam animados com o desempenho da seleção, mas os opositores da ditadura percebiam como o governo poderia utilizar a vitória em proveito próprio, e podiam não pensar assim. Como estava então a esquerda? Hilário Franco Júnior afirma que, por estar

²⁰⁷ *Veja*. 11/03/1970. Ed. 79. P. 20.

reprimida e fragmentada, não se chegava a um consenso se os opositores do regime deveriam dar vazão ao sentimento nacionalista ou torcer contra o time brasileiro.

Os guerrilheiros discutiram muito sobre qual seria a postura do revolucionário diante da situação. O autor afirma que muitos escutaram e assistiram o desempenho do selecionado canarinho clandestinamente, assim como não foram poucos os que vibraram com o primeiro gol da Tchecoslováquia embora sentissem incomodados com a comemoração do jogador Petras que se ajoelhou e fez o sinal-da-cruz. A preocupação da esquerda tinha seus fundamentos e não foram somente eles que perceberam o quão benéfico seria para a ditadura se o Brasil ganhasse. A imprensa destacava que o triunfo da seleção poderia aliviar os problemas de Médici na sucessão indireta dos governos estaduais. A Folha de S. Paulo chegou até a comentar que:

Realmente, tudo leva a crer que, se a seleção brasileira levantar a Copa do Mundo, o acontecimento terá repercussões profundas para o país, dentro e fora dele. Na esfera interna, nem se fala. [...] As metas de uma administração dependem das metas nos campos esportivos²⁰⁸.

Após a primeira vitória, o Presidente Médici mandou um telegrama à delegação brasileira no qual enviava seu “comovido abraço de torcedor” e elogiava a “demonstração de técnica, serenidade, amadurecimento, inteligência e bravura”²⁰⁹. No terceiro jogo, ganho de três a dois e passando à semifinal, Médici telefonou para a comissão técnica da seleção e mandou cumprimentar os jogadores e lhes dizer que confiava em “nossa vitória final”.

Então, o Brasil chegou à semifinal contra o pesadelo uruguaio. O Brasil não o enfrentava numa Copa do Mundo desde a final da Copa de 1950. A seleção havia mudado muito, provavelmente era a favorita, mas o fantasma da derrota ainda cercava a população brasileira e principalmente os jogadores. Apesar disso, o Brasil venceu e se classificou para a final. Relatos da época contam que, nas comemorações pelas avenidas de São Paulo, quem não estivesse comemorando efusivamente era chamado de “uruguaio” e intimidado a festejar²¹⁰.

²⁰⁸ *Folha de S. Paulo*, 05/06/ 1970, p.3. Apud: GUTERMAN, 2009. P. 175.

²⁰⁹ GUTERMAN, 2009.P. 176.

²¹⁰ *Idem*, 2009.

A música “Noventa milhões em ação/ Pra frente Brasil/ Salve a seleção!/ De repente é aquela corrente pra frente/ Parece que todo o Brasil deu as mãos/ Todos ligados na mesma emoção/ Tudo é só um coração!/ Todos juntos, vamos!/ Pra frente Brasil, Brasil/ Salve a seleção!” ajudava ainda mais a dar um toque cívico à Copa do Mundo. A letra era de Miguel Gustavo famoso compositor de jingles publicitários e sambas e, uma frase dita por Médici no Maracanã, teria sido a inspiração para o autor. A música foi a vencedora de concurso promovido pelos patrocinadores da Copa, apesar disso, é vista até hoje como um hino feito por encomenda peladitadura, uma lenda que resiste ao tempo.

Essa música tem partes muito interessantes: o “Pra frente Brasil”, indicando o caminho do progresso tão almejado pelo governo, enfatizando para isso a união de todos como uma “corrente pra frente”, no qual todo o “Brasil deu as mãos”. A letra também menciona a emoção diante do esporte e as palavras “tudo” e “todos” são repetidas várias vezes, enfatizando a ideia de estarmos unidos em um objetivo. Com a união de todos, os brasileiros estariam contribuindo para o avanço da seleção brasileira e do Brasil como um todo. A ideia de progresso, tão enfatizada nesse período, também está presente na música. Guterman comenta essa música

Tudo o que interessava ao regime estava lá: a ideia de unidade nacional (“todos juntos, vamos”), o fim das divergências com vista a um objetivo comum (“parece que todo o Brasil deu a mão”), a paixão pelo país e pelo brasileiro que o representava (“tudo é um só coração”) e a ordem de avançar, de um movimento “pra frente”, numa só “corrente”²¹¹.

Branco também afirma que a letra de Miguel Gustavo traduziu de forma perfeita da ideia de “comunhão” dos brasileiros. Ela seria um hino permanente da “unidade na diversidade” com a compulsória incorporação de toda a população entre os torcedores, unidos pelo mesmo objetivo. O que na época Vargas parecia um sonho, agora, era realidade.

Médici afirmou que a vitória do Brasil seria de quatro a um; quase uma determinação sua para o resultado final. O Estado de S. Paulo noticiou “No Palácio do Planalto, não se admite a hipótese de derrota”. E o Brasil venceu exatamente pelo placar previsto por Médici. A taça Jules Rimet, criada em 1929, batizada com esse nome em 1946, em homenagem ao fundador da FIFA,

²¹¹ GUTERMAN, 2009. P. 178.

pertencia “definitivamente” ao Brasil. O significado dessa vitória ia além do campo esportivo, uma vez que.

A febre futebolística dos brasileiros já era algo conhecido, mas nenhum outro campeonato anterior havia conseguido o que este atingiu em matéria de atenção e participação pública. E o motivo disso foi a transmissão ao vivo, via satélite, sendo que o que esta Copa nos proporcionou em termos de participação coletiva e de vibração popular foi em grande parte fruto dos milagres da técnica moderna.

Assim, a televisão teve um papel importante durante a Copa, pois, além de ampliar o drama do futebol, a transmissão reforçou o caráter “nacional” do país em promovido pelo governo, já que dezesseis estados da federação, além do Distrito Federal, receberam as imagens da Copa. Ao testemunhar o jogo da seleção pela televisão, o torcedor em São Paulo sabia que, naquele momento, outro torcedor fazia como ele no Rio Grande do Norte; como se todos os brasileiros estivessem no estádio.

Como a transmissão ao vivo ser uma novidade tecnológica, é praticamente impossível dimensionar a explosão de sentimentos que a Copa de 1970 proporcionou aos brasileiros. A propaganda oficial é claro que explorou isso. Numa peça da Agência Especial de Relações Públicas (AERP) veiculada pela TV em março de 1970, que mostrava um gol de Tostão pela seleção brasileira, dizia-se que o futebol e a vida se equivaliam: “O sucesso de todos depende da participação de cada um” ²¹².

Outra consequência da conquista no México foi confirmar a vocação brasileira para cumprir os projetos nacional-desenvolvimentistas, com o objetivo de transformar o Brasil em potência internacional. A imprensa conservadora refletiu isso, ao dizer que a vitória do tricampeonato provava que, com disciplina, o talento brasileiro florescia. O projeto inovador de planejamento em bases científicas incluía conhecimentos disponíveis no país e no exterior como suporte técnico e científico para a preparação física dos jogadores. Segundo Salvador e Soares, essa inovação foi essencial para o êxito do trabalho da comissão técnica sob responsabilidade de Admildo Chirol.

²¹² FICO, 1997, p.103. APUD: GUTERMAN, 2009. P. 180.

A comissão técnica teria buscado assessoria de especialistas em vários campos profissionais. O capitão da marinha e professor do Centro de Esportes da Marinha, integrante da Comissão Desportiva das Forças Armadas (CDFA), Lamartine Pereira da Costa, foi um desses profissionais que teria auxiliado no projeto denominado Planejamento México. O planejamento analisava

A questão dos fusos horários; o tipo de treinamento a ser utilizado em casa etapa do processo de preparação; o uso da câmara de baixa pressão como suporte para a simulação dos efeitos da altitude em cada atleta individualmente; a alimentação; as condições climáticas do local; a umidade do ar, os efeitos do stress; o horário de treinamento físico, técnico e tático equivalente ao horário dos jogos das competições; os resultados da massagem muscular em altitude e o preparo psicológico dos atletas, com o objetivo de atingir o máximo da capacidade atlética dos jogadores da Seleção nas vésperas e durante o evento²¹³.

De acordo com Guterman, a disciplina de perfil militar, já exaltada como importante para recolocar o país nos trilhos, foi considerada pilar do tricampeonato. O próprio preparador físico da seleção de 70, Admildo Chirol, disse que “não foi só o preparo físico e técnico” o responsável pela conquista, “mas o comportamento disciplinar perfeito – horários e programas a cumprir com máxima seriedade”.²¹⁴ Apesar disso, o governo explorou também outra mensagem, a de que não haveria triunfo sem a dedicação harmoniosa e ordenada dos brasileiros. Franco Júnior também comenta a preparação física da seleção: “a preparação física militarizada respondia ao fracasso de 1966, atribuído à má condição atlética dos convocados. O jogador rebelde de talento espontâneo cedia espaço ao atleta-soldado”²¹⁵. Salvador e Soares afirmam que

A imagem que temos da Seleção de 1970, como ‘pura expressão da arte’ do futebol nacional, poderia ser abalada se recuperarmos as vitórias dessa Seleção nos jornais editados durante a trajetória da Seleção na Copa de 1970²¹⁶.

Isso porque os autores constatam que nos jornais daquele ano, existiu algo para além da “ginga” da “malandragem”, da “malícia” e do “improviso” no

²¹³ SALVADOR E SOARES, 2009. P. 29.

²¹⁴ *O Estado de São Paulo*, 24 jun. 1970, p.16. Apud: GUTERMAN, 2009. P. 182.

²¹⁵ Franco Junior, 2007. P. 142. Apud: NEGREIROS, 2009. P. 310

²¹⁶ SALVADOR e SOARES, 2009. P. 3.

triunfo do tricampeonato. Dessa forma, “O sucesso daquela seleção teve como aliado principal uma equipe técnica altamente qualificada, que realizou e executou um planejamento baseado nos conhecimentos específicos e tecnológicos mais avançados na época” ²¹⁷. Encontramos um exemplo da valorização dessa valorização da preparação física dos jogadores nas páginas de *Veja*:

Os goleiros Ado e Leão já sabem que dificilmente participarão de alguma partida nesta IX Copa do Mundo. [...] Mesmo assim, Ado e Leão continuam treinando intensamente a ponto de alcançarem uma forma física incomparável. ‘Quando voltarmos pediremos aos nossos clubes que nos garantam a mesma forma de preparação’, afirmam os dois.

A partir da fala dos goleiros percebemos que a preparação física da seleção era superior a de seus times, mais moderna e eficiente, por isso seria requisitado que se mantivesse o mesmo nível. Segundo Soares e Salvador, a euforia da conquista do tricampeonato mundial de 1970 obscureceu o discurso do treinamento militar, com dedicação e esforço, presente durante na competição. A conquista teria tornado o Brasil ainda maior perante todas as nações,

Com conquista gloriosa dos campeões de 1958 e 1962 e trazendo para a história do futebol o de tricampeão mundial. A maravilhosa campanha não refletiu apenas a técnica e a fibra dos que lutaram dentro do campo. Representou, também, o sentido da organização de um povo e a sua vitalidade. Quando Carlos Alberto levantou no Estádio Asteca, a taça Jules Rimet, telespectadores em todo o mundo sabiam que ele o fazia em nome de 90 milhões de brasileiros ²¹⁸.

Dessa forma, a Copa de 1970 teria se tornado um marco na memória social do futebol, ficando as bases da identidade do futebol brasileiro. A mídia também teve um papel fundamental nesse processo, de fazer com que todos se sentissem unidos em prol de um mesmo objetivo: serem os melhores do mundo naquilo que estavam fazendo. O futebol passou a representar um dos pilares centrais de sustentação ideológica para o regime civil-militar. Várias canções foram compostas para a exaltação do futebol nacional. Como por exemplo, “A taça do

²¹⁷ Idem. P.4.

²¹⁸ SALVADOR e SOARES, 2009. P. 22.

mundo é nossa”, “Pra frente Brasil”, “70 neles”, “Meu canarinho” e “Gôôô-ol! Brasil!”.

Os heróis do futebol antes, símbolos de projeção do elemento popular, passavam a fazer, de certa forma, a vontade da elite dirigente. Quando um jornalista estrangeiro perguntou a Pelé se tinha pena dos infelizes favelados, Pelé respondeu “que Deus os havia feito pobres; a eles Deus dera a grandeza atlética para que levassem alegria aos menos afortunados”²¹⁹. E, em 1972, quando inquirido sobre a ditadura militar em seu país, Pelé respondeu:

Não há ditadura no Brasil. O Brasil é um país liberal, uma terra de felicidade. Somos um povo livre. Nossos dirigentes sabem o que é melhor para nós, e nos governam com tolerância e patriotismo²²⁰.

Talvez no mundo “perfeito” em que Pelé vivia isso fosse verdade. Interessante notar a ideia de que os dirigentes sabiam o que era melhor para o país, coma ideologia militar de que eles eram mais capacitados do que os civis para dirigir o Brasil rumo ao desenvolvimento. Branco afirma que Pelé nunca conclamou os negros ou pobres a aspirar ao sucesso que ele tinha conseguido, seus pronunciamentos se encaixavam bem nos valores sociais que o governo gostaria que prevalecessem na sociedade brasileira.

Após a conquista Jules Rimet, houve um difícil caminho para o futebol brasileiro: foram cinco Copas sem o título; jejum iniciado em 1974. Para o regime ditatorial, uma nova conquista seria bem-vinda, porém, o que se apresentou foi um futebol sem imaginação e ineficiente. Apesar dos sinais de esgotamento do regime ditatorial, a seleção continuava militarizada, sob o comando do capitão Cláudio Coutinho, para encarar a Copa que seria realizada em um país que também se encontrava em uma ditadura militar, a Argentina em 1978. Coutinho era um capitão reformado do Exército, um preparador físico que descrevia seus jogadores à imprensa como uma “unidade levemente armada” e chegava a adornar seus campos de treino com símbolos patrióticos e bandas militares. Na Copa do Mundo da Argentina, o jogo foi mecânico defensivo e a seleção só conseguiu alguns empates sendo eliminada nas finais. O público brasileiro, afirma Branco, entrou em estado de choque e de descrença total. Assim, podemos observar que o futebol não servia

²¹⁹ BRANCO, 2006. P. 215

²²⁰ Idem. P. 195.

mais para manter manipulações políticas. O estilo adotado em 1970, militarizado, não funcionou, enquanto a ditadura entrava em decadência.

Em 1982, Telê Santana foi escolhido como técnico, o que representava a volta do futebol arte. Um time que encantou na Copa da Espanha devido à qualidade de seus jogadores. Negreiros comenta que “A conquista do título, depois de encantar os amantes do futebol espalhados pelo mundo, parecia o caminho natural da seleção comandada por Sócrates, Zico e Falcão” ²²¹, porém a Itália conquistaria o tricampeonato. A Copa de 1982 também contou com uma música tema. O lateral-esquerdo Júnior, ex-Flamengo, lançou um LP com o jogador estampado na capa do álbum com a canção "Povo Feliz", mais conhecida pelo refrão: "Voa, canarinho, voa". Mas o Brasil perdeu para a Itália.

Telê Santana também comandou a Copa de 1986, perdida. Diferentemente de 1982, quando apenas Júnior deu o ar da graça nas prateleiras das lojas de discos, então todo o elenco gravou "O Mundo é Verde Amarelo", em outro ensaio frustrado de reeditar o sucesso de 1970, aproveitando que era novamente no México. Esse campeonato contou com muitas músicas. A Rede Globo, por exemplo, lançou um álbum lembrando grandes sucessos de Copas anteriores e criou também uma canção. Michael Sullivan e Paulo Massadas, com Luís Campos, compuseram "Mexe Coração". interpretada pela desconhecida Turma da Seleção. Foi um sucesso na televisão quando o personagem Arakém, o Showman, fazia uma coreografia inesquecível: "Mexe, mexe coração/vamos que vamos esta bola vai rolar..." ou "Ginga lá, ô, ginga cá, Brasil/Vamos reviver mais uma vez a emoção/Copa do Mundo o Brasil é campeão...".

Em 1990, Sebastião Lazaroni era o técnico na chamada “Era Dunga”, em razão do futebol aplicado do volante brasileiro. Foi uma Copa de baixo nível técnico e com uma novidade do mundo globalizado e liberal: dos 22 jogadores brasileiros da seleção, doze atuavam no exterior. “Essa nova ordem no futebol trazia uma condição estranha para os torcedores: cada vez mais os jogadores que vestiam a camisa da seleção não mais corriam pelos gramados do país; era preciso recorrer aos campeonatos estrangeiros via televisão” ²²².

A CBF elegeu os atletas que jogavam em times europeus culpados pelo fracasso na Copa da Itália. A entidade não teria aceitado a atitude de protesto dos

²²¹ NEGREIROS, 2009. P. 312.

²²² NEGREIROS, 2009. P. 313.

jogadores por maior participação nos lucros da seleção. Então, Falcão foi anunciado como o novo técnico da seleção. A ideia era repetir a estratégia vitoriosa da Alemanha, tricampeã na Itália com um ex-jogador, Franz Backenbauer. Marcos Sérgio Silva afirma que o ex-craque do Inter começou a renovação com acertos (Cafu, Cesar Sampaio e Mauro Silva) e também erros: Rinaldo foi um deles, conhecido pelo gol que deixou de dar a Pelé no jogo pelos 50 anos do Rei do Futebol, em um amistoso em Milão. Falcão encarou deserções como a de Bebeto, que afirmou não jogar mais com o treinador por não ser titular do time, e teve “o cargo rifado para a entrada de Carlos Alberto Parreira, o preferido de Ricardo Teixeira, presidente da CBF”²²³. Falcão permaneceu na seleção somente até a Copa América em 1991 no Chile.

Para a disputa da Copa dos Estados Unidos em 1994 antigos nomes voltam à seleção: Carlos Alberto Parreira, treinador, e Zagalo, supervisor. Mas antes das Eliminatórias da Copa começar, Parreira sofreu com a derrota na Copa América de 1993, no Equador, além dos pedidos insistentes por Romário, que passava pela sua melhor fase no Barcelona, na Espanha. Nas eliminatórias, estava dependendo de uma vitória para o Uruguai na última rodada para disputar a Copa do ano seguinte. Os pedidos por Romário se intensificaram e, contra a vontade de Zagalo, o principal opositor ao atacante, ele foi convocado. De acordo com Silva “Romário demonstrou que era burrice não convocá-lo ao arrebentar no jogo: deu chapéu, chutou em uma jogada soberba, semelhante à desperdiçada por Pelé contra o mesmo Uruguai em 1970, mas convertida em gol”²²⁴.

Outro craque surgiria no caminho entre as Eliminatórias e o Mundial: Ronaldo, que na época jogava no Cruzeiro e tinha apenas 17 anos. Ele estreou na Seleção contra a Argentina e marcaria seu primeiro gol no jogo seguinte. A seleção se acertava por linhas tortas. Dois jogadores que fariam muito sucesso no futuro, Rivaldo e Roberto Carlos não foram chamados por Parreira. A imprensa paulista exigia ainda as trocas de Taffarel por Zetti e de Jorginho por Cafu no time titular. Com Parreira firme na convocação de um time bem fechado e que explorasse as jogadas de Bebeto e Romário, a seleção embarcou para os Estados Unidos. Poucos acreditavam na seleção que tinha somente dois atacantes: Romário e Bebeto, e contava com uma estrutura bem defensiva. Era um futebol que buscava a eficiência, coroada com o título após cinco vitórias. Foi a primeira Copa decidida na disputa por pênaltis.

²²³SILVA, 2010. P. 148.

²²⁴SILVA, 2010. P. 148.

A final, contra a Itália foi decidida em um jogo difícil em Los Angeles. O Brasil acertou dezoito chutes no gol contra quatro italianos. Vieram os pênaltis e o fantasma de oito anos antes, no México. Márcio Santos perdeu, mas “os erros de Massaro e de Baggio colocariam a quarta taça na estante brasileira. Dunga a levantaria, gritando uma porção de palavrões e coroando a volta por cima do atleta mais contestado do grupo que em 1990, fora à Itália, em 1990”²²⁵. O autor comenta esta vitória:

Não foi uma vitória brilhante, mas quem se importa? Vexame seria perder mais uma vez ou, como fizera o grupo comandado pelo presidente da CBF, Ricardo Teixeira, deixar de pagar as taxas por excesso de bagagem por conta das muambas compradas nos Estados Unidos²²⁶.

Com um futebol que não se comparava de 1982 e 1986, o Brasil conquistava o tetracampeonato com doze jogadores, de 22, jogando no exterior. E Romário foi o grande goleador e o jogador a fazer a diferença nos jogos. Nesse ano, a rede Globo criou a música "Coração verde-e-amarelo", que, ao lado do "Tema da Vitória", música que homenageava Ayrton Senna, falecido naquele ano, consagraram o time do técnico Carlos Alberto Parreiras no tetra, conquistado nos Estados Unidos e que era a seguinte.

Na torcida são milhões de treinadores
Cada um já escalou a seleção
O verde e o amarelo são as cores
Que a gente pinta no coração

A galera vibra, canta, se agita
E unida grita: é "tetra campeão!"
O toque de bola
É nossa escola
Nossa maior tradição

Eu sei que vou
Vou do jeito que eu sei
De gol em gol
Com direito a "replay"
Eu sei que vou
Com o coração batendo a mil
É taça na raça, Brasil!²²⁷

²²⁵ Idem. P. 151.

²²⁶ Idem P. 151.

²²⁷ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4BvVKAUwmnE>>. Acessado em 18/02/2013

A primeira parte vem de encontro com a máxima dos brasileiros: que todo brasileiro tem um treinador dentro de si, ou seja, a seleção não teria somente Parreira, mas sim as milhares de pessoas que se interessam por futebol. É interessante, também, porque a seleção estava passando por muitas críticas por parte desses “milhões de treinadores”, cada um escalava sua seleção, tinha uma opinião que podia ser contrária a de Parreira, mas mesmo assim com o coração pintado de verde e amarelo.

A unidade nacional diante do futebol é mais uma vez exaltada em “E unida grita: é ‘tetra campeão!’”. Mas o mais interessante é em relação ao fato de citarem o toque de bola como nossa escola, “nossa maior tradição”. Reafirmando o Brasil como o país do futebol, algo que vinha de nosso passado e deveria ser valorizado e preservado. Ressaltamos a forte presença dos meios de comunicação na música, mostrando que a televisão já fazia parte do cotidiano dos brasileiros. Enquanto em outras Copas o rádio era a principal fonte de informação, a partir de 1970 a televisão invadiu os lares brasileiros. Em 1994, a transmissão ao vivo e a cores, além da força da Rede Globo, como a transmissora oficial dos jogos, isso se intensificou.

E o final demonstra algo muito presente no time que disputava o mundial: a raça. Não era um time de grandes estrelas, com um futebol bonito, com exceção de Romário, mas era uma seleção que se esforçou e lutou pelo título. A Copa do Mundo de 1994 é um exemplo de que, mesmo desacreditada, a seleção ganhou o coração dos brasileiros. Não sem a ajuda dos meios de comunicação, é claro. Afinal, era importante que todas as pessoas com televisão assistissem aos jogos para que gerasse mais lobo para a emissora; por isso o esforço em escrever uma música para conferir um tom mais nacionalista ao mundial. Todas as Copas do Mundo tiveram uma música oficial produzida no país, mas as que mais fixaram no imaginário popular foram as da Copa de 1970 e a de 1994, campeonatos em que fomos campeões, com semelhanças e diferenças.

A vitória nesse mundial, após um período de 24 anos sem um título, rearticulou o significado na relação entre a avaliação da seleção brasileira e a avaliação do povo brasileiro. A conquista do tetracampeonato mundial de futebol, isolando o Brasil de seus concorrentes diretos no número de títulos conquistados (Alemanha e Itália tinham três títulos cada), representou uma espécie de “salvaguarda” contra a derrota. A copa de 2002 incrementou ainda mais esse

significado, devido a vitória justamente sobre um dos concorrentes diretos pelo maior número de títulos mundiais, a Alemanha.

4.3 AS COPAS DE 1970 E 1994 SEGUNDO *VEJA*

As reportagens analisadas de *Veja* se restringem ao período da Copa. São analisadas quatro revistas do ano de 1970, de três de junho à primeira de julho. Todas as reportagens são matérias de capa, menos a primeira, o que nos faz perceber que a Copa ocupou um grande espaço dentro da revista. As matérias não são assinadas, mas a maior parte delas nessa época não era; provavelmente devido à censura. Já as reportagens de 1994 começaram pouco antes do início da Copa, em dezoito de maio e vão até 27 de julho, além de contar com duas edições especiais, de junho e julho, dedicadas ao campeonato mundial de futebol. As reportagens sobre o tetracampeonato também são matérias anunciadas na capa e com destaque na revista, além de, dessa vez serem assinadas. Percebemos que, apesar da seleção ser o time dos sonhos, a revista não acredita muito no sucesso dela no início da competição. O título da primeira reportagem analisada é “A esperança pessimista” e afirma que havia sérias dúvidas de que a seleção conseguiria chegar às finais; o terceiro ou quarto lugar já seria uma grande vitória.

A preparação física, responsabilidade de Chirol, Parreira e Coutinho, seria a melhor das equipes a chegar até a Copa. Ela seria resultado de estudos realizados com aplicação de métodos científicos. Pelé, por exemplo, devido ao volume de jogos da seleção e do Santos nunca tivera uma preparação física adequada. Em sua carreira, jamais se sentira tão bem com trabalho de adaptação do time à altitude de, ao calor, além de terem sido a única seleção a treinar três semanas acima de dois mil metros.

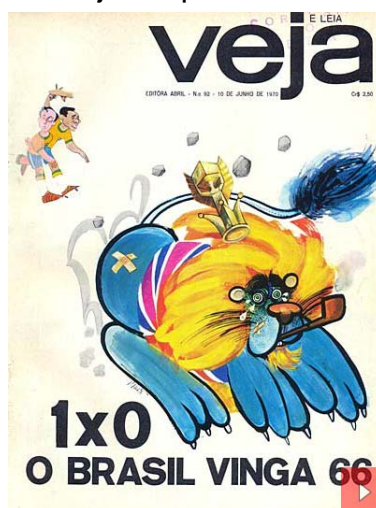
Porém, havia um problema: o futebol brasileiro estava atrasado e os responsáveis eram os técnicos. Faltavam treinadores, estudiosos do futebol, pessoas inteligentes para aprender a concepção de jogo empregada naquele momento, principalmente na Europa, aproveitando-a para o Brasil. A forma de se jogar ao qual a revista se refere seria a do jogo defensivo, com a presença de um líbero. Vários times, inclusive alguns medíocres, mostraram ser capazes de parar os habilidosos atacantes ao mesmo tempo em que o time brasileiro não conseguia se organizar defensivamente. Carlos Alberto chegou a afirmar que “com a defesa jogando desse

jeito, podemos marcar as passagens de volta para logo depois das oitavas de final”
228

O futebol brasileiro era considerado atrasado por não jogar como as outras seleções e, como sempre, a defesa era criticada. Essa desconfiança fez com que a revista afirmasse que a história de melhor futebol do mundo era um mito, pois no momento em que se formava a seleção, o Brasil descobriu que não tinha goleiro e nem uma defesa suficientemente confiável. Devido a esses fatores, *Veja* dá um conselho ao torcedor: “é preferível manter certa expectativa pessimista, e ter uma alegre surpresa, do que confiar na vitória e sofrer outra decepção”²²⁹. A decepção seria relativa a 1966, porém, a revista ainda não sabia que o que estava prestes a acontecer seria o completo oposto disso.

A capa da primeira revista de 1970 de 10 de junho traz um leão vestido com a bandeira da Inglaterra, fumando um cachimbo, machucado, com a taça Jules Rimet na cabeça e jogadores brasileiros atrás, como responsáveis pelos ferimentos do leão. O título “1 x 0 – O Brasil vinga 66”, alude ao jogo vencido pela seleção brasileira contra a seleção inglesa, que era o último campeão do mundo.

Ilustração 9 – *Veja*. Capa. 10/06/1970. Acervo digital.



²²⁸ Revista *Veja*. A esperança pessimista. 03 de junho de 1970. Edição 91. P. 40.

²²⁹ *Idem*. P. 40.

A primeira reportagem tem como título “Um alegre começo” e fala sobre o jogo contra a Inglaterra, ainda pela fase de grupos. Já nas primeiras linhas vemos indícios patrióticos presentes, quando afirmam que “foi também uma festa de cores alegres, onde o verde-amarelo do Brasil sempre envolveu e abafou o ‘*red-and-blue*’ listrado dos ingleses”²³⁰. Na comemoração e na torcida, as cores da bandeira aparecem; inclusive na festa, os brasileiros se sobressaíram sobre o adversário, naquilo que são reconhecidos pelo mundo: a alegria. Em outro momento aparece essa característica brasileira, quando a revista comenta que um jornal da Itália chamado *La Stampa* teria escrito que os jogadores “parecem que jogam sobre as nuvens alegres e felizes”²³¹.

Um jornal de Tel Aviv teria escrito que “esse jogo foi digno de uma final de Copa do Mundo. O atual time brasileiro é superior àquele que ganhou o mundial em 1958”²³². Até então, a seleção de 1958 era considerada a melhor da história do país, por ter conquistado o primeiro título brasileiro e por contar com craques como Garrincha e Pelé. Nelson Rodrigues, em suas crônicas, confirmou a opinião dada pela imprensa internacional, dizendo que no México o escrete assumiu sua verdadeira e gigantesca dimensão. “O que aconteceu até aqui prova, por A + B, que não há um escrete que se compare ao nosso. Foram maravilhosas as nossas exposições contra a Tchecoslováquia, contra a Inglaterra, contra a Romênia, contra o Peru”²³³.

De acordo com *Veja*, o time inglês, campeão mundial, era símbolo da frustração do futebol latino-americano, derrotado na Inglaterra em 1966. A vitória não era só brasileira, mas sim o continente que cultivava um futebol “feito de malícia e arte”²³⁴. O jogo entre Brasil e Inglaterra seria um encontro entre os representantes mais expressivos de duas escolas de bola completamente opostas, e nesse embate, o futebol-força teria saído derrotado.

Identificamos aqui o pensamento de Gilson Gil²³⁵, no qual o futebol brasileiro é caracterizado por seus “pensadores” como portador de identidade própria que o singularizaria perante outras nações. Essa auto representação criou

²³⁰ Revista *Veja*. Um alegre começo. 10 de junho de 1970. Edição 92. P. 49.

²³¹ Idem. P. 50.

²³² Idem.

²³³ RODRIGUES, Nelson. Os “entendidos” rosnam de frustração. In: RODRIGUES, Nelson. A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol. Organização Ruy Castro. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994. P. 149.

²³⁴ Revista *Veja*. Um alegre começo. 10 de junho de 1970. Edição 92. P. 54.

²³⁵ GIL, Gilson. O drama do “futebol-arte”: o debate sobre a seleção nos anos 70. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Número 25.

uma forma particular de praticar o esporte, pensá-lo e vivenciá-lo em nosso cotidiano. É esse futebol, concebido basicamente de 1930 a 1974, que chamamos "futebol-arte" e não é somente o Brasil que se identifica com essa forma de jogar futebol, mas toda a América Latina.

Na reportagem denominada "A camisa número 12", a revista retrata o comportamento da população brasileira diante do início do campeonato mundial. Afirmam que em todo o Brasil, uma maioria mergulhava nas emoções de uma aventura ambiciosa e real, a Copa do Mundo. "Os olhos e ouvidos atentos se voltavam para o estádio mexicano Jalisco, em Guadalajara, em que se travaria a primeira batalha do selecionado brasileiro"²³⁶. Interessante o uso do termo "batalha", como se uma partida fosse enfrentamento similar à guerra quando estaria em jogo a soberania de cada nação.

O tom belicoso continua quando com a fala do Deputado Federal Eurípedes Cardoso de Menezes, da Arena Carioca: "esses rapazes são os mesmos que mandamos à Itália, são os pracinhas do futebol"²³⁷. O deputado compara os jogadores aos soldados da Segunda Guerra Mundial, demonstrando que há política na Copa do Mundo. Na edição seguinte, a revista também afirma que "o futebol é uma festa, uma orgia ainda que casta [...], envolve alegremente todos os músculos do corpo num balé sutil e enérgico", porém, "ainda sendo uma festa, é também uma guerra. Trata-se, antes e acima de tudo, de liquidar o inimigo"²³⁸.

Na edição 92, os parlamentares continuam sendo citados durante a reportagem, um padrão da revista. Eles são retratados como torcedores apaixonados que, durante o dia, não conseguiram evitar discussões sobre futebol, alguns até com palpites. O presidente da Arena, Randon Pacheco afirmou, que o Brasil ganharia de 2 a 0, e o motivo de tanta confiança seria o nosso passado, a tradição dizia que o selecionado brasileiro era o melhor. Oscar Passos, presidente do MDB, por sua vez, afirmou que embora não fosse desportista, iria torcer e confiava no time como patriota. Oscar seria como o citado amigo de Nelson Rodrigues que é brasileiro quando o escrete ganha²³⁹. Assim, a revista afirma que nisso Arena e MDB estão unidos, enfatizando o caráter unificador do esporte.

²³⁶ Revista Veja. A camisa número 12. 10 de junho de 1970. Edição 92. P. 60.

²³⁷ Idem. P. 60.

²³⁸ Revista Veja. Festividade e conflito. 17 de junho de 1970. Edição 93. P. 54.

²³⁹ RODRIGUES, Nelson. É hoje a batalha. In: RODRIGUES, 1994. P. 151.

Um fato interessante evidenciado pela revista é que o programa “A voz do Brasil” foi antecipado para às 5h da tarde, “a fim de deixar disponível a hora costumeira, quando se iniciaria a luta do Brasil pela conquista do título”²⁴⁰. As pessoas ouviam nos rádios comentários sobre o jogo prestes a se iniciar e que terminava com um vibrante “avante Brasil!”. O espaço aberto na programação normal para assunto esportivo atendia a um desejo do Presidente Médici de franquear os canais oficiais para informar o que acontecia durante todo o campeonato no México.

O Presidente Médici estava presente na maioria das reportagens para associar as vitórias do time brasileiro ao momento político passado pelo país. A revista continua focando em Médici ao afirmar: “No Palácio das Laranjeiras, o Presidente Emílio Garrastazu Médici, que assistia com sua família à transmissão pela TV em cores, não escondeu sua alegria nos lances de gol”²⁴¹. A revista enfatiza a presença da família de Médici, para mostrar o lado tradicional e familiar do governante. Interessante que, enquanto a população assistia à televisão preta e branca, o Presidente acompanhava o jogo na transmissão colorida. Também o fato de sua alegria ser ressaltada pela revista que queria transmitir a ideia de que Médici, como todo brasileiro, interessava-se se entusiasmava com o futebol, aproximando ainda mais a figura do Presidente à população. A próxima edição, número 63 de 17 de junho de 1970, já fala sobre a semifinal que o Brasil participaria:

Ilustração 10 – Veja. 17/06/1970. Ed. 63. Acervo digital.



²⁴⁰ Revista Veja. A camisa número 12. 10 de junho de 1970. Edição 92. P. 62.

²⁴¹ Idem. P. 62.

Na semifinal o Brasil enfrentaria a seleção do Uruguai, a primeira vez depois da final no Maracanã em uma Copa do Mundo; é claro que a revista lembraria seus leitores disso. De acordo com a análise de *Veja*, o ataque do Brasil seria sensacional, devastador e temível, enquanto o do Uruguai, quase sem poder, mas com defesa muito segura. Dessa forma, “para o Brasil, que joga mais ofensivo, o Uruguai representa um sério perigo. A tática do time é atrair o adversário para seu campo, para depois lançar-se em rápidos contra-ataques”²⁴². Ou seja, mesmo que o ataque do Brasil fosse poderoso, deveria tomar cuidado, pois não era uma garantia de vitória e o Uruguai sempre seria um adversário a ser temido.

Apesar disso, os times que estavam jogando mais ofensivamente seriam os que conseguiram se classificar em sua maior parte: México, Brasil, Alemanha, Peru e URSS. E isso seria um indício de que o futebol estaria se tornando ofensivo novamente, pois no campeonato mundial anterior, muitos times teriam apresentado um futebol extremamente defensivo. E é claro que os brasileiros, como amantes do futebol-arte não gostaram nem um pouco do futebol que era jogado. Mesmo com os times que apareciam jogando ofensivamente, ainda existiam times que preferiam a forma de jogar oposta. *Veja* cita um mexicano Manuel Seyde, chefe de esportes do jornal *El Exelsior* ao assistir, decepcionado, o jogo entre Checoslováquia e Inglaterra:

Atualmente não há mais futebol em determinados países. Futebol é a criação individual, a beleza do futebol é criar espaços livres. É velocidade, inteligência, é poder de improvisação, é a procura do gol. E o que estamos vendo aqui? Uma Inglaterra, toda encolhida, toda amontoada, lutando para se classificar por um gol. É uma vergonha, isso não é futebol. Tudo isso (e eu não falo apenas em relação à Inglaterra) acontece por causa dos técnicos europeus, quase todos uns charlatões do futebol²⁴³.

Notamos aqui claramente que o mexicano também não é apreciador do futebol defensivo, o que mostra que os brasileiros não são os únicos a gostar do chamado futebol-arte. Então, ao contrário do que muitos brasileiros pensam, essa não é uma qualidade exclusiva do nosso povo. Outra coisa, é que Manuel define o que é o “verdadeiro” futebol, “é velocidade, inteligência, é poder de improvisação, é a procura do gol”; qualquer coisa que fuja disso não é considerada futebol “de

²⁴² Revista *Veja*. Brasil, modelo 70. 17 de junho de 1970. Edição 93. P. 50.

²⁴³ Revista *Veja*. Os juizes mudam o jogo. 17 de junho de 1970. Edição 93. P. 52.

verdade”. E mais uma vez, os europeus são associados ao futebol força, defensivo, responsáveis pela forma como muitos dos times jogam.

Nesse contexto, Gilson Gil cita Filpo Nunes, treinador argentino radicado no Brasil, que dizia que o futebol brasileiro nunca deveria temer o europeu, "pois conta com a improvisação, a habilidade, a agilidade e a flexibilidade de seus jogadores, enquanto o futebol europeu é mecanizado"²⁴⁴. *Veja* confirma essa visão de Nunes, ao citar Manuel Seyde para quem o Brasil era um time com organização, com jogadores livres para resolverem, da melhor forma possível, problemas que surgiam no campo. Em sua opinião, o Brasil jogava o futebol mais moderno naquele campeonato e, se a seleção brasileira vencesse provavelmente o tipo de futebol jogado na Copa seguinte seria o futebol ofensivo. Afinal, de acordo com a revista, o time que vence é sempre aquele que vai determinar depois como deve ser jogado o futebol nos anos seguintes.

A revista analisa a comemoração exaltada dos brasileiros nas vitórias que, celebravam também a nostalgia da comunidade, pois nas cidades grandes, ao contrário das pequenas, não há ponto de encontro para discussões políticas, nem bares onde todos se conhecem e tomam cerveja. Por isso, o relacionamento entre as pessoas sofre limitações, mas o futebol é une as pessoas, pois, “ao festejarem junto nas ruas, gritando os mesmos nomes, cantando as mesmas canções, ingênuas, abraçando-se, os brasileiros se sentem parte de uma grande comunidade”²⁴⁵. O sentimento de se sentir parte de uma comunidade, que é uma Nação, nada mais é do que o nacionalismo, mostrando que a revista provavelmente afirma ideias propostas por Anderson sobre o tema.

Porém, nessa comunhão também há conflitos, pois as brigas que ocorrem durante essas comemorações não existiriam se não houvesse uma repentina intimidade entre desconhecidos. *Veja* chama atenção para o fato de que festa e conflitos são mais intensos na classe média e configuraria um quadro de extravasamento de frustrações não futebolísticas. Numa sociedade complexa e problemática como a nossa, temos pouca participação direta nas decisões. O psicólogo Antônio Carlos Cesarino explicara que

²⁴⁴Pedrosa, 1968. P 84. Apud: GIL, Gilson. s/d.

²⁴⁵ Revista *Veja*. O drama nas ruas. 17 de junho de 1970. Edição 93. P. 55.

os movimentos de opinião estão dificultados. O futebol seria um momento em que é possível as pessoas se movimentarem coletivamente, inclusive com explosões violentas, extravasando uma agressividade que não tinha outro caminho para sair²⁴⁶.

Nesse contexto, a revista apresenta algumas definições e questionamentos sobre o significado do futebol, de acordo com o pensamento de sociólogos brasileiros. Por exemplo, Fábio Lucas afirma que vivíamos o êxtase de uma paixão nacional e isso faria com que outros interesses da vida coletiva se tornassem secundários. Por isso, é o momento de nos perguntarmos se essa paixão seria realmente uma força positiva no sentido de que possibilita a superação de dificuldades comuns; ou se seria uma forma de entorpecimento diante dos problemas enfrentados.

Já o sociólogo Pessoa de Moraes, afirma que “o chamado urbanismo – a civilização brasileira – não é um fenômeno estanque, autônomo, mas uma combinação complexa, sobretudo em plano inconsciente, de tradicionais valores míticos, mágicos, místicos, com novos valores”. Esse substrato mágico aflora ao explodir no carnaval e no futebol numa euforia que exige, inclusive, o perfeccionismo. Por isso, os jogadores do país seriam elevados à categoria de super-homens, de heróis, o sentido mágico de nossa cultura. Adiante, analisamos que a transformação do jogador brasileiro em herói ocorreu, e ainda acontece em nossa sociedade.

A revista cita também um poeta paulista, Décio Pignatari, que afirma que o futebol é uma manifestação das grandes massas, uma arte brasileira ligada à dança e à música. Toda a população seria parte ativa no processo de criação dessa arte que é o futebol. Interessante que o futebol não é visto como esporte, mas sim como arte com o jogador considerado não um atleta, mas um artista. Dessa forma, o discurso de *Veja* corrobora no que Gilson Gil acredita, pois, para ele um jogador de futebol típico do “futebol-arte”, o típico artista, ou então o craque, já nasceria com um dom, o de possuir uma técnica inigualável para esse esporte, sem precisar de ninguém para aprender a jogar. A arte em especial a qual o futebol mais se assemelha seria a dança, pois

²⁴⁶ Revista *Veja*. O drama nas ruas. 17 de junho de 1970. Edição 93. P. 56.

O futebol se caracteriza por uma alta flexibilidade corporal, mas também utiliza os pés e as pernas mais do que qualquer outra coisa. Nisso é diferente de todos os outros esportes, e exatamente por essa causa se mostrou mais adequado ao povo brasileiro, que com a contribuição africana se tornou dançarino por excelência. Os brasileiros quando jogam futebol, estão dançando²⁴⁷.

Essa passagem é significativa por vários motivos como e atribuir essa característica do futebol-arte do brasileiro ao negro, embora no início ele fosse barrado nos. Também percebemos que *Veja* concordam a geração de Gilberto Freyre, de miscigenação da população brasileira com análise positiva do caráter nacional brasileiro. Porém o negro, em nossa sociedade, é sempre associado a trabalhos corporais, dificilmente lembrado como intelectual. Por isso, só citar o negro quando se fala sobre dança e ginga não é tão positivo como se pensa. Talvez fosse mais democrático e menos preconceituoso de nossa parte lembrar-se das contribuições na medicina, na língua portuguesa, nas ciências em geral.

Veja define o esporte como “a nossa arte, como a arquitetura foi a arte dos gregos e a música dos alemães”²⁴⁸. Se o futebol é a nossa arte coletiva, seria então a forma mais autêntica para expressarmos nossa cultura e civilização. Assim como as edificações gregas e árias de Bach, o futebol teria sua origem ligada ao sofrimento e esperança de toda uma coletividade. O povo brasileiro identifica sua imagem na Seleção, fruto de grandes e pequenas dores e de um imenso amor à arte do futebol. Na edição seguinte de *Veja*, de 24 de junho de 1970, a final já havia chegado e o Brasil conquistado o título de tricampeão mundial de futebol. A revista não poderia deixar de estampar a conquista em sua capa:

Ilustração 11 – *Veja*. Capa. 24/06/1970. Acervo digital.



²⁴⁷ Revista *Veja*. O drama nas ruas. 17 de junho de 1970. Edição 93. P. 56.

²⁴⁸ *Idem*. P. 56.

A primeira matéria trata da vitória sobre o Uruguai, que Nelson Rodrigues descreveu como uma finalíssima, provavelmente era o sentimento da população, pois o “trauma” de 1950 poderia ser superado, ao desqualificar o Uruguai naquela Copa do Mundo. Um acontecimento narrado pela revista é bem interessante.

Vai começar o jogo Brasil X Uruguai. Nas escadas do Bar Pedrinho, na linha divisória do lado brasileiro, Mauro, um rapaz de 25 anos, surge quase correndo, debaixo do braço um pacote. É a bandeira uruguaia, que ele leva “para devolver a esses castelhanos a mesma ofensa de 1950”. [...] Mas, cinco minutos antes do jogo, três guardas ficaram na porta do Pedrinho e depois da vitória só deixaram os torcedores saírem de um em um, tomaram a bandeira de Mauro [...]. Mauro volta a insistir “vamos invadir, vamos invadir”. A massa obedece e começa a mover-se em direção à barreira de policiais que guardavam o lardo. [...] Um senhor de uns quarenta anos chega diante dos soldados chorando e se ajoelha: “Pelo amor de Deus, eu esperei vinte anos por isso. Deixapassar, só para dar um grito com os castelhanos”²⁴⁹.

Temos dois personagens nessa história contada por *Veja*: Mauro, de 25 anos, e o senhor de 40. No ano da realização de Copa de 1950, Mauro tinha somente cinco anos, portanto, não deveria se lembrar de como foi o jogo e nem sofreu diante do rádio com a derrota. Ele partilharia de uma memória coletiva, a sua vontade de se vingar dos uruguaios foi sendo construída socialmente, provavelmente pelos familiares e pela mídia. Conforme crescia e se interessava por futeboldeparou-se com esse “trauma” da sociedade brasileira e incorporou a sua própria vida, como sendo um marco em sua existência. Já o senhor de 40 anos, em 1950 tinha 20 anos, ou seja, já teria idade para lembrar como teria sido essa derrota. Se os personagens tivessem vivenciado o momento de primeira mão ou não, ambos gostariam de se vingar, não bastava ganhar, era preciso provocar e esbanjar a vitória diante de seu adversário.

A revista provoca os uruguaios ao informar que, o “Maracanazo” era a palavra mais em uso na imprensa e na memória de seu povo antes do jogo, pois, e aí vem a provocação, teria ainda menos heróis e glórias que o Brasil, encontrava quase que exclusivamente no futebol uma oportunidade de afirmação internacional. Ou seja, vencer do Brasil em 1950 seria um dos únicos motivos de orgulho do país o

²⁴⁹ Revista *Veja*. A ilusão dos uruguaios. 24 de Junho de 1970. P. 40.

que talvez não pudesse mais acontecer mais, afinal haviam perdido o jogo no campeonato.

Novamente os militares e políticos voltam a aparecer nas reportagens relacionadas ao campeonato mundial. Para a final, a TV Difusora de Porto Alegre teria colocado a televisão em cores do estúdio à disposição das autoridades locais. O ambiente teria se iniciado solene, com autoridades cantando e aplaudindo o hino nacional, porém no segundo tempo o ambiente já tinha se transformado e bombinhas estouravam pelos corredores. A revista afirma que praticamente ninguém comentou o fato de estarem assistindo televisão em cores! Era a primeira vez que isso acontecia e nem estava disponível para a população em geral, que ainda assistia em preto e branco.

A conquista do time brasileiro significaria a vitória do futebol ofensivo, em uma época do predomínio das retrancas e das defesas bem fechadas. Pedro Escartín, ex-juiz de futebol, teria dito que o Brasil comovia exatamente por jogar um futebol de exceção. Porém, a revista continua e afirma que a frase vale também em relação ao próprio futebol brasileiro, já que a Seleção que foi ao México não mostrava o futebol que se joga no Brasil. Enquanto a Inglaterra e a Itália foram o retrato autêntico do atual futebol inglês e italiano, isso não aconteceu com nossa seleção. Isso porque, de acordo com a revista, todo país que ganha uma Copa estabelece normas e influencia os demais. A vitória da Inglaterra em 1966 exaltou a defesa e influenciou o futebol jogado no Brasil. Assim, surgiram cópias verde-amarelas do jogo sem ataque, que esvaziaram os estádios embora a seleção que foi ao México estivesse longe de representar esse quadro. Ela estaria quatro anos à frente do próprio futebol brasileiro, tanto na organização tática como na mentalidade, ou seja, seria o que havia de mais moderno para a época.

Um exemplo dessa nova mentalidade foi quando os jogadores Carlos Alberto, Gérson e Pelé, se encarregaram de fazer severa advertência a Marcos Antônio, Edu, Everaldo e Paulo César, por não mostrarem responsabilidade pela Copa. Pelé teria dito: “Vocês precisam entender que nós temos que ganhar essa Copa de todo jeito. Ou pelo menos tirar uma classificação digna, por isso depende não apenas o de vocês, mas o futuro de todos os jogadores brasileiros”²⁵⁰. Percebemos grande preocupação de Pelé com o campeonato, a vitória determinaria o destino dos brasileiros. E também a ideia de que todos deveriam se esforçar, para

²⁵⁰ Revista Veja. Futebol de exceção. 24 de Junho de 1970. P. 51.

que o grupo saísse vitorioso, igual a que o governo civil-militar passava aos cidadãos brasileiros. Interessante que o último título tinha sido conquistado há apenas oito anos e Pelé já demonstrava quase que um “desespero” em conquistá-lo novamente. Por que essa urgência? Seria para dar alegria para a população que vivia tempos difíceis? Ou então s uma obsessão em ter o melhor futebol do mundo?

Essa obsessão teria sido responsável pela preocupação com a preparação física da seleção, algo que tinha se dado pouca atenção. Confirmamos a teoria de Salvador e Soares, que afirmam que existiu algo para além da “ginga” da “malandragem”, da “malícia” e do “improviso” no triunfo do tricampeonato. *Veja* afirma “nunca uma seleção de preparou tão bem como agora. A condição física de Pelé é mais uma vez citada e que ele nunca esteve tão bem em toda a sua carreira. E Gérson, que nunca se esmerou em treinamentos físicos, foi sempre o mais entusiasmado”²⁵¹.

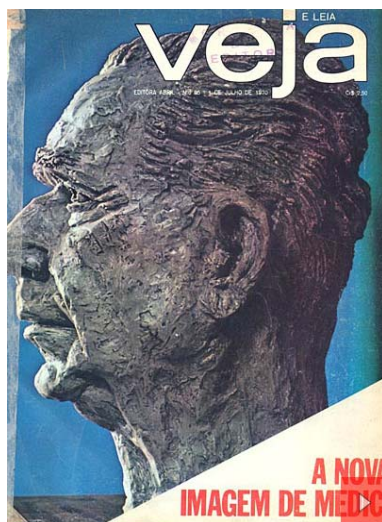
A conquista do tricampeonato teria reforçado a ideia de que a modernização do futebol brasileiro viria para ficar. Modernização essa que se tornou uma necessidade a partir da derrota do Brasil em 1966. Assim, “a ideia de que a vitória da ‘força’ predominou sobre a ‘arte’ em 1966 pode ser traduzida como um atraso do futebol nacional em relação às novas tecnologias de treinamento físico e tático”²⁵². Esse argumento teria sido o principal mobilizador de atores sociais e instituições no sentido de reestruturar o modelo organizativo do treinamento da seleção nacional na época.

Após essa edição, *Veja* publicou na semana seguinte uma edição que trazia a comemoração do presidente Médici, que tinha como título “A nova imagem de Médici”.

²⁵¹ Revista *Veja*. Futebol de exceção. 24 de Junho de 1970. P. 54.

²⁵² SALVADOR E SOARES, 2009. P. 28.

Ilustração 12- Veja. Capa. 01/07/1970. Ed. 95. Acervo digital.



Percebemos nessa edição, e também nas outras dedicadas à Copa de 1970, que só existe uma matéria na capa, tendência das edições da época que irá se modificar com o tempo. O nome da reportagem indica que iria se falar sobre uma nova imagem do presidente, mas não se sabe qual. Na revista percebemos o que seria responsável por isso logo na primeira página antes de lermos o texto:

Ilustração 13 - Veja. 01/07/1970. Ed. 95. Acervo digital.



Pela foto estampada na revista, que só dedicava fotografias assim tão grandes quando o assunto tratado era o futebol, percebemos que se trata de algo relacionado ao Brasil, teria algo haver com o símbolo cívico, a bandeira

nacional? Além do mais, mostra o general em trajes civis, com uma camisa de manga curta, com a expressão feliz, bem diferente das fotografias comuns dos presidentes militares. O título da reportagem ao lado diz “A imagem do sucesso”. Um leitor desatento pode se perguntar: mas o que ele fez para ter sucesso?

Abaixo do título vem escrito “Que é o governo? Nada, se não dispuser da opinião pública. Napoleão Bonaparte”²⁵³. Dificilmente Napoleão se preocuparia com opinião pública, pois nem conceito comum na França. Porém, talvez essa frase tenha sido usada e atribuída ao conquistador francês porque era militar com grandes conquistas realizadas pela expansão imperial francesa na Europa. Ou seja, Médici seria o nosso Napoleão, que governava o império brasileiro e as conquistas territoriais representadas na Copa do Mundo. Nessa reportagem, *Veja* trata sobre a recepção da seleção brasileira em Brasília, mas não enfoca o time de futebol, mas sim o presidente, associando a conquista do tricampeonato à ele, como se fosse menos dos jogadores ou do povo brasileiro, e mais do governante. Sua chegada teria ocorrido como descrito

Na terça-feira da semana passada, a chegada do presidente teve um público inusitado: 70.000 pessoas estavam concentradas desde cedo na Praça dos Três Poderes. Quando o General Médici começou a subir a rampa, cercado por Dona Scylla, suas noras, seus filhos e seus netos, teve que se voltar, erguendo os braços, num gesto largo e instintivo, para agradecer aos aplausos que vinham da multidão da praça, que respondia com cadenciadas salvas de palmas. Ao chegar ao patamar do palácio o general estava sorridente. Nunca um presidente revolucionário fora tão aplaudido pelo povo da capital²⁵⁴.

Muitos aspectos são interessantes: a presença dos parentes de Médici, mostrando que ele era um homem “de família”, o que assegurava seu prestígio como “homem sério e respeitador”. Outro é a presença da multidão na Praça dos Três Poderes, em uma época quando um simples aglomerado de pessoas era motivo de desconfiança. E também, o fato da revista retratar Médici bem recebido, como nunca fora nenhum presidente militar. Está claro que a revista passa a ideia de que era o presidente mais popular, demonstrando talvez que seu governo era mais “legítimo” que os demais, ou então que seria mais sagaz ao se preocupar com a opinião pública.

²⁵³ Revista *Veja*. A imagem do sucesso. 1 de julho de 1970. Edição 95. P. 19.

²⁵⁴ Revista *Veja*. A imagem do sucesso. 1 de julho de 1970. Edição 95. P. 19.

De acordo com a revista, para a multidão e para os observadores mais superficiais, começava a festa dos tricampeões, mas, para quem estava relacionado à Presidência, os aplausos tinham outro significado: era uma demonstração evidente de simpatia popular pelo governo. Estaria claro que o denominador comum e a razão para a população se concentrar ali era a vitória da equipe brasileira no México. Porém, os aplausos ao presidente também teriam outro significado: “o povo o reconhecia e aceitava como cabeça e símbolo da imensa e exaltada torcida em que o país inteiro havia-se transformado” ²⁵⁵. Um assessor presidencial teria dito que em termos de comunicação de massas, isso significa muito para um presidente que se importa com a popularidade. O próprio Médici, poucas horas depois de indicado para a presidência, declarou que desejava que governo recebesse o prêmio da popularidade, entendida como a compreensão do povo. *Veja* vai de acordo com essa intenção de Médici, ao afirmar que ele seria a “cabeça e o símbolo” daquela conquista. O tricampeonato seria uma das formas de afirmar que o país estava no caminho certo e quem que conduzia o país nesse caminho? Naquele ano, Médici é claro, daí a associação.

Porém, apesar da festa ter reunido tantas pessoas, alguns colaboradores do governo consideravam temerária a presença de dezenas de milhares de pessoas diante do Palácio do Planalto. Uns temiam pela segurança do general, outros pela frieza da acolhida sem a presença do povo. Por isso que, Médici decidiu-se pela recepção aos jogadores no Planalto e pela apresentação da taça de ouro ao povo do alto do parlatório da Praça dos Três Poderes. Essa decisão, de acordo com a revista, determinou a organização de um esquema de segurança flexível e amistoso. A multidão não deveria ser considerada suspeita, mas bem-vinda. Apesar da fotografia do local feito pela revista, durante a ditadura existia a censura e qualquer manifestação de reprovação ou de violência durante a celebração provavelmente não seria publicada na mídia da época, muito menos em revista de circulação nacional. Mas se considerarmos que o ambiente foi amistoso, talvez seja porque todos estariam felizes e animados com a conquista e não preocupados em protestar contra algo.

Além da festa com a chegada dos jogadores e da taça, a revista também narra sobre as comemorações no dia da vitória. De acordo com *Veja*, a alegria do presidente começara no domingo do jogo Brasil x Itália, quando os

²⁵⁵Idem. P. 19.

brasilienses deixaram a avenida W-3, cenário dos carnavais de rua em Brasília, formando um curso que foi até o Palácio do Planalto. Lá, o presidente e sua esposa, com uma bandeira nas mãos e de camisa esporte, chefiavam os animados torcedores. Os torcedores do palácio teriam se juntado aos do curso quando os portões foram abertos e os jardins do Alvorada tornaram-se o centro das comemorações. O presidente jogava bola com seus netos, e de acordo com *Veja*, controlava-a com alguma habilidade. Aqui, percebemos a aproximação de Médici viafutebol, emclimainformal retratado pela revista, além de certa bajulação ao dizer que ele jogava bem com seus netos. Certos comentários servem para reafirmar os interesses do governo civil-militar, poderiam ser deixados de lado se a intenção só fosse de relatar jornalisticamente e imparcialmente o ocorrido.

Ao anoitecer, Dona Scylla, esposa de Médici, teria perguntado ao major Coutinho, chefe da segurança presidencial, se já não seria hora de acabar com a festa e fechar os portões; ao ouvir, Médici teria dito “ainda está cedo, deixa o povo entrar”²⁵⁶. E o major o teria apoiado ao dizer que não havia perigo. Vemos aqui que a imagem que a revista queria passar era de que a multidão estava em paz e sem motivo para causar problemas. Interessante também o fato das pessoas terem se dirigido até o Palácio do Planalto para a comemoração de um título futebolístico. Talvez elas realmente vissem Médici como o responsável pelo tricampeonato, mesmo que ele não tivesse feito nada por isso, no máximo, torcido e cobrado resultado dos jogadores. Novamente *Veja* demonstra suas intenções ao afirmar que “na terça-feira, depois de assistir à manifestação popular que Brasília ofereceu aos tricampeões [...] o presidente tinha sua imagem nitidamente associada à vitória no México”²⁵⁷.

Médici seria ainda superior aos presidentes civis, pois de acordo com a revista, ele se interessou por todos os jogos, mas nunca disse aos jornalistas que não podia tratar de assuntos do Ministério porque “o assunto hoje é futebol”, como teria feito JK em 1958 depois da vitória sobre a Suécia. Além disso, Médici teria acertado a previsão do resultado (4 a 1) do jogo final, e esse detalhe teria sido bem mais observado do que as previsões feitas por Jânio Quadros em 1958, que afirmava que mesmo sem um resultado exato, sabia que o Brasil seria campeão. Dessa forma,

²⁵⁶ Revista *Veja*. A imagem do sucesso. 1 de julho de 1970. Edição 95. P. 20.

²⁵⁷ Revista *Veja*. A imagem do sucesso. 1 de julho de 1970. Edição 95. P. 20.

Mesmo sem ter comemorado a vitória na Cinelândia, em 1958, e sem ter fumado nervosamente dois maços de cigarros, em 1962, como fez João Goulart, Médici identificou-se com a vitória de forma mais clara que qualquer outro presidente. Talvez essa diferença possa ser atribuída à imagem do torcedor sincero e comovido que o presidente apresentou à nação²⁵⁸.

Ou seja, enquanto os outros não eram tão convincentes ao falar de futebol e nem tão fanáticos, só usaram o futebol como estratégia política, Médici era o oposto disso, ele sim se interessava pelo esporte e torcia junto com a população brasileira. A sua paixão por futebol poderia ser verdadeira, mas isso não significa que ele tenha se aproveitado disso e aumentado sua imagem de torcedor apaixonado para fins políticos.

A revista faz também uma comparação entre Médici e os outros presidentes militares que o precederam na questão da popularidade e aceitação positiva diante do povo brasileiro. Castelo Branco, por exemplo, teria preferido abdicar de qualquer intenção popular pelo receio da necessidade das custosas concessões que ele vira no governo Goulart (apesar de não especificar quais foram). O marechal Costa e Silva, mesmo que lançado em um clima mais otimista teve sua imagem seriamente alterada depois da edição do AI-5 em 1968. Já Médici, teria a seu favor uma relativa estabilidade econômica e também sua própria promessa de redemocratização, distanciando-o da imagem do AI-5. Isso é interessante, pois, mesmo que Costa e Silva tenha sido o responsável pela criação do AI-5, o presidente que mais governou durante sua vigência foi Médici. Então sua imagem deveria ser tão prejudicada quanto a de seu antecessor devido ao Ato Institucional, além do mais, seu governo foi o mais duro e violento. Porém, a revista afirma que sua promessa de redemocratização, que como sabemos não ocorreu tão cedo, melhoraria sua imagem diante da população. Mas é claro que não somente ela, mas também todo o trabalho feito pela AERP, no qual a conquista do tricampeonato estava incluso.

Novamente as opiniões de políticos aparecem quando *Veja* afirma que o senador Filinto Muller teria comparado o general Médici a Getúlio Vargas na sua capacidade de comunicação com as massas. Já o deputado Raimundo Padilha teria mencionado o episódio da Copa e o interesse pelo futebol como uma ponte de comunicação entre o governo e o povo. Mais interessante foi talvez a única crítica ao

²⁵⁸ Idem. P. 20.

governo encontrada nessa reportagem: o deputado Humberto Lucena, líder da oposição, mesmo reconhecendo a popularidade do futebol, “enumerou algumas medidas que, segundo ele, se fossem tomadas trariam uma popularidade ainda maior: [...] no campo político, a revogação dos atos institucionais”²⁵⁹.

Roberto da Matta afirma que pelo futebol podemos vivenciar a democracia na sua forma mais pura, porém em 1970 ele foi utilizado para forjar uma ideia de democracia que não existia. O governador do Rio Grande do Sul Perachi Barcelos teria afirmado que quem afirma que o Brasil não era uma democracia deveria ir às ruas e ver como o povo se manifestava livremente, sendo os jogadores espécies de paladinos da democracia. “A Revolução de Março de 1964 pode ter imposto, em certos momentos, algumas restrições, mas é uma Revolução eminentemente democrática”²⁶⁰. Como Maria José de Rezende afirma, mesmo sem qualquer traço de legitimidade democrática no regime, ele se empenhava em encontrar meios de aceitabilidade para o seu projeto para a sociedade brasileira e um desses meios foi a Copa do Mundo. Dizer que o futebol é democrático é uma coisa; outra é afirmar que através dele podemos ver como uma sociedade é democrática quando, na verdade, ela é ditatorial.

A violência nas comemorações é novamente enfatizada, dessa vez em relação às paródias de músicas, xingamentos e palavrões dirigidos aos adversários. De acordo com *Veja*, as letras dessas paródias atacavam todos os países contra os quais o Brasil jogou vários jogadores famosos e até mesmo a rainha da Inglaterra. As famílias tradicionais saíram às ruas em seus carros gritando e cantando músicas pornográficas numa comemoração ruidosa e nada tradicional da conquista da Jules Rimet. E mais uma vez, apresenta explicações de sociólogos, como o Padre Lucas que afirma que esse comportamento teria sido uma descarga de agressividade e espontaneidade até então reprimidos por frustrações e incertezas diante do presente e do futuro. As festas da Copa criaram nova válvula de escape: o incitamento pelo palavrão, a agressão pelo nu e é considerado pelos sociólogos como típica da classe média. Seria um protesto inconsequente, mas ao qual a classe média adere - o máximo que lhe é permitido. Já Vera Maria Pereira afirma que o denominador comum da euforia seria a grande vontade de simplesmente desafiar os valores estabelecidos. De acordo com Vera Maria,

²⁵⁹ Revista *Veja*. A imagem do sucesso. 1 de julho de 1970. Edição 95. P. 22.

²⁶⁰ *Idem*. P. 22.

a recente mudança do processo político do país, de um lado, e a própria despolitização, de outro, fazem com que as pessoas se liguem apenas através de acontecimentos como festivais de canção (inicialmente) e agora o futebol, formas de participação apolíticas e ainda estimuladas pelos meios de comunicação em massa, principalmente a televisão²⁶¹.

Em sua fala, Vera Maria lida com futebol como se ele não fosse associado à política, ideia que não defendemos nesse trabalho. Já o psiquiatra Antônio Carlos Cesarino, no momento em que o espectador fica preso a participar apenas como observador dos fatos que emocionam, como o futebol, a tendência é querer entrar em campo, chutar a bola, falar mal do juiz, agredir o adversário. Quando isso não é possível ser feito, acumula-se uma tensão que, de algum modo, será extravasada.

Assim, no domingo da vitória, o Brasil não era exatamente o país hospitaleiro como nos imaginamos ser. *Veja* afirma que andar de carro pelas principais cidades brasileiras sem uma bandeira nacional pendurada, era muito mais do que uma falta de interesse esportivo, era uma temeridade. “Hordas euforicamente furiosas agrediram ou insultaram estrangeiros ou ‘suspeitos’, depredaram seus bares e automóveis, numa rara e dificilmente recomendável demonstração de nacionalismo”²⁶². Notamos a necessidade de mexer com os estrangeiros, pois, para as pessoas se definirem como brasileiros precisam se opor ao diferente. Mas esse tipo de comportamento não é considerado “brasileiro”, que seria um povo considerado cordial e violência não combinar com o “caráter nacional”, por isso não seria uma demonstração de nacionalismo. Percebemos também a presença da bandeira nacional, que de acordo com Marilena Chauí, foi a primeira Copa do Mundo na qual isso aconteceu.

Uma das questões levantadas pela revista é a de saber até que ponto essas demonstrações foram uma manifestação das intenções profundas da maioria silenciosa brasileira. Ela realmente existiria? E o que seria ela? Essa interrogação de iniciou a partir de uma campanha desenvolvida em São Paulo em torno de uma frase copiada dos Estados Unidos. Os adesivos com o escrito “*America, love it or leave it*” passou a ser visto com frequência em carros, representando um protesto dos cansados das agitações estudantis, das rebeliões

²⁶¹Revista *Veja*. A imagem do sucesso. 1 de julho de 1970. Edição 95. P. 26.

²⁶²Idem. P. 30.

dos negros e das críticas à posição do governo em relação à guerra do Vietnã. A versão brasileira, com a frase “Brasil, ame-o ou deixe-o” começou de forma discreta, com dez mil adesivos fabricados com dinheiro de empresas privadas e distribuídos nas repartições públicas, bancos e quartéis. Após o início, a campanha ganhou vida própria e surpreendeu os patrocinadores. Esgotada a distribuição gratuita, começou a venda dos slogans em bancas de jornal e junto com esta grande procura, criou-se uma absorção natural da palavra de ordem.

Nos Estados Unidos, mesmo que o “love it or leave it” seja um dos símbolos mais usados, a bandeira nacional aparece mais como uma afirmação de patriotismo. No Brasil, com a Copa do Mundo, a campanha teria se tornado ainda mais parecida com a americana, pois milhares de bandeiras invadiram as residências e automóveis. Por isso eles se perguntam: “elas agora passam a identificar uma maioria também defensora do esquema ‘lei e ordem’ que apoiaria o governo em todas as suas decisões nesse sentido?”²⁶³. A resposta, de acordo com a revista, seria difícil, mas, de qualquer forma, seria preciso esperar que a lembrança do alegre futebol desanuviaria o sisudo ar da política. Ou seja, no nosso ponto de vista, mesmo que o slogan represente aqueles que apoiam o governo civil-militar, o uso de símbolos nacionais nas comemorações futebolísticas não significa o mesmo. O futebol, ao menos, serviria para trazer um pouco de paz e alegria para a população que já era tão reprimida pelo governo.

Vamos agora dar um pulo e parar na Copa do Mundo de 1994. As reportagens de *Veja* analisadas começam já em maio, pois encontramos uma reportagem de capa muito interessante que fala sobre Romário, e vai até Julho do ano da realização do mundial. A primeira revista analisada do tetracampeonato é de 18 de Maio, edição número 1340:

²⁶³ Revista *Veja*. A maioria silenciosa. 1 de julho de 1970. Edição 95. P. 30.

Ilustração 14 – Veja. 18/05/1994. Acervo digital.



Percebemos que durante essa Copa que a figura de Romário é muito exaltada: antes da conquista, a principal esperança da seleção no mundial; depois, como o grande responsável. Nessa primeira edição afirma que ele era o responsável direto pela classificação do Brasil nas eliminatórias da Copa ao marcar dois gols na partida decisiva contra o Uruguai. E ainda afirma que “o time pode ser uma droga, mas se tiver Romário, tem chance de dobrar o adversário”²⁶⁴. Essas credenciais levariam a torcida a depositar nele todas as esperanças de gol e de bons resultados da seleção na Copa.

Em comparação à Copa de 1970, não percebemos a exaltação de nenhum jogador em específico, falava-se mais do grupo como um todo e não somente de Pelé ou Rivelino como responsáveis pelos méritos brasileiros. Talvez não seja porque em 1994, o “único” craque seja Romário, mas sim porque os tempos eram outros. Enquanto em 70, valorizava-se o trabalho em grupo, a coletividade na sociedade brasileira para que juntos conseguíssemos construir o Brasil Grande que tanto se almejava, em 1994 a realidade era outra. Viviam-se tempos do neoliberalismo, em que se enfatizava muito o indivíduo e talvez por isso a valorização de um só jogador: Romário.

Apesar de ser um craque, Romário também seria uma fonte de desconfiança para a torcida, pois, assim como ele fazia gols, também teria uma capacidade infinita de se meter em confusões. Ele seria individualista, indisciplinado, encrenqueiro e rebelde, o completo oposto do jogador que se destacava em 1970. A revista afirma que “não lhe peçam para dedicar gols para criancinhas pobres. Não

²⁶⁴ Revista Veja. O craque que assusta mas resolve. 18 de maio de 1994. Edição 1340. P. 80.

esperem dele mensagens positivas pelo bem do Brasil”, em clara referência a “jogadores modelos”, como Pelé. Assim, tanto o sucesso quanto o fracasso da seleção seria mais seu do que qualquer outro integrante da seleção.

A diferença em relação a Pelé também é apresentada pela revista ao contar que Romário teria afirmado que o rei do futebol viveria de passado e “quem vive de passado é museu” ao rebater as críticas feitas por Pelé ao seu comportamento. Vemos aqui novamente que os heróis das Copas de 1970 e 1994 têm personalidades bem diferentes e como até então, o típico jogador brasileiro seria ao estilo de Pelé, talvez seja por isso o questionamento acerca do comportamento de Romário. O estilo rebelde do atacante de 1994 iria contra a personalidade do jogador que respeita as regras tanto do jogo quanto da sociedade. Porém, Romário ao mesmo tempo possuía características tipicamente brasileiras, como malandragem e ginga que apareciam na forma como ele jogava. Temos um contraste e talvez uma dúvida na opinião do torcedor brasileiro: amar ou repreender o craque, que seria o responsável pelo tetracampeonato?

O brasileiro superou esse conflito provavelmente quando Romário, no dia 19 de setembro de 1993, fez os dois gols sobre o Uruguai e garantiu a classificação do Brasil para a Copa. Vemos que a revista não menciona o fato do jogo ter sido justamente contra o Uruguai, o que indica talvez que o trauma tivesse sido superado. A Copa de 1970 e a vitória do Brasil no primeiro jogo desde o Maracanazo talvez tenha sido o responsável por essa superação. Voltando ao atacante Romário, ele teria ligado a um amigo militar, em meio ao congestionamento na saída do estádio e dito “‘Coronel’, hoje eu sou general. Está tudo parado por minha causa. Eu sou dono do Brasil”²⁶⁵. De acordo com a revista, esse teria sido o dia mais feliz de sua vida. Não só a *Veja* o colocava como o grande responsável pela vitória, mas mostra que ele próprio se sentia assim, mesmo que o futebol seja um esporte coletivo e ele precisasse do time para vencer.

Devido à forte personalidade e por Romário ter-se rebelado contra determinações do técnico Parreira, no ano anterior ele foi afastado de todos os jogos. Só foi chamado para a última partida das eliminatórias, quando, pela primeira vez, o Brasil poderia não se classificar para o mundial, o que teria intensificado a ideia de que seria o “herói e salvador da pátria”.

²⁶⁵ Revista *Veja*. O craque que assusta mas resolve. 18 de maio de 1994. P. 80.

Oposto de Pelé, Romário teria aspectos em comuns com outro grande craque brasileiro: Garrincha. Em 1958, antes da Copa do Mundo vencida pelo Brasil, Garrincha deu um depoimento que dizia “Nasci na raça e aprendi a jogar futebol espontaneamente. Não sei receber instruções. Sinto que elas sempre envenenam o meu jogo”²⁶⁶. Romário teria uma concepção parecida: “Futebol tem graça se for pra correr atrás da bola – afinal de contas, é ela que vai parar dentro do gol”. E depois continua “não gosto de correr sem a bola nem de treinar sem ela. Faço isso apenas porque os treinadores pedem e pode ser importante para o time”²⁶⁷. Ou seja, treinar não era com ele, muito menos jogar defensivamente. Afinal, ele era um craque, já teria nascido sabendo o que era para ser feito, treinar não seria necessário.

Ao contrário da equipe de 1970, que se percebia um bom entrosamento entre todos os jogadores, *Veja* foca nas diferenças entre os jogadores, como por exemplo, os dois principais atacantes: Bebeto e Romário. Bebeto não gostaria de Romário no time porque teria que se sacrificar mudar seu estilo de jogo para fazer os gols. Ele preferia jogar com Muller, desafeto de Romário, pois ele colocaria as bolas e ele faria os gols. Um duelo de egos, pois Bebeto queria fazer os gols, não ter que passar a bola para Romário, não importava se isso fosse o “melhor” para a seleção. Mas o camisa nove não se sentia mal e dizia que não eram amigos como se pensava, apenas conhecidos.

Esse combate entre os maiores atacantes da seleção brasileira ocorria só no plano das palavras, pois no campo os dois já teriam trocado passos, abraços e comemorações de gols. Eles estariam longe da inimizade, porém não se adoravam por assumirem estilos de vida diferentes: Bebeto era “família” e Romário, o “baladeiro”. Até o estilo de jogo é comparado pela revista, para saber quem era melhor, como se fossem de times diferentes e não defendessem o mesmo interesse. Johan Cruyff, técnico no Barcelona, teria dito que “O Romário é um grande finalizador, cuja presença é sempre intimidadora [...]. O Bebeto arma mais as jogadas – mas se tivesse de escolher apenas um deles ficaria com Romário que faz gols em 90% das oportunidades”²⁶⁸; de acordo com a nossa avaliação, ele se assemelharia a Pelé no quesito efetividade. Já o técnico do La Coruña, time de Bebeto, erade opinião contrária: “Romário e Bebeto tem características semelhantes

²⁶⁶Revista *Veja*. O craque que assusta, mas resolve. 18 de maio de 1994. P. 83.

²⁶⁷Idem.

²⁶⁸Idem. P. 86.

– mas o Bebeto tem melhor visão de jogo e dedica-se mais à equipe. Por isso fico com ele”²⁶⁹. Essa comparação mostra a presença do individualismo na seleção de futebol, ao mesmo tempo em que se cobram vitórias desses dois jogadores.

A presença de somente dois “craques” é explicada por Parreira, quando afirma que “já não há jogadores como Zico, Rivelino, Gérson [...]. O último remanescente dessa estirpe de meio-campistas que criam e distribuem o jogo é o Raí”²⁷⁰. Aqui os craques de 1970, Rivelino e Gérson, são acionados pela revista para reacender a imagem do “futebol-arte”. O passado é lembrado como uma fase e ouro de um estilo de jogo singular, estético e eficaz. As imagens veiculadas são as da improvisação, dos dribles, dos floreios, considerados o “estilo brasileiro de futebol”. Assim, “as narrativas mitificam e endeusam os jogadores brasileiros como artistas naturais esquecendo o aparato científico e as narrativas científicas que aparecem nos jornais do início da década de 1970”²⁷¹.

Nas matérias feitas em 1970, não se enfatizava tanto essas características como se afirma em 1994. Isso porque o tempo tratou de selecionar e indicar o que deveria ser lembrado e esquecido pela memória coletiva do povo brasileiro. De acordo com Salvador e Soares, em geral o passado é acionado para atender às demandas de significado no presente. E a apropriação do passado, para Nora, seria um processo cuja reconstrução no presente se realiza na forma de recriação²⁷², por isso as diferenças entre o que ocorreu no mundial de 1970 e como ele foi lembrado anos mais tarde.

A revista afirma que, apesar da falta de craques e da presença de Dunga, jogador-símbolo da fracassada Copa de 1990, o time Brasil que iria aos Estados Unidos era bom por contar com o futebol descrito como gracioso de Romário e Bebeto. Eles seriam os últimos remanescentes de uma dinastia, a do “futebol-poesia”. Uma das promessas desse tipo de futebol seria o centroavante Ronaldo, na época do Cruzeiro, que chegara a seleção aos dezessete anos, a mesma idade que o rei Pelé desembarcou na Suécia para o mundial de 1958. Ronaldo iniciou a Copa no banco de reservas, porém Pelé e Garrincha, em 1958, também, e não é por isso que ele não seria um ótimo jogador. De acordo com o preparador físico do Cruzeiro Luis Inarra, “em catorze anos de carreira não conheci

²⁶⁹Revista Veja. O craque que assusta, mas resolve. 18 de maio de 1994.

²⁷⁰Idem. P. 87.

²⁷¹SALVADOR E SOARES, 2009. P. 43.

²⁷²NORA, 1984. Apud: SALVADOR E SOARES, 2009.

outro jogador com características físicas tão privilegiadas como o Ronaldo”²⁷³. Seu maior defeito seriam as cabeçadas, por isso, todos os dias após os treinos, o lateral-direito Paulo Roberto cruzava bolas durante trinta minutos para melhorar o desempenho do craque. O artilheiro ainda batia trinta pênaltis por dia, mais duas horas obrigatórias de treinamento. Ronaldo dizia treinar até as pernas aguentarem, o queo ajudou a se tornar o artilheiro de todas as Copas do Mundo e um dos heróis do pentacampeonato em 2002, oposto de Romário, o rebelde que não gostava de treinar.

Logo no início Ronaldo já era chamado de craque. Tostão, um dos jogadores de 1970 e que depois se tornou cronista de futebol, não concordaria com o uso desse termo tão cedo. De acordo com ele, a história do futebol brasileiro nos ensina que muitos jogadores que pareciam craques, só eram excelentes. Para Tostão, para o jogador ser considerado craque ele precisaria brilhar por mais tempo. Porém, a definição de craque não é um consenso. Alguns são mais rigorosos, outros o mais apressados e encantados com os jovens artistas da bola. Afinal, no Brasil, todo jogador habilidoso seria o craque.

Há outros parâmetros utilizados na definição de craque. Para Tostão seria a de que o craque antevê a jogada, pensa antes dos outros, sabe onde a bola vai chegar. E ele sabe “sabendo” como diria o cronista. Existiria um saber que antecederia o raciocínio lógico, como um conhecimento *a priori*. Porém, não adianta somente antever o lance, é preciso executá-lo. Para isso, o jogador precisa ter técnica e outras qualidades físicas e emocionais. Dessa forma, Tostão define a técnica como

O conjunto de fundamentos básicos (drible, passe, desarme, finalização). A habilidade é a intimidade com a bola e o uso da técnica diante de um obstáculo. A criatividade é a capacidade de antever, imaginar, improvisar e surpreender. A criatividade não se ensina, mas pode se aprender a usar. A habilidade também não se aprende, mas pode se aprimorar. A técnica pode ser aprimorada, desenvolvida e até aprendida²⁷⁴.

Ou seja, o treinamento seria importante para a criatividade, a habilidade e a técnica. Treinar, de acordo com Tostão, é importante para aprimorar virtudes e diminuir defeitos que todo craque tem, mas existem as

²⁷³ Revista Veja. O craque que assusta mas resolve. 18 de maio de 1994. P. 88.

²⁷⁴ TOSTÃO. A perfeição não existe: crônicas de futebol. – São Paulo: Três estrelas, 2012. P. 89.

exceções. Romário sempre treinou pouco, somente o que iria fazer em campo. E Pelé também, devido ao volume de jogos do Santos e da seleção. “Treino só na imaginação, no hotel e no avião”²⁷⁵.

Apesar de não se poder definir um craque, Tostão afirma que todos tinham em comum uma característica: a garra. Os craques são perfeccionistas, obstinados e ambiciosos. Eles querem sempre brilhar e ser o melhor. Os craques, quando recebem vaias e críticas, ao invés de ficarem abalados, jogam ainda melhor. Será que Ronaldo já poderia ser chamado de craque? Talvez não, mas isso não significa que ele não iria se tornar um, como realmente se tornou. A Copa de 1994 teria visto um craque nascer, que se tornaria o herói do título seguinte, assim como a Copa de 1958 viu o nascer de Pelé, que se tornaria um dos responsáveis pelo tricampeonato em 1970.

As comparações entre o mundial de 1994 e as Copas passadas também são feitas por *Veja*. De acordo com a revista, a seleção de Parreira não teria “o brilho mágico das equipes de 1958 e 1970, a vontade de Garrincha de 1962, tampouco o quarteto de Falcão, Cerezo, Zico e Sócrates, de 1982”. Porém, tem Romário e ele poderia fazer a diferença. Nessa comparação, a revista seleciona apenas os elementos que reforçam a tradição do “futebol-arte” e a autoimagem que os brasileiros possuem de seu futebol, esquecendo fatos que questionam as imagens identitárias estabelecidas. Segundo Salvador e Soares, “o reconhecimento do investimento técnico é, repetidas vezes, esquecido na lembrança, talvez para manter a imagem do ‘brasileiro [...] como uma obra de arte do mundo ocidental’”²⁷⁶.

O silenciamento do esforço e do treinamento para produzir a capacidade técnica aparece a favor do estilo de jogo bonito, do drible e da malandragem. “Os sinais apontam na direção do entendimento da ciência e do treinamento, em suas aplicações, como um bem menor do qual a criatividade artística estaria ausente”²⁷⁷. Seria como se o reconhecimento do processo para aprender a técnica diminuísse o valor da identidade nacional, cujo refúgio seria a valorização do jeitinho brasileiro. .

Pouco antes do mundial de 1994 começar a revista lança um especial com o título “Guia da Copa”, exclusivo sobre a competição. Os times são apresentados de acordo com seu grupo, além de serem feitas análises sobre seus

²⁷⁵ Idem. P.90.

²⁷⁶ SALVADOR E SOARES, 2009. P. XI.

²⁷⁷ Idem. P. XI.

pontos fortes e fracos, assim como os jogos da primeira fase feitos pelo Brasil e seus adversários.

Ilustração 15 – Veja. Edição Especial de Junho 1994. Acervo digital.



A realização da Copa do Mundo nos Estados Unidos contribuiria para que a última fronteira do futebol finalmente caísse. Quando a competição começasse os norte-americanos descobririam que a bola é redonda, deve ser jogada com os pés e tem o objetivo de hipnotizar o mundo durante 31 dias. Essa barreira cairia porque os Estados Unidos não seria um país interessado em futebol. Um exemplo é que somente 20% da população sabia que haveria Copa do Mundo em sua casa. Porém, os organizadores esperavam que o interesse crescesse um pouco mais, para 25%. A revista coloca que, se isso acontecesse, 50 milhões de americanos teriam se ligado à bola. As partidas seriam exibidas por 460.000 emissoras dos cinco continentes, para um público que, somadas as audiências, poderia chegar a 31 bilhões de pessoas. Número trinta vezes maior a das pessoas que assistiram a chegada do homem à lua, um dos acontecimentos mais espetaculares da Terra. Consideramos que essa quantia na revista teria ficado confusa, pois faz parecer que o planeta Terra possuía 31 bilhões de habitantes, quando na verdade tinha pouco mais do que cinco bilhões. O mais interessante teria sido calcular o maior pico de audiência possível em um dia de jogo, provavelmente no da final. Importante perceber também que a Copa do Mundo é comparada à chegada do homem à Lua, um dos fatos mais importantes do século.

A importância da Copa do Mundo e do futebol também se mostra em mais números: a ONU possui 184 membros, enquanto a FIFA, que rege o mundo futebolístico, reunia (em 1994) 179 filiados, com mais dezesseis na fila, o que daria um total de 195 nações. Ou seja, mais países eram afiliados à FIFA do que à ONU.

Porém, por mais que todos esses países pertencessem a organização futebolística, somente 24 equipes disputariam as 52 partidas em nove cidades norte-americanas. Na primeira Copa, porém, as treze seleções fizeram dezoito jogos em somente três estádios, todos em Montevideu o que mostra como o futebol cresceu mundialmente.

Outra diferença apresentada dessa Copa em relação às outras é a de que, enquanto em 1970, os 51 jogadores brasileiros atuavam em clubes brasileiros, na seleção de Parreira, oito titulares defendem times de quatro países europeus, refletindo a globalização pelo qual passava também o esporte. Por causa disso, é muito comum que grandes talentos de uma seleção se reúnam somente uma vez e essa oportunidade seria a Copa. Porém, o time de 1994 ainda precisaria mostrar sua eficiência dentro de campo.

Por isso, *Veja* afirma que “treinador de seleção brasileira em ano de Copa é mais criticado do que Ministro da Fazenda em época de inflação alta”²⁷⁸, comparação feita com o responsável pelas finanças brasileiras aconteceu porque o país passava por momentos muito difíceis nos últimos anos, com inflações altíssimas. A revista queria mostrar que, ser mais importante que Ministro da Fazenda naquela época, era algo realmente muito significativo. E se o ministro e o treinador eram os mais criticados, havia quem seria o mais elogiado: o craque responsável pela vitória brasileira. Por isso, a figura de Romário é mais uma vez exaltada pela revista ao afirmar que “Deus ele será se mostrar em campo toda a sua arte”²⁷⁹, a típica “ginga brasileira mágica”.

Um dos jogos que ocorreriam na primeira fase da Copa seria contra a Rússia e *Veja*, para justificar o otimismo diante o combate nos remete a Copa de 1958, quando na Suécia, o Brasil fez “aqueles demônios vermelhos se dobrarem a seus pés”²⁸⁰. A seleção derrotou a União Soviética por dois a zero e naquela tarde de domingo o futebol brasileiro teria se afirmado perante o mundo com o que teria de melhor: “o talento individual, a improvisação e o ímpeto ofensivo”²⁸¹. Então, se isso era o que tínhamos de melhor, como uma seleção sem isso poderia ganhar? Por causa de Romário, é claro. A revista afirma que a seleção brasileira seria a favorita ao título, porém, nem sempre vence o melhor. Um exemplo disso seria a

²⁷⁸ Revista *Veja*. O Brasil na Copa. Edição especial de Junho de 1994. Guia da Copa. P. 16.

²⁷⁹ Revista *Veja*. O rei da pequena área. Edição especial de Junho de 1994. Guia da Copa. P. 18.

²⁸⁰ Revista *Veja*. O Brasil na Copa. Edição especial de Junho de 1994. Guia da Copa. P. 23.

²⁸¹ *Idem*. P. 23.

Copa de 1950. Talvez o trauma do Maracanazo tivesse sido superado, porém era algo ainda lembrado pela mídia esportiva brasileira.

A revista também faz um apanhado de como a Copa seria transmitida pelos principais canais da TV aberta brasileira. De acordo com *Veja*, na Copa de 1990 cada partida foi vista na televisão por um público médio de 510 milhões de pessoas, o dobro do mundial anterior. Para o torneio de 1994, as estimativas da FIFA apontavam para uma audiência média de 600 milhões de pessoas por jogo (número mais aceitável do que os 31 bilhões). Apenas três emissoras detinham os direitos de transmissão dos jogos do mundial: Globo, Bandeirantes e SBT, e a bola rolando seria a principal atração das emissoras de 17 de junho a 17 de julho. E não poderia ser diferente, pois, de acordo com uma pesquisa encomendada pela FIFA, o Brasil seria o país onde haveria maior interesse pelo mundial: 93% dos brasileiros planejavam ver a Copa pela televisão.

Voltando as edições regulares, a revista continua a tratar do mundial com um tema que já tinha sido tratado anteriormente na edição especial: a comparação entre Parreira e os políticos brasileiros, mas dessa vez com Itamar e não o Ministro da Fazenda.

Ilustração 16 – *Veja*. 22/06/1994. Acervo digital.



A revista afirma que João Saldanha dizia que dirigir a seleção é o emprego mais importante do país depois da Presidência da República. A revista concorda e diz que talvez seja até mais importante. Desde a estreia contra a Rússia, toda vez que a seleção entrasse em campo o país estaria em clima de feriado e entraria em campo junto. As cores da nação e a bandeira já apareciam em fitas

amarradas nas antenas dos rádios dos carros, ou penduradas nos altos dos edifícios ou nas janelas dos prédios. Durante esse período, Parreira seria muito mais importante que Itamar Franco. Isso porque Parreira teria a responsabilidade de conduzir 150 milhões de brasileiros através de um sonho, o tetracampeonato. Não importaria que a melhor colocação, desde 1970, teria sido um terceiro lugar conseguido há 16 anos. Nem que a atual geração de jogadores não tivesse o mesmo padrão que a de 1982. O sonho existia e habitava a imaginação de um povo todo. Assim vemos que temos algo que nos une um sonho, mesmo não sendo possível.

E em uma pátria que veste chuteiras, o técnico existiria para ser xingado. Por isso, a torcida brasileira obedeceria a uma regra fixa. “Em caso de vitória, aplaude os jogadores. Nas derrotas, malha o técnico. É uma regra justíssima, pois o Brasil nunca produziu técnicos à altura de seus craques”²⁸². Enem mesmo os técnicos vitoriosos escaparam de críticas. Assim, a revista cita diversos técnicos e sua história da torcida, elogios e críticas no período em que permaneceram na seleção brasileira. Vicente Feola, do mundial de 1958, Aymoré Moreira de 1962, Zagalo de 1970 e finalmente Parreira. Sem saber, a revista listava o nome dos treinadores que trariam os títulos para o Brasil. Porém, no caso de Parreira, a esperança não estaria no trabalho do técnico e nem nas suas poucas ideias, mas sim na linha de ataque. Então, se o êxito viesse não seria devido ao técnico, ideias que percebemos acontecer com frequência no Brasil.

Para enfatizar o estilo de jogo de Parreira como sendo contrário do que o brasileiro está acostumado, *Veja* cita o fato de que ao saber que 45% dos gols marcados na última Copa nasceram de bola parada, o técnico teria desenhado quinze jogadas que o time tentaria colocar em prática contra os adversários, todas de bolas paradas. E no dia seguinte teria reunido os jogadores para ensaiá-las durante duas horas consecutivas. Bola parada é exatamente o oposto do que prezamos: os dribles e jogadas bonitas corpo a corpo entre os jogadores.

Além de questionar a figura de Parreira na seleção, *Veja* também tenta diminuir a imagem de Zagalo, ao afirmar que ele é um personagem secundário, com menos importância do que se imagina na delegação da Copa de 1994. Ele funcionaria como para-choques de Parreira nos momentos de maior tensão, poupando o técnico de desgaste. Sua presença na seleção seria justificada pela

²⁸²Revista *Veja*. O Itamar da hora. Edição 1345. 22 de junho de 1994. P. 108.

lealdade de Parreira para com seus amigos, já que teriam trabalhado juntos em 1970 e outras vezes desde então. Entendemos que, por alguma razão, a revista não simpatiza com a pessoa de Zagalo, porque sua experiência poderia ser muito bem aproveitada dentro da seleção. Talvez seja antipatia por o técnico do tricampeonato ter sido o responsável por cortar Romário das eliminatórias no ano anterior. De acordo com a revista, se analisarmos o trabalho de Parreira pelo seu método favorito, as estatísticas, o saldo não seria espetacular.

Em quarenta partidas, a seleção promoveu sete goleadas [...]. Os resultados mais frequentes contra equipes mais graduadas foram 2 a 0 e 1 a 1 (seis vezes cada) e 0 a 0 (três vezes). Em média marcou 2,15 gols por partida – desempenho melhor do que o time de Sebastião Lazaroni, com marca de 1,5 gol, mas pior do que o de Telê Santana (2,65)²⁸³.

Percebemos que o desempenho da seleção brasileira era bom, porém a revista queria que ele fosse ótimo, com muitos gols. Pensando logicamente, um time que jogava defensivamente naturalmente não faria muitos gols. Porém, vamos ver nas próximas edições que mesmo sendo defensiva, a seleção faria muitos gols durante a Copa e as críticas contra o modelo de Parreira teriam que ser revistas. O motivo para, até então, a falta de gols seria mais uma vez dada a falta de craques como Rivelino e Zico. Se o técnico não fazia mais era porque a realidade não permitia.

Diante desse cenário, *Veja* elenca os fatos mais importantes do ano: o primeiro seria o lançamento do Plano Real, marcado para 1 de Julho; o segundo, a realização da Copa. Se trouxesse a Copa, a revista afirma que dificilmente Parreira seria coroado como herói, porém, ao menos escaparia de servilão. Seria até ouvido se, no horário eleitoral gratuito, apontasse em quem votaria no terceiro mais importante evento do ano, a eleição para presidente. Ou seja, os temas mais relevantes na vida do brasileiro, seriam em ordem, a economia, o futebol e então a política.

A economia afetaria diretamente a vida dos brasileiros, por isso que a mudança de um plano econômico chamaria tanto a atenção de um povo que, depois de sofrer com a inflação, voltava a sonhar com uma moeda estável. Em segundo lugar, o futebol, da importância histórica atribuída ao esporte que já discutimos muito

²⁸³ Revista *Veja*. O Itamar da hora. Edição 1345. 22 de junho de 1994. P. 108.

nesse trabalho. Mas o interessante é o fato da eleição para Presidente ter ficado em terceiro, pois passávamos por um momento de crise na política, afinal o primeiro presidente eleito diretamente pelo povo sofreu um impeachment. A eleição de 1994 seria uma oportunidade de “corrigir” o erro cometido. Porém, a política no Brasil talvez não estivesse tão próxima da população brasileira como a economia e a política. A esperança ainda existia nos outros aspectos: tínhamos esperança em ganhar o mundial, em melhorar a economia, mas não em melhorar nossa política. A edição de capa que a revista dedica novamente à Copa é somente a de número 1349, de 20 de Julho de 1994, e traz novamente Romário estampado na primeira página.

Ilustração 17 - Veja. Capa. 20/07/1994. Acervo digital.



Nessa edição, a revista começa afirmando que nem quando Pelé vestia a camisa 10, a seleção brasileira dependeu tanto de um só jogador. Há 24 anos, a seleção não disputava uma final de Copa do Mundo, e dessa vez seria contra a mesma Itália de 1970, quando Romário tinha apenas quatro anos. Por isso que o jogador afirma que “desde os 15 anos sonho em ser herói de uma Copa do Mundo e ter sucesso onde outros grandes fracassaram, como Falcão, Sócrates e Zico”. Vemos o trauma de 1950 substituído por esse: ótimos times na década de 1980, com grandes jogadores, mas que não conseguiram conquistar o título mundial. Isso devido a constante referência da revista, dos jogadores e aos treinadores a essa época, como algo a ser superado. Nesse sentido, Salvador e Soares afirmam que a seleção de 1970 e a de 1982 permanecem no imaginário social dos amantes do futebol como modelos do que deveria ser a forma de jogar brasileira. Em

contrapartida estaria a seleção de 1994 que é representada como a vitória de um estilo de jogo no qual os brasileiros não se reconhecem.

Romário afirmava que quando a vitória viesse, dedicaria ao povo brasileiro. E que, o jogo contra a Itália, traria a oportunidade de mostrar ao mundo quem seria o melhor jogador daquele campeonato. Uma força que nem ele saberia explicar, daria a serenidade necessária para chamar a si a responsabilidade pela seleção na final que se realizaria no domingo seguinte. De acordo com a revista, seria muita coragem e prepotência de sua parte diante da torcida que cobra resultados de seus craques de forma tão feroz. O camisa 11 teria dito que “a pressão de uma Copa do Mundo não me afeta em nada [...]. Para mim é como jogar uma pelada na Vila da Penha, onde fui criado”²⁸⁴.

Segundo a revista, é ele, e somente ele, que se apresenta para a glória ou fracasso com a mesma e serena expressão facial e corporal de sempre. Assim, seus companheiros, a comissão técnica, os dirigentes e auxiliares da seleção se curvavam diante da evidência de que teria sido Romário quem moveu o time até a final. Consideramos como seria impossível, pois um jogador, por melhor que seja não conseguiria carregar um time todo nas costas, muito menos durante um campeonato tão competitivo quanto a Copa do Mundo. Mas então porque a revista afirma isso? Porque não queria dar créditos ao estilo de futebol jogado, tão atípico do Brasil, ao invés disso deu créditos ao jogador que joga da forma como os brasileiros se identificam e gostam.

Sua aversão a disciplina e a identificação com festas demonstram na frase que ficaria famosa quando jogava pelo Barcelona: “si no salgo de noche, no meto goles”. A reação dos torcedores seria a aprovar seu comportamento, se esse seria o preço de seus gols. Porém, nesse campeonato teria mudado de atitude. Fiel a seu estilo, ele teria continuado falando suas verdades, porém, em outro tom. Ele teria admitido que estivesse faltando “futebol”, demonstrando insatisfeito com o futebol apresentado pelo Brasil e pelos outros times nesta Copa. Porém, admitia que as necessidades de Parreira não fossem as mesmas dele ou da torcida. “No Barcelona, jogando no ataque, corremos riscos e nem sempre ganhamos. Parreira precisa vencer de toda maneira e por isso não se arrisca”²⁸⁵ disse Romário. E isso

²⁸⁴ Revista Veja. Romário, o salvador da pátria. 20 de julho de 1994. Edição 1349. P. 64.

²⁸⁵ Revista Veja. Romário, o salvador da pátria. 20 de julho de 1994. Edição 1349. P. 66.

não seria uma crítica, mas sim uma constatação, pois, de acordo com Romário, talvez numa Copa do Mundo tivesse que ser assim.

Porém, por mais que a seleção não se arriscasse muito, entre todos dos times que passaram a primeira fase, foi o que marcou mais gols, juntamente com a Suécia, ambos com onze. A seleção brasileira também teria a melhor defesa, sendo o time que sofreu menos gols. Somente três bolas passaram pelas mãos do goleiro Taffarel, enquanto a Itália sofrera cinco. Além disso, o goleiro brasileiro teria feito somente doze defesas, mostrando o poder de nossa defesa, enquanto o da Itália teria feito 42. O Brasil seria também o que mais chutou ao gol. Esses números contradizem o que *Veja* afirmou na edição anterior, que as estatísticas estavam baixas para os padrões brasileiros. Conforme o campeonato se desenvolveu percebemos que mesmo sendo muito defensiva, a seleção brasileira também conseguiu se destacar no ataque.

A revista afirma também que o futebol jogado nesta edição demonstrava o triunfo da burocracia dos técnicos sobre o instinto dos craques. A beleza do futebol, característica brasileira, fora substituída pela busca de resultados, transformando as disputas esportivas em negociações, em que cada centímetro quadrado de grama contava. Para Gilson Gil, isso ocorreria porque, para os adeptos do futebol-arte o treinador não seria capaz de ensinar táticas ou jogadas ensaiadas aos artistas do futebol-arte. João Saldanha expressaria essa posição ao afirmar que o treinador não deveria ensinar futebol, já que este seria uma arte, e arte é talento, e talento não poderia ser aprendido em livros ou teorias²⁸⁶. Desse ponto de vista, técnicos políglotas e estudiosos do futebol, como Coutinho em 1978 e Parreira em 1994, não poderiam existir.

Um dos “guardiões” do futebol ofensivo seria Romário, é claro. *Veja* afirma que um craque da bola jogaria de acordo com a sua maneira de viver sua vida. E o atacante seria o melhor exemplo disso. Fora e dentro de campo seria uma pessoa de poucos amigos. Já teria afirmado em outras ocasiões que, se tem a posse da bola e pode passar a bola ou tentar fazer o gol, prefere sempre definir a jogada sozinho. Seu relacionamento com Parreira e os jogadores que não eram seus amigos seria calculadamente frio. Fora Branco e Dunga, os demais o tratam à distância. O jogador Aldair, por exemplo, teria trocado meia dúzia de palavras com Romário, enquanto que com Bebeto, com quem se dariam dentro de campo, o

²⁸⁶Saldanha, 1980:122. Apud: GIL, s/d.

relacionamento fora era frio e profissional. *Veja* afirma que “o baixinho vive aquela glória de salão de quem é o responsável pela felicidade em grupo”²⁸⁷, em tendo os jogadores se empenhando sempre a agradá-lo. Romário se divertiria com as atenções que o cercavam. Comparando essa seleção de 1994, vemos uma grande diferença em relação a de 1970. Que time era esse em que um jogador não falava com o outro? Com certeza vai contra a ideologia que se pregava na época do tricampeonato da cooperação de todos para conseguirmos a vitória. A veneração de um jogador como Romário, que pratica esporte coletivo, mas faz questão de se destacar individualmente, mostra como os valores da sociedade de 1994 teriam mudado desde a conquista do tricampeonato.

Em certo momento Tutty Vasques escreve uma coluna sobre superstição no futebol brasileiro, remetendo a Zagalo. Por isso afirma que o futebol se vence com um pé de coelho e uma maquininha de calcular; o resto seria bobagem, teorias criadas só para contrariar. Assim sendo, esta Copa do Mundo mostrou ao povo americano que falar besteira sobre *soccer* não seria privilégio de quem gosta de beisebol. A verdade, de acordo com Vasques, seria a de que ninguém saberia de nada e os Estados Unidos, como diria Zagalo, até seriam bons de bola. O colunista continua afirmando, defendendo Zagalo, ao contrário do que a revista estava fazendo até então.

O raciocínio de Zagalo faz sentido numa época em que tem gente que solta pelas ruas gritando para botar o Cafú! Bota o Cafú, bota o Cafú! Pelo amor de Deus, chega a ser pornográfico! Se está todo mundo louco neste país, não há porque um ficar chamando o outro de maluco! Às vésperas do jogo com a Itália, o melhor é seguir a receita do Zagalo, que está com pinta de doido campeão [...]. Que vença o mais sortudo!²⁸⁸

O vencedor seria realmente o mais sortudo, pois nenhuma das duas seleções estaria jogando um bom futebol. Se editadas, as nove horas e meia em que a Itália, por exemplo, esteve em campo, de acordo com *Veja*, renderia uma fita com uns trinta minutos de bom futebol. Em compensação, teve a seu lado “aquele fator imponderável que, no esporte e na vida, faz toda a diferença: muita, muita sorte, e

²⁸⁷ Revista *Veja*. Romário, o salvador da pátria. 20 de julho de 1994. Edição 1349. P. 68.

²⁸⁸ Revista *Veja*. O décimo terceiro pau! Mais um gol de letra na superstição nacional. 20 de julho de 1994. Edição 1349. P. 69.

sempre na hora exata”²⁸⁹. Eles consideravam que, se ela não os abandonasse, seriam campeões.

Vemos que a pressão política em cima dos jogadores, tão presente na seleção brasileira em Copas passadas, estava também sobre a Itália. Mesmo em tom de brincadeira, o Primeiro-Ministro Silvio Berlusconi, no embarque da seleção para os Estados Unidos, eleteria se despedido da seleção dizendo que se o time perdesse, melhor seria que os jogadores buscassem asilo em outro país. Mesmo com a pressão política, a seleção italiana se mostrava confiante. O ex-treinador Enzo Bearzot teria afirmado que eles tinham um bom time, pois tinham Roberto Baggio, além de sorte. Vemos aqui que o elemento sorte era algo presente não só no Brasil, mas também no futebol mundial, assim como a crença de um bom jogador faria a diferença.

Um especial sobre a conquista do tetracampeonato é feita, e a fotografia da capa trazia em destaque exatamente esse jogador que faria a diferença: Romário. Como as chamadas da capa dizem será falado sobre o perfil dos principais jogadores da seleção, motivos pelos que o Brasil ser considerado o “país do futebol” e ainda uma análise sobre o perfil de Parreira que, mesmo tendo um estilo de jogo que não agradou ao brasileiro, se transformara em uma espécie de herói a contragosto.

Ilustração 18 - Veja. Capa. Edição especial de Julho. Acervo digital.



²⁸⁹ Revista Veja. A zebra chega a final. 20 de julho de 1994. Edição 1349. P. 70.

A seleção especial de julho começa afirmando que a seleção venceu, porém quase matou o Brasil do coração. Isso porque pela primeira vez, em 64 anos de Copa do Mundo, uma final foi decidida nos pênaltis. Depois de tantas desgraças - a corrupção de Collor, o governo Itamar e a morte de Ayrton Senna, o país poderia levantar a cabeça e comemorar por ter, novamente, o melhor futebol do mundo. Interessante notar que o governo de Itamar é considerado como uma dessas desgraças. Talvez seja pelo fato de que ele teve que substituir o governo de um presidentedeposto por corrupção e isso por si só já era algo vergonhoso. Ou então seria porque, como demonstramos anteriormente, a revista se colocava claramente contra seu governo.

O futebol acabara de revelar uma imagem surpreendentemente do país. O Brasil tetracampeão do mundo seria disciplinado, metódico, organizado, obediente, solidário e bem preparado. Muito diferente da terra conhecida como do jeitinho e da improvisação. O que nos chama a atenção aqui é o fato de ele ser considerado “solidário”, sendo que vemos que seu maior herói ser o rebelde, egoísta que prefere driblar a passar a bola. Talvez Romário seja uma exceção, pois para jogar defensivamente, um time precisa marcar bem seu adversário, estar unido e por isso seria solidário entre seus jogadores. Nesse momento, provavelmente o torcedor tenha ficado um tanto quanto confuso. Até então, a fórmula mágica para se ganhar um campeonato seria demonstrar um bom futebol, cheio de ginga, como estamos acostumados e construímos historicamente a identidade de nosso futebol. Porém, em 1994, um time completamente oposto teria vencido. Como isso foi possível? Por causa da presença de Romário.

Por isso que discordamos quando a revista afirma que esse time regular, que já apresentou gênios da bola como Pelé e Garrincha, dessa vez fora campeão sem heróis. A exceção seria novamente Romário, nãoescalado em 1970que tinha craques bem maiores do que ele. Mesmo que a seleção do tricampeonato tivesse mais craques, isso não significava que Romário não poderia ser o craque de 1994. O tratamento direcionado ao Camisa 9 não condiz com essa afirmação, de que o Brasil foi campeão sem heróis. Afirmar que ele seria o salvador da pátria e depois afirmar isso seria um contrassenso. O Brasil reunia assim um grupo de jogadores que não seriam poetas da bola, mas saíam dos Estados Unidos como donos da bola até 1998.

Veja afirma que o Brasil, recebido pela imprensa americana como “time dos sonhos”, teria jogado um futebol que em muitos momentos teria dado sono. Percebeu-se uma ruptura brutal com a escola de “magia e envolvimento” que sempre caracterizou o futebol brasileiro. Não existia, portanto, na cabeça dos brasileiros a possibilidade das duas formas de futebol existir, ou era uma ou era outra.

Mesmo com essas características, o Brasil teria merecido vencer. A revista afirma que seria injusto exigir que a equipe de Parreira vencesse as Copas do passado, mesmo porque os combates só ocorreriam na imaginação do torcedor e não no real. A comparação, feita por *Veja*, entre a seleção do tri e do tetracampeonato conduz à conclusão: “o futebol moderno é um esporte mais fácil de ser jogado e menos emocionante de ser assistido do que o clássico”²⁹⁰. Até concordamos que o futebol moderno fosse mais entediante do que o jogado em 1970. Porém, dizer que é mais fácil de ser jogado seria um juízo de valor atribuído por alguém com memória específica do que seria o passado. Será que isso realmente ocorreria? Será que a preparação física dos jogadores de 1994 não seria melhor do que a de 1970 e por isso, tornaria o jogo mais difícil? Será que o ataque do tricampeonato conseguiria passar pela defesa do tetra?

Salvador e Soares afirmam que esse tipo de argumento é invariavelmente acionado e frequentemente preenche as páginas esportivas dos jornais quando se busca dar significado ao presente em comparação com o passado. Assim, o passado ressurgiu como um período sempre melhor, de mais qualidade, cheio de sentimentos saudosistas. O contrário também pode ocorrer. Por exemplo, a eterna discussão se Pelé e os demais jogadores da seleção de 1970 teriam o mesmo desempenho no contexto atual de velocidade e de marcação rigorosa não chega a lugar nenhum. Portanto, essa tendência em comparar o “futebol-arte” e o “futebol-força” funcionaria como uma “partida-preliminar” de outro jogo, o jogo de conflitos e tensões entre a racionalização e a romantização na afirmação de identidades. Segundo os autores, “as comparações atemporais reduzem os contextos simplificando-os apenas as imagens e lembranças que se mantêm no tempo presente e que são resgatadas do passado geralmente de forma mitificada”²⁹¹.

²⁹⁰ Revista *Veja*. A eficiência da retranca. Especial de Julho de 1994. P. 14.

²⁹¹ SALVADOR E SOARES, 2009. P. 56.

Em uma época em que os esquemas táticos prevalecem sobre o brilho individual dos jogadores e as bolas são disputadas centímetro a centímetro, a defesa teria ficado mais importante do que o ataque. O resultado interessaria acima de tudo, não importando a impressão que o time passaria aos torcedores. O time de 1994 não jogaria “para a arquibancada”. A seleção brasileira teria sido a primeira na história do futebol brasileiro a não ter vergonha de se submeter a um esquema tático cuidadoso, planejado pelo técnico. Johan Cryff, técnico no Barcelona, teria afirmado que “futebol é manter o controle da bola para buscar o gol. Só o Brasil fez isso” ²⁹². Ele considera que a seleção poderia ter jogado mais ofensivamente, de forma mais bonita, mas existiam momentos em que as exhibições poderiam custar caro. Ou seja, o futebol prezado naquele mundial teria sido o mais cauteloso possível.

Dessa forma, para vencer a Copa dos Estados Unidos apenas com Romário, “a seleção de Parreira teve de vender a alma ao futebol moderno” ²⁹³. O time do Brasil teria sido construído lentamente por seu técnico a base de forte preparo físico, jogadas ensaiadas e submissão a um regime tático férreo. Para Parreira, o Brasil teria vencido jogando como todos os outros times do mundo, sendo a seleção mais organizada da Copa do Mundo. A revista, ao contrário, a considera mais fraca do que as seleções que trouxeram os três títulos anteriores.

Nessa edição, Roberto DaMatta também aparece para explicar a admiração da população brasileira pelos heróis de 1970 e 1994. Ele afirma que temos a tendência de admirar os “pretos de alma branca” como Pelé, que “não dá um passo fora do círculo de giz que a sociedade elitista marcou para ele” ²⁹⁴. Romário seria diferente, fazia o que queria e não respeitava convenções pré-estabelecidas socialmente. Teria dito que era egoísta dentro de campo, além de afirmar que gostaria de ser considerado o melhor jogador do mundo e por isso precisava vencer a Copa. Queria ser o melhor para satisfazer a si mesmo, e também para levar alegria à Vila da Penha, ao Rio e ao Brasil. Ele queria sentir a sensação de ser o responsável pela felicidade do povo brasileiro e sentir os benefícios que trazem ser um herói nacional. Mais uma vez vemos a diferença entre os heróis das Copas, porém, dessa vez sob uma perspectiva mais a favor do comportamento de Romário do que vimos anteriormente.

²⁹² Revista Veja. A eficiência da retranca. Especial de Julho de 1994. P. 14.

²⁹³ Idem.

²⁹⁴ Revista Veja. A eficiência da retranca. Especial de Julho de 1994. P. 15.

Com audiência recorde, mais gols e menos violência que os outros mundiais, a Copa de 1994 daria o tom do novo futebol, assim como se esperava em 1970 (e não ocorreu, pois a Copa de 1974 teria voltado a ser defensivo, quando se imaginava que ele seria ofensivo). Outros números fariam com que a Copa do tetracampeonato fosse maior do que a anterior: os 52 jogos arrebatariam uma audiência acumulada de 32 bilhões de telespectadores (um bilhão a mais do que o estipulado no início). Os estádios teriam recebido 3,5 milhões de torcedores, 1 milhão a mais do que a Copa da Itália. Talvez os números televisivos tenham aumentado devido a modernização cada vez maior que as cidades pelo mundo passavam.

Dentro de campo, não teria sido jogado o melhor mundial de todos os tempos. Em 1954, registrou-se, por exemplo, a marca de 5,37 gols por partida. Em 1970, a seleção brasileira deslumbraria o mundo com uma campanha jamais igualada, em que ganhou todas as partidas, três delas de goleadas. Porém, desta vez, dentre todas as seleções, não apareceu um timaço capaz de marcar época, nem despontou um craque absolutamente fora de série que sirva como ponto de referência no futuro. Romário e Baggio seriam considerados ótimos jogadores, porém não seriam nenhum Pelé nem Maradona. Talvez a comparação seja um pouco injusta, pois não se pode esperar que toda seleção tenha um grande craque. Eles aparecem raramente e não é por isso que os jogadores presentes, na seleção brasileira, por exemplo, sejam ruins. Eles foram bons o suficiente para ganhar aquele campeonato. E dizer que Romário não seria um ponto de referência no futuro é negar tudo o que a própria *Veja* publicou durante o e campeonato.

Veja vai de encontro com a tese de Salvador e Soares que afirma que o evento da Copa do Mundo de 1970 foi rememorado e reconstituído de forma espetacular pela mídia, tornando-se um marco na memória social do futebol que se concilia com aquilo que o brasileiro acredita “ser”. A memória deteria um papel fundamental nesse processo de construção da identidade nacional ou étnica. Parece que há esquecimentos e silêncios sobre o processo do agir sob os marcos da rotina e da disciplina, quando o assunto é a representação do ser nacional. De acordo com DaMatta, o valor estaria em se livrar das “situações difíceis, fazendo isso com alta

dose de dissimulação e elegância, de modo que os outros venham a pensar que para o jogador tudo estava muito fácil”²⁹⁵.

Essa seria a imagem hegemônica sobre o futebol brasileiro, enquanto os outros precisam se esforçar para jogar bem, no Brasil o bom futebol aconteceria naturalmente. A euforia da conquista do tricampeonato mundial em 1970 teria obscurecido o discurso do treinamento e da dedicação, presentes durante toda a competição, em favor da afirmação das qualidades do futebol e do povo brasileiro. Em oposição apareceria a vitória do mundial de 1994, que apesar de amplamente divulgado pela mídia, parece não combinar com as representações coletivas que definem o que é o futebol nacional. O Globo afirmou, em 1998, que o time de 1994 teria trazido a taça, mas não tinha conquistado o coração da torcida e jamais entraria na lista das seleções dos sonhos dos brasileiros. Romário e um ou outro jogador seriam a exceção do time que tinha um estilo calculista e carrancudo²⁹⁶.

Continuando com sua análise, *Veja* afirma que durante os anos que perpassaram as conquistas das Copas do Mundo o Brasil mudou muito. De acordo com *Veja*, ele era um quando o escrete marcou 5 a 2 contra a Suécia. Era outro quando o time, em 1962, “escreveu no Chile, com as pernas tortas de Mané Garrincha, o melhor capítulo da história de um populismo que, no Brasil [...] levaria desta para pior o governo de João Goulart”²⁹⁷. E foi um Brasil virado pelo avesso quando trouxe do México o tricampeonato. Sob o governo do general Médici, o país cantava a marchinha “90 milhões em ação”, quando, de acordo com a revista, tinha à disposição “Apesar de você” de Chico Buarque. *Veja* parece criticar os brasileiros que na época festejaram a conquista da Copa, mas se “esquece” que ela própria comemorou junto e em suas reportagens, como já vimos, confirmou a associação do presidente ao tricampeonato. Essa, com certeza, não seria a imagem que a revista queria deixar para seus leitores, uma vez que atualmente o governo é outro e se condena quem de alguma forma concordou com o regime civil-militar.

Se entre as Copas de 1962 e 1970, o Brasil havia mudado muito, se esticarmos a distância para 36 anos, entre o campeão que voltou da Suécia e o que chega dos Estados Unidos, a dissonância seria tão grande que seria capaz de um país não reconhecer o outro. De acordo com *Veja*, sair do estádio de Estocolmo sob os aplausos do rei Gustavo VI foi, para aquele Brasil, como se a Nigéria, em 1994,

²⁹⁵ DAMATTA, 1982. Pp. 28-29. Apud: SALVADOR; SOARES, 2009. P. 18.

²⁹⁶ O Globo, 20 de junho de 1998. P. 1. Apud: SALVADOR E SOARES, 2009. P. 20.

²⁹⁷ Revista *Veja*. O país que se virou em quatro. Edição Especial de Julho de 1994. P. 40.

vencesse a Copa do Mundo. Nós éramos uma Nigéria. Porém, tínhamos crescido muito mais do que uma Nigéria inteira desde que o capitão Bellini levantou pela primeira vez a Jules Rimet. Exemplos disso seriam que, no ano do tetracampeonato mais de 75% das casas possuíam televisores, enquanto que em 1958 havia sessenta cidadãos para cada aparelho de televisão. O rádio, hoje universalizado, era utilizado pela população para acompanhar os jogos, sendo que um aparelho estava disponível para mais de quinze brasileiros. Isso era muito significativo porque, naquele campeonato, de acordo com *Veja*, abaixo de Pelé, ninguém havia mexido mais com a autoestima dos brasileiros do que o rádio. Ele seria o responsável de levar a notícia que, poderia ser um pequeno passo para o melhor futebol do mundo, mas seria um grande passo para “a espécie de Nigéria sul-americana que o Brasil ainda era”²⁹⁸.

É interessante notar como a revista retrata as conquistas anteriores no futebol. De acordo com *Veja*, as vitórias na Copa de 1958 demoraram em ganhar as manchetes dos jornais da época. A Copa da Suécia só teria conquistado as manchetes depois de passar pelas ruas, quando foi retratada a comemoração da população. Essa conquista teria mudado drasticamente o brasileiro. A revista cita Nelson Rodrigues, que retrata que viu uma “crioulinha”, tipicamente favelada, que com o triunfo da seleção andava pela calçada com um charme de Joana D’Arc. Depois de nosso primeiro título, o brasileiro teria deixado de ser um vira-lata entre os homens e o Brasil um vira-lata entre as nações. A revista nos mostra que através do futebol o país teria conseguido se reafirmar tanto como nação, quanto humanamente entre nossos cidadãos.

O bicampeonato foi retratado por *Veja* através da recepção de João Goulart aos jogadores em Brasília. A revista afirma algo para nós é óbvio: “quem ganha a Copa é jogador. Mas quem emplaca a vitória às vezes é o presidente da República”²⁹⁹. Nessa ocasião, a multidão teria rompido os cordões de isolamento na chegada da delegação, invadido os jardins da presidência e se misturado aos ministros, senadores e alto funcionários do governo na homenagem aos bicampeões. Em comparação, Médici não teria brincado em serviço: de acordo com a revista, depois de receber os jogadores com um almoço para 240 convidados na Alvorada, “dessa vez, ao contrário do anarco-sindicalismo de Jango, a patuleia

²⁹⁸ Revista *Veja*. O país que se virou em quatro. Edição Especial de Julho de 1994. P. 41.

²⁹⁹ *Idem*. P. 43.

ficou longe dos jardins”³⁰⁰, premiou os jogadores com cheques da Loteria Federal. Assim a Jules Rimet era apresentada aos brasileiros em evento oficial, ponto alto de um repertório que naquele ano teria a

largada da Transamazônica, que a floresta comeu, a criação do Instituto Nacional de Reforma Agrária, que levou nordestinos a jato para o meio da selva, e o Movimento Brasileiro pela Alfabetização, o Mobral, que dava título de eleitor para quem rabiscasse uma assinatura, e o DOI-CODI, que acabou roendo o regime por dentro, cevando a anarquia militar nas celas de tortura³⁰¹.

Nessa passagem a revista se posiciona primeiro contra o governo de João Goulart com características mais populares. Depois usa um termo que soa pejorativo: patuleia, que significa ralé, plebe, povão. Além de querer dizer que a recepção de Médici seria melhor do que a feita por Jango devido à falta da população por perto. A revista se esqueceu de que, mesmo que na recepção, os civis tenham ficado do lado de fora, a presença deles foi exaltada por ela mesma nas edições de 1970, como sinal de popularidade do presidente. Além disso, no dia da vitória, a população comemorou sim ao lado de Médici e outros parlamentares. Apesar de parecer a favor do governo de Médici, a revista cita o tricampeonato como uma das grandes promessas do governo que não deram certo, como a Transamazônica e o DOI-CODI.

A revista continua afirmando que, em 1970, a opinião pública teve de decidir-se entre dois acontecimentos concorrentes em Junho: o escrete no México ou o sequestro do embaixador alemão Ehrenfried von Holleben. Como se sabe, trocou-se o refém por quarenta presos políticos, enviados à Argélia no dia da vitória do Brasil sobre o Peru. E quatro dias após a libertação do embaixador, não se falava mais dele. De acordo com *Veja*, o jornal *O Globo* não teria deixado um centímetro vago para outro assunto além do tricampeonato. A única notícia política teria sido “Médici acertou o placar”. Voltando às revistas de 1970, percebemos que não foi somente o jornal que não publicou nenhuma reportagem política. Durante a realização da Copa, nenhuma reportagem política foi publicada, muito menos relacionada ao sequestro na revista aqui analisada. Também temos que lembrar que a censura provavelmente não permitiria que uma reportagem desse tipo fosse

³⁰⁰Revista *Veja*. O país que se virou em quatro. Edição Especial de Julho de 1994. P. 44.

³⁰¹Idem. P. 40.

publicada, então a ausência desse tema nos meios de comunicação não seriam tanto por escolha própria, mas talvez por “forças maiores”.

Goulart teria se aproveitado da Copa ao beber da Jules Rimet, Médici teria sua imagem fincada na história com uma foto com a bola na cabeça, porém, Itamar Franco teria tido o bom senso de deixar a Copa em paz. Teria até recusado a oferta do governo americano de uma vaga na torcida, o que se opõe completamente com a Copa de 1970 que também estamos realizando. Para *Veja*, o mundial de futebol não teria Itamar a frente e por isso, o caneco iria derramar festas sobre a campanha presidencial. E isso seria bom para o eleitorado, pois há mais de vinte anos devia uma homenagem à sua autoestima. Isso que seria a conquista da Copa, uma dose de ânimo, mesmo que se não fosse utilizada pelo governo em benefício próprio, ao menos alegraria as eleições.

Após essa regressão ao passado, *Veja* volta ao presente. Passa a falar sobre Parreira e sua forma de vencer a Copa. Ela não seria a mais espetacular e nem a que mais agradava ao torcedor. Porém, Parreira nunca teria prometido grandes exhibições de sua seleção. Teria constatado a escassez de jogadores talentosos em seu time e decretou o fim do sonho e da magia no futebol. Com essa receita, a seleção brasileira nunca teria se parecido tão pouco com uma seleção brasileira. *Veja* a define como submissa e dependente em tudo de seu treinador, pois seguiam suas orientações e não tentavam algo novo, talvez com exceção de Romário, que sempre fazia o que queria. “Assim, Parreira acabou montando um time à sua imagem e semelhança: metódico, conservador, preferindo sempre a segurança da defesa à ousadia do ataque”³⁰². Ele teria afirmado que a imprensa estaria acostumada ao velho Brasil desorganizado e improvisador, e se dependesse dele, o Brasil nunca seria desorganizado. Não existia então a noção de que o Brasil poderia ser ousado e organizado, seria uma coisa ou outra.

A própria revista reconhece que contra o pragmatismo de Parreira, existe uma longa tradição do futebol brasileiro que além da simples vitória sempre exigiu espetáculo de qualidade. A melhor imagem do futebol brasileiro era a da seleção em 1970, que sabia aliar resultados positivos com abundância de gols e estilo refinado de tocar a bola. Esse seria o estilo brasileiro de jogar, que traduziria também a essência de seu povo, porém, ao afirmar isso, deixamos de lado o minucioso trabalho de preparação física e técnica dessa seleção que teve como

³⁰² Revista *Veja*. Um campeão sob medida. Edição Especial de Julho de 1994. P. 47.

base os conhecimentos científicos produzidos no campo da educação física e da medicina esportiva.

Talvez fosse uma dificuldade em se adaptar aos novos tempos ou uma obsessão em ter o futebol perfeito. Parreira afirmava que todo o mundo jogava da forma que ele tinha montado a seleção, porque ele deveria ser diferente? A revista defende o técnico, dizendo que seu time é produto das circunstâncias. Como o Ministro da Fazenda, o técnico da seleção sempre está errado para uma parcela da população, se não para a maioria. E se Parreira fosse atender aos descontentes jamais teria conseguido armar um time, afinal todo brasileiro tem um técnico dentro de si e teria um palpite para cada posição. A questão é: a seleção ganhou, mesmo que os torcedores não tenham gostado muito. A população teria que se acostumar ao novo futebol, porém isso não significava que grandes jogadores não apareceriam novamente, como apareceram: Ronaldo e Neymar talvez fossem bons exemplos disso.

Porém, mesmo com todas as questões levantadas, a seleção ainda era considerada a melhor no futebol, afinal era tetracampeã mundial. A revista faz então todo um questionamento do porque os brasileiros são tão bons no futebol. Isso teria ocorrido porque a população do país teria se acostumado, devido aos problemas, a se considerar um povo assoberbado de fracassos. Dentro do campo, ao contrário, seria os mais respeitados e mais temidos. *Veja* afirma que “ficamos 24 anos sem ganhar uma Copa do Mundo, mas não houve uma das cinco Copas realizadas de 1974 a 1990 em que não entrássemos como favoritos”³⁰³.

E porque será que, o Brasil que teria dado tão errado em algumas coisas, acabou dando tão certo no futebol? De acordo com a revista, “porque o futebol, como poucas outras coisas, é levado a sério. [...] Porque no futebol, como em poucas outras coisas, talvez nenhuma, mesmo aos despossuídos está aberta a possibilidade de ascender”³⁰⁴. Considerar que o futebol é uma das únicas coisas levadas a sério no Brasil e que ele teria dado errado em tudo que tentou fazer também é uma visão pessimista, que não considera as qualidades e avanços em outros aspectos de sua história. Mas talvez dizer que ele seria uma das únicas formas de ascensão social, seja verdade.

³⁰³Revista *Veja*. Um campeão sob medida. Edição Especial de Julho de 1994. P. 53.

³⁰⁴Idem. P. 53.

João Saldanha é citado pela revista ao afirmar que a superioridade do jogador brasileiro pudesse ser devida as suas origens africanas. Os brasileiros seriam melhores do que os europeus porque seus genes africanos estariam mais vivos, assim como Freyre defendia, a composição racial seria a principal razão pelo estilo que o futebol acabou assumindo no Brasil. De acordo com *Veja*,

A fita, a ginga e a dissimulação tão bem desenvolvidas pelos praticantes nacionais desse esporte talvez não sejam tanto uma característica de raça como um recurso do oprimido. O escravo aprende a finta, a ginga e a dissimular para escapar ao trabalho infame e aos castigos. A memória da tensão do escravo-senhor, ou oprimido-opressor, encontra no campo de futebol um lugar como poucos onde se manifestar por meio de um ritual simbólico³⁰⁵.

Vemos que *Veja* confirma a visão de que o negro só é lembrado quando se trata de aspectos relacionados ao corpo, nesse caso quando se fala de escravidão. Sua condição de oprimido teria feito com que desenvolvesse sua ginga, mas será que isso é realmente possível? Parece-nos um argumento um pouco fraco.

Outro argumento fraco é o de que o brasileiro não teria memória para sua história, mas teria para o futebol. A revista afirma que talvez mais gente fosse capaz de dizer de cor a escalação do time de 1970 do que falar quais eram os presidentes de Getúlio até 1994. A revista mesmo afirma que o sistema cultural brasileiro é bastante complexo, no qual os meninos aprendem desde criança a decorar a escalação dos times e das seleções nacionais. Isso faz parte da identidade de cada um, torcer por um clube seria tão importante para definir sua personalidade quanto a profissão dos pais ou o local de nascimento. Entendemos que é mais do que isso.

Saber o nome dos presidentes é um conhecimento sem sentido, pois, para uma população marginalizada socialmente e politicamente, sem acesso ou então com acesso precário à educação, não se faz necessário saber o nome dos presidentes que nosso país já teve. É muito provável que a população mais pobre não vá se reunir com os amigos para falar de quem está no governo, muito menos de quem estava no passado. Se isso não acontece, é porque não se faz necessário. O futebol, por sua vez, aproxima muito mais as pessoas do que a política no Brasil, porém não definiria a personalidade. Os corinthianos não são diferentes em

³⁰⁵ Revista *Veja*. Um campeão sob medida. Edição Especial de Julho de 1994. P. 55.

personalidade de um palmeirense, por mais rivais que sejam. Além do mais, afirmar que a profissão de seus pais vá determinar a personalidade de uma pessoa é uma visão muito fechada e direitista (como a *Veja* se mostrou ser nos últimos anos).

A seleção nacional seria então a síntese máxima dessa representação. Quando o Hino Nacional está sendo executado, por exemplo, e os jogadores são apresentados perfilados pelas câmeras de TV, podemos perceber a presença de negros, mulatos e brancos. Em nenhum outro lugar, em nosso país, eles se apresentem assim, em pé de igualdade e unidos por um mesmo propósito. Talvez atualmente não possamos afirmar que todos estão ali pelo mesmo motivo, pois a questão financeira possa muitas vezes falar mais alto. Um jogador pode estar lá para defender a nação, outro porque irá ganhar mais em seu clube, outro ainda porque quer ser contratado por um time estrangeiro ou então, como Romário, para ser considerado o melhor jogador do mundo.

E devido a questões financeiras, não podemos dizer mais que todos são iguais dentro de campo. Se compararmos um jogador que jogue em um grande time, com todo um aparato para melhorar sua condição física com outro que jogue em um time pequeno no interior do Brasil, não devemos supor que estejam nas mesmas condições. Porém, isso não significa que o que está em condição pior não possa ganhar do outro, afinal muitos outros aspectos envolvem essas questões futebolísticas. É essa a intenção de *Veja* ao afirmar que o futebol é um esporte nobre por proporcionar que todos sejam iguais dentro de campo. Talvez seja mais correto afirmar que a torcida durante um jogo reúna todos as etnias e classes sociais existentes no Brasil.

Ao afirmar que em nenhum outro lugar, em nosso país, as diferenças se apresentem em pé de igualdade como no futebol, *Veja* também coloca que o “verdadeiro” Brasil, sem disfarces, o Brasil da favela do Jacarezinho de Pau Grande (terra de Garrincha) ou dos bairros pobres de Três Corações (de onde vem Pelé) pode então impor sua marca. Por isso, forjamos um estilo original de jogar futebol. Porém, é importante lembrar que, anteriormente, percebemos outras seleções na América Latina se autoproclamem detentoras desse futebol-arte que acreditamos ser unicamente nosso.

A Copa de 1994 veio também para mostrar que, o Brasil teria tanta técnica quando a Europa. Que não somos somente a seleção que joga bonito, mas temos capacidade de aplicar a ciência em nosso benefício. *Veja* afirma que por

ciência deve-se entender um “conjunto de elementos que vai da preparação física dos jogadores ao bom estudo das táticas, passando pelo bom domínio da medicina esportiva e pela preocupação com o bem-estar psicológico”. Durante muito tempo pensou-se que a força estava do lado dos europeus, porém, nesta Copa, nenhuma outra equipe teria mostrado mais preparo físico do que a brasileira.

Essa seria uma característica do tetracampeonato, mas também do tricampeonato. Em uma reportagem feita pelo Esporte Espetacular³⁰⁶ sobre o jogo entre Brasil e Inglaterra, o jornalista inglês Tim Vickery afirma que os jogadores ingleses, comentavam entre si sobre a força física dos jogadores brasileiros, justo eles que eram conhecidos por essa característica. Há uma semelhança entre as duas seleções, e percebemos que aos poucos a mídia esportiva retoma essa característica da seleção de 1970, por muito tempo foi apagada da memória dos torcedores. Outro motivo que teria ajudado a conquistar o campeonato mundial de 1994 teria sido a sorte. Dessa vez ela estaria ao lado da seleção, apesar de ausente nos últimos 24 anos. Esse seria um dos únicos motivos que impediram de não vencer sempre, pois, para os brasileiros sempre tivemos o melhor time e as melhores condições de vitória.

Passada a edição de comemoração do tetracampeonato, a revista dedica outra edição sobre a volta da seleção brasileira às terras tupiniquins. Ao contrário do que ocorreu em 1970, na qual uma reportagem de capa também foi feita sobre o mesmo tema, a imagem construída da seleção brasileira e até do governo é péssima. A reportagem tem como título “Craques da muamba” e fala sobre a confusão causada no aeroporto no momento do desembarque e fiscalização dos itens trazidos pelos jogadores e comissão técnica dos Estados Unidos.

³⁰⁶ Exibido no dia 03 de Fevereiro de 2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2013/02/bra-x-ing-vesperas-de-amistoso-relembre-jogo-historico-da-copa-de-70.html>> Acessado em 03/02/2012.

Ilustração 19 - Veja. Capa. 27/07/1994. Acervo digital.



Como a própria chamada afirma, *Veja* faz uma cobertura bem detalhada do que teria acontecido no desembarque da seleção brasileira. Resumidamente, o que teria acontecido seria o seguinte: em função do cansaço do dia e do desfile que aguardava os jogadores, o chefe da Receita de Federal, Osiris teria autorizado que os jogadores ao sair do aeroporto com a bagagem de mão. No dia seguinte, eles poderiam voltar à alfândega ou enviar procuradores para desembaraçar a bagagem, pois sua presença é imprescindível para essa fiscalização. Porém, os cartolas da CBF e os jogadores teriam esbravejado e engrossado a voz, ameaçando devolver as medalhas e não desfilarem na comemoração do título se isso acontecesse. Eles não queriam ter que retornar, queriam que sua bagagem fosse liberada na hora.

Dessa forma, de acordo com *Veja*, a “República de Juiz de Fora”, atônita, teria se submetido à chantagem orquestrada pelo presidente da CBF, Ricardo Teixeira. A muamba teria sido liberada, porém ao custo do desagrado geral. Os jogadores não teriam gostado da fama de muambeiros e o governo teria passado a semana toda afirmando que nada tinham haver com o caso. O acontecido teria deixado um buraco nos cofres da Receita de cerca de 1 milhão de dólares. Em uma pesquisa de opinião, 70% da população afirmava que os jogadores deveriam pagar o que devem à Receita. Assim, o que era uma festa teria se tornado uma crise. E nas palavras da revista “infelizmente, uma crise típica do governo Itamar: barulhenta, confusa e passageira”. Ou seja, algo que aparentemente não tinha nada haver com

o presidente, passou, por algum motivo ser sua responsabilidade e *Veja* utilizou isso para criticá-lo, como fazia desde o início de seu mandato.

A revista afirma que, a liberação da mercadoria teria acontecido porque se o governo acreditava que os jogadores eram heróis nacionais e não poderiam devolver as medalhas, assim o presidente se desmoralizaria. Porém, não imaginava que o fato de eles passarem ilesos traria tantas reações negativas. Isso tudo só teria acontecido porque muitos tetracampeões teriam desembarcado no país convencidos de que a taça da FIFA serviria como desculpa para privilégios. Teriam descoberto, entretanto, que não era mais assim. Em vez se homenagens, teriam passado a semana toda dando explicações sobre suas compras. Ricardo Teixeira confirma essa ideia da crença dos privilégios ao afirmar que “aquele gol do Branco contra a Holanda valeu muito mais do que uma geladeira”³⁰⁷. Só que, não era somente uma geladeira, eram várias – além de outras mercadorias. Vemos uma supervalorização do futebol aqui, que fazia com que os jogadores não se achavam no dever de cumprir com as obrigações que todas as pessoas que retornam de um país devem cumprir.

A questão monetária é muito enfatizada pela revista durante a realização dessa Copa, o que não ocorre nas outras. De acordo com *Veja*, ao vencer a Copa do Mundo de futebol nos Estados Unidos, cada jogador da seleção teria embolsado, mesmo sem jogar, 500 mil reais segundo a avaliação de um especialista em marketing esportivo. Essa quantia envolve a soma de salários, prêmios vinculados à conquista da Copa, contratos de publicidade e doações diversas. Além disso, os jogadores iriam se beneficiar sobre o tetra por muito mais tempo, devido a valorização de seus passes e salários, a valorização seria de pelo menos 100%. Por isso que a revista se mostra tão indignada, e provavelmente o cidadão brasileiro também. “Os muambeiros que na semana passada arrotavam ameaças no aeroporto do Galeão para não pagar impostos sobre suas fantásticas bugigangas são milionários, tarimbados em assinar contratos e ganhar dinheiro”³⁰⁸. Talvez essa reação seja, além da infração da lei, uma forma de revolta em relação à quantia ganhada pelos jogadores, que teria transformado os craques da bola em empresários, desvirtuando a sua essência de alegrar o povo.

³⁰⁷ Revista *Veja*. Craques da Muamba. 27 de julho de 1994. Edição 1350. P. 31.

³⁰⁸ *Idem*. P. 32.

Um dos casos mais extraordinários dessa valorização seria o atacante Ronaldo que teria ido aos Estados Unidos apenas para treinar e torcer no banco de reservas, mas que, nas palavras de *Veja*, “aos 17 anos de idade, sem que se entenda por que, é a maior promessa do futebol mundial”³⁰⁹. Essa passagem é interessante porque, primeiro, a revista não percebe todo o potencial do jogador ao afirmar isso. É claro que ela não poderia prever que Ronaldo seria eleito, anos mais tarde, três vezes o melhor jogador do mundo, e que se tornaria o artilheiro de todas as Copas do Mundo, mas percebemos aqui a falta de visão de *Veja* que não valorizou o craque que ali se apresentava. O que é estranho, pois em edição anterior, teria chamado Ronaldo de craque. *Veja* também não podia afirmar que ele seria jovem demais para despontar como uma promessa porque o “rei do futebol” teria se destacado na mesma idade. Outro aspecto importante é como a conquista de uma Copa do Mundo realmente valoriza os jogadores que dela participaram, mesmo que eles sejam ainda jovens como Ronaldo e Pelé.

Verificamos uma frequente comparação da Copa de 1994 com a de 1970. Por que isso? Porque a seleção do tricampeonato era, e talvez ainda seja considerada a melhor de toda a história do futebol brasileiro e os torcedores deveriam nivelar sempre por cima e nunca por baixo. Por isso que a revista afirma que se comparando os ganhos dos tetracampeões com os dos tricampeões podem-se notar duas grandes diferenças. Há 24 anos, quando a TV transmitiu pela primeira vez uma Copa do Mundo em nível mundial, o marketing esportivo estava dando seus primeiros passos e a publicidade não rendia muito aos campeões. Naquela época, o mercado internacional era pouco ativo e o sonho dos jogadores era ganhar bem, mas continuar no Brasil, ganhando em moeda nacional. O único a ficar milionário teria sido Pelé, enquanto os outros teriam conseguido construir uma vida confortável e levava naquele momento uma vida tranquila. Já em 1994, os jogadores, inclusive Ronaldo, já eram milionários no início de suas carreiras.

³⁰⁹ Idem. P. 33.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos entender como a revista *Veja* retratou as conquistas da Copa do Mundo de 1970 e 1994 sob o ponto de vista do nacionalismo e da identidade nacional. O objetivo era entender as semelhanças e diferenças entre as duas edições, levando em consideração o contexto histórico e político de cada um dos períodos. Conclusões são difíceis de ser formuladas, afinal esse trabalho tem suas limitações, principalmente devido ao tempo disponível para pesquisa. Porém, tentaremos formular algumas considerações finais que pudemos chegar com a análise feita.

Concluimos que o futebol é um dos definidores da nossa nacionalidade, sendo o “futebol-arte” o estilo de jogo com o qual nos identificamos. Percebemos a grande utilização de símbolos cívicos, como o hino e a bandeira nacional durante a realização dos jogos. As páginas da revista *Veja* nos evidenciam isso.

O que podemos perceber é que, mesmo que *Veja* se dedique mais às matérias políticas, o futebol ocupou grande espaço na revista, provavelmente porque se trata de uma paixão nacional, que a revista não poderia deixar de lado, principalmente se quisesse atrair seu público leitor. As matérias não traziam uma abordagem com termos futebolísticos ou análises táticas, mas sim uma análise mais sociológica dos acontecimentos, além de trazer informações extras dos bastidores.

Ao analisar as revistas de 1970 percebemos que a revista enfatiza bastante a preparação física da seleção, mostrando que éramos um time moderno, que misturava os conhecimentos científicos aos jogadores qualificados de nosso time. A alta qualidade deles se mostrava na forma ofensiva que jogavam, sendo que a vitória do tricampeonato seria a exaltação do futebol ofensivo, ao contrário do estilo que estava sendo jogado nos últimos anos.

A bandeira nacional aparece em muitas das comemorações, mostrando que a conquista do time brasileiro seria uma conquista de todos, que estaria diretamente ligada ao Brasil como nação. Podemos concluir também que existe uma constante afirmação por parte da revista de que o brasileiro seria alegre e cordial, indo de encontro com as ideias defendidas por Gilberto Freyre de democracia racial. Porém, as comemorações muitas vezes se mostraram bastante exaltadas, indo contra esse ideal de homem brasileiro, o que se explicaria pelas

mudanças e dificuldades enfrentadas pelo povo as quais não conseguiria expressar e aproveitaria um momento de exaltação nacional para extravasar.

É muito forte a valorização da coletividade na realização da Copa de 1970. Os jogadores se esforçavam em nome do time e a população se via representada por eles. A comemoração do título é muito enfocada pela revista, o que mostra que nos identificávamos com aquela seleção e talvez, por passarmos por períodos tão difíceis politicamente e socialmente no Brasil, utilizávamos a Copa como uma válvula de escape das nossas frustrações. *Veja* nos dá a entender que todos estavam juntos nesse momento, seja nos problemas, seja na conquista.

Já nas edições da Copa de 1994, a revista demonstra que a característica mais importante da seleção seriam os seus atacantes, valorizando assim o indivíduo, ao invés do coletivo. Ela chega a comparar os próprios jogadores da seleção, o que não ocorreu em 1970. *Veja* critica a forma de jogar, mas elogia o atacante que mais se aproxima do nossa forma de jogar ideal, o futebol-arte.

Em 1994, a conquista do tricampeonato é lembrada como a melhor equipe que o Brasil já teve, sendo muito valorizada a qualidade dos jogadores Pelé, Rivelino e etc., em oposto aos jogadores do tetracampeonato. A Copa de 1970 seria a da era do futebol-arte, porém, eles não mencionam em nenhum momento a preparação física pela qual a seleção passou além da presença de militares na comissão técnica. Consideramos que isso ocorreu porque não nos identificamos com essas características, seria como se a preparação física e o esforço fossem menosprezados, pois como éramos uma nação cheia de craques, o futebol bem jogado sairia naturalmente entre nossos jogadores. Portanto, seriam essas mesmas características que faziam a revista criticar tanto o esquema de jogo criado por Parreira, pois era bastante defensivo.

Dessa forma, a equipe da Copa de 1970 se torna um mito, ao qual a seleção de 1994 é constantemente comparada. Apesar de comemorar a conquista do tetracampeonato, a revista a coloca como uma vitória menor se comparada as conquistas do passado. Porém, um jogador é muito destacado: Romário. Ele é comparado a Pelé e Garrincha e representa um herói da Copa muito diferente do que estávamos acostumados.

A política também aparece nas páginas da conquista do tetracampeonato, mas de forma diferente de 1970. Em 94, a revista compara muitas vezes o técnico ao Ministro da Fazenda ou ao Presidente, mostrando quão

importante seu cargo. Porém, não percebemos a associação da vitória ao governo, muito pelo contrário, a revista deixa bem claro que isso não foi uma preocupação de quem estava no poder naquele momento. Em 1970, a revista procura claramente associar a conquista ao presidente Médici, colocando a vitória como uma prova de que estávamos sendo guiados no caminho correto pelos militares.

Enquanto em 1970, a revista publica uma matéria na semana seguinte à conquista com a cobertura da comemoração do tricampeonato em Brasília, em 1994, a matéria publicada não traz em momento nenhum essa mesma abordagem. Muito pelo contrário, o que vemos é a desmoralização dos jogadores e da comissão técnica devido ao incidente com a Receita Federal, além do próprio governo que permitiu que isso acontecesse. Percebemos então que seleção brasileira e o governo estão intimamente ligados, seja no sucesso ou nos vexames, eles queiram ou não.

Apesar de não nos identificarmos com o futebol jogado em 1994, ainda nos víamos de certa forma representados por eles, devido ao fato de termos nos tornado tetracampeões. Percebemos a forte presença nacionalista, pois o time que entrava em campo o fazia representando todos os cidadãos brasileiros. Porém, a exaltação dessa representação é muito mais forte em 1970.

O fato de se ter pela primeira vez a transmissão ao vivo do mundial em 1970 é valorizado pela revista, porém os números de 1994 impressionam ainda mais. Percebemos os avanços das tecnologias e mesmo do futebol quando nos deparamos com o número de telespectadores e de redes de televisão que transmitiam o evento.

Esses avanços teriam transformado muitos aspectos da vida dos brasileiros, o que víamos com bons olhos. Porém, a modernização do futebol, bem aceita em 1970, não foi considerada algo bom em 1994 porque tirava aquilo que considerávamos como a principal característica brasileira de se jogar futebol: a ginga, a alegria e o improvisado. E essa seria o principal motivo para afirmarmos que, em 1970 a cobertura da Copa ter enfatizado muito mais a alegria pela conquista do que em 1994. Enquanto em 70, não nos perguntávamos como e porque tínhamos ganhado; em 94 a cabeça do torcedor se contorcia para entender como aquilo tinha acontecido. Mas apesar de tudo, a nossa crença de que somos os melhores do mundo quando se trata de futebol não foi abalada.

FONTES

Revista Veja. Ed. 1. 11/09/1968.

Revista Veja. Ed. 15. 18/12/1968.

Revista Veja. Ed. 65. 13/12/1969.

Revista Veja. Ed. 66. 20/12/1969.

Revista Veja. Ed. 91. 03/06/1970.

Revista Veja. 10/06/1970.

Revista Veja. 17/06/1970.

Revista Veja. 24/06/1970.

Revista Veja. Ed. 95. 01/07/1970.

Revista Veja. Ed. 95. 01/07/1970.

Revista Veja. 12/08/1987.

Revista Veja. 20/10/1989

Revista Veja. 20/10/1993.

Revista Veja. 6/4/1994.

Revista Veja. 18/05/1994.

Revista Veja. Edição Especial de Junho 1994.

Revista Veja. 22/06/1994.

Revista Veja. 20/07/1994

Revista Veja. Edição especial de Julho.

Revista Veja. 27/07/1994.

Disponíveis em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acessado em 18/02/2013.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Alzira Alves de. Jornalistas e jornalismo econômico na transição democrática. In: _____; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. **Mídia e política no Brasil: jornalismo e ficção**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003. P. 13.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. **Veja sob censura: 1968 – 1976**. São Paulo, SP: Ed. Jaboticaba. 2009.

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora Ática, 1989.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. **“Com o brasileiro não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues**. – São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BRANCO, Celso. Os papéis sociais do futebol: brasileiro revelado pela música popular. In: SILVA, Francisco Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006.

BURNS, E. Bradford. **Nationalism in Brazil: a historical survey**. New York, NY: Frederick A. Prager Publishers, 1968.

CEZAR, Temístocles. Lição sobre a escrita da História – Historiografia e nação no Brasil do séc. XIX. In: **Diálogos** – Universidade Estadual de Maringá. Departamento de História. – vol. 01 n.01 – Maringá: UEM/ DHI, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

COELHO, Frederico Oliveira. Futebol e produção cultural no Brasil: a construção de um espaço popular. In: SANTOS, Ricardo Pinto dos; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). **Memória social dos esportes – futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. – Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006.

COSTA, Maurício DRUMOND. O esporte como política de Estado: Vargas. In: MELO e PRIORE. **História do esporte no Brasil**. 2009.

COSTA, Maurício da Silva Drumond. Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945). In: SANTOS, Ricardo Pinto dos; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). **Memória social dos esportes – futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. – Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006.

DAMATTA, Roberto. **Explorações: ensaios de sociologia interpretativa**. 2 ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2011. P. 88.

DAMO, Arlei Sander. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (orgs.). **Nações em campo: Copa do mundo e identidade nacional.** – Niterói: Intertexto, 2006. P. 40.

Dicionário Brasileiro Globo. 35 ed. 1993

Editora Abril. **A revista na História.** 2000.

ESCHER, Thiago Aragão; REIS, Heloísa Helena Baldy. **Futebol e Sociedade.** – Brasília: Líber Livros, 2006.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: Futebol, Sociedade, Cultura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: MELO, Victor Andrade de Melo; PIORE, Mary Del (orgs.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais.** – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada.** – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (orgs.). **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional.** – Niterói: Intertexto, 2006.

GIL, Gilson. **O drama do "futebol-arte": o debate sobre a seleção nos anos 70.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. Número 25.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil.** Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo, SP: Ed. Contexto.

HABERT, Nadine. **A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira.** 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

KUCINSKI, Bernardo. **A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo.** São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

KUSHNIR, Beatriz. Cães de guarda: entre jornalistas e censores. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Org.). **O golpe e a ditadura militar quarenta anos depois (1964-2004).** Bauru: EDUSC, 2004. P.250.

MEIHY, José Carlos Sebe e WITTER, José Sebastião. **Futebol e Cultura: Coletânea de Estudos.** São Paulo: Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.

NICOLAZZI, Fernando. **História, nação e identidade: alguns comentários.** In: Diálogos – Universidade Estadual de Maringá. Departamento de História. – vol. 01 n.01 – Maringá: UEM/ DHI, 1997.

NEGREIROS, Plínio Labriola. O Brasil no cenário internacional: Jogos Olímpicos e Copa do Mundo. MELO, Victor Andrade de Melo; PIORE, Mary Del (orgs.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais.** – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

OLIVEIRA, Eliézer Rizzo de. A Doutrina de Segurança Nacional: Pensamento Político e Projeto Estratégico. In: _____. **Militares: pensamentos e ação política.** Campinas, SP: Papyrus, 1987.

PILAGALLO, Oscar. **História da imprensa paulista: jornalismo e poder de d. Pedro I a Dilma.** – São Paulo: Três Estrelas, 2012. P. 266

REIS FILHO, Daniel Aarão. Ditadura e sociedade: As reconstruções da memória. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; RIDENTI, Marcelo; _____. (Org.). **O golpe e a ditadura militar - 40 anos depois (1964-2004).** 1. Ed. Bauru: EDUSC, 2004.

REZENDE, Maria José de. **A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade 1964-1984.** – Londrina: Ed. UEL, 2001.

RIOUX, Jean-Pierre. Entre História e Jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTART, Philippe. **Questões para a História do Presente.** Bauru, SP: EDUSC, 1999. 1999. P. 122.

RODRIGUES, Nelson. 1912 – 1980. **A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol.**Ruy Castro (org.). – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ROSSOLILLO, Francesco. In: BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. **Dicionário de Política.** – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1 ed., 1998.

SALVADOR, Marco Antônio Santoro e SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. **A memória da copa de 1970: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional.** – Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. Tensões na consolidação do futebol nacional. MELO, Victor Andrade de Melo; PIORE, Mary Del (orgs.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais.** – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SILVA, Carla Luciana. **O indispensável partido neoliberal (1989/2002)** – Cascavel: Edunioeste, 2009. Coleção Tempos Históricos, vol. 7.

SILVA, Francisco Teixeira da. Apresentação. SANTOS, Ricardo Pinto dos; SILVA, Francisco Teixeira da (org.). **Memória Social dos esportes** – futebol e política: a construção de uma identidade nacional. – Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006.

SILVA, Carlos Leonardo Bahienseda. Sobre O negro no futebol brasileiro, de Mario Filho. 2006. P. 292. In: SANTOS, Ricardo Pinto dos; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). **Memória social dos esportes** – futebol e política: a construção de uma identidade nacional. – Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil de Castelo a Tancredo.** – São Paulo: Editora Paz e Terra, 1988.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930).** 1 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOBRINHO, Barbosa Lima. **Desde quando somos nacionalistas?** – Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TERCIOTTI, Talita Vidigal. **Futebol e nacionalismo na revista Veja (1969 – 1970)**. Universidade Estadual de Londrina, 2011.

TOSTÃO. **A perfeição não existe: crônicas de futebol**. – São Paulo: Três estrelas, 2012.

INTERNET

Azevedo, Marcius; SANTOS, Paulo Luis. Copa inspira músicas, mas nenhuma supera "Pra Frente Brasil". São Paulo. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/copa/2006/ultnot/reportagens/2006/05/22/ult3668u11.jhtm>>. Acessado em 08/02/2013.

Galante. 71 anos do ataque a Pearl Harbor. Disponível em: <<http://www.naval.com.br/blog/tag/segunda-guerra-mundial/#axzz2L0INvpNU>>. Acessado em 15/02/2013.

GLOBO ESPORTE. BRA x ING: às vésperas de amistoso, relembre jogo histórico da Copa de 70. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2013/02/bra-x-ing-vesperas-de-amistoso-relembre-jogo-historico-da-copa-de-70.html>> Acessado em 08/02/13.

ROHÃN, Lucas.'Pearl Harbor brasileiro' determinou entrada na 2ª Guerra há 70 anos. Disponível em:<<http://noticias.terra.com.br/brasil/pearl-harbor-brasileiro-determinou-entrada-na-2-guerra-ha-70-anos,0b41dc840f0da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acessado em 15/02/2013.

Wikipédia. Ufanismo. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ufanismo>> Acessado em 03 de fevereiro de 2013.